

Sermões I, II, III, IV, V e VI
Maria Rosa Mística

do Padre António Vieira

MARIA ROSA MÍSTICA

EXCELÊNCIAS, PODERES E MARAVILHAS DO SEU ROSÁRIO
COMPENDIADAS

Em Trinta Sermões Ascéticos e Panegíricos sobre os dois Evangelhos desta solenidade
NOVO E ANTIGO

OFERECIDAS À SOBERANA MAJESTADE DA MESMA SENHORA
Pelo P. ANTÓNIO VIEIRA DA COMPANHIA DE JESUS, DA PROVÍNCIA DO
BRASIL

**em cumprimento de um voto feito e repetido em grandes perigos da vida, de que,
por sua imensa benignidade e poderosíssima intercessão, sempre saiu livre.**

LISBOA
NA OFICINA DE
MIGUEL DESLANDES
NA RUA DA FIGUEIRA
À CUSTA DE
ANTÓNIO LEITE PEREIRA
MERCADOR DE LIVROS
Com todas as licenças e Privilégio Real
MDCLXXXVI

Censura do M. R. P. M. Dom Rafael Bluteau, Clérigo Regular Teatino, Qualificador do Santo Ofício.

ILUSTRÍSSIMO SENHOR,

Por ordem de Vossa Ilustríssima li este primeiro tomo das excelências do Rosário, intitulado *Maria Rosa Mística* composto pelo Padre António Vieira, da Companhia de Jesus, pregador de Sua Majestade, e não achando nele coisa alguma contra a nossa santa fé ou bons costumes, a censura que lhe dou é que todos – na minha opinião – se poderão queixar deste livro: os leitores, porque terão tanto que admirar que lhes faltará tempo para ler, e os escritores, porque terão tanto que observar que não lhes ficará lugar para escrever. No frontispício deste livro, diz o autor que o compôs em cumprimento de um voto feito em grandes perigos da vida. Pouco receava os naufrágios do corpo quem com eles preparava triunfos ao seu engenho; nem há para que nos lastimemos de tormentas, que nos trouxeram, com estas excelências do Rosário, uma maré de rosas. Desmente, pois, esta obra as obras da natureza, porque, sendo cada folha deste livro uma rosa, não há em todas estas rosas um espinho. Bem pudera o autor ter escrúpulo de dar aos entendimentos tanto gosto, mas quero supor que não ignora que a piedade, com que se ensina, canoniza a elegância com que se escreve. Porém, tão fora estou de o poder desculpar, que é forçoso que o torne a arguir de dois crimes: da inveja que do seu talento toda a Europa tem a Portugal, e da desesperação em que mete os oradores de poder imitar o seu estilo. E ainda assim entendo que é justo que, sem descanso e sem limite, corra o parto de um engenho que tanto voa.

Este é o meu sentir. Vossa Senhoria Ilustríssima ordenará o que lhe parecer mais conveniente.

Lisboa, no convento de Nossa Senhora da Divina Providência, 4 de dezembro de 1685.

Dom Rafael Bluteau.

*Censura do M. R. P. M. Frei Tomé da Conceição, da Sagrada Ordem do Carmo,
Qualificador do Santo Ofício.*

ILUSTRÍSSIMO SENHOR,

Li por mandado de Vossa Ilustríssima esta Primeira Parte de Sermões do Rosário, compostos pelo Padre António Vieira, da Sagrada Religião da Companhia de Jesus, e meritíssimo pregador de Sua Majestade; não li neles coisa alguma que encontre nossa Santa Fé ou bons costumes: em cada um dos sermões se vê com admiração a fineza do engenho deste singular pregador, e em todos juntos a fecundidade de seu discurso, pois, sendo o assunto um só, nele e dele desentranhou matéria para quinze sermões diversos, sem em algum deles repetir o que diz em cada um; enfim, é empenho a que este grande talento – como diz no princípio – se obrigou por um voto, e por isso sai nele com o melhor. Parece-me digníssimo da licença que se pede para se dar à estampa, para glória da Santa, e maior devoção do Rosário.

Lisboa, no Convento do Carmo, 5 de Janeiro de 1686.

Frei Tomé da Conceição.

Censura do M. R. P. Doutor Bartolomeu do Quental, Prepósito da Congregação do Oratório.

SENHOR,

Vossa Majestade me mandou que visse a Primeira Parte dos Sermões do Rosário, que compôs o Padre António Vieira, da Sagrada Companhia de Jesus, pregador de Vossa Majestade, pondo neles o meu parecer; e logo no primeiro sermão topei com umas vozes tão altas e levantadas que o primeiro que me pareceu foi que não podia chegar a perceber, e muito menos averiguar, a altura dos pontos a que chegavam estas vozes: a mulher das turbas levantou a voz: *Extollens vocem quaedam mulier de turba* – e este evangélico pregador, de quem podemos dizer o que o grande Baptista de si, que era voz: *Ego vox* assim levantou a sua, que, parece, chegou a ponto mais alto do que a mulher das turbas; o certo é que ambas estas vozes chegaram a ponto tão alto, que não será fácil achar pregador que chegue com a sua voz ao ponto destas vozes, nem mulheres das turbas que saibam rezar por este Rosário com tais extremos. Enfim, Marcela era santa, e nos louvores de Maria Santíssima e seu benditíssimo Filho chegam a muito altos pontos as vozes das santas, ainda que sejam das turbas; mas, obrigado do preceito de Vossa Majestade, digo que esta obra é digníssima de se imprimir, porque, não soando em algum ponto contra o Reino, seria grande mágoa ficarem em silêncio vozes tão altas e sonoras que com a sua harmonia recreiam os ouvidos, e com os seus clamores despertam o nosso descuido para a nossa reforma, persuadindo-nos para ela, com razões e com exemplos, um meio tão eficaz como a devoção do Rosário da Senhora, e ensinando-nos a o rezar bem, unindo a oração vocal com a mental, as vozes exteriores com a consideração interior dos seus mistérios, porque a oração mental é a alma da vocal, e assim como o corpo sem alma é cadáver, e não homem, a oração vocal sem a mental é só cadáver de oração, mas não oração viva e eficaz. Vossa Majestade mandará o que for servido.

Lisboa, Congregação do Oratório, 12 de Fevereiro de 1686.

Bartolomeu de Quental.

LICENÇAS

Da religião.

Eu, António de Oliveira, da Companhia de Jesus, Provincial da Província do Brasil, por especial comissão que tenho de nosso M. R. P. Carlos de Noyelle, Prepósito Geral, dou licença para que se possa imprimir este livro da Primeira Parte dos Sermões do Rosário, do Padre António Vieira, da mesma Companhia, pregador de Sua Majestade, o qual foi revisto, examinado e aprovado por religiosos doutos dela, por nós deputados para isso. E em testemunho da verdade dei esta assinada com meu sinal, e selada com o selo de meu ofício. Dada na Bahia aos 25 de Novembro de 1684.

António de Oliveira.

DO SANTO OFÍCIO.

Vistas as informações, podem-se imprimir os Sermões de que nesta petição se faz menção, e depois de impressos tornarão para se conferir e dar licença que corram, e sem ela não correrão.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1686.

*Jerónimo Soares.
João da Costa Pimenta.*

DO ORDINÁRIO.

Podem-se imprimir os Sermões de que a petição faz menção, e depois tornarão para se conferirem e se dar licença para correr, e sem ela não correrão.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1686.

Serrão.

DO PAÇO.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário. E depois de impresso tornará a esta mesa para se conferir e taxar, e sem isso não correrá.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1686.

Marques P. Lamprea. Marchão.

Visto constar do despacho atrás da primeira folha do P. M. Qualificador, Fr. Tomé da Conceição, estar conforme com seu original, pode correr.

Lisboa, 9 de Novembro de 1686.

*João da Costa Pimenta.
Fr Vicente de Santo Tomás.*

Pode correr.

Lisboa, 10 de Novembro de 1686.

Serrão.

Taxam este livro em doze tostões.
Lisboa, 12 de Novembro de 1686.

Roxas. Lamprea. Marchão. Azevedo. Ribeiro.

SERMÃO I

COM O SANTÍSSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

Loquente Jesu ad turbas, extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti. At ille dixit: Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

II

Propriedade do presente Evangelho à nova festa do Rosário. A perfeita oração definida por S. Gregório Niceno e S. João Crisóstomo. Assunto do sermão: a oração vocal do Rosário, figurada no diálogo entre Cristo e a mulher do povo, é a mais alta e levantada de todas.

Pregando Cristo, Redentor nosso, a uma grande multidão de bons e maus ouvintes, depois de ter convencido, com força de evidentes razões, a rebeldia dos maus, levantou a voz uma boa mulher, dizendo: *Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti* (Lc. 11, 27): Bem-aventurado o ventre que trouxe dentro em si tal Filho, e bem-aventurados os peitos a que foi criado. – Não negou o Senhor o que disse a devota mulher, porque eram dignos louvores da bendita entre todas as mulheres; mas, porque no rompimento daquelas vozes mostrava bem o inteiro juízo que fizera do que tinha ouvido, respondeu o Mestre divino: *Quinimmo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud* (Ibid. 28): Antes te digo que bem-aventurados são, como tu fizeste, os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. – Isto é pontualmente, e letra por letra, tudo o que nos refere o evangelista S. Lucas no texto que propus, largo para tema, mas breve para Evangelho, e mais em dia de tão grande solenidade.

O que nele noto, e me admira muito, é que em tal tempo e em tal concurso esta mulher falasse com Cristo, e Cristo lhe respondesse. Não é ponderação minha, senão do mesmo evangelista: *Factum est autem, cum haec diceret: extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi.* Aquele termo *factum est autem*, é uma prefação, em que mostra o evangelista que passa a dizer um caso raro, notável, novo, que de nenhum modo se podia esperar nem presumir. E assim foi. Que no meio da pregação fale uma mulher, não é novidade, mas que levante a voz: *extollens vocem* – e que fale, não com outrem, senão com o mesmo pregador: *dixit illi* – caso foi muito notável. Porém que o pregador, sendo Cristo, no meio e no fim da pregação: *Cum haec diceret* – não só dê ouvidos à mulher, mas lhe responda, e pelos mesmos termos: *beatus venter, beati qui audiunt* – maior caso, e mais notável ainda. Mas assim havia de ser, e assim importava que fosse. Por que, ou para quê? Para que os pregadores, que nos mistérios e solenidades da Virgem, Senhora nossa, temos tanto trabalho em acomodar os Evangelhos, tivéssemos um Evangelho muito próprio, muito proporcionado, muito natural e muito fácil, com que pregar do seu Rosário. E esta é a razão por que a Igreja Católica, alumiada pelo Espírito Santo, instituindo novo Ofício e nova Missa do Rosário, mandou cantar nela, não outro, senão o Evangelho que ouvistes, e eu referi todo. Assim que este Evangelho é o mais próprio e acomodado, e este, na sua mesma brevidade, o mais capaz de se poder pregar nele a devoção santíssima do Rosário, e se declararem por ele a essência e excelências de tão soberana oração.

S. João Crisóstomo e S. Gregório Niceno, dois grandes lumes da Igreja, e seus intérpretes, definiram a perfeita oração desta maneira. S. Crisóstomo, falando da oração em comum no livro primeiro *De Orando Deum*, diz que a perfeita oração é um colóquio do homem com Deus: *Colloquium animae cum Deo*. – E S. Gregório Niceno, comentando particularmente a oração do Padre-Nosso, que é a primeira e principal do Rosário, diz que a

oração perfeita é uma prática e conversação com Deus: *Est conversatio, sermocinatioque cum Deo*. E que fundamento tiveram estes grandes doutores, a quem seguem Santo Tomás, e todos os teólogos, para definir a oração com nome de colóquio, de conversação e prática com Deus? O fundamento que ambos tiveram foi porque o colóquio, a prática e a conversação, não só é falar, senão falar e ouvir: é dizer de uma parte, e responder de outra; e nesta comunicação recíproca consiste a essência e excelência da perfeita oração. Na oração menos perfeita fala o homem com Deus; na perfeita e perfeitíssima fala o homem com Deus e Deus com o homem. E isto é o que reciprocamente exercita o Rosário, como oração perfeitíssima, nas duas partes de que é composto. O Rosário compõe-se de oração vocal e mental; vocal nas orações que reza: mental nos mistérios que medita. Enquanto rezamos falamos com Deus: enquanto meditamos fala Deus conosco. O nosso rezar são vozes, o nosso meditar é silêncio; mas neste silêncio ouvimos melhor do que somos ouvidos nas vozes, porque nas vozes ouve-nos Deus a nós, no silêncio ouvimos nós a Deus.

Tal é o colóquio da oração perfeita, tal a prática do Rosário, e tal, com toda a propriedade, o diálogo do nosso Evangelho. A mulher falou com Cristo, e Cristo respondeu à mulher; a mulher disse da sua parte: *dixit illi* – e Cristo também disse da sua: *at ille dixit* – : ela disse bem, porque disse *beatus venter* – : o Senhor disse melhor porque disse *quinimmo beati*. E porque na parte vocal ouve Deus, e na mental ouve o homem, ela levantou a voz, para que o Senhor ouvisse as suas palavras: *extollens vocem* – e o Senhor louvou os ouvidos com que ela tinha ouvido as palavras de Deus: *Qui audiunt verbum Dei*.

Suposto, pois, que no caso do presente Evangelho temos historiado o Rosário, e resumida, com tanta propriedade, a ideia de sua admirável composição, assim como Deus primeiro formou o corpo de Adão, e depois lhe infundiu a alma, o mesmo farei eu. A parte mental, que é a alma do Rosário, ficará para outro discurso; neste tratarei só da vocal, que é o corpo: queira Deus que me caiba nele. O assunto não há de ser meu, senão de quem levantou a voz: *extollens vocem*. A mesma que levantou a voz levantou o assunto. Assim que o que determino mostrar, e havemos de ver hoje, será: que a oração vocal do Rosário, enquanto vocal, é a mais alta e levantada de todas: *extollens vocem*. Para que a Senhora nos assista com sua graça, ofereçamos-lhe agora uma vez o que tantas repetimos no Rosário: *Ave Maria*.

III

A oração da mulher do Evangelho foi altíssima na consideração do que louvou, a quem louvou e por quem louvou; do mesmo modo é altíssima a voz do Rosário na consideração do que pede, a quem pede, e por quem pede. A oração panegírica ou laudatória, e a oração deprecatória.

Extollens vocem.

Para compreender a excelência e alteza de qualquer oração vocal, nas mesmas vozes ou palavras de que é composta, se devem considerar três respeitos ou três partes essenciais: o que se pede, a quem se pede, e por quem se pede; o que, a quem, e por quem. Esta mesma distinção observou a mulher do Evangelho. A sua oração foi panegírica e laudatória, e na voz que levantou: *extollens vocem* – tocou os mesmos três pontos e os mais altos a que podia chegar o mais levantado espírito. O que louvou foi o mistério altíssimo da Encarnação; a quem louvou foi a pessoa do mesmo Verbo encarnado; e por quem o louvou foi pela Mãe que o concebeu em suas entranhas e o criou a seus peitos: *Beatus venter qui te portavit*. Não pudéramos desejar nem melhor texto para dividir o nosso discurso, nem melhor guia para o seguir. A oração vocal do Rosário só se distingue desta do Evangelho pelo fim porque o fim, desta oração, como panegírica, foi louvar e a do Rosário, como deprecatória, é pedir. Aquela

voz foi altíssima na consideração do que louvou, a quem louvou, e por quem louvou; e do mesmo modo é altíssima a voz do Rosário na consideração do que pede, a quem pede, e por quem pede. E estas serão as três partes do nosso discurso. Alta e altíssima a oração vocal do Rosário pela alteza das petições que nela fazemos: *extollens vocem*; alta e altíssima pela alteza da Majestade, a quem as presentamos: *extollens vocem*; e alta, finalmente, e altíssima pela alteza da intercessão de que nos valemos: *extollens vocem*. Ouçam agora com atenção os devotos do Rosário, e com inveja e arrependimento os que o não forem.

III

Primeira parte: É alta e altíssima a oração vocal do Rosário pela alteza da majestade a que presentamos nossas petições. A oração de David. A esfera da vista e a esfera da voz. Os céus, onde chegam os anjos com a vista, chegam os homens com a voz. Ana, mãe de Samuel, excelente figura dos que rezam o Rosário. Por que oramos a Deus enquanto está no céu? A oração do fariseu e a oração do publicano. A presença de Deus na terra e a Majestade de Deus no céu considerados na oração do Filho Pródigo.

Considerando, pois, em primeiro lugar, a alteza da majestade a que presentamos nossas petições, e começando – para maior clareza – por onde começa o Rosário, qual é a sua primeira voz? A primeira voz do Rosário é: *Pater noster qui es in caelis* (Mt. 6, 9): Padre Nosso, que estás em os céus. – E voz que chega da terra ao céu, e ao céu onde está Deus, vede se é alta e altíssima: *extollens vocem*?

Nós não reparamos nesta que parece vulgaridade; mas o maior mestre de orar, que foi David, faz grande reparo nela: *Voce mea ad Dominum clamavi, et exaudivit de monte sancto suo*. David era grande contemplativo, mas nesta ocasião – que foi quando fugia de seu filho – orou vocalmente. Isso quer dizer *voce mea*, oração vocal. E o que muito pondera é que esta voz, saindo do vale do Cedron, por onde caminhava, fosse ouvida no Monte Tabor da glória, onde Deus tem o trono de sua majestade: *De caelo et sublimi throno gloriae suae* comenta S. Atanásio. O céu, onde Deus tem o trono de sua majestade, não é algum dos céus que vemos, senão outro céu sobre estes, quase infinitamente mais levantado e sublime; por isso não dizemos: *qui es in caelo*, senão: *qui es in caelis*. Da mesma frase usou Cristo, quando disse que os anjos que assistem na terra em nossa guarda sempre vêem a Deus que está, não no céu, senão nos céus: *Semper vident faciem Patris, qui in caelis est*. E, combinando um texto com outro, é prerrogativa verdadeiramente admirável que, onde chegam os anjos com a vista cheguem os homens com a voz. A esfera da voz é, sem comparação, mais limitada que a da vista. Mas isto se entende da voz com que falamos, e não da voz com que oramos. A voz com que falamos mal se estende a toda esta igreja; e a vista tem tanto maior e mais alta esfera que chega ao firmamento, onde vemos as estrelas. Porém, a voz com que oramos, não só chega ao firmamento, que vemos, que é o céu das estrelas, mas ao mesmo empíreo, que não vemos, que é o céu de Deus. O céu que vemos é o céu da terra; o céu onde está Deus é o céu do céu: *Caelum caeli Domino*. E isto é o que ponderava e admirava David na voz da sua oração: *Voce mea ad Dominum clamavi, et exaudivit me de monte sancto suo*.

Mas daqui mesmo se vê que a alteza desta voz ainda é mais maravilhosa nos que rezam o Rosário. David diz que clamou e bradou com a sua voz: *Voce mea ad Dominum clamavi* – e no Rosário não é necessário clamar, nem ainda soar. Ana, mãe de Samuel, foi uma excelente figura dos que rezam o Rosário. Dela diz o texto sagrado que, multiplicando as preces, somente se lhe viam mover os beiços, mas a voz de nenhum modo se ouvia: *Cum multiplicaret preces coram Domino, tantum labia illius movebantur, et vox penitus non audiebatur*. O mesmo passa cá pontualmente. Ana multiplicava as suas preces, e quem reza o Rosário também as multiplica, porque repete muitas vezes a mesma oração. A Ana só se lhe

viam os movimentos da boca, porém a voz não se ouvia; e vós rezais o vosso Rosário com uma voz tão interior – e por isso mais devota – que nem os que estão muito perto vos ouvem, nem vós mesmos vos ouvis. E quando vós não ouvis a vossa mesma voz, é ela tão alta, e sobe tão alto: *Extollen vocem* – que chega ao céu dos céus, onde está Deus: *Qui es in caelis*.

Não faltará, porém, quem diga que esta circunstância de orarmos a Deus enquanto está no céu parece uma cerimônia supérflua, e não só não necessária, mas nem ainda conveniente. Comentando Santo Agostinho estas palavras, que em seu tempo ainda não eram do Rosário, mas eram as mesmas, diz assim: *Non dicimus Pater noster, qui es ubique, cum et hoc verum sit, sed Pater noster, qui es in caelis*. Deus, por sua imensidade, está em toda a parte, e não só conosco, senão em nós, em qualquer lugar onde estivermos. Logo não é necessário invocar a Deus enquanto está no céu, pois também o temos na terra quanto mais que invocá-lo no céu, parece que é afastarmos a Deus de nós, e orar de longe, quando fora mais conveniente e mais conforme ao afecto da devoção fazê-lo de perto. Não é mais conveniente falarmos com Deus onde ele está e nós estamos, que onde ele está e nós não? O mesmo David, tão grande mestre desta arte, pedia a Deus que a sua oração chegasse muito perto do seu divino acatamento: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo*. E o Rosário, antes de as Ave-Marias convertidas em rosas lhe darem este nome, chamava-se o Saltério da Virgem, porque o de David se compõe de cento e cinquenta salmos, e o da Senhora de outro tanto número de saudações angélicas. Pois, se David, no seu Saltério, pede a Deus que a sua oração chegue muito perto dele: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo* – como nós, no Saltério da Virgem, nos pomos tão longe de Deus, ou a Deus tão longe de nós, quanto vai da terra ao céu: *Qui es in caelis?*

Digo que não é diferente o nosso ditame, senão o mesmo que o de David. E por quê? Porque quanto o que ora se põe mais longe de Deus, tanto a sua oração chega mais perto dele. Põe-se a oração e o que ora diante de Deus como em duas balanças: enquanto o que ora mais se abate e fica mais longe, tanto a oração mais sobe e chega mais perto: ele mais longe por reverência, e ela mais perto por aceitação. Foram dois homens ao templo a orar, diz Cristo, um fariseu e outro publicano. O fariseu, como religioso que era daquele tempo, chegou-se muito perto do altar e do Sancta Sanctorum, e ali representava a Deus suas boas obras. O publicano, pelo contrário, pôs-se lá muito longe: *Stans a longe* (Lc. 18, 13) – e sem se atrever a levantar os olhos ao céu, batia nos peitos, e pedia perdão dos seus pecados. Esta foi a diferença dos oradores e das orações. E qual foi o sucesso? *Descendit hic justificatus ab illo*. O que se chegou muito perto do altar e de Deus ficou a sua oração muito longe, porque foi reprovada, e o que se pôs muito longe: *Stans a longe* – chegou a sua oração muito perto de Deus, porque foi aceita. Ele longe por respeito, e a sua oração perto por agrado; ele longe por reverência, e ela perto por aceitação: *Non audebat appropinquare, ut Deus ad eum appropinquaret* – diz o Venerável Beda. E isto é o que nós fazemos logo no princípio do Rosário. Ainda que Deus está em toda a parte, não o invocamos de perto, enquanto assiste na terra por imensidade, senão de longe, e tão longe, enquanto preside no céu por majestade: *Qui es in caelis* – e quanto nós, como é razão, mais nos abatemos, tanto a voz da nossa oração mais se levanta: *Extollens vocem*.

É verdade, como ponderava Santo Agostinho, que para a eficácia da nossa oração bastava orar a Deus na terra, mas para a dignidade não. Porque Deus na terra está só por presença, como imenso, no céu está por majestade, como Altíssimo. Esta foi a diferença que considerou e distinguiu o Pródigo na sua oração: *Peccavi in caelum, et coram te* (Lc. 15, 18) : Pequei contra o céu, e na vossa presença. – E por que fez aquele moço, já bem entendido, esta diferença de lugar a lugar e de Deus a Deus? Porque na terra reconhecia a sua presença, e no céu considerava a sua majestade. No *coram te* confessava a presença ofendida, no *peccavi in caelum* a majestade lesa. E como Deus na terra está só por presença, como imenso, e no céu por majestade, como Altíssimo: *Tu solus Altissimus in omni terra* – por isso o divino autor

desta divina oração, para que conhecêssemos o modo de orar altíssimo, que nos ensinava, nos mandou que orássemos a Deus, não enquanto está por presença em todo lugar, mas enquanto está por majestade no céu dos céus: *In caelis*. O publicano que orou bem, mas a modo da lei velha, diz o evangelista que nem os olhos se atrevia a levantar ao céu: *Nolebat nec oculos ad caelum levare* (Lc. 18, 13) – porém, o Mestre divino da lei da graça, não só quer que levantemos os olhos e as mãos ao céu, mas que logo no princípio da nossa oração a presentemos no céu dos céus diante do divino acatamento, e que onde Deus assiste por majestade como Altíssimo, lá entre confiadamente a nossa oração, e lá suba e se levante a nossa voz: *Extollens vocem*.

IIV

A ousadia da língua mortal ao pronunciar: Pater Noster. O sagrado horror com que o faz a Igreja Católica. A altura de que Lúcifer caiu porque entendeu que havia de haver um homem que chamasse a Deus pai, é a mesma a que nós subimos: muito alta quando dizemos: Qui in caelis, mas infinitamente mais alta quando dizemos: Pater noster. Excelência da nossa oração em comparação da oração dos patriarcas e profetas. Por que Cristo, na sua Paixão, três vezes orou a Deus como Pai, e uma só vez como Deus?

E se esta voz ou esta oração vocal do Rosário se levanta tanto, e é tão alta quando dizemos: *Qui es in caelis*, quem poderá bastantemente declarar a alteza, não só inacessível, mas tremenda, aonde se levanta e remonta a mesma voz, quando com ela se atreve a língua mortal a pronunciar *Pater Noster*? O grande S. Pedro Crisólogo, cujas palavras, por antonomásia, foram chamadas de ouro, subindo um dia ao púlpito de Ravena, onde, como arcebispo seu era visto frequentemente, começou desta maneira: *Hodie, quod audituri estis, stupent angeli, miratur caelum, pavet terra, caro non fert, auditus non capit, non attingit mens tota non potest sustinere creatura, ebo dicere non audeo, tacere non possum*: O que trago hoje para pregar, e o que haveis de ouvir – diz Crisólogo – é um caso de que pasmam os anjos, de que se assombra o céu, de que tem medo a terra, de que se estremecem as carnes: é um caso que não cabe nos ouvidos, que não alcançam os entendimentos, que não tem ombros para o suportar toda a máquina das criaturas, e que eu me não atrevo a dizer nem posso calar: *Dicere non audeo, tacere non possum*. – Tende mão, Demóstenes divino. E que exórdio é este tão desusado? Que caso tão novo, tão inaudito, tão tremendo para a terra, tão espantoso para o céu, e para homens e anjos tão estupendo? Ainda é maior do que tenho representado, e maior que quanto se pode encarecer nem imaginar. E qual é? É – conclui o grande teólogo e eloquentíssimo orador – é que se pode atrever a língua humana a dizer a Deus: *Pater noster*. Pois dizer a Deus: Padre nosso, esta voz tão breve, este nome tão amoroso, é aquele trovão que faz estremecer o céu e a terra, o pasmo dos anjos, o assombro dos homens, o horror de todas as criaturas? Sim. E se nós tivéssemos entendimento para compreender o mesmo que dizemos quando olhássemos para as alturas, aonde se levanta a nossa voz: *Extollens vocem* – antes havíamos de emudecer que pronunciá-la, e dizer como Crisólogo: *Dicere non audeo*.

Ainda depois de Cristo nos mandar orar por estes termos, ainda depois de sua majestade nos dar esta licença, e seu amor esta confiança, vede o tento, a submissão, o recato e o sagrado horror, com que o faz a Igreja Católica: *Praeceptis salutaribus moniti, et divina institutione formati, audemus dicere; Pater noster*: Obrigados, Senhor, do vosso preceito, admoestados da vossa doutrina, e instruídos na forma da vossa divina instituição, ousamos a vos dizer! quê? *Pater noster*. – De sorte que invocar a Deus com o nome de nosso Pai, é uma coisa tão alta, tão sublime, tão superior a toda a capacidade humana que, ainda depois de instruídos, e admoestados e obrigados com preceito a orar por estes termos, e a invocar a Deus com este nome, lhe chama a Igreja ousadia: *Audemus dicere*. Tão grande ousadia, se não

fora preceito, era a maior arrogância, e se não fora fé, a maior soberba. Assim o entendeu S. Agostinho, quando disse: *Non ergo hic arrogantia est, sed fides; non superbia, sed devotio*. Invocarmos a Deus com o nome de Pai nosso, é graça e doutrina de seu próprio Filho; logo, não é arrogância, senão fé, logo não é soberba, senão devoção. Mas fé e devoção tão alta, que a soberba de Lúcifer se precipitou do céu, só porque entendeu que havia de haver um homem que chamasse a Deus Pai. E esta altura, de que ele caiu, é a mesma a que nós subimos: muito alta quando dizemos: *Qui es in caelis*, mas imensa e infinitamente mais alta quando dizemos: *Pater noster*.

E por quê? A diferença é manifesta. Porque quando dizemos: *Qui es in caelis*, sobe a nossa oração no céu até o trono de Deus: mas quando dizemos: *Pater noster*, sobe a mesma oração em Deus até o seio do Padre. O seio do Padre é o lugar de seu Unigênito Filho: *Unigenitus qui est in sinu Patris* – e onde o Filho tem o assento por natureza quis que nós tivéssemos o acesso por graça, e que ao mesmo Pai, de quem ele é Filho, disséssemos nós com verdade: *Pater noster*. Assim o ensina com toda esta especialidade não menos que o apóstolo S. Paulo – *Non enim accepistis spiritum servitutis iterum in timore, sed accepistis spiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus: Abba, Pater*. Exorta-nos o apóstolo a que vivamos conforme a dignidade do nosso estado, não com espírito de temor, e servil, como os da lei velha, mas com espírito de amor, e filial, como nascidos na lei da graça, advertindo – diz – que vos levantou Deus ao lugar de seu próprio Filho, adoptando-vos por tais, como bem se mostra na confiança com que as nossas vozes dizem, ou nós dizemos a vozes: Padre nosso: *In quo clamamus: Abba, Pater*. – Primeiro que tudo notai o *Pater* e o *clamamus*: o *clamamus*, que é próprio da oração vocal, e o *Pater*, que é a primeira voz do Rosário. Mas, se Moisés, Josué, David, Elias, Eliseu, e os mais, também oravam, e oravam ao mesmo Deus que nós invocamos, em que consiste esta diferença ou excelência da nossa oração, que S. Paulo tanto encarece em comparação da sua? Consiste, como declara o mesmo apóstolo, em que na nossa oração chamamos a Deus Pai: *In quo clamamus: Abba, Pater*. Na lei velha, nem em Deus era conhecido o nome de Padre, nem o Padre tinha comunicado aos homens a adoção de filhos. Uma e outra coisa fez Cristo. Deu a conhecer o nome do Padre: *Pater, ego manifestavi nomen tuum hominibus* – e deu aos homens a graça de poderem ser filhos do mesmo Padre: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri* – e por isso os da lei velha, como servos, oravam a Deus como Deus, e os da lei da graça, como filhos, oramos a Deus como Pai.

Grande texto na mesma pessoa do Filho, e com inteligência pouco observada e, porventura, não sabida. Quatro vezes orou Cristo na sua Paixão, mas não pelos mesmos termos. Três vezes orou a Deus como Pai, e uma vez como Deus. No Horto como Pai: *Pater, si possibile est*; quando o pregavam na cruz como Pai: *Pater dimitte illis*; quando finalmente expirou como Pai: *Pater in manus tuas comendo spiritum meum*. Porém, quando se lamentou de se ver desamparado e deixado, não chamou a Deus Pai, senão Deus, e Deus repetidamente: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Pois, se Cristo, se o Filho do Eterno Padre em tantas outras ocasiões o invocou com o nome de Pai, como agora lhe não chama Pai, senão Deus? Maior dúvida ainda, e mais nova. As outras orações em que Cristo usou do nome de Pai, todas refere o texto sagrado, assim grego, como latino, na mesma língua vulgar, e só esta, em que o Senhor usou do nome de Deus, lê o Evangelho na língua hebraica: *Eli, Eli, lamma sabacthani* (Mat 27, 46). – Qual é, logo, a razão de uma e outra diferença, ambas tão particulares e tão notáveis? A primeira – torno a dizer – por que só nesta oração chama Cristo ao Padre Deus? A segunda, por que só esta oração se escreve na língua hebraica? Direi. Cristo Redentor nosso na cruz, como quem actualmente estava pagando pelos pecados de todo o género humano, representava em sua pessoa os dois povos, de que o mesmo género humano se compunha: o judaico e o gentílico. E como Deus naquela hora deixava e lançava de si o povo judaico, por isso Cristo, enquanto representava o mesmo povo, se lamentava de se ver deixado: *Ut quid dereliquisti me?* Assim expõe este texto Teofilato, e, creio, entenderão todos

os doutos, que é o sentido mais próprio e mais literal dele: *Ut quid dereliquisti me, id est, meum genus, meum populum, qui secundum carnem mihi cognati sunt.* – E daqui ficam finalmente respondidas ambas as nossas questões: a de se referir só este texto na língua hebraica, porque Cristo naquela ocasião representava o povo judaico deixado, e em seu nome se lamentava; e a de orar então a Deus como Deus, e não como Pai, porque os do mesmo povo, por mais santos e favorecidos que fossem, não falavam a Deus como Pai, senão como Deus. É pontualmente tudo o que dizia S. Paulo. Eles, porque viviam à lei de servos: *In spiritu servitutis* – oravam a Deus como Deus, nós, que vivemos em foro de filhos: *In spiritu adoptionis filiorum* – oramos a Deus como Pai: *In quo clamamus: Abba, Pater.* – E notai outra vez a palavra *clamamus*, que não só significa voz senão voz muito alta e levantada. Porque aquela grande altura, aonde nunca puderam chegar as orações e vozes dos maiores patriarcas, por essa começamos nós hoje com a primeira oração e a primeira voz do Rosário: *Extollens vocem.*

IV

Segunda parte: Alta e altíssima é a oração vocal do Rosário pela alteza das petições que nela fazemos. As três primeiras petições do Padre-nosso: o nome de Deus, o reino de Deus e a vontade de Deus. A oração perfeita não é pedirmos nós para nós, é pedirmos a Deus para Deus. A oração ao Senhor da messe. As três petições do Rosário representadas nas alegações de Judite a Deus, durante o cerco da cidade de Betúlia. Os que rezam o Padre-nosso às avessas, como os sitiados de Betúlia.

Passando à segunda parte do nosso discurso, vejamos agora como a mesma voz, ou oração vocal do Rosário, não é menos alta e altíssima pela alteza das petições que nela fazemos. As do Padre-nosso, antes de chegar a Ave-Maria – em que fazemos uma só – são sete; e as três por onde começamos – para que as ponderemos por junto – muito notáveis. A primeira: *Sanctificetur nomen tuum* – em que pedimos a Deus a santificação de seu nome; a segunda: *Adveniat regnum tuum* – em que pedimos a propagação universal do seu reino: a terceira: *Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra* – em pedimos a execução da sua vontade, tão inteiramente na terra como no céu. Mas estas petições, se bem se consideram, parece que o não são. Quem pede a Deus – como bem argüi aqui S. Gregório Niceno – ou pede o remédio de suas necessidades, ou o socorro de seus trabalhos, ou o aumento e conservação de seus bens, ou outra coisa sua, e para si. Mas nestas petições nada é nosso, nem nos pertence a nós; tudo é do mesmo Deus a quem pedimos: *nomen tuum*: o teu nome; *regnum tuum*: o teu reino; *voluntas tua*, a tua vontade. Pois, se tudo isto é seu, e não nosso, se tudo pertence a Deus, e não a nós, por que lho pedimos a ele? Porque esta é a alteza altíssima da oração vocal do Rosário: *Extollens vocem.* O mais alto ponto a que se pode levantar e subir a oração humana não é pedir a Deus para nós, é pedir a Deus para Deus.

Quando Cristo, Senhor nosso, ajuntou ao número dos apóstolos o dos setenta e dois discípulos, disse-lhes assim: *Mensis quidem multa, operarii autem pauci. Rogate ergo dominum messis ut mittat operarios in messem suam* (Lc. 10, 2): A seara que vos mando cultivar é muita, mas os operários ou lavradores são poucos; pelo que rogai ao Senhor da seara que mande mais operários à sua seara, ou à seara sua: *In messem suam.* – Este *suam* e aquele *ergo* parece que não fazem boa consequência. Se Cristo é o Senhor da seara: *Dominum messis*: se a seara é sua: *In messem suam* – como nos manda a nós que lhe roguemos e peçamos a ele que mande operários? Não é o mesmo Senhor aquele vigilante pai de famílias que madrugou muito cedo, e em todas as horas do dia saiu em pessoa à praça a chamar e alugar operários para a vinha, não por outra razão, senão porque era sua: *Ite et vos in vineam meam?* – Pois, se a cultura e a colheita da sua seara está à conta da sua providência e do seu

cuidado, por que a encomenda às nossas orações: *Rogate Dominum messis?* – Se a seara fora nossa, então nos incumbia a nós rogar e pedir a Deus nos desse os meios para ela; mas que, sendo a seara de Deus, nós hajamos de rogar ao mesmo Deus que se lembre da cultura da sua seara: *Ut mittat operarios in messem suam?* – Bem se mostra que o mesmo autor do Padre-nosso é o mestre desta doutrina. Manda que, sendo a seara de Deus, e não nossa, sejamos nós os que roguemos por ela, porque a oração perfeita e perfeitíssima não é pedirmos nós para nós, é pedirmos a Deus para Deus. Pedirmos nós para nós é procurar os nossos interesses; pedirmos a Deus para Deus é solicitar a sua glória. E isto é o que fazemos nas primeiras três petições do Rosário. Se dizemos *sanctificetur*, para glória de Deus: *nomen tuum*; se dizemos *adveniat*, para glória de Deus outra vez: *regnum tuum*; se dizemos *fiat*, para glória de Deus do mesmo modo: *voluntas tua*.

Um rei houve no mundo, tão soberbo e tão louco, que tudo isto quis para si. Quis a exaltação de seu nome, fazendo-se chamar Deus; quis a dilatação de seu reino, tratando de o estender por todo o mundo; quis a execução universal da sua vontade, mandando que ela só, e nenhuma outra, fosse obedecida. Já sabeis que falo de Nabucodonosor, mais que bruto quando entrou neste pensamento que quando pastava no campo. Tinha cercado a cidade de Betúlia, mais apertada já da sede que do mesmo sítio; orou Judite a Deus; mas como orou? Lástima é que o não fizesse com um Rosário nas mãos. Mas por isso disse S. Paulo que tudo o que se fazia na lei velha era figura da nova: *Omnia in figura contingebant illis*. A oração que fez depois de alegar as maravilhas de Deus em favor e defesa do seu povo foi nesta forma: *Erige brachium tuum sicut ab initio, et allide virtutem illorum in virtute tua: cadat virtus eorum in iracundia tua* (Jdt. 9, 11): Levantai, Senhor, vosso onnipotente braço como antigamente, quebrantai o poder de nossos inimigos com a força do vosso, e sinta a soberba e violência dos seus exércitos o justo rigor da vossa ira. – Isto é o que pede a oração de Judite; agora se seguem os motivos que alega a Deus: *Qui promittunt se violare sancta tua, et polluere tabernaculum nominis tui, et dejicere gladio suo cornu altaris tu* (Jdt. 9, 11): Porque vêm prometendo e ameaçando que hão de violar o sagrado de vosso santuário, que hão de profanar o tabernáculo de vosso santíssimo nome, e que com o ferro das suas armas hão de destruir e arrasar os vossos altares. – Pois, senhora, isto é o que só alegais a Deus? Muito mais é o que promete, muito mais o que ameaça o inimigo, de que está cercada e tão apertada Betúlia. Ameaça que há de assaltar a cidade e levá-la à viva força; ameaça que, a quantos a quiserem defender, não há de perdoar a vida, mas serem passados todos ao fio da espada; ameaça que o saco e despojos hão de ser a rica presa de seus soldados, em que a vossa casa terá mais que roubar; ameaça que os poucos que escaparem da primeira fúria, grandes, pequenos, homens, mulheres, meninos, hão de ficar cativos – ou não hão de ficar – porque todos serão levados em cadeias ao desterro remotíssimo da terra dos assírios. Pois, se isto, e muito mais, é o que ameaça o exército de Holofernes, e a fama e terror de seu nome, como vós só alegais a Deus os sacrilégios do seu santuário, as injúrias do seu tabernáculo, a desolação de seus altares? Eis aqui porque na oração de Judite, e nestas três alegações que faz a Deus, se representaram as três petições do Rosário. Nada teme e nada pede a Deus para si: tudo teme e tudo pede a Deus para Deus. Assim como nós dizemos: *Nomen tuum, regnum tuum, voluntas tua*, assim Judite não diz nem representa outra coisa a Deus, senão: *Sancta tua, tabernaculum nominis tui, cornu altaris tui*.

E se alguém me disser que somos humanos, e não divinos, de carne, e não espíritos, que padecemos trabalhos, necessidades, misérias, e que, assim como pedimos a Deus para Deus, devemos também pedir a Deus para nós, respondo que assim é verdade, e que nem por isso devemos perder a devoção ao Rosário, nem a piedade ao Padre-nosso. Deixada a quarta petição para melhor lugar, assim como nas três primeiras só pedimos para Deus, assim nas três últimas só pedimos para nós. Nas três primeiras tudo para Deus: *Nomen tuum, regnum tuum, voluntas tua*; nas três últimas tudo para nós: *Dimitte nobis, ne nos inducas, libera nos*.

Mas, em que se vê a ordem e diferença de umas a outras petições, digníssima da sabedoria do seu divino autor? Vê-se – como bem notaram Santo Tomás e S. Boaventura – vê-se em que as que pertencem a nós vão em segundo lugar, e as que pertencem a Deus no primeiro. Oh! se guardássemos esta ordem, como seriam aceitas nossas orações! Mas muitos rezam o Rosário e o Padre-nosso às avessas. E queira Deus que não haja alguns que todo seu emprego ponham na quarta petição mal interpretada, e só tratem do *panem nostrum*, quando não seja do alheio. Deixados porém estes, os que rezam o Padre-nosso às avessas são os que põem em primeiro lugar o que lhes toca a eles, e no último o que pertence a Deus. Na mesma Betúlia e sem sair das linhas do sítio, temos o exemplo. Já ouvimos a oração de Judite: ouçamos agora a dos outros cercados, e, não só guiados pelo seu ditame, senão pelo dos mesmos sacerdotes, que é o que mais me escandaliza. Cobriram os sacerdotes os altares de luto e de cilício, e fizeram a sua oração desta maneira: *Clamaverunt ad Dominum unanimiter ne darentur in praedam infantes eorum, et uxores eorum in divisionem, et civitates eorum in exterminium et sancta eorum in pollutionem* (Jdt. 4, 10). – Vede por onde acabam e por onde começaram.- Clamaram a Deus – diz o texto – pedindo que seus filhos não ficassem cativos, que suas mulheres não fossem divididas deles e desterradas, que suas cidades e casas não fossem destruídas, e que as coisas sagradas não fossem profanadas. – Pois agora? Sim, agora. O sagrado e o de Deus no último lugar; nós e o nosso no primeiro. Oram os homens como vivem. Os interesses e conveniências temporais diante de tudo, como se faz na vida; o de Deus, o da consciência, o da alma lá para o fim, como se faz na morte. E esta ordem, ou desordem, tão encontrada com a disposição das petições de Cristo, não é de quem reza quinze vezes no Rosário a oração do Padre-nosso, nem de quem sabe o que pede, ou como há de pedir.

IVI

As três últimas petições do Padre-nosso. Com a primeira: Perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores – dizemos a Deus que nos imite a nós. Comentários de S. Pedro Crisólogo e de Hugo Cardeal sobre o perdão dos pecados.

Mas vamos às três últimas petições, também por junto, porque não sofre outra coisa a brevidade, e veremos que ainda que em todas elas tratamos de nós, nem por isso a voz de cada uma é menos alta e levantada: *Extollens vocem*. A primeira é altíssima na confiança, a segunda altíssima na generosidade, a terceira altíssima no juízo, e todas três altíssimas na importância. *Dimitte nobis*, diz a primeira – *sicut et nos dimittimus debitoribus nostris*: perdoai-nos as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Quem há de dizer que fala com Deus quem assim fala? Há tal modo de pedir? Há tal resolução? Há tal confiança? Isto é pormo-nos nós a Deus por exemplo, isto é dizermos a Deus que nos imite a nós, e que faça o que nós fazemos. Assim o nota em próprios termos S. Gregório Niceno: *Ut Deus facta nostra imitetur: ut dicas; Ego fecit Domine fac; solvi, solve; dimisi, dimitte*. Não se poderá arguir nem encarecer melhor. Mas não diz isto o santo e doutíssimo padre para estranhar a confiança da petição, senão para declarar a alteza a que Deus nos levanta, mandando-nos orar em tal forma. Quando Cristo nos manda que lhe peçamos perdão, alegando juntamente que nós também temos perdoado, cuidava eu que era o mesmo que fazer a petição com folha corrida. Porém, os santos, que o entendem melhor, não querem que seja tão pouco.

S. Pedro Crisólogo, escrevendo sobre esta mesma petição, diz que, quando perdoamos as ofensas que nos fazem nossos inimigos, nós mesmos nos damos o perdão das ofensas que temos feito a Deus: *Homo, intellige, quia remittendo aliis, tu tibi veniam dedisti*. Com razão disse a santo: *Homo intellige*: Homem, entende porque isto parece que se não pode entender.

Dar perdão de pecados é jurisdição ou regalia somente de Deus: *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?* Logo, como me posso eu dar a mim mesmo o perdão de meus pecados? *Tu tibi veniam dedisti?* Funda-se esta sentença naquela promessa de Cristo: *Dimittite, et dimittemini* (Lc. 6, 37): Perdoai, e sereis perdoados. – E como esta promessa é condicional, e a condição depende de mim, quando eu cumpro a condição eu sou o que me perdo. Deus não me pode perdoar as suas ofensas sem que eu perdoe as minhas; e, se eu perdo as minhas, não pode Deus deixar de me perdoar as suas. Daqui vem que o perdão mais depende de mim que de Deus porque Deus está obrigado à sua promessa, e eu não estou obrigado à condição. Deus não pode faltar ao perdão, ainda que quisesse, e eu não posso perdoar, se quiser. Tanto assim que não duvidou Hugo Cardeal de proferir uma proposição que não sei como coube no juízo de um teólogo tão douto e tão insigne.

Diz que ao homem que perdoa o faz Deus seu senhor. As palavras são estas: *Jubet remittere, ut conscientiam purget, promittit veniam, ut statuat in spe, et te facit dominum suum*: Manda-te Deus perdoar para te purgar a consciência; promete-te o perdão para te confirmar na esperança: *Et te tacit dominum suum*: e te faz Deus seu senhor. – Mas como se pode entender ou defender que Deus, neste caso, faça ao homem seu senhor? A razão ou subtileza deste pensamento é que, como Deus se pôs a si mesmo aquela lei de perdoar a quem perdoa; o homem fica livre, e Deus obrigado; o homem fica senhor da lei, e Deus sujeito a ela. E quando o homem é senhor da lei, e Deus não, fica o homem por este modo senhor do mesmo Deus: *Te facit dominum suum*. Explica Hugo o seu dito, acrescentando em nome de Deus! *Sicut decreveris de eo, et ego de te decernam*: Assim como tu julgares de quem te ofendeu, assim julgarei eu de ti. – Parece-se este privilégio com o das chaves de S. Pedro; mas S. Pedro julgava como vigário, e o que perdoa, como senhor, e como senhor, neste caso, não de outrem, senão do mesmo Deus: *Te facit dominum suum*. – Isto é, em uma palavra, fazê-lo Deus senhor do seu poder, o qual se não distingue dele. E como os que rezam o Rosário dizendo tantas vezes: *Sicut et nos dimitimus*, demitem de si o senhorio que têm sobre aquela lei, e, por este modo, sobre o mesmo Deus, vede se é alto e altíssimo o ponto a que sobe e se levanta a voz desta petição: *Extollens vocem*.

IVII

Segunda petição: Não nos deixeis cair em tentação O alvoroço e alegria da tentação figurada no cavalo generoso do Livro de Job. Não pedimos a Deus que nos livre das tentações como tímidos e fracos, senão somente que nos não deixe cair nelas. Como pôde Jacob lutar tão forte e porfiadamente com o anjo, de tal sorte que o venceu?

E se esta é altíssima pela confiança do que diz e do que supõe pedindo, a que se segue não é menos alta, pela generosidade do que pede e do que não pede: *Et ne nos inducas in tentationem*: E não nos deixeis cair em tentação. – Notai o que pedimos e o que não pedimos. Não pedimos a Deus que nos tire ou nos livre das tentações: pedimos que nos não deixe cair nelas. Nenhuma versão traduziu melhor o *ne nos inducas inducas* que a nossa portuguesa. Cair dizemos, e não derrubar porque derrubar é força e impulso alheio; o cair, fraqueza ou descuido próprio. Quem diz: Não nos deixes cair, de si se teme mais que do inimigo, contra si pede o socorro que pede para si. Mas, se na tentação está o perigo, não seria mais conveniente e mais seguro pedirmos a Deus que nos livrasse de ser tentados? Não. O mal não está em ser tentado; está em ser vencido. Se fora melhor não ser tentado, como bem discorre Cassiano, não permitira Deus as tentações, mas quer que haja batalhas, porque nos tem aparelhada a coroa. O soldado generoso estima a guerra, porque deseja a vitória; e não recusa o combate, porque aspira ao triunfo. Por isso diz São Tiago – e é a primeira coisa que diz – que não havemos de receber as tentações com horror e tristeza, senão com alvoroço e alegria: *Omne*

gaudium existimate cum in tentationes varias incideritis. O cavalo generoso – como se descreve no livro de Job, com maior elegância do que o pudera pintar Homero – em ouvindo o sinal da guerra, fita as orelhas, quebra as soltas, bate a terra, enche de relinchos o ar, não lhe cabem os espíritos pelas ventas, treme todo de fogo e de coragem com o alvoroço e brios de sair à batalha. Este é o instinto da generosidade, ainda onde falta a razão; e esta é a razão que nós temos para pedir a Deus, não que nos não deixe tentar, mas que nos não deixe cair.

Se Deus nos deixara tentar mais do que podem as nossas forças, então tínhamos justa causa de recusar as tentações; ouvi, porém, o seguro que nos dá S. Paulo: *Fidelis Deus est, qui non patietur vos tentari supra id quod potestis* (1 Cor. 10, 13): Deus é fiel, o qual não consentirá jamais que sejais tentados sobre o que podeis resistir. – E diz nomeadamente o apóstolo neste case que Deus é fiel: *Fidelis Deus est* porque o contrário seria espécie de engano, e meter-nos Deus na cilada para cairmos nela. É verdade, como nota o mesmo S. Paulo, que a nossa luta nas tentações não é de homem, senão de homens de carne e sangue contra o poder e astúcia dos espíritos das trevas: *Non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem: sed adversus principes et potestates tenebrarum harum, contra spiritualia nequitiae.* Mas, para que possamos sair vencedores em uma luta tão desigual, vede como iguala Deus os partidos, e lhes modera a eles o excesso das forças, e as mede com as nossas.

Lutou com Jacob aquele anjo, o qual Orígenes e outros querem que fosse anjo mau; mas, pelo que toca às tentações, tanto importa ser anjo, como demónio porque não são os mais feios os que mais tentam. O que faz ao nosso caso é que sendo Jacob homem, e o anjo, com quem lutava, espírito como pode ser que lhe pudesse resistir e prevalecer contra ele? Muitos mil homens não têm parelha nas forças com um só anjo, como se viu no exército dos assírios, em que um só anjo, em uma noite, matou mais de cento e oitenta mil homens. Pois, se as forças de Jacob eram tão inferiores às do anjo, como lutou com ele tão forte e porfiadamente, e o apertou de tal sorte que finalmente o venceu? A razão é porque não permitiu Deus ao anjo que usasse de todas as forças naturais que tinha, mas somente em tal medida e proporção, que Jacob, com as suas, lhe pudesse resistir e prevalecer. Isto mesmo é o que diz S. Paulo: *Non patietur vos tentari supra id quod potestis.* E isto, e pelo mesmo modo, é o que Deus faz em todas as tentações, não permitindo jamais que sejam tão fortes e poderosas que as nossas forças, ajudadas da sua graça – com que nunca falta – as não possam resistir e sair com vitória. E como desta parte estamos seguros, não quer Deus que lhe peçamos nos livre das tentações como tímidos e fracos, senão somente que nos não deixe cair nelas, e que, como valentes e generosos soldados, nos ponhamos em campo por seu serviço, em defesa de sua lei e para glória de seu nome. Aos homens, ou os tenta Deus para os provar, ou os tenta o demónio para os perder, ou os tentam os outros homens para os oprimir. Se Deus não tentara a Abraão, como seria a sua obediência tão celebrada? Se o demónio não tentara a Job, como seria a sua paciência tão gloriosa? Se Saul não tentara a David, como seria a sua caridade tão heróica e a sua humildade tão exaltada? Por isso não pedimos a Deus, nem Cristo quer que lhe peçamos, que nos livre de tentações, senão somente que nos não deixe cair reconhecendo, porém, e confessando a nossa fraqueza, para que, sobre o baixo deste fundamento, suba mais seguramente ao alto a voz de nossa oração. *Extollens vocem.*

IVIII

Terceira e última petição: Mas livrai-nos do mal. A misteriosa oração de Cristo na última Ceia em favor de seus discípulos parece que verdadeiramente não foi ouvida. Todos os que o mundo chama males não são males, senão o pecado. O pecado, mal de que o Eterno Padre, como Pai, livrou unicamente a seu Filho.

Finalmente, a terceira e última petição é altíssima no juízo. E por quê? Porque entendemos, julgamos e declaramos que todo o mal é o pecado, e que, entre todos os que vulgarmente se chamam males, só o pecado verdadeiramente é mal e deste mal pedimos a Deus que nos livre quando dizemos: *Sed libera nos a malo*. Oh! se os homens acabassem de se persuadir, e penetrassem inteiramente ou se deixassem penetrar desta grande verdade! Com quão diferente affecto fariam a Deus esta petição, e desejariam o que nela se pede! Todas as infelicidades do mundo, donde cuidais que têm a sua primeira raiz? Todas nascem da equivocação de dois nomes, todas nascem daquele engano e erro geral com que anda equivocado em todas as línguas o nome do mal e o do bem. Por isso se lamentava e bradava Isaías: *Vae qui dicitis malum bonum, et bonum malum* (Is. 5, 20): Ai de vós os que chamais mal ao bem! – Não há outro bem neste mundo que seja verdadeiramente bem, senão a graça de Deus nem outro mal que seja verdadeiramente mal, senão o pecado. Por estes dois artigos de fé se ata o fim do Padre-nosso com o princípio da Ave-Maria. Como começa a Ave-Maria? *Ave gratia plena, Dominus tecum*. Pois, Anjo tão bem entendido como bem-aventurado, não tendes outro título mais alto, não tendes outro nome de maior majestade com que saudar a vossa Rainha? – Não. Porque na graça de que está cheia, se inclui todo o bem, assim como no pecado, a que nunca esteve sujeita, foi livre de todo mal. A graça não pode estar junta com o pecado; e como Maria, desde o instante de sua concepção sempre foi cheia de graça, nesta graça e nesta isenção de pecado consiste toda a soberania da sua grandeza, ainda maior que a de ser Mãe de Deus, que eu lhe venho anunciar. Tão grande bem é a graça, tão grande mal é o pecado!

E para que ninguém duvide que este mal de que pedimos a Deus nos livre é todo o mal, e não há outro, ouçamos ao mesmo Mestre, que assim nos ensinou a pedir e cerrou todas as outras petições com esta, como a chave e mais importante de todas. Naquela misteriosa oração que Cristo fez a seu Eterno Padre sobre a última Ceia, recomendando muito debaixo de sua divina proteção os discípulos, de quem se apartava, a cláusula com que rematou a recomendação foi esta: *Non rogo ut tollas eos de mundo, sed ut serves eos a malo*. (Jo. 17, 15): Não vos peço Pai meu, que os tireis do mundo, para cuja conversão são necessários mas o que muito vos rogo, é que os guardeis e livreis do mal. Esta foi a oração, e parece verdadeiramente que não foi ouvida. Que pobreza, que fomes, que sedes; que perseguições, que cárceres, que desterros; que afrontas, que desprezos, que ignomínias; que calúnias, que acusações, que injustiças; que açoites, que tormentos, que martírios, não padeceram aqueles mesmos apóstolos em todas as partes do mundo, e em todos os dias e horas da vida, até finalmente a perderem cruel, e afrontosamente, uns crucificados, como Pedro, outros aspados, com André, outros esfolados, como Bartolomeu, e todos, sem excepção de um só, tão bárbara e desumanamente atormentados, quanta era a impiedade e ódio infernal dos tiranos? Pois, se todos os trabalho, misérias, desgraças, aflições, penas, desonras enfim, se todos os males do mundo se uniram e conjuraram contra estes homens, e se empregaram e apuraram neles, sem que Deus o impedisse nem os livrasse, deixando-os padecer e morrer como se cumpriu – pois não podia deixar de ser ouvida – a verdade da oração de Cristo: *Ut serves eos a malo*? Eles padeceram todos os males, e o Padre livrou-os de todo mal? Sim. Porque confirmando-os em graça, livrou-os do pecado, e todos os que o mundo chama males, não são males: só o pecado é mal: *Non dicit ut serves eos a tribulationibus, ab odiis, a persecutionibus, sed a malo, hoc est a peccato, quod simpliciter est malum* – diz o Cardeal Caetano e não era necessário que nem ele nem outro algum o dissesse.

Este é o mal de que pedimos a Deus nos livre, e esta a coroa em que Cristo rematou a sua oração, para que dissesse o fim com o princípio. No princípio disse: *Pater noster*; no fim diz: *Sed libera nos a malo*; e este foi unicamente o mal de que o Eterno Padre, como Pai, livrou unicamente a seu Filho. Não o livrou das pobreza, nem dos trabalhos, nem das perseguições, nem dos desterros, nem dos ódios, nem das injúrias, nem dos açoites, nem da

morte, e morte de cruz: o de que só o livrou foi o pecado, dando à humanidade de Cristo a união hipostática, com que a fez impecável. E como o altíssimo juízo desta última petição mete debaixo dos pés todo aquele mundo de horrores a que o mesmo mundo chama males, e dizendo: *Libera nos a malo* só reconhece por mal o pecado, por ser ofensa de Deus nem na terra, nem no céu, nem dentro do mesmo Deus pode haver conceito mais levantado que o deste juízo, nem voz mais alta que a desta petição: *Extollens vocem*.

IIX

A quarta petição: O pão nosso supersubstancial nos dai hoje. Por que é sobre-substancial e nosso? Por que razão o pôs Cristo na quarta petição, quando parece que lhe era devido o primeiro lugar? A semelhança com o sol no quarto céu, imagem deste mistério. A base do candelabro do Templo, figura do SS. Sacramento, e as sete petições do Padre Nosso. Os labores de que era ornado e as contas do Rosário.

Voltando agora atrás, e pondo-nos na quarta petição, que para este lugar reservamos, o que ela diz é o que se não podia entender quando se disse. O que se entendeu então, foi que o Senhor falava só do pão ordinário e usual, com que se sustenta o corpo; mas depois que o tomou em suas sagradas mãos, e o consagrou, então se manifestou que falava principalmente de seu próprio corpo, o qual nos deu debaixo das espécies de pão, para sustento da alma. Por isso S. Lucas lhe chamou pão quotidiano com o nome comum, e S. Mateus, com vocábulo novo e próprio daquele mistério, pão supersubstancial: *Panem nostrum supersubstantialem da nobis*. Chama-lhe sobre-substancial e nosso, sendo que não cai nem diz bem o nome de nosso na mesma petição em que o pedimos. Mas por essa mesma razão é nosso, porque é sobre-substancial. É pão sobre-substancial porque os acidentes que vemos são de pão; mas a substância não é de pão, senão do corpo de Cristo, que é substância sobre toda a substância. E porque esse pão é Cristo, por essa mesma razão é pão nosso porque o mesmo Cristo já era nosso antes que fosse pão. Foi pão depois do Sacramento, e já dantes era nosso desde o nascimento: *Parvulus natus est nobis, et filius datus est nobis*.

Mas este mesmo pão sobre-substancial e nosso que pedimos, por que razão o pôs Cristo na quarta petição, ou com que proporção e mistério lhe deu este lugar, quando parece que por todos os títulos lhe era devido o primeiro? Hugo Cardeal, nesta observação mais que nunca eminentíssimo, notou que entre as sete petições do Padre-nosso a quarta é a do meio, e diz com singular pensamento, que sinalou o Senhor este lugar àquele sagrado pão, para que, posto no meio como na raia e horizonte de dois hemisférios, os alumiasse a ambos, e confinando por este modo, assim com as petições que vão dirigidas ao céu e a Deus, como com as que pertencem a esta vida e a nós, em umas e outras nos confortasse igualmente com sua divina virtude: *Media petitio, scilicet panem nostrum da nobis, est communis, et quasi confinium utrarumque confortans et dirigens transeuntem de vita temporalis ad aeternam*. Nas três primeiras petições só tratamos do céu e de Deus, pedindo a santificação de seu nome, a dilatação de seu reino, a execução de sua vontade; nas três segundas, ou últimas, tratamos desta vida e de nós, pedindo que nos perdoe nossas dívidas, que nos não deixe cair em tentações, e que nos livre do pecado; e para tudo isto nos fortalece, posto em meio, o Diviníssimo Sacramento: *Hic panis datur de caelo, et comeditur in terra*: Este pão – continua o mesmo autor – dá-se do céu, e come-se na terra. – Enquanto se dá do céu, eleva-nos a Deus; enquanto se come na terra, conforta-nos a nós: a Deus, para que sobretudo procuremos sua glória; a nós, para que contra tudo evitemos suas ofensas. E este é o único e duplicado fim por que pedimos Santíssimo Sacramento no quarto lugar, e no meio de umas petições e das outras.

Vejamos com os olhos a admirável proporção de ser este lugar entre sete o quarto. Criou Deus o sol, e não o pos no primeiro, nem no segundo ou terceiro, senão no quarto céu. Pois, o

sol, rei dos planetas, pai e fonte de toda a luz, no quarto lugar? Sim, diz excelentemente Filo, como quem trouxe a filosofia no nome: *Cum planetarum quisque plus splendoris habeant lucidissimos ad terram usque mittunt radios, sed praecipue sol eorum medius. Nec male conjicere mihi videntur, qui soli medium locum tribuunt, tres supra eum, totaidem infra locando*: Os planetas, como todos sabem são sete; e por isso – diz Filo – pôs o autor da natureza o sol no quarto lugar e no quarto céu, para que, ficando-lhe três planetas acima, e três abaixo, e ele no meio, dali os alumiasse melhor a todos, e lhes comunicasse igualmente os efeitos e influências da sua luz. – Nem mais nem menos Cristo nas sete petições do Padre-nosso. Pôs no quarto lugar, e no meio delas, a petição do Santíssimo Sacramento: *Panem nostrum supersubstantialem da nobis* – para que dali alumiasse igualmente a todas e lhes influísse a virtude de sua luz, e tanto às três de cima, como às três de baixo: *Tres supra eum, et totidem infra*. As três petições de cima são as primeiras que sobem a Deus: *Sanctificetur nomen tuum; adveniat regnum tuum; fiat voluntas tua*; as três de baixo são as últimas que descem a nós: *Dimitte nobis debita nostra ne nos inducas in tentationem; libera nos a malo*; e assim como para as primeiras nos eleva como pão sobre-substancial, assim para as últimas nos conforta como pão nosso. Ainda tem mais semelhança com o sol no quarto céu. Porque do mesmo modo que o sol alumia uns e outros planetas, não só de dia, senão de noite, nem só quando está descoberto a nós, senão quando eclipsado e coberto de nuvens, assim Cristo, no Divino Sacramento eclipsado e encoberto debaixo da nuvem dos acidentes, e na noite deste mundo e escuridade da fé, tanto nos fortalece os affectos no que pedimos a Deus para Deus, como nos comunica e estabelece os efeitos no que pedimos a Deus para nós.

Esta foi a primeira imagem deste mistério que Deus pintou no céu, que é o seu templo, e esta foi também a segunda, que colocou no desenho da sua Igreja, que é o nosso. No Templo de Salomão, e antes dele, no Tabernáculo de Moisés, mandou fabricar Deus aquele famoso candelabro, que defronte dos Pães da Proposição alumia a *Sancta Sanctorum*. A matéria era de ouro puríssimo, a forma como de uma árvore artificial, de cujo tronco, em igual proporção, saíam de uma e outra parte, três ramos meio arqueados, no remate dos quais, como também no do tronco, que era direito, ardiavam sete lumes. Este candelabro, pois, diz S. Próspero que significava o Santíssimo Sacramento, e o mesmo sentido e argumento seguiu e entendeu modernamente, com suma erudição, Teófilo Rainaldo. Nota, porém, este diligentíssimo autor que, sendo miudíssima a Escritura em descrever todo o artifício e partes do candelabro, e ainda os instrumentos exteriores que a ele pertenciam, só da base não faz menção: *Praeteriit Scriptura basim candelabri, ita ut, tametsi adeo sollicitate reliquas candelabri partes quasi dissimilares expresserit, basis tamen nusquam meminerit*. – Pois, se esta famosa obra da arquitetura divina, traçada e mandada lavrar pelo mesmo Deus, se descreve parte por parte tão exata e acuradamente, da base por que se não faz menção, sendo muitos os lugares da História Sagrada, e não menos de vinte, os que falam neste candelabro? Tornielo, Saliano, Cornélio, e os demais supõem que o candelabro tinha base, cansando-se muito em adivinhar a figura de que era formada. E eu não posso deixar de estranhar, e ainda de me doer, de que Teófilo faça o mesmo, privando-se de uma grande prova, e da mais elegante confirmação do seu argumento.

Digo, pois, que a Escritura não faz menção da base do candelabro porque o candelabro não tinha base; e digo que a não tinha, assim como Melquisedec não teve pai nem mãe. De Melquisedec diz S. Paulo, que não teve pai nem mãe, não porque os não tivesse, mas porque a Escritura não faz menção deles (Hebr.7, 3). E por que não faz a Escritura menção do pai e mãe de Melquisedec? Porque Melquisedec era figura de Cristo, o qual no céu não tem mãe, e na terra não tem pai. Da mesma maneira no nosso caso. O candelabro tinha base, mas não faz menção dela a Escritura, como se a não tivera. Por quê? Porque o candelabro era figura do Sacramento. E como no Sacramento, estarem os acidentes sem sujeito é a mesma maravilha

que sustentar-se o candelabro sem base, por isso cala a Escritura e não faz menção da base do candelabro, como se a não tivera, para que a figura se parecesse com o figurado.

Provada, pois, esta excelente figura, e a grande semelhança daquele soberano mistério do altar com o candelabro do Templo, quem não vê nos sete lumes dele o que o divino Sacramento obra nas sete petições do Padre-nosso? Assim como no candelabro os três lumes de uma parte e os três lumes da outra todos saíam do mesmo tronco onde estava o lume do meio, assim as três primeiras petições do Padre-nosso, para serem aceitas a Deus, e as três últimas, para que sejam proveitosas a nós, toda a sua luz e calor, todo o seu valor e eficácia recebem do pão sobre-substancial que pedimos no meio delas. As primeiras, em que pedimos para Deus, nascem daquele sacrossanto mistério, enquanto sacrifício, cujo fim é o culto divino; e as últimas, em que pedimos para nós, nascem do mesmo mistério, enquanto sacramento, cujo fim é o nosso remédio.

E para que não faltasse à mesma figura a mais particular e não imaginada propriedade, assim o tronco como os ramos do candelabro, em que se sustentavam os lumes, qual vos parece que seria o lavor de que estavam ornados? Era um lavor torneado em contas e esculpido em rosas: *Sphaerulae per singulos, et lilia*. Em lugar de *lilia*, Vilhalpando e Lipomano lêem *rosas*, e em lugar de *sphaerulae* vertem outros, com maior expressão, *globuli*, que é o próprio nome das contas por onde rezamos. Para que na mesma figura do candelabro nem as contas nem as rosas faltassem à primeira e principal oração do Rosário, como nem o número misterioso de suas petições à proporção e consonância altíssima de suas vozes: *Extollens vocem*.

IX

Terceira parte do discurso: alta e altíssima é a oração vocal do Rosário pela alteza da intercessão de que nos valem. O tribunal diante do qual intercede a Rainha dos Anjos. Os títulos em que se funda a eficácia da intercessão que pedimos: Santa, Maria, Mãe de Deus. A força da mediação de que nos valem. Se quando invocamos a Deus dizemos Pater noster, por que, quando invocamos a Senhora, não dizemos também Mater nostra? A intercessão de Maria e a bênção de Jacob aos filhos de José. A coroa de Salomão e a intercessão de sua mãe.

Resta a terceira e última parte do nosso discurso, a que sinto muito chegar tão tarde; mas a minha brevidade e a vossa devoção farão tolerável este defeito. Prometi provar neste último ponto quão alta e altíssima é a oração vocal do Rosário pela alteza da intercessão de que nos valem: e esta valia e intercessão é a da Virgem Santíssima, Senhora nossa, cujo poderosíssimo patrocínio tantas vezes imploramos quantas são as Ave-Marias no Rosário, repetindo no mesmo dia cento e cinquenta vezes: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus*. O tribunal, diante do qual intercede a Rainha dos Anjos, é o supremo consistório da mesma majestade divina a quem presentamos nossas petições e a quem, na primeira palavra do Rosário, invocamos com nome de Pai, como próprio da piedade e misericórdia, em que, como pecadores, temos posta toda confiança. Os títulos, finalmente, em que se funda a eficácia da intercessão que pedimos, como se vê da mesma súplica, são três: Santa Maria Mãe de Deus roga, por nós: que rogue por nós como santa, que rogue por nós como Maria, que rogue por nós como Mãe de Deus. Todos estes títulos declarou o Anjo na sua embaixada, com a mesma distinção e pela mesma ordem: primeiro o de Santa: *Gratia plena*; depois o de Maria: *Ne timeas Maria*; ultimamente o de Mãe de Deus: *Paries Filium et Filias Altissimi vocabitur*. E nas mesmas três palavras, se bem notardes, se inclui inteiramente toda a oração da Ave-Maria, resumida cada cláusula a uma só palavra, porque ao *Ave Maria*

responde Maria, ao *gratia plena* responde *Santa*, e ao *benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui*, responde Mãe de Deus.

Com razão dizemos, logo, que a oração vocal do Rosário, também por esta intercessão, de que nos valem, é alta e altíssima: *Extollens vocem* – por que, sendo altíssimo na Senhora o título de Santa, altíssimo o de Maria, e altíssimo o de Mãe de Deus, todos juntos, e uns sobre os outros, que altura farão? Agora tomara eu tempo para os combinar e comparar entre si, e excitar sobre eles outras tantas questões: Se é mais forte para interceder o título de santa, ou o de Maria? Se é mais suave para obrigar, o nome de Maria, ou o de Mãe de Deus? Se é mais poderoso para conseguir, o respeito de Mãe de Deus ou o de santa? Mas seja resolução o que pudera ser disputa. E digo que cada título, em seu gênero, compreende em grau altíssimo as perfeições de todos. O de santa, porque a santidade de Maria, depois da santidade de Deus, é a maior santidade; o de Maria, porque o nome de Maria, depois do nome de Deus, é o maior nome; o de Mãe de Deus, porque a dignidade de Maria, depois da dignidade de Deus, é a maior dignidade. Intercedendo, pois, por nós, posto que pecadores, a maior santidade, o maior nome e a maior dignidade, como poderá resistir a divina justiça, nem negar-se sua misericórdia a uma tão forte, tão suave e tão poderosa intercessão?

A intercessão, como o significa o mesmo nome, é um meio entre dois extremos, e, para ser poderosa e eficaz, há de tocar a ambos: àquele com quem intercede, que neste caso é Deus, e àqueles por quem intercede, que são os pecadores. E a Senhora, postada entre Deus e os pecadores, quão chegada é a um e outro extremo? É tão chegada a Deus, com quem intercede, que só lhe falta o ser Deus; e tão chegada aos pecadores, por quem intercede, que só lhe falta o pecado. S. Mateus, tecendo a genealogia da Virgem Maria, fê-lo com tal artifício, que pôs a Senhora entre Deus e os pecadores fazendo-a filha de pecadores e Mãe de Deus, como verdadeiramente é. É filha de pecadores por natureza, e Mãe de Deus por graça; mas por tal modo de graça, que a mesma natureza que recebeu dos pecadores, para ser sua filha, foi a segunda natureza que deu a Deus, para ser sua Mãe. E sendo intercessora e medianeira entre Deus, de quem é Mãe, e entre os pecadores, de quem é filha, vede que graça se poderá negar a uma intercessão tão estreita por natureza? Essa foi a ventura de um ladrão, e a desgraça do outro no Calvário. Cristo estava no meio de ambos; mas em meio da cruz de Cristo e da cruz do bom ladrão estava a Senhora; em meio da mesma cruz de Cristo e da cruz do mau ladrão, não estava. E onde entre o pecador e Deus mediou a Mãe de Deus, salvou-se o pecador; onde não mediou, não se salvou. E esta é a força da mediação de que nos valem, esta a intercessão altíssima que pedimos quando dizemos: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus*.

Não posso, porém, deixar de reparar muito que neste caso invoquemos a intercessão e patrocínio da Senhora com nome de Mãe de Deus, e não de Mãe nossa. Assim como já acatamos o fim do Padre-nosso com o princípio da Ave-Maria, atemos agora o fim da Ave-Maria com o princípio do Padre-nosso. Se, quando invocamos a Deus, dizemos *Pater noster*, quando invocamos a Senhora, por que não dizemos também *Mater nostra*, senão *Mater Dei*? Temos ousadia, como dissemos, para chamar a Deus nosso Pai, e não temos confiança para chamar à Senhora nossa Mãe? Sim, temos. Não é falta de confiança: é fineza de saber alegar e pedir. Muito mais adiantamos e encarecemos a intercessão que pedimos invocando a Senhora como Mãe de Deus que como Mãe nossa. Porque se intercedera por nós como Mãe nossa, empenhara-se por nós como por filhos seus; mas, intercedendo por nós como Mãe de Deus, empenha-se por nós como por filhos de seu Filho, que é muito mais. Quando nós dizemos *Pater noster*, quem é nosso Pai, e de quem somos filhos? Somos filhos do mesmo Deus, de quem a Senhora é Mãe; logo, muito maior empenho é o do seu amor intercedendo por nós, enquanto filhos de seu Filho, que enquanto filhos seus.

Quando Jacob lançou a bênção a todos seus filhos, aplicou a bênção de cada um à pessoa do mesmo filho: a de Rúben à pessoa de Rúben, a de Simeão à pessoa de Simeão, a de

Levi à pessoa de Levi, e assim nos demais; mas quando chegou a José, não lhe aplicou a bênção a ele, senão aos filhos do mesmo José, Manassés e Efraim. Pois, se aos outros os abençoou em si mesmos, em José por que mudou de estilo, e em vez de lhe aplicar e dar a bênção a ele, a dá e aplica a seus filhos? Porque a José amava mais que a todos os outros; e maior empenho e demonstração foi do seu amor o dar a bênção a Manassés e Efraim, que eram filhos de seu filho, do que se a dera ao mesmo José, que era filho seu. Dando a bênção a José satisfazia só ao seu amor; mas dando-a aos filhos de José satisfazia ao seu amor e mais ao amor do mesmo José porque não só mostrava amar muito ao filho, senão aos filhos do filho. No nosso caso ainda é maior a razão, e infinitamente maior. A Senhora, ainda que como Mãe nossa nos ama muito, como Mãe de Deus ama infinitamente muito mais a Deus: logo, muito mais segura fica a sua intercessão, e muito mais poderosa e eficaz intercedendo por nós como filhos de seu Filho que como filhos seus, porque não só intercede por nós com o grande amor com que nos ama a nós, senão com todo o amor com que ama a Deus.

Sendo isto verdadeiramente assim, e da parte da mesma Mãe de Deus e Mãe nossa, com maior certeza e afecto do que se pode encarecer nem imaginar, o que só resta é que todos nos valhamos do altíssimo e poderosíssimo patrocínio de tão soberana intercessora, com aquela confiança que nos assegura a grandeza de sua piedade, e com aquela eficácia e instância que requer a grandeza da nossa pretensão. O que em suma pretendemos, em tantas e tão várias petições, é o reino do céu: *Adveniat regnum tuum*. De conseguir ou não conseguir esta pretensão não é menos o que depende que a felicidade ou infelicidade eterna. Vede se é grande a importância, e qual deve ser o nosso cuidado. E posto que o supremo Senhor, diante de quem requeremos, seja Pai, e invocado como Pai: *Pater noster, qui es in coelis* – se nos faltar a intercessão da Mãe muito podemos temer que nos não valha, nem baste o nome de filhos. Dois filhos tinha David, pretendores ambos ao mesmo reino, Adonias e Salomão; e qual levou a coroa? Adonias, que tinha de sua parte a prerrogativa de primogénito, perdeu-a e Salomão foi o herdeiro do reino, não com outra razão de preferência mais que a intercessão de sua mãe: *Egredimini, filiae Sion, et videte regem Salomonem in diademate quo coronavit eum mater sua*. Assim o deixou escrito, para eterna memória do caso, o mesmo Salomão: – Saí, filhas de Jerusalém, e vede a el-rei Salomão triunfante com a coroa com que o coroou sua mãe. – Leia-se a história dos Reis de Israel, e achar-se-á que o mesmo David, pai de Salomão, foi o que o nomeou por rei e o mandou coroar. Pois, se consta da Escritura que o pai coroou a Salomão, como diz o mesmo Salomão que o coroou a mãe? Porque, se não fora a intercessão da mãe, não havia ele de herdar o reino. E entendeu Salomão, como tão sábio, que mais devia a coroa à intercessão da mãe, que à graça e nomeação do pai. E que foi tudo isto senão uma representação, no teatro da terra, do que passa e nos há de acontecer no reino do céu? É verdade, como crê e confessa a nossa fé, que o reino do céu, que pedimos, não se alcança senão por graça de Deus, que é o Pai; mas quer o mesmo Deus que entendamos que só por intercessão de sua Mãe se alcança essa graça nesta vida e a coroa da glória na outra.

SERMÃO II

Extollens vocem quaedam mulier.

II

Continuação do primeiro discurso. O não caber é argumento da grandeza das coisas. As duplas visões de José e Daniel demonstram que Deus, no fazer, obra segundo as medidas da sua onnipotência, e no mostrar, segundo a capacidade da nossa vista. As coisas em excesso grandes nem em Atenas se podem ouvir bastantemente de uma só vez. O Rosário e o altar do Deus desconhecido.

Bem temia eu – como logo disse – que as primeiras excelências do Rosário, ou o alto e altíssimo dele, enquanto oração vocal, me não havia de caber em um só discurso. Mas nem por isso a faz menos nobre a necessidade de outro. O não caber é argumento da grandeza das coisas: assim sucede às notavelmente grandes. Aquela máquina grega, portanto da indústria do nosso Ulisses, porque não cabia pelas portas de Tróia, foi necessário que se lhe rompessem os muros. O mesmo Cristo, quando entrou pelo céu como homem, coube pelas portas: *Attollite portas, principes, vestras* – mas quando desceu como Deus, foi necessário que os céus se rompessem: *Utinam dirumperes caelos, et descenderes*. Coube pelas portas enquanto homem; enquanto Deus não coube. Não fora a Arca do Testamento figura da Mãe de Deus se coubera no Tabernáculo de Moisés: por isso acrescentou Deus à primeira ideia a segunda, e mandou edificar o Templo de Salomão. Acolá estava estreitada a sua grandeza, aqui dignamente ostentosa a sua majestade.

Mas, se ambas as ideias eram de Deus, por que foi necessário acrescentar a segunda sobre a primeira? Porque até o entendimento e a mão divina o faz assim nas grandes obras suas. Mostrou Deus a José as grandes fortunas para que o tinha destinado, e não em um só desenho, senão em dois: um na eira, outro no firmamento (Gen. 37, 7-9). A primeira vez adorado nas paveias, que ele atava com os irmãos; a segunda, no sol, na lua e nas estrelas, que igualmente o adoravam. A grandeza do império de seu filho, mostrada já sobre a estátua dos quatro metais, também a tornou a mostrar Deus segunda vez nas quatro feras ou monstros que representavam as quatro monarquias do mundo (Dan. 2, 29; 7, 3). Pois, se o mesmo mundo o criou Deus, e fez de uma vez estoutras obras suas, por que as não mostra em uma só visão ou figura, senão em duas? Porque no fazer obra Deus segundo as medidas dá sua onnipotência; no mostrar e dar a conhecer, segundo a capacidade da nossa vista. Porque nós não somos capazes de ver tudo de uma vez, supre Deus na segunda ideia o que faltou na primeira. Na primeira adoração de José mostrou a baixa condição dos adoradores; na segunda, a alteza e lustre do adorado. No primeiro abatimento dos quatro metais da estátua mostrou a riqueza de umas monarquias e a fortaleza das outras; no segundo, dos quatro monstros, não mortos como os metais, senão vivos e feros, na vida mostrou-lhes a duração, e na fereza a tirania.

Parece-me, senhores, que me tenho declarado. Para não caberem as excelências do Rosário vocal em um só discurso bastava a insuficiência do pregador; mas não foi essa a principal causa, senão a eminência da matéria e sua grandeza. Quando o príncipe dos pregadores, S. Paulo, debaixo do nome de Deus desconhecido que os atenienses adoravam, lhes deu a conhecer a divindade e humanidade do Deus verdadeiro, disseram no Areópago aqueles que eram reputados pelos mais sábios homens do mundo: *Audiemus te de hoc iterum* (Act. 17, 32): Outra vez vos ouviremos sobre isto mesmo. – E como as coisas com excesso

grandes nem em Atenas se podem ouvir bastantemente de uma só vez, outra vez também me haveis de ouvir sobre o mesmo ponto, que não será em tudo dessemelhante ao de S. Paulo. Aquela devoção dos atenienses era tão comum e tão vulgar que o mesmo Apóstolo lhes disse que, passando por uma rua da sua cidade, vira o altar do Deus desconhecido com o título por cima: *Ignoto Deo* (Ibid. 23). Tão comum e tão vulgar é entre nós o Rosário! Mas hoje acabaremos de ver que não está ainda bem conhecido na nossa Atenas, e que lhe quadra em grande parte – posto que seja tão divino – o título de ignoto: *Ave Maria*.

III

O que diz o Rosário e o modo com que se diz. Importância do modo de dizer na promessa de Cristo aos apóstolos. As dificuldades do modo de dizer nos louvores e nas petições. Argumento: os excessos e defeitos das petições e louvores do Rosário.

Extollens vocem.

Na oração vocal do Rosário, ou no Rosário enquanto oração vocal, consideramos, se bem nos lembra, a alteza de sua perfeição, já por parte das petições que nela fazemos, já por parte das majestades a que as apresentamos, já por parte da intercessão de que nos valem; e nestas três considerações, em que toda se compreende, a mostramos, não só alta, senão altíssimamente levantada: *Extollens vocem*. E esta alteza altíssima pode-se ainda altear, e tem mais por onde subir? Sim. Porque no discurso passado ponderamos só o que diz o Rosário; hoje havemos de examinar o modo com que o diz. *Consummatae sapientiae est, quid quo insequareis modo*: A sabedoria perfeita e consumada – diz Santo Agostinho – não só consiste nas coisas que se dizem, senão no modo com que se dizem: não só no *quid*, senão no *quomodo*. – Este foi um dos maiores privilégios – se não foi o maior – que Cristo concedeu aos seus apóstolos. Quando fordes levados a juízo, diante dos príncipes e tribunais do mundo, em defesa da minha fé e da vossa doutrina, não nos canseis, diz o Senhor, em meditar nem estudar o que haveis de dizer, nem o modo com que o haveis de dizer, porque naquela hora vos será dado: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini: dabitur enim vobis in illa hora* (Mt. 10, 19). – Notai o *quid* e o *quomodo*, e primeiro o *quomodo* que o *quid*. Pois, não bastava que Deus infundisse naquela hora aos apóstolos a ciência das coisas que haviam de dizer, senão também o modo com que as haviam de dizer? Não bastava. Porque não só a inteligência, senão a mesma grandeza e energia das coisas que se dizem depende muito do modo com que se dizem. A razão deu em outro lugar o mesmo Santo Agostinho, tão douta e bem assentada como sua: *Parum et nimium duo sunt inter se contraria: parum est quod minus est quam oportet; nimium est quod plus est quam oportet: horum in medio modus est*. Quer dizer: o defeito e o excesso no dizer são dois contrários. O defeito diz menos do que convém, o excesso diz mais do que convém; e no meio destes dois extremos está o modo, o qual emenda o defeito para que não diga menos, e modera o excesso para que não diga mais.

Sendo esta, pois, a inteireza e perfeição do modo, não há duas coisas em que o mesmo modo seja mais dificultoso de se guardar, e em que tenha maior perigo de se perder ou perverter, que no louvor e no pedir. No louvar, por menos, porque de nenhuma coisa são mais avarentos os homens, que do louvor; e no pedir, por mais, porque de nenhuma são mais pródigos que do desejo de receber. E como os dois fins e intentos do Rosário vocal são louvar a Deus e à Mãe de Deus, e pedir mercês de ambos, este é o segundo ponto que pede novo discurso e novo exame. No primeiro ponderamos a alteza das vozes do Rosário no que dizem; agora examinaremos o fino ou afinado delas no modo com que o dizem. A muitos parecerá que em parte dizem mais, e em parte menos, que são os dois extremos entre os quais consiste o Modo, e a Cila e Caribdes, em que é difícil acertar com o meio; e a todos satisfaremos.

Cristo, Senhor nosso, para dizer mais do que disse ou exclamou a oradora do Evangelho, replicou sobre o que ela tinha dito, acrescentando ao *beatus venter* o *quinimmo beati* e o mesmo farei eu. Sobre todas as três considerações do discurso passado, arguirei e replicarei o que parece digno de reparo tanto por parte do defeito, como do excesso; e, assim como já vimos a alteza da oração vocal do Rosário, no que dizem as suas vozes, assim a veremos agora no modo com que o dizem. No que dizem, alta e altíssima sobre todas; no modo com que o dizem, alta e altíssima sobre si mesma. Em suma, que a mesma voz do Evangelho, que já ouvimos, é a que tornaremos hoje a ouvir, mas em diverso tom, porque será um ponto mais levantada: *Extollens vocem*.

III

Primeiro reparo: o modo tão nu e seco com que no Rosário invocamos a Deus. Confiança do Filho Pródigo no amor do pai. O acerto do título que damos a Deus, ensinado por seu próprio Filho. Muito deseja dar quem pede que lhe peçam. Deus fez que seu Filho se fizesse homem, para ter um Filho que, como homem, lhe pudesse pedir. A oferta limitada de el-rei Assuero à rainha Ester, e a oferta sem limites de Cristo no Padre-nosso. A herança do Filho de Deus. Por que alegamos de nossa parte o perdão dos inimigos?

Começando, pois, pela majestade a que presentamos nossas petições – que foi a primeira consideração do discurso passado – a primeira coisa também em que se pode reparar é o modo tão nu e seco com que no Rosário invocamos a Deus, dizendo somente: *Pater noster*, sem outra prefação nem aparato de exórdio. No exórdio das outras orações sempre a Igreja costuma alegar a Deus, ou os seus atributos, ou os seus benefícios, ou as nossas necessidades, ou, talvez, o nosso merecimento. Mas orar a Deus e pedir-lhe mercês, sem da sua nem da nossa parte alegar motivo algum com que conciliemos a sua benevolência e façamos propícia a sua graça? Bem mostra nisto a primeira oração do Rosário ser ditada pelo Filho de Deus, e ideia soberana de seu entendimento. Quando nos ensina a invocar a Deus, cala o nome de Deus e o de Senhor – que é o princípio ordinário das outras orações – cala os atributos da misericórdia e da bondade, cala os títulos de Criador, Redentor, Justificador, e tantos outros de que nos pudéramos valer, e só quer que lhe chamemos Pai. Por que? Porque esta alegação tão breve, tão simples, e ao parecer tão nua e desarmada, é a que mais significa, a que mais move, a que mais enternece o coração de Deus, e a que não pode resistir todo seu poder. Todas as outras alegações juntas não chegam a compreender nem exprimir o que diz esta palavra: Pai.

Desenganado o Pródigo, e cansado de servir o mundo com o pago que ele costuma dar, o que disse dentro em si, depois que tornou em si, foi: *Surgam, et ibo ad patrem meum* (Lc. 15, 18): Tempo é já de me levantar da miséria em que estou caído, quero-me ir para meu pai. – Para meu pai? – toma-lhe a palavra da boca S. Pedro Crisólogo, e argúi contra ele assim: *Ad Patrem meum? Qua spe? Qua fiducia? Qua confidentia?* A teu pai, dizes, filho ingrato, descomedido, perdido? A teu pai, dizes, a quem quiseste herdar antes da morte? A teu pai, a quem deixaste, e de quem fugiste, como se fora inimigo? A teu pai, a quem afrontaste com tantas vilezas, tão indignas da nobreza de teu nascimento? *Qua spe?* Como esperas que te há de reconhecer? *Qua fiducia?* Como crês que te há de admitir? *Qua confidentia:* Como confias que te não há de lançar de si? *Ea qua pater est* – responde o santo. A esperança com que isto espera, a fé com que isto crê, a confiança com que isto confia, não é outra, senão o ser pai. *Ea qua pater est.* É pai? Pois, ainda que o Pródigo não traga semelhança do que dantes era, há-o de reconhecer. E pai? Pois, ainda que seja indigno de entrar em sua casa, há-o de recolher. E pai? Pois, ainda que tenha faltado às obrigações do nascimento e do sangue, há-o de meter nas entranhas. É pai? Pois, ainda que tenha deixado de ser filho, ele não há de deixar de ser pai:

Ego perdidit quod erat filii, tu quod patris est non amisisti. – E uma causa tão contingente, tão improvável, tão desesperada, quem a há de vencer? Um advogado – diz Crisólogo – não estranho, nem de fora, senão tão natural e tão de dentro que o mesmo pai o tem no peito: *Apud patrem non intercedit extraneus: intus est in patris pectore ipse qui intervenit et exorat, affectus.* – E um advogado mudo, mas mais eloquente que Túlio nem Demóstenes; um advogado que, sem falar, ora; que, sem arrazoar, persuade; que, sem alegar, convence; que, sem interceder, consegue; que, sem rogar, manda; que, sem julgar, sentencia, e sempre absolve. E quem é, ou como se chama este advogado? Amor de pai: *Intus, intus est patris pectore, ipse qui intervenit et exorat, affectus.*

Mas donde concebeu aquele moço esta fé, e donde fundou em matéria tão duvidosa uma tão firme esperança? Fundou-a nas experiências passadas do mesmo amor, o qual em quem é pai não passa, nem se muda, nem enfraquece, sempre é o mesmo. Pedira ele ao pai que o herdasse em sua vida e lhe desse a parte dos bens que lhe pertencia ou havia de pertencer. E que fez o pai? Deu-lhe o que verdadeiramente ano devia, e fez, segundo parece, o que não devera. Porque a um moço tão inimigo da sujeição, tão apetitoso da liberdade, e de tão pouco juízo, e tão verde que, não levando em paciência a larga vida do pai, não soube dissimular a impiedade deste desejo, e porque não lhe podia apressar a morte, quis antecipar a herança, que outra coisa era meter-lhe nas mãos a fazenda, senão armá-lo contra a virtude e contra a honra, dar-lhe poder e matéria para os vícios, e pô-lo na carreira da perdição? Pois, se todas estas razões tinha o pai para lhe negar o que pedia, por que lhe fez a vontade em tudo? Porque era pai, diz o mesmo santo: *Patris est non negare.* O amor não sabe negar. – E porque o amor de pai é o maior amor, nem soube, nem pôde, nem teve coração para negar ao filho o que lhe pediu. E como ele tinha experimentado no amor do pai que não bastaram tantas razões para lhe negar o que então pedira, por isso também agora teve confiança que não seriam necessárias razões para lhe conceder o que esperava. Quem, tendo razões para negar, não negou, para não negar e conceder, não há mister razões. Como se dissera o moço, já sisudo e entendido: – Muita razão tem meu pai para me não admitir em sua casa; muita razão tem para me não ver nem consentir em sua presença; muita razão tem para me não conhecer, antes para me negar de filho; razão pelas minhas ingratidões, razão pelas minhas loucuras, razão pelas minhas vilezas, razão pelas minhas intemperanças; mas, sobre todas estas razões, está a razão de pai. Contra esta razão não há razão. E esta é a que me anima, esta a que me dá confiança: *Ibo, ibo, ad patrem meum.*

Agora nos digam todos os padres e expositores: este pai e este filho que são? O pai é Deus o filho somos nós. E, para que nós entendêssemos que a mais alta prefação e o mais sublime exórdio com que podemos invocar a Deus, e o mais eficaz motivo que lhe podemos propor, e a mais poderosa razão que lhe podemos alegar, e o mais amoroso título com que lhe podemos conciliar a graça e render o coração, é o título, o motivo e a razão de pai, por isso na primeira palavra do Rosário o invocamos com o nome de Pai, e não como nas outras orações com os soberanos títulos de Deus ou Senhor. Deus, como Deus, é misericordioso e justo: mas, como Pai, é misericordioso sem justiça; Deus, como Senhor, é poderoso para perdoar, e para castigar: mas, como Pai, poderoso para o perdão, e não para o castigo; como Deus e como Senhor, enfim, pode negar e pode conceder: mas, como Pai, só sabe conceder, não sabe negar: *Patris est non negare.* Sendo, pois, tantas e tão grandes as petições que no Rosário presentamos ao Consistório divino, acertado e acertadíssimo é o modo com que as fazemos, não debaixo dos títulos da majestade, senão do nome do amor, não como a Deus e Senhor, senão como a Pai. *Pater noster.* E para que saibamos a confiança com que devemos pedir a este soberano Pai, e o desejo que ele tem de lhe pedirmos, ouçamos ao mesmo Pai a maior coisa que se pode imaginar nesta matéria.

Fala Deus com seu próprio Filho, o Verbo Eterno feito homem, e diz assim: *Filius meus es tu; ego hodie genui te. Postula a me, et dabo tibi gentes haereditatem tuam* (Sl. 2, 7 s):

Sois meu Filho, porque vos gerei hoje: pedi-me a vossa herança, que são todas as gentes do mundo, e eu vô-la darei. – Três coisas quando menos dignas de grande reparo contêm estas profundas palavras. Se Deus gerou seu Filho ab aeterno, como diz que o gerou hoje: *Ego hodie genui te?* – Se diz que a herança é sua: *haereditatem tuam* – como quer que ele lha peça: *Postula a me?* – E se diz que lha dará: *Et dabo tibi* – por que lha não dá sem a pedir? Tudo são demonstrações de quanto Deus, como Pai, deseja dar. Muito deseja dar quem pede que lhe peçam. Nós somos requerentes de Deus, para que nos dê; e Deus é requerente nosso, para que lhe peçamos. Mas isto só o faz como Pai a filhos. O Filho que o Padre gerou *ab aeterno* era Filho a quem não podia dar, nem ele podia pedir, porque era Deus. Mas fez que esse Filho se fizesse homem. Para que? Para ter um Filho que, como homem, lhe pudesse pedir, e a quem ele; como Pai, pudesse dar. A ele deu-lhe a herança como a Primogénito, e a nós também no-la quer dar como a filhos segundos, mas com a mesma condição de que a peçamos. E não fora maior liberalidade dar sem esta condição, e sem esperar que pedíssemos primeiro? Não. Porque quer dar de tal modo, que não só satisfaça a sua vontade senão também o nosso desejo. Quem me dá o que não peço, mede a dádiva pela sua vontade; quem me dá o que peço, mede-a pela minha. Mais faz Deus. Mede pela minha vontade a sua, que é medida sem medida, porque quer, e se obriga a querer quanto eu pedir. Por isso quis o soberano Pai que pedíssemos, e por isso nos ensinou o Filho este modo de pedir a seu Pai.

El-rei Assuero ofereceu à rainha Ester que pedisse o que quisesse; mas esta largueza, ou de liberalidade, ou de amor, quando cuidou que a estendia então a limitou, porque dizendo: *Quid vis?* – acrescentou: *Etiam si dimidiam partem regni petieris, dabitur tibi* (Est. 5, 3): que ainda que pedisse a metade do seu reino, lho daria. – Pouco dá, e pouco quer, quem do que tem e do que pode oferece só a metade. Não assim o Pai a quem pedimos, porque uma só partida do que quer que lhe peçamos nesta mesma oração do Padre-nosso não é a metade do seu reino, senão todo: *Adveniat regnum tuum* (Mt. 6, 10). Assuero era rei e esposo: enquanto rei, falou nele a liberalidade, e enquanto esposo o amor; e é tanto maior em Deus a liberalidade e amor de Pai que, quando a liberalidade de rei e o amor de esposo não chega mais que a prometer a metade do reino, a liberalidade e amor deste soberano Pai não dá menos que todos. E notai que, quando lhe pedimos o reino, não dizemos que nos dê o seu reino, senão que o seu reino venha a nós. Por que? Porque pedimos como filhos a Pai, e o reino do Pai vem aos filhos. Esta é a razão porque diz o Pai que dará a sua herança ao Filho: *Dabo tibi haereditatem tuam*. A herança vem aos filhos, não lha dão os pais; pois, por que diz este Pai que dará ao Filho a sua herança? Porque é Pai imortal. Quando os pais são mortais, a herança é pura herança, e vem por morte dos pais aos filhos. Mas quando o Pai é imortal, como Deus, a herança dos filhos é herança com propriedade de doação intervivos, e a doação do Pai é doação com propriedade de herança. Com propriedade de herança, porque de direito vem aos filhos; e com propriedade de doação, porque verdadeiramente a dá o Pai: *Dabo tibi haereditatem tuam*.

Só resta dentro no mesmo Padre-nosso uma objecção que, parece, desfaz claramente o que até agora dissemos. Dissemos que não alegamos a Deus outro título, nem outro motivo, nem outra razão da sua ou da nossa parte, senão somente o ser Pai; e na mesma oração do Padre-nosso pedimos a Deus que nos perdoe, assim como nós perdoamos; logo, ainda que da parte de Deus só lhe representamos o ser Pai, da nossa parte alegamos o perdão dos inimigos, que não é pequeno nem fácil merecimento. Tão fora está isto de ser objecção, que antes é maior confirmação do que digo. Supor o perdão dos inimigos não é alegação, é justificação. Ora vede. Para pedir aos príncipes da terra, não é necessário justificar primeiro o que na petição se alega? Sim. Pois, do mesmo modo, para pedir a Deus, a quem só alegamos o ser Pai, é necessário justificar também que ele verdadeiramente é Pai nosso, e nós filhos seus. E esta justificação só se prova com o perdão e amor dos inimigos. O mesmo Cristo o disse: *Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos, ut sitis filii Patris vestri, qui in caelis*

est (Mt. 5, 44 s): Amai a vossos inimigos; e fazei bem aos que vos querem mal, para que sejais filhos do vosso Pai, que está no céu. – De vosso Pai que está nos céus, diz, assim como nós dizemos: *Pater noster, qui es in caelis* (Mt. 6, 9). – E esta é a razão por que em toda a oração do Padre-nosso, e em todo o Rosário, nenhuma outra coisa ou acção nossa deduzimos ou supomos, senão o perdão dos inimigos somente: *Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris* – porque o nosso intento não é alegar algum título de merecimento da nossa parte, senão só justificar que Deus, a quem invocamos como Pai, verdadeiramente é Pai nosso, para que as petições que debaixo deste nome se seguem fiquem correntes e não saiam escusadas. Oh! que boa advertência esta para todos os que rezam o Rosário! Quando começam dizendo *Pater noster*, suponham que o primeiro despacho é: justifique; e, se justificarem com o perdão e amor dos inimigos que estão em estado de filhos, então esperem confiadamente, que o Pai do céu que invocam lhes concederá tudo o que pedem.

IIV

Segundo reparo: por que Cristo, dando o modo e a forma com que havemos de orar, diz que oremos dizendo Padre-nosso, e não Pai meu? A nobreza de nascimento e a paternidade de Deus. Alexandre Magno, filho de Júpiter. Se Cristo nos diz que não chamemos pais aos pais da terra, que vêm logo a ser os que chamamos pais? Isaías e a diferença entre o Pai-Deus e os pais-homens. A nobreza de ser filho de Deus. S. Pascásio contra os idólatras da vaidade. O escrúpulo dos filhos de Jacob. Guardem-se de dizer a Deus Padre-nosso, os que se estimam por mais nobres que os pequenos.

Esta é a primeira parte do modo com que presentamos nossas petições à majestade divina, não como a Deus, nem como a Senhor, senão como a Pai. A segunda parte, e não menos excelente, é que lhas não presentamos só como a Pai, senão como Pai nosso: *Pater noster*. O em que aqui reparo é em dizermos nosso, e não meu. Funda-se a dúvida não menos que nas palavras do mesmo Cristo quando ensinou o Padre-nosso, que são estas: *Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, et clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito; et Pater tuus, qui videt in abscondito, reddet tibi* (Mt. 6, 6): Tu, quando orares, entra no aposento mais secreto da tua casa, e com a porta fechada ora a teu Padre, e teu Padre, para cuja vista não há lugar oculto nem escondido, te dará o que lhe pedires. – Pois, se o mesmo Cristo uma e outra vez chama ao Padre, não nosso, senão meu: *Patrem tuum* e *Pater tuus* – por que razão, continuando o mesmo texto, e dando o modo e a forma com que havemos de orar, diz que oremos dizendo Padre-nosso: *Sic ergo vos orabit: Pater noster, qui es in caelis* (Mt. 6, 9) – Deus é Pai nosso e de todos, porque é Pai de cada um; pois, se é Pai de cada um, por que não dirá cada um quando ora Pai meu, senão Pai nosso? Que digamos Pai nosso quando oramos em comum, assim pede a mesma comunidade que seja; mas quando ora um só em particular, por que não há de dizer Pai meu? Porque Deus, que assim o mandou, quer que oremos deste modo. Quer que em comum e em particular digamos sempre Pai nosso, para que, em comum e em particular, nos lembremos sempre que todos somos filhos de mesmo Pai: *Ut nemo applaudat sibi de notabilitate generis: omnes enim filii Dei sumus* – comenta Hugo Cardeal. Quer e manda Cristo que nos lembremos, quando oramos, que somos filhos do mesmo Pai-Deus, porque não haja algum tão ignorante, ou tão desvanecido, que pela chamada nobreza de sua geração cuide que é melhor ou mais honrado que os outros. Oh! que altíssimo ponto este, e mais para os vossos pontos! Dizei-me, senhores, os que vos tendes por tais: quando tomais o Rosário na mão, e trazeis entre os dedos esta primeira conta, dizendo Padre-nosso fazeis a conta que Deus quer que façais, sem diferença de vós a qualquer outro homem?

Dir-me-eis que Deus não vos manda desconhecer a vossa qualidade, nem negar a vossa nobreza, e que, se todos somos iguais em ter a Deus por Pai, vós tendes de mais a nobreza dos

pais de que nascestes, e que esta vos distingue e desiguala dos outros homens, e vos faz de melhor e muito superior condição. A resposta é muito própria do vosso entendimento, mas não muito digna da nossa fé. E esses pais, ainda que fossem reis e imperadores, podem entrar em consideração para fazer diferença com quem tem a Deus por Pai? Quisera chamar a isto gentilidade, mas nem a resposta merece tão pequena censura, nem os gentios tamanha afronta. Gentio era Alexandre Magno, e, soberbo com os sucessos daquela sua grande fortuna, querendo ser tido e adorado por Deus, que fez? Intitulou-se filho de Júpiter, e mandou que ninguém dali por diante o nomeasse por filho de Filipe. E este Filipe, quem era? Não só era rei de Macedónia, mas o mais insigne rei que os macedónios nunca haviam tido; grande amplificador do seu império, famoso conquistador de muitos reinos e províncias, e tão celebrado por seus heróicos feitos em armas, que o mesmo Alexandre invejava suas vitórias e as festejava com lágrimas. Pois, de um rei tão grande, tão poderoso, tão temido e respeitado na Grécia, tão famoso e celebrado em todo o mundo, se despreza Alexandre de ser filho, e não quer ser conhecido nem nomeado por tal? Sim. E obrara muito contra a razão se assim o não fizera quando se intitulava filho de Júpiter. Quem se chama filho de Júpiter, e tem a Júpiter por pai, todos os outros títulos que por qualquer via lhe compitam, por maiores e mais reais que sejam, mais são para o desprezo que para a estimação, mais para o esquecimento que para a memória, mais para o silêncio que para a jactância. Até entre os gentios, e no gentio mais soberbo, quem tem a Deus por Pai não toma na boca outros pais. E se isto era conforme à razão, onde o Deus-pai era tão falso pai como falso Deus, que será onde o verdadeiro Deus é o verdadeiro Pai? Não só é falta de fé, senão de entendimento e juízo.

Mas, vamos à fé, e ouçamos o que ensina sobre este ponto o mesmo Mestre divino, autor do Padre-nosso e comentador dele: *Patrem nolite vocare vobis super terram: unus est enim Pater vester, qui in caelis est* (Mt. 23, 9): Não queirais – diz Cristo – chamar pais aos da terra, porque só tendes um Pai, que está no céu. – Grande e admirável sentença, e que, parece, diz mais do que diz, dizendo muito mais do que parece. Cristo, que isto ensina, não é o mesmo Deus que nos manda honrar os pais? Sim. Pois, se os manda honrar, como diz que lhes não chamemos pais? Havemos de lhes dar a honra, e tirar-lhes o nome? Assim o mostra a razão que o mesmo Senhor acrescenta: *Unus est enim Pater vester, qui in caelis est*: Não chameis pais aos da terra, porque só o do céu é vosso Pai. – Logo, se só o do céu é nosso Pai, a ele só devemos dar o nome de Pai, e a nenhum outro. E se não pergunto: muitos que puderam ser pais, e o desejam ser, por que o não são? Porque Deus, como respondeu Jacob a Raquel, é o que dá os filhos, e também para que esses mesmos que não são pais conheçam que o ser que têm o não devem a seus pais, senão a Deus. Que vêm logo a ser os que chamamos pais, pois não são eles, senão Deus o que nos dá o ser? Vêm a ser uma estrada geral, ordenada pelo mesmo autor da natureza, por onde passa o ser que ele nos dá. Profunda e elegantemente S. João Crisóstomo: *Non initium vitae habemus a parentibus, sed transitus vitae per eos accipimus*: O princípio do ser que temos não sai nem vem dos pais, porque todos o recebemos de Deus, passado somente por eles: *Sed transitus vitae per eos accipimus*. – Vem a ser propriamente o nosso ser como as águas que enchem e fazem os rios. O Nilo ou o Tejo não devem as suas correntes às terras por onde passam, senão à fonte donde nasceram. Assim nós entramos neste mundo passados pelos pais da terra, ou pela terra dos pais; a fonte, porém, donde trazemos o ser é só o Pai do céu: *Unus est enim Pater vester, qui in caelis est*. – Oh! que alto nascimento, e que grande obrigação, mas que mal guardada! Por isso, em vez de sabermos à fonte, sabemos à terra.

Ainda sondou este pego, e lhe achou maior fundo o profeta Isaías. Fala em nome do povo de Israel, e pede a Deus que use com ele de suas antigas misericórdias, de que, parece, estava esquecido, e alega desta maneira: *Tu enim Pater noster, et Abraham nescivit nos, et Israel ignoravit nos* (Is. 63, 16): Porque vós, Senhor, sois nosso Pai, e Abraão e Jacob não nos conheceram. Todo aquele povo de nenhuma coisa mais se prezava que de serem filhos de

Abraão e Jacob; pois, como agora dizem que só Deus é seu Pai, e não Abraão nem Jacob, e a razão com que o provam é que nem Abraão nem Jacob os conheceram: *Abraham nescivit nos, et Israel ignoravit nos?* – Falou Isaías altíssimamente, e alegou a maior e mais interior diferença que há entre o Pai Deus e os pais-homens. Deus conhece aqueles a quem dá o ser: os homens, ainda que lho dessem, não os conhecem. Conhecem os filhos depois de nascidos, mas antes de gerados não; e quem me faz o benefício sem me conhecer, não mo faz a mim, pouco lhe devo; não foi eleição, foi caso. Tanto assim que por isso nascem a muitos pais tais filhos que antes tomaram que não fossem seus. E como Abraão e Jacob não conheciam os filhos que deles nasceram, e Deus sim, essa é a diferença altíssima por que alega Isaías que só Deus é o seu Pai, e não Abraão nem Jacob. Logo, do mesmo modo também nós só devemos reconhecer por pai ao Pai do céu, que nos deu o ser e nos conheceu, e não chamar pais aos da terra, que nem no-lo deram nem nos conheceram; e isto é o que soam as palavras de Cristo: *Patrem nolite vocare vobis super terram: unus est enim Pater vester, qui in caelis est.*

Por isso eu disse que esta sentença parecia que diz mais do que diz, dizendo mais do que parece, como agora veremos. Não diz Cristo, Senhor nosso, nem quer dizer que neguemos aos que nos geraram o nome de pais; só diz, e só quer dizer, que esses pais não os tragamos sempre na boca, como muitos fazem, prezando-se e jactando-se deles, e cuidando que por este acidente, que não é da natureza, senão da fortuna, são melhores e mais honrados que os outros homens. A demonstração com que o Senhor convence a vaidade deste pensamento é manifesta: *Unus est enim Pater vester, qui in caelis est.* – Não vos jacteis dos pais da terra, porque o vosso Pai do céu é um só. – São três razões em três palavras: por ser Pai, por ser do céu, por ser um. Se é Pai que verdadeiramente vos deu o ser, por que vos haveis de prezar dos que chamais pais, e vo-lo não deram? Se é do céu, e é Deus, por que vos não haveis de gloriar mais de ser seus filhos, que dos pais da terra, que são homens? E se é um só Pai de todos, por que vos não haveis de estimar e honrar todos com amor e igualdade de irmãos? Esta última é a principal consequência que o Senhor pretendeu persuadir, porque a inferiu tendo dito: *Omnes autem vos fratres estis.* Pois, se todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai, e tal Pai, que fundamento tem ou pode ter a soberba, para um cristão desprezar a outro cristão, e se reputar ou inchar de mais bem nascido? Responde a mesma soberba que, se o Pai do céu é um, os pais da terra são muitos, e de mui diferentes fortunas, como se Cristo, que disse: *Unus est Pater vester* – não soubera esta distinção. Mas nenhum caso fez dela, porque todas essas fortunas, nem por altas, nem por baixas, podem acrescentar ou diminuir nobreza em quem é filho de Deus. Ponde em uma balança de uma parte a Deus só, e da outra a Deus e todo o mundo, e perguntai a Santo Tomás qual pesa mais? Tanto pesa uma como outra: porque todo o mundo e mil mundos juntos a Deus, em respeito de Deus só, nem acrescentam peso, nem fazem maioria. O mesmo passa no nosso caso. Tanta nobreza é ser filho de Deus somente, como ser filho de Deus e do maior monarca do mundo. Tão nobre é João, filho de Deus e de um pescador, como o imperador Arcádio, filho de Deus e de Constantino Magno. Cuidar alguém o contrário, não só é ignorância e loucura, mas falta ou desprezo da fé.

Ouçam a S. Pascásio estes idólatras da vaidade: *Si vera fide haec paternitas veneraretur et amaretur, nunquam fraternitas carnis amplius valeret apud aliquos, sed praeferrent nobilitatem ex Deo, darentque operam, ne degeneres existerent, et tanto parente indigni propter vetustatem carnis:* Se os cristãos creram com verdadeira fé, e estimaram como devem o que é ter a Deus por Pai, de nenhum modo desprezariam aos que, por este soberano parentesco, são seus irmãos; mas, porque muito se prezam mais da geração dos pais da terra, por isso são e se fazem indignos de ser filhos do Pai do céu. De sorte que desses que vós desprezais é Deus Pai, e vós, porque os desprezais, deixais de ser filhos. É Pai seu, mas não é Pai vosso. Então, ouvir a estes rezadores cegos com o Rosário na mão: *Pater noster, qui es in caelis* – desprezando eles no mesmo tempo aos filhos do mesmo Pai! Isto não é rezar o Padre Nosso, é brasonar os padres vossos. É ofender, é injuriar, é afrontar o Pai do céu, pois vos

prezais mais dos pais da terra. Se o fim por que Cristo nos ensinou a dizer *Pater noster* foi para todos, como filhos do mesmo Pai, nos estimássemos e honrássemos como irmãos, os que os não tratam nem estimam como tais, como podem dizer Padre nosso? Não podem. E vede se o provo. Morto Jacob, vieram a José seus irmãos, e disseram-lhe desta maneira: *Pater tuus praecepit nobis antequam moreretur, ut haec tibi verbis illius disceremus: Obsecro ut obliviscaris sceleris fratrum tuorum, et peccati atque malitiae quam exercuerunt in te* (Gen. 50, 16 s): Vosso pai, antes de morrer, nos mandou vos disséssemos em seu nome que ele vos rogava muito vos não lembrásseis do mal que vos tinham tratado vossos irmãos, e lhes perdoásseis. – Reparai, se já não tendes reparado, na palavra *pater tuus*, vosso pai. Jacob igualmente era pai de José, e de todos os outros irmãos que lhe davam o recado em seu nome pois, se era pai de José, e também pai seu deles, por que não dizem nosso pai, senão vosso pai: *pater tuus*? Porque estes mesmos irmãos tinham tratado a José tão indignamente, como sabemos; e irmãos que não estimam nem honram a seus irmãos como devem, ainda que sejam filhos do mesmo pai, não podem chamar a esse pai pai nosso. Por isso não disseram *pater noster*, senão *pater tuus*.

Oh! soberba! Oh! pouca cristandade! Oh! falta grande de fé! Oh! ignorância intolerável da lei e verdade que professamos! Os grandes, que se estimam por mais nobres que os pequenos, os senhores, que se têm por mais honrados que os seus escravos, os mesmos reis, que cuidam que são melhores que o menor de seus vassalos, guardem-se de dizer a Deus Padre nosso. Se querem que Deus se não ofenda, e os ouça, desçam-se primeiro desse pensamento, que na maior alteza é altivo, reconheçam a todos por irmãos e por seus iguais na nobreza, como filhos do mesmo Pai, porque este é o foro em que Cristo nos igualou a todos, quando a todos, sem diferença, nos mandou dizer: *Pater noster*. E por que não pareça que ao menos os reis, pela soberania do seu estado, podem ser excepção desta regra, ouçam o que pregava S. João Crisóstomo aos imperadores em Constantinopla, explicando-lhes o Padre-nosso, e ensinando-os como o haviam de dizer: *Unam regis cum paupere aequalitatem honoris ostendit; cunctis enim unam, atque eamdem nobilitatem donavit Deus, cum dignatus est Pater omnium vocari*: Quando Deus nos concedeu a todos que igualmente o invocássemos com nome de Pai nosso, juntamente nos deu tal igualdade de honra e de nobreza a todos, sem diferença alguma, que tão nobre e tão honrado é o pobre que pede esmola pelas portas, como o rei que esta assentado no trono e com a coroa na cabeça: *Unam regis cum paupere aequalitatem honoris ostendit: unam eamdemque nobilitatem cunctis donavit*. – Para que, finalmente, se veja se foi altíssimo modo de orar o com que Cristo ajuntou o *noster* ao *Pater*, pois, sem abater a alteza dos príncipes soberanos, a que o mundo chama baixeza, levantou e sublimou a mesma baixeza à igualdade dos mesmos príncipes, e tudo isto com uma só palavra: *noster: Extollens vocem*.

IV

Segunda consideração: as petições que fazemos a Deus. Pedir que seja feita a vontade de Deus assim na terra como no céu, e pedir o impossível? A esta objecção responde-nos o mesmo Mestre Divino, exortando-nos a que sejamos perfeitos como o Padre celeste e perfeito. Diferença entre fazer Deus a sua vontade, e ser feita a vontade de Deus. Em que há de ser feita a vontade de Deus? A vontade de Deus mais áspera de sofrer e de mais dificultosa conformidade. Como aceitam os anjos no céu as vontades de Deus? Em que consiste a semelhança civil da terra com o céu? Cristo, no Padre-nosso, não só nos ensinou o fazer a sua vontade, senão também o modo de a fazer.

Passando à segunda consideração, que é das petições que fazemos a Deus, nelas mais claramente ainda parece que excedemos o equilíbrio ou meio proporcionado e justo em que

consiste o modo, porque em umas pedimos muito mais e em outras muito menos do que devemos pedir.

Quanto às primeiras, seja exemplo aquela que compreende a todas, na qual pedimos a Deus que seja feita a sua vontade assim na terra como no céu; e este modo de pedir, quem não vê que é fora de todo o modo? Se disséramos somente: *Fiat voluntas tua* – e paráramos ali, entender-se-ia que desejávamos e pedíamos a Deus que se fizesse a sua vontade na terra, segundo a fraqueza da terra de que somos compostos, e segundo o estado da terra em que vivemos ou em que lutamos dentro e fora de nós, com as misérias da mesma vida; porém, dizer e acrescentar que seja feita a vontade de Deus *sicut in caelo, et in terra* (Mt. 6, 10): assim na terra como, no céu – é pedir o que se não pode pedir, nem se pode desejar, nem pode ser. O céu não só é incapaz de pecado, mas nem ainda da menor imperfeição; todos lá fazem a vontade de Deus perfeitissimamente, vendo ao mesmo Deus, e revendo-se na mesma vontade, e esta é a melhor parte da sua mesma bem-aventurança. Pelo contrário, na terra, nem ainda os maiores santos e confirmados em graça estão livres de imperfeições e de alguns pecados leves, próprios da fragilidade humana, por onde disse S. João, sendo, ele o que mais amou e o mais amado de Cristo: *Si dixerimus quoniam peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, et veritas in nobis non est*. A razão desta diferença é porque Deus no céu é amado por vista, na terra é amado por fé, e a vista necessita a vontade, a fé deixa livre o alvedrio. Logo, se na terra nem se faz, nem se pode fazer a vontade de Deus, como no céu, pedir que se faça na terra como no céu e pedir o impossível.

A esta objecção só pode satisfazer o mesmo Mestre divino, que nos ensinou a dizer *sicut in caelo, et in terras* e responderá a um *sicut* com outro *sicut*. Exortando-nos Cristo, Senhor nosso, à perfeição que deseja nos observadores da sua lei, diz que sejamos perfeitos assim como o Padre celestial é perfeito: *Estote ergo perfecti, sicut et Pater vester caelestis perfectus est* (Mt. 5, 48). Já vedes como um *sicut* responde ao outro. Mas, se a perfeição do Eterno Padre é infinita e imensa, e a nossa, ainda que fôssemos anjos, por mais alta e excelente que seja, sempre é de criaturas, e, por isso, finita e limitada, como nos propõe o Senhor por exemplar de nossas acções, não outra perfeição menor, senão a do mesmo Padre, e diz que sejamos perfeitos como ele é perfeito? Porventura houve jamais ou é possível haver criatura que possa chegar, nem de muito longe, não digo à igualdade, mas nem ainda à semelhança de tão inacessível perfeição? Claro está que é impossível; mas propõe-nos Cristo um exemplar impossível, quando nos exorta à imitação dele, para que, aspirando ao impossível, venhamos a conseguir o possível. Bem sabe o soberano Artífice que nos fez o que podemos com sua graça, e por isso nos exorta ao que não podemos, para que cheguemos ao que podemos. E se isto tem lugar na comparação do homem a Deus: *sicut Pater vester* – quanto mais na comparação da terra ao céu: *sicut in caelo, et in terra*? O que importa é que nós digamos de veras: *Fiat voluntas tua*.

Não falta, porém, quem argua esta petição ao menos de supérflua e ociosa. Deus, assim no céu como na terra, sempre fez, e faz, e há de fazer o que quer: *Omnia quaecumque voluit Dominus fecit, in caelo et in terra* – logo, supérflua coisa é, inútil e ociosa, pedir a Deus que faça a sua vontade, pois ele há de fazer sempre, ainda que nós não queiramos nem lhe peçamos que a faça. Muito me admira que tenha grandes autores esta réplica, e tão grandes, que por sua autoridade os não nomeio. Nós não pedimos a Deus que faça a sua vontade: pedimos-lhe que seja feita: *Fiat voluntas tua*. – E que mais tem ser feita a vontade de Deus que fazer Deus a sua vontade? Muito mais. Porque o que não pode fazer a vontade de Deus fazendo, faz sendo feita. E pensamento profundíssimo de S. Bernardo, e o prova com a criação e bem-aventurança dos anjos: *Voluntas Domini, quae prius angelos creavit, faciens eosdem, postmodum in eis facta beavit*: A vontade de Deus, que, fazendo os anjos, os fez anjos, sendo feita neles, os fez bem-aventurados. – De sorte que a vontade de Deus, fazendo, pôde fazer anjos; mas, fazê-los bem-aventurados, não o pôde fazer fazendo, senão sendo feita:

Faciens creavit angelos, facta beavit. – A razão é porque, para uma criatura racional ser, é necessário que a vontade de Deus a faça; mas, para ser bem-aventurada, é necessário que ela faça a vontade de Deus. Criou Deus no céu a Lúcifer e criou a Miguel que foram as duas obras da mão divina as mais nobres, as mais excelentes, as mais parecidas com seu próprio Artífice, e as mais enriquecidas de todos os dotes e graças da natureza, que no teatro das jerarquias se extremaram sobre todas. Isto fez a vontade de Deus fazendo. E sendo feita, ou não feita, que fez? Não sendo feita, fez que Lcifer, que havia de ser bem-aventurado, fosse o maior demónio; e, sendo feita, fez que Miguel, que também pudera ser demónio, fosse o maior bem-aventurado. Por isso pedimos a Deus, não que faça a sua vontade, senão que seja feita: *Fiat voluntas tua.*

E em que há de ser feita, ou em que pedimos que seja feita a vontade de Deus? Este é o ponto mais subido desta altíssima petição. Pedimos que seja feita a vontade de Deus em tudo quanto Deus quer ou pode querer, sem excepção, sem limite, sem réplica. No particular e no comum; no próprio e no alheio; no próspero e no adverso; no presente e no futuro; no temporal e no eterno. S. Paulo distingue na vontade de Deus três vontades: uma boa, outra melhor, outra perfeita: *Quae sit voluntas Dei bona, et beneplacens, et perfecta.* Com a vontade boa quer Deus o que manda; com a vontade melhor quer o que aconselha; com a vontade perfeita quer o que nem aconselha, nem manda, mas, ou o executa por si, ou o permite por outros; e a todas estas vontades se sujeita, e com todas se conforma quem diz: *Fiat voluntas tua.*

Na lei velha só um homem achou Deus que fizesse todas as suas vontades, que foi David: *Inveni virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.* Na lei da graça quer Deus que todas as suas vontades as façamos todos. Todos e todas por árduas, por dificultosas, por encontradas que sejam. Uma vez quer Deus o gosto, outra o desgosto; uma vez quer a riqueza, outra a pobreza; uma vez a honra, outra a afronta; uma vez o aplauso, outra a perseguição; uma vez a bonança, outra a tempestade; uma vez a fortuna, outra a fome; uma vez a saúde, outra a doença; uma vez a vida, outra a morte. E assim como todos estes encontros se conciliam na vontade de Deus, donde saem, assim quer se recebam sem repugnância na nossa, onde todos se aceitam. Se sois pai, e quer Deus tirar-vos o filho mais amado, como Isaac a Abraão: *Fiat voluntas tua.* – Se sois esposo, e vos quer Deus levar a companhia mais estimada e a prenda mais querida, como Raquel a Jacob: *Fiat voluntas tua.* – Se sois rei, e vos quer Deus privar da própria coroa, e pelo instrumento mais injusto e mais ingrato, como a David por Absalão: *Fiat voluntas tua.* – Se sois valente e famoso nas armas, antes, o milagre da valentia, e vos quer Deus entregar fraco, manietado e afrontado nas mãos de vossos inimigos, como Sansão: *Fiat voluntas tua.* – Se sois, finalmente, homem, e muito grande no mundo, e não só vos quer Deus tirar o poder, a grandeza e a majestade, senão a mesma figura humana, e uso dela, e que pasteis entre os brutos, como Nabucodonosor: *Fiat voluntas tua.*

Pode Deus ainda querer mais? Sim, pode. Pode querer que todos esses trabalhos, todas essas penas, todas essas dores que, divididas, atormentariam mortalmente muitos homens, se ajuntem todas em vós; e padecendo essa vida pior que a morte, ou vivendo essa morte bastante a tirar mil vidas, que haveis de fazer ou dizer? *Fiat voluntas tua.* Outros, creio, se contentariam com isto, e parariam aqui; mas para mim ainda entre as vontades de Deus há uma que mais fere e mais penetra o coração, mais rigorosa e mais áspera de sofrer, e de mais dificultosa conformidade. E qual é? A que Judas Macabeu antepôs à vida, e julgou por mais dura de tolerar que a morte: *Melius est nos mori in bello, quam videre mala gentis nostrae* (1 Mac. 3, 59): Melhor é – disse aos companheiros – morrer na guerra, que viver e ter vida nem vista para ver os males e calamidades da pátria, e as afrontas e abatimentos da nossa nação. – Oh! ânimo verdadeiramente leal, fiel, generoso, heróico! Mas, se suceder, e Deus quiser que a pátria se abraze, como Tróia, que se confunda, como Babilónia, que se subverta, como Nínive,

que não fique nela pedra sobre pedra, como Jerusalém, e que se sepulte uma, duas e três vezes debaixo de suas ruínas, como Roma, ainda no tal caso, responde o generoso macabeu, não desmaiara nem cairá o meu coração, porque ficará em pé a vontade divina: *Sicut autem fuerit voluntas in caelo, sic fiat.*

Tanto como isto quer dizer, e tanto como isto dizemos no Padre-nosso quando dizemos: *Fiat voluntas tua.* Mas ainda não chegamos mais que à metade da petição. E bastará que todos estes males, todas estas calamidades particulares e públicas, nossas e de todos, as levemos com paciência, as soframos com constância, as aceitemos com conformidade na vontade de Deus? Não basta, porque ainda quer e diz mais o mesmo Deus: *Sicut in caelo, et in terra:* A minha vontade há-se de fazer ou ser feita na terra, assim como se faz e é feita no céu. – Como se vêem desde o céu, e como se recebem e aceitam lá todas essas calamidades do mundo? Não só com perfeitíssima conformidade, senão com suma alegria. Rebelou-se Lúcifer no céu, e levou consigo ao inferno toda a sua parcialidade dos espíritos apóstatas. E que sentimento causou nos outros anjos a infelicidade de tão estranha e universal ruína? Todas as três jerarquias ficaram desfeitas, e todos os nove coros diminuídos, não menos que na terceira parte; mas na glória e alegria dos anjos obedientes à vontade divina, nenhuma diminuição nem mudança houve: tão gloriosos e tão alegres continuaram a cantar os louvores de Deus, como agora o fazem e farão eternamente. Como Eva, pecou Adão, e foram ambos lançados do paraíso da terra, criado para restauração das cadeiras do céu; e os anjos da guarda, particularmente do mesmo Adão e da mesma Eva, que demonstração fizeram por aquela desgraça? Se eles não foram os mesmos querubins, que com montantes de fogo lhes proibiam a entrada do paraíso, tanta foi a alegria em que perseveraram na perda dos seus recomendados, como se eles se tiveram conservado na felicidade em que lhes foram entregues. Todos os reinos e impérios, como consta do profeta Daniel, têm seus anjos tutelares, que os assistem, governam e defendem. Passou, pois, o império dos assírios aos persas; e que fez o anjo tutelar dos assírios? Passou o império dos persas aos gregos; e que fez o anjo dos persas? Passou o império dos gregos aos romanos; e que fez o anjo dos gregos? Passa, finalmente, o império dos romanos – que ainda se não sabe para onde – não aparecendo já dele mais que a sombra, nem se ouvindo mais que o nome, e que fez o anjo dos romanos? Todos se alegram igualmente nestas ruínas, como se alegravam no maior auge de suas felicidades, porque na vontade de Deus, a quem estão vendo, vêem também todo o motivo da sua perpétua alegria. Maior caso ainda. Todas as espécies de criaturas que nascem, ou vivem, ou se movem, ou se não movem na terra, têm seus anjos particulares, a quem incumbe o cuidado de sua conservação. Mandou Deus sobre o mundo o dilúvio universal, em que todos os homens pereceram, e todas essas criaturas se destruíram; e quando parece que só os anjos da guarda de Noé e seus filhos haviam de ficar triunfantes e alegres, e todos os mais desconsolados e tristes, tão universal foi a alegria em todos os anjos, como o castigo em todos os homens. Não vos parece muito tudo isto, e mais que muito? Pois nada tenho dito até agora. Padece Cristo os maiores tormentos e afrontas, morre, finalmente, pregado em uma cruz, e, posto que o céu, por esta parte inferior, se cobriu de luto, eclipsando-se o sol, na parte de cima, que é a do empíreo, que sentimento fizeram os anjos vendo morrer a seu Deus? Oh! assombro! Oh! prodígio nunca imaginado da conformidade com a vontade divina! Morre Deus, e sendo os anjos as criaturas que melhor entendem e mais o amam, nem por um só momento cessaram então as festas e cantares dos mesmos anjos, tão alegres na morte de seu Criador como no seu nascimento, tão alegres no seu enterro, como na sua ressurreição.

Isto é, nem mais nem menos, o que significa no Padre-nosso, sobre a primeira parte da petição: *Fiat voluntas tua* – a segunda é mais sublime: *Sicut in caelo, et in terra.* – Se tudo quanto acontece ou pode acontecer no mundo, por adverso, por terrível, por lastimoso e triste que seja, nenhum abalo faz no céu, e não só se aceita lá sem dor, senão com igual e constante alegria; o mesmo professamos nós, e para o mesmo nos oferecemos a Deus, se com verdade

lhe dizemos que seja feita a sua vontade assim na terra como no céu. Tanto assim, diz S. João Crisóstomo, que, por força destas palavras, nos manda Cristo que antes de irmos ao – céu tragamos o céu a nós, e façamos da terra céu: *Antequam ad caelum perveniatur, ipsam terram jussit fieri caelum, per hoc quod dicit; Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra.* – E por que não pareça este pensamento demasiadamente encarecido, ainda tenho em prova dele outro melhor autor e outro melhor João que Crisóstomo. S. João Evangelista, no seu Apocalipse, diz que viu um céu novo e uma terra nova, e que a cidade do céu descia à terra: *Vidi caelum novum et terram novam, et sanctam civitatem Jerusalem novam descendentem de caelo.* Mas, como pode isto ser? Há Deus de mudar a architectura e fábrica do céu e da terra, e trocar-lhes os lugares? Não, dizem todos os expositores, e o puderam provar do mesmo texto, porque, quando S. João viu descer o céu à terra, não lhe chama céu, senão cidade : *Vidi civitatem* – para mostrar que havia de descer, não localmente, senão civilmente. Não localmente, porque o céu não havia de mudar de lugar passando à terra, mas civilmente, porque a terra havia de mudar de costumes, vivendo-se na terra como no céu. E esta semelhança civil da terra com o céu em que consiste? O mesmo evangelista o declarou: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum: et mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Nesta cidade descida do céu à terra, ainda que haja trabalhos, misérias, enfermidades, mortes, haver-se-ão contudo nela os homens como se nada disto lhes tocara, porque não haverá dor, nem queixa, nem tristeza, nem lágrimas. E terra onde todas as causas de dor se recebem sem dor, e todas as causas de tristeza, com alegria, já não é terra como terra, senão terra como céu: *Sicut in caelo, et in terra.* – Tanta é a virtude da vontade de Deus, quando a nossa se conforma com a sua: *Fiat voluntas tua.*

Agora, perguntara eu aos devotos do Rosário, ou aos que cuidam que o são, como rezam o Padre-nosso, e como dizem a Deus: *Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra?* Primeiramente, se dizem isto os que não fazem a vontade de Deus nem guardam sua lei, é falsidade, é hipocrisia, é mentira. Tão longe estão de fazer a vontade de Deus como se faz no céu, que nem a fazem como se faz no inferno. No inferno também se faz a vontade de Deus, não por vontade, mas por força. E quantos há que nem por vontade nem por força fazem a vontade de Deus na terra? Estes, se falaram verdade, haviam de dizer a Deus: Faça-se a minha vontade, e não a vossa. Mas ainda aos timoratos, e que vivem cristamente, fizera eu a mesma pergunta. Vos os que fazeis na terra a vontade de Deus, como o fazeis? Como a fazeis, digo, porque o que Cristo principalmente nos ensinou no Padre-nosso, não é só fazer a sua vontade, senão o modo de a fazer: *sicut.* Se a fazeis por temor da pena, e por não ir ao inferno, isso não é fazer a vontade de Deus – *sicut in caelo, et in terra* – porque no céu não há temor do inferno. Se a fazeis pela esperança do prémio, também não é fazer a vontade de Deus – *sicut in caelo et in terra* – porque no céu não se espera o prémio, já se possui. Se a fazeis, finalmente, só por ver a Deus, que parece acto mais puro, nem esse chega a fazer a vontade de Deus como se faz no céu, porque lá todos vêem a Deus, e com segurança de o ver eternamente. Pois, como havemos de fazer a vontade de Deus, para que seja feita assim na terra como no céu? Havemo-la de fazer assim como diz David que a fazem os anjos : *Benedicite Domino, omnes angeli ejus, potentes virtute, facientes verbum illius, ad audiendam vocem sermonum ejus.* Os anjos no céu fazem a vontade de Deus só por fazer a vontade de Deus, sem outro fim, sem outro motivo, sem outro interesse. E porque este modo de fazer a vontade divina não é impossível à vontade humana perfeitamente deliberada, por isso o mesmo David pedia a Deus o ensinasse a fazer a sua vontade deste modo: *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es* (Sl 142, 10): Ensina-me, Senhor, a fazer a vossa vontade, só porque vós sois Deus meu e porque a vossa vontade é vossa. E este é o modo altíssimo com que Cristo nos ensinou a dizer: *Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra:* não pedindo mais do que devemos pedir, mas levantando a voz da nossa oração ao ponto mais subido onde pode chegar: *Extollens vocem.*

IVI

Pedir a Deus o pão de cada dia não é afrontar a liberalidade de Deus? Em que parte do Padre-nosso se contêm as petições das outras vaidades, que são as que mais oradores e devotos têm no mundo? Onde pedimos a Deus que nos livre de todo o mal, ali oramos a Deus pelas riquezas, pelas dignidades, pela saúde, pela vida, pela sucessão. Pedir bem e pedir mal.

Desta maneira se contêm as pensões que fazemos a Deus no Rosário dentro dos limites do modo, sem o exceder por pedir mais. Agora vejamos como também se não desviam dele em o não igualar por pedir menos. A petição que logo se segue é: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie* (Lc. 11, 3): O pão nosso de cada dia nos dá hoje. – Mas, assim da parte de Deus, a quem pedimos, como da nossa, para quem pedimos, ninguém haverá que não julgue que diz esta petição muito menos do que devera. Pedir a Deus o pão de um só dia, e no mesmo dia, antes parece que é afrontar a sua liberalidade que acudir à nossa necessidade. A um Deus tão grande, tão poderoso, tão magnífico, a um Deus que se chama Deus, porque a sua natureza é dar, não é presumir indignamente de sua liberalidade e grandeza pedir-lhe tão pouco? Assim pede um mendigo às portas de um lavrador, mas tão baixa e tão escassa petição jamais a fez a seu rei o vassalo mais pobre. Se a nossa necessidade, como supomos e dizemos, é de cada dia, e por isso chamamos quotidiano ao pão que pedimos, que remédio ou que socorro é o que lhe procuramos, pedindo só para hoje, e não para mais dias? Anotecer hoje sem pão, porque se acabou o pedido, e amanhecer amanhã sem pão, porque há de tornar a pedir, mais é viver da necessidade que sustentar a vida. Até à ordem da caridade parece que faltamos nesta e nas outras petições do Padre-nosso. A caridade bem ordenada começa de si mesmo, e em tudo quanto pedimos ninguém pede para si, senão para todos: *Panem nostrum, debita nostra, da nobis, dimitte nobis, ne nos inducas, tibera nos*. Isto é enervar a eficácia da oração, porque, quem pretende para si, procura com o afecto com que se ama a si, e a ninguém lhe dói tanto a dor de todos como a sua. Finalmente, para ver quanto menos pedimos do que devêramos, consultemos as petições sem-número de que estão importunados os altares, os tribunais, os príncipes, e todos os que podem dar, das quais todas no Padre-nosso não se diz nem se ouve uma só palavra. Logo, é coisa evidente, e sem dúvida, que muito menos pedimos a Deus nesta sua oração, do que fora dela havemos mister e solicitamos por outras vias.

Contudo, é sentença comum de todos os doutores e santos padres que nenhuma coisa há que se possa pedir nem desejar a qual se não contenha nas petições do Padre-nosso: *Sapientissime in ea oratione collecta sunt omnia quae petenda et appetenda sunt* – diz Abulense, aquele doutíssimo e eminentíssimo expositor das Escrituras, em cujos imensos escritos se não acha jamais exageração, senão o sentido próprio e liberal dos textos sagrados. O mesmo dizem Santo Tomás e S. Boaventura, laureados ambos com o carácter de doutores da Igreja, e o mesmo disseram muitos séculos antes deles S. Gregório Niceno, S. Cipriano, S. Pedro Crisólogo, Santo Agostinho, e antes do mesmo Agostinho, com toda a severidade do seu juízo, o grande Tertuliano. Mas, perguntara eu a estes doutores – que por isso aleguei tantos, e todos da primeira jerarquia – se nas petições do Padre-nosso se contêm tudo o que se pode pedir e apetece, onde estão no mesmo Padre-nosso todas as outras coisas que os homens com tanto ardor apetece, com tanto desvelo solicitam, e com tanta instância e importunação pedem a Deus e aos homens? Não apetece honras? Não apetece riquezas? Não apetece dignidades seculares e eclesiásticas? Não apetece a saúde, a vida, a sucessão, a posteridade, e tudo o que faz a vida deleitosa, e a morte tolerável? E para alcançarem destas coisas, ou as que só pode dar Deus, ou as que podem dar Deus e os homens, não metem por intercessores os santos que ajudem as orações com que as pedem, e os mesmos sacrifícios do

corpo de Cristo, que a esse fim oferecem? Em que parte, logo, do Padre-nosso se contêm as petições destas coisas, que são as que mais oradores e mais devotos têm em todo o mundo?

Quem mais agudamente que todos apertou e resolveu este ponto, foi Santo Agostinho, o qual responde que, se oramos ou rezamos como convém, todas estas coisas, que tanto apeteçemos e pedimos, pertencem à última petição do Padre-nosso: *Sed libera nos a malo*. – Onde pedimos a Deus que nos livre de todo o mal, ali oramos a Deus por todas estas coisas. Ouçamos ao lume da Igreja por suas próprias palavras: *Qui dicit in oratione: Domine, multiplica divitias meas, aut da mihi tantas quantas illi aut illi dedisti, aut honores meos auge, et fac me in hoc saeculo praepotentem, atque clarentem, etc. puto eum non invenire in Oratione Dominica, quo possit haec vota coaptare*: Aquele que pede na oração riquezas, honras, dignidades, mandos, e outras semelhantes vaidades que o mundo estima e tem por lustrosas, entendendo – diz Santo Agostinho – que em toda a oração do Padre-nosso não achará lugar em que possa acomodar e introduzir estes seus desejos e petições; mas eu lho darei, diz o santo. E qual é? *Quam ob rem pudeat saltem petere, quae non pudet cupere: aut si hoc pudet, et cupiditate vincit, quanto melius hoc petitur, ut etiam ab hoc cupiditatis malo liberet, cui dicimus: libera nos a malo*: A primeira coisa que aconselho – diz Agostinho – aos que tais coisas pedem, é que, pois se não envergonham de as desejar, ao menos se envergonhem de as pedir. Mas, se vencidos da cobiça e ambição as querem pedir contudo, apliquem às suas mesmas petições a última do Padre-nosso: *sed libera nos a malo* – e peçam a Deus que os livre desse mal.

Oh! que mal conhecem os homens o mal, e quão erradamente o entendem! Pedem honras, e a honra foi a que enganou e destruiu o primeiro homem, e nele a todos: *Homo, cum in honore esset, non intellexit. Comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis*. Pedem riquezas, e quem perdeu ao filho pródigo pela prodigalidade, e ao rico avarento pela avareza, e a todos pelo abuso delas? Por isso de todos, sem excepção, disse Cristo: *Vae vobis divitibus* (Lc. 6, 24): Ai de vós ricos! – Pedem dignidades seculares e eclesiásticas, das quais, só pelas pedir, são indignos. E quem foram os que condenaram e crucificaram ao mesmo Cristo, senão os que tinham as duas maiores dignidades eclesiásticas de Jerusalém, Anás e Caifás, e as duas maiores seculares, Herodes e Pilatos? Pedem saúde, sem advertirem que a chamada saúde é a mais perigosa enfermidade; e não sabem que o remédio com que Deus a cura, são as doenças, segundo o aforismo do mesmo Médico divino, declarado na receita de Jesabel: *Non vult poenitere a fornicatione sua: ecce mittam eam in lectum*. Pedem vida, sem reparar em que a felicidade da vida não está em ser larga, senão em ser boa, e que a vida é, e não a morte, a que leva os homens ao inferno, devendo entender que a morte antecipada é sinal da predestinação, e que costuma Deus encurtar aos que ama a vida temporal, porque lhes quer segurar a eterna: *Raptus est, ne malitia mutaret intellectum ejus. Placita enim erat Deo anima illius: propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum*. Pedem, finalmente, filhos e sucessão, e não se lembram que o primeiro filho de Adão foi Caim, e o primeiro de Jacob, Rúben, e ambos a primeira causa de seus maiores desgostos. E para que vejam quão mal segura deixam a posteridade nestes reféns, Absalão e Roboão foram os dois maiores inimigos que tiveram seus pais, porque um tirou a coroa a David, e outro destruiu a casa de Salomão.

Assim que se não devem admirar, os que rezam o Rosário, de que Deus muitas vezes lhes não conceda o que pedem; porque, cuidando que pedem bem, pedem mal. É sentença expressa de fé, ensinada e publicada ao mundo pelo apóstolo S. Tiago: *Petitiss, et non accipitis, eo quod male petatis* (Tg. 4, 3): Sabeis por que não alcançais o que pedis a Deus? Porque vós pedis mal, e Deus não vos quer dar senão bem. – E esta é a razão por que o mesmo Senhor no Padre-nosso nos não ensinou a pedir nenhuma dessas coisas que vós apeteceis e pedis. Ainda que muitas delas sejam indiferentes, pedidas, porém, com o fim para que ordinariamente se pedem, verdadeiramente são mal. E não era razão que pedíssemos a

Deus o mal, e muito menos na mesma oração em que lhe pedimos nos livre do mal. Por isso nos concede o que pedimos na sua oração, e nos nega o que pedimos nas nossas. Se no Padre-nosso pedimos que nos livre do mal, e fora do Padre-nosso pedimos o que verdadeiramente é mal e nos está mal, quem podia duvidar que, como Pai, nos há de conceder o que pedimos por seu conselho, e não o que pedimos por nosso apetite? Peçamos, pois, o que ele nos manda pedir somente, e não cuide ninguém que pede menos do que deve pedir, pois pede o que só lhe convém.

IVII

Em pedir o pão de hoje somente, pedimos como filhos, pois ao pai pertence o cuidado do pão de amanhã. Assim como ao pão semeado o afogam as espinhas, assim ao pão comido o não deixam digerir os cuidados. Como vemos no maná do deserto, parece que é propriedade do pão do céu ser pão de hoje. Como há de dar todos os dias quem dá tudo em um dia? Medir o pão com a vida. Por que chamou S. Paulo ao hoje sobrenome do homem? Os homens de hoje, os homens de amanhã e os homens de nunca. A pobreza de Job, advertência aos ricos. Última objecção: pedirmos para todos, e não cada um para si. Ninguém pede melhor para si que quem pede para todos. Zacarias, quando orou para si, não mereceu alcançar o que pedia, e quando orou para todos, mereceu alcançar o que não pedia. A oração de Abraão em favor de Sodoma e Gomorra.

Em pedir o pão de hoje somente, posto que seja ou pareça tão pouco, também não pedimos menos do que requer a necessidade de quem o há mister, nem a grandeza e liberalidade de quem o há de dar. Isto é pedirmos nós como filhos, e a Deus como Pai. Ao sustento do filho pertence o presente, à providência do pai o futuro. Mais nos dá Deus no pão de cada dia, que se no-lo dera para muitos dias, porque, dando-nos o sustento de hoje, nos livra do cuidado de amanhã. Não é pensamento meu, senão advertência que nos fez o mesmo Cristo: *Nolite solliciti esse in crastinum* (Mt. 6, 34). Se vos mando pedir só o pão de hoje, não vos dê cuidado o de amanhã, porque esse corre por minha conta. – O pão e o cuidado são duas coisas muito encontradas. O pão sustenta a vida: os cuidados a afligem, a diminuem, a tiram. E que partido pode estar melhor ao homem, que dar-lhe Deus a ele o pão, e tomar para si o cuidado? *Jacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet*. Quer Deus que o pão nos saiba a pão, porque o que se come com cuidados tem outro sabor, e causa muitos diferentes humores. Na parábola do semeador compara Cristo as espinhas aos cuidados, e diz que as espinhas que nasceram juntamente com o trigo o afogaram: *Et simul exortae spinae suffocaverunt illud* (Lc. 8, 7). – O que aconteceu aqui ao trigo, lhe sucede também depois que é pão, porque a terra e o homem ambos são terra. O pão cria sangue, e as espinhas tiram-no; e o pior é que o não deixam criar. Assim como o pão semeado o afogam as espinhas, assim ao pão comido o não deixam digerir os cuidados. Por isso nos tira Cristo o cuidado quando nos dá o pão não só para que o comamos, senão também para que nos preste. A causa natural de se nutrirem melhor e terem menos doenças os animais, é porque comem sem cuidado. Assim o notou Plínio, o qual diz, no mesmo capítulo, que é coisa ridícula cuidarem os homens que, sendo Deus sumamente superior, tenha cuidado deles: *Irridendum vero agere curam rerum humanarum illud quidquid est summum*. Falou como gentio sem fé. Mas em nós, que a temos, e cremos o contrário, quem não terá por verdadeiramente ridículo o cuidado com que fiamos mais do nosso que do de Deus? O sol nasce cada dia, e ninguém desconfiou de que a sua luz se acabe hoje, porque sabe que há de tornar amanhã. Pois, assim como nos deitamos seguros à noite, sem que nos tire o sono este cuidado, assim no-lo não deve tirar o anoitecer sem pão, porque o mesmo Deus, que cada dia nos dá o sol, nos dará o pão cada dia.

Eu não nego que o mesmo nome de cada dia mais parece significar dieta que fartura. Mas quando os sujeitos são tão enfermos como nós, não seria tão divina a Providência que nos dá o pão, se no-lo não medira ou receitara com tal regra, que juntamente fosse alimento e mais medicamento. Quando choveu o maná do céu, mandou Deus por Moisés a todo o povo que ninguém o recolhesse senão para aquele dia somente, nem o deixasse para outro: *Nullus relinquat ex eo in mane*. – Parece que é propriedade do pão do céu ser pão de hoje. Houve, contudo, alguns desobedientes que o guardaram para o dia seguinte, e diz o texto sagrado que todo o guardado se corrompeu logo, e se converteu em bichos: *Dimiserunt quidam ex eis usque mane, et scatere coepit vermibus, atque computruit*. – O maná de sua natureza não era corruptível, ao menos tão depressa. Prova-se do que guardou o mesmo Moisés na Arca do Testamento, o qual durou muitos séculos, e não se sabe se dura e persevera ainda com a mesma Arca. Pois, por que ordenou Deus que o maná, contra sua própria natureza, se corrompesse milagrosamente, e não durasse mais que doze horas, nem se pudesse guardar de um dia para o outro? Porque a gente a quem se dava era incrédula, avarenta e ingrata, e todos estes vícios quis Deus curar nela com lhes dar o pão para um só dia. Se sois incrédulos, crede que quem vos deu o pão hoje, também vo-lo dará amanhã. Se sois avarentos, e vos parece pouco, e quereis mais do que podeis comer, contentai-vos com o que basta. E se sois ingratos, e não reconheceis a mão de que recebeis o benefício, a mesma necessidade e dependência vos obrigará a que a beijeis muitas vezes, e por força ou por vontade vos mostreis agradecidos.

Daqui tirou Santo Ambrósio um excelente documento para os príncipes que, prezando-se de liberais, desprezam a sua mesma liberalidade, impossibilitando-se com ela para continuar: *Modus liberalitatis tenendus est, ut quod bene facis, quotidie facere possis, ne subtrahas necessitati, quod indulseris effusioni*. Não hão de dar os reis tão prodigamente hoje, que lhes não fique que dar amanhã. Como há de dar todos os dias, quem dá tudo em um dia? Cuidam que dando tudo ganham a muitos, e perdem a todos, porque não há fé sem esperança, nem firmeza sem dependência, nem ainda amor tão cego que não abra os olhos para o futuro. Por isso Deus, que é Senhor de tudo, dá com reserva, e para freio da nossa sujeição nos põe a taxa na boca. Dá-nos o necessário, e não o supérfluo, porque nos quer bem mantidos, mas não enfatiados. Até o demónio nunca farta aos que tenta, porque os tem mais seguros na fome que no fastio. A fome é desejo, o fastio desprezo; e isto compra com o supérfluo quem dá mais do necessário. E bem verdade que, não dando Deus no maná mais que o necessário para cada dia, os que o comiam contudo se enfastiaram dele: *Nauseat anima nostra super cibo isto*. Mas aquele fastio não foi da natureza, foi da enfermidade. O doente até do necessário se enfastia. E em prova de ser doença, e doença mortal, de três milhões de homens que saíram do Egipto, e comeram o maná, só dois chegaram vivos à Terra de Promissão.

Oh! se os homens medissem o pão com a vida, como é certo que lhes não pareceria pouco o pão de hoje! Séneca tem por infelizes os que não medem a sua fome com o seu estômago: *Infelices qui non intelligitis vos majorem famem habere, quam ventrem*. – E mais infelizes são ainda, e menos entendidos, os que não medem o seu pão com a sua vida. O pão de hoje prometeu Deus a todos os que lho pedirem; a vida de hoje a ninguém a prometeu: *De mane usque ad vesperam finies me* – dizia el-rei Ezequias. E se as vidas mais bem guardadas e mais bem mantidas podem acabar antes da noite, também do pão de hoje lhes pode sobejar o da ceia. Esta foi a ignorância daquele néscio que, porque se achava com muitos moios de pão, os media com muitos anos de vida: *Anima mea, habes multa bona in annos plurimos: comedere, bibere, epulare*. O pão seria para muitos anos, mas a vida era para tão poucos dias, que da noite em que isto sonhava não chegou a ver amanhã: *Stulte, hac nocte repetunt animam tuam a te*. Disse S. Gregório Niceno, com tão discreta frase como profundo juízo, que este néscio metera no mesmo celeiro o pão e mais os anos: *Longos annorum ambitus spei vanitate in horreis simul concludens*. Se os anos, os dias, as horas não estão no palácio do sol, senão nos tesouros de Deus, que importa que nos celeiros do homem se guarde mais pão que o de

hoje? Não de balde, senão com grande mistério, este mesmo instituto de que falamos se chama Rosário. Toda a vida ou idade da rosa não é mais que um dia: *Quam longa una dies aetas tam longa rosarum*. A aurora lhe dá o berço, nascida e fresca; a noite a sepultura, murcha e seca. De sorte que quando no Padre-nosso repetidamente, e por partes, pedimos o pão de hoje, todo o Rosário nos está pregando que de hoje a amanhã se pode acabar a vida. Logo, para a vida que é de hoje, e esse hoje ainda incerto, bem lhe basta o pão de hoje.

Altissimamente exortava S. Paulo aos cristãos primitivos que se aproveitassem da vida enquanto tinham o sobrenome de hoje: *Donec hodie cognominatur, ut non obduretur quis ex vobis*. E por que chamou S. Paulo ao hoje sobrenome de homem: *Donec hodie cognominatur?* – Porque o nome do homem é mortal, e nenhum mortal, quando vivo, pode ter outro sobrenome. O sobrenome de Dias até no Cid foi impróprio, porque contra a morte não há valor. Todos os outros apelidos são falsos, só o de hoje é verdadeiro. Hoje somos, amanhã pode ser que não: *Sera dies nimis est crastina; vive hodie* – disse, mais cristãmente do que nós o entendemos, o poeta gentio. Há homens de hoje, homens de amanhã e homens de nunca. E quais são os de nunca? Os de amanhã? É subtilíssima advertência de Santo Agostinho. Porque quando chega o dia de amanhã, já não é amanhã: é hoje. E se os que somos ou nos prezamos de ser homens devemos ser homens de hoje, por que nos não contentaremos com o pão de hoje, e por que cuidaremos que pedimos menos do que devemos pedir, quando dizemos a Deus: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie?*

Mas esta petição – dirão os ricos – é só para os pobres, e não para nós, que temos pão para muitos dias, e para todos, e não só para uma vida, senão para muitas: para a nossa, e para as de nossos descendentes. Só lhes falta dizer que Cristo não advertiu nisto quando ensinou a todos o pedir o pão de hoje. Esse mesmo pão que tendes, ou cuidais que tendes, se Deus vo-lo não der hoje, não o tereis. Em um dia perdeu Dario a monarquia dos persas; em uma noite perdeu Baltasar a dos assírios, em uma hora perdeu Job os gados, os escravos, as searas, a casa, os filhos, e, sendo o mais rico entre todos os do Oriente, ficou tão pobre, não como outro, senão como o mesmo Job, exemplo não só da maior pobreza, mas da última miséria. E se Deus em cada hora deste mesmo dia vos pode tirar quanto tendes, justiça tem para vos mandar que lhe peça o pão de hoje. Por isso lhe pedimos que nos dê o pão nosso: *Panem nostrum*. Pois, se é nosso, e ele no-lo deu já, por que lho havemos de tornar a pedir? Porque não só o pão que não tendes, senão o que tendes, não o tereis nem será vosso se ele vo-lo não der hoje. Assim como Deus em todos os momentos nos está dando o ser, assim em todos nos está dando o comer; e é excesso de favor e liberalidade contentar-se que lhe peça para todo o dia o que ele nos está dando e nos lhe devemos pedir todos os momentos. Não pedimos, logo, menos do que devíamos, senão muito mais do que devemos.

Só resta a objecção de pedirmos para todos e não cada um para si. Mas este é o mais sublime modo de pedir, e o mais certo de alcançar. Ninguém pede melhor para si que quem pede para todos. Entrou o sacerdote Zacarias no Templo a orar e oferecer o incenso à hora costumada, quando lhe apareceu à mão direita do altar o Anjo Gabriel, e lhe disse da parte de Deus que a sua oração fora ouvida, e lhe nasceria um filho, que foi o Baptista: *Exaudita est deprecatio tua, et uxor tua Elisabeth pariet tibi filium*. – Não há santo antigo nem expositor moderno que não repare na coerência deste texto. A oração que naquela hora fez Zacarias não era particular, senão pública, pelo bem comum de todo o povo, o qual também acompanhava a mesma oração com as suas: *Et omnis multitudo populi erat orans foris*. – Pois, se Zacarias nesta oração não orava por si, senão por todos, e não pedia para si filho, senão para todo o povo o bem universal dele, como lhe diz o anjo que fora ouvida a sua petição, prometendo-lhe aquilo que não tinha pedido? Respondem graves autores que, posto que Zacarias, quando agora orou, não pedisse a Deus sucessão – da qual pela sua velhice e pela esterilidade de sua mulher estava tão desesperado, que ainda depois de prometida ficou incrédulo, e em pena da incredulidade mudo – contudo que antigamente, quando ambos estavam em idade de ter

filhos, então o pedira a Deus, e esta antiga oração é a que agora foi ouvida. Mas, se esta mesma oração – torna a dúvida com maior força – se esta mesma oração não foi ouvida nem despachada então, por que foi ouvida e outorgada agora? Porque agora orava Zacarias para todos, então orava para si; e o que não conseguiu nem mereceu quando orava para si, agora o mereceu e alcançou, porque pedia para todos. Onde se deve notar e reparar muito que o que agora alcançou não o pediu agora. De sorte que, quando orava para si, não mereceu alcançar o que pedia, e quando orava para todos, mereceu alcançar o que não pedia, porque então pedia filho, e agora não. Tanto melhor e mais eficaz oração é, como Cristo nos ensina, o pedirmos para todos, que cada um para si.

Mais digo. Monta tanto diante de Deus o pedir para todos, que ainda quando Deus nos nega o que pedimos para todos, nos concede o que não pedimos para nós. Pede Abraão a Deus, não com uma nem com duas, senão com muitas e importunas instâncias que perdoe às cinco cidades de Sodoma e Gomorra, mas não o conseguiu. Chove fogo do céu, abrasam-se as cidades; e que fizeram os anjos executores desta justiça? Tomam pela mão a Lot, sobrinho de Abraão, e assim a ele como a toda a sua família o livraram do incêndio. E Abraão, porventura, tinha orado por Lot? Não se lê tal oração na Escritura, referindo-se miudissimamente todas as outras. Pois, se Deus não livrou as cidades pelas quais intercedeu e orou Abraão, por que livra o sobrinho de Abraão, pelo qual não orou nem intercedeu? Porque, ainda quando Deus nos nega o que pedimos para todos, nos concede, no mesmo caso, o que não pedimos para nós. Advertidamente Oleastro: *Non legimus Abraham pro nepote orasse, et legimus Deum ejus gratia illum ab incendio liberasse*. Foi tão agradável e tão aceita a Deus a oração que Abraão fez por todos, que ainda quando negou à sua oração o que pediu para todos, lhe concedeu sem oração o que não pediu para si. – Altíssimo é, logo, assim nesta petição como nas outras, este modo de pedir, e altíssima em todas as do Rosário a voz com que sempre assim pedimos: *Extollens vocem*.

IVIII

Última consideração do discurso: a intercessão de que nos valemos, que é a da Virgem Senhora Nossa. O mais alto e mais nobre modo de pedir: pedir não pedindo. Como oram as duas mais ensinadas discípulas de Cristo, Marta e Maria? À Virgem pedimos que peça, mas não dizemos o que há de pedir, e esta é a maior delicadeza e perfeição de orar. A oração de São Domingos Reginaldo. O que faz quem não só pede, mas pede o que quer. Se a soberania da Mãe de Deus é tão grande que pode mandar, por que lhe não pedimos que mande, senão que peça e rogue? Os deuses não os faz quem lhes fabrica as imagens, senão quem os roga. Cristo, gerado por Maria, recebeu dela a humanidade; rogado por Maria, recebe dela, enquanto intercessora nossa, a divindade.

Sempre chego tarde à terceira e última consideração do discurso. Mas, como a matéria é tão grande, mais queixosa a imagino do muito que deixei de dizer, e pudera, que da largueza do que disse, poupando sempre palavras quanto me foi possível. Considera esta terceira parte a intercessão de que nos valemos, que é a da Virgem, Senhora nossa, cujo poderosíssimo patrocínio tantas vezes imploramos quantas repetimos no Rosário Ave-Maria. Mas, se na oração do Padre-nosso pareceu que excedemos o modo de pedir, ou pedindo mais ou menos do que devíamos, na da Ave-Maria, que é tão diversa, quem não dirá que totalmente perdemos ou encontramos o mesmo modo, pois nenhuma coisa pedimos? O que só dizemos na Ave-Maria à Mãe de Deus, é que rogue por nós: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis*. Pedimos-lhe que peça, mas não dizemos o que há de pedir: logo, não pedimos nada.

Primeiramente respondo que não há mais nobre nem mais alto modo de pedir, que não pedindo. Marta e Maria amavam muito a Lázaro, e desejavam muito de o tornar a ver vivo, e

criam que Cristo o podia ressuscitar; pois, por que não pediram ao Senhor que o ressuscitasse? Porque sabiam, como nobres e ilustres que eram, que o mais cortês modo de pedir é não pedindo. Assim responde por elas S. Bernardo, depois de as arguir: *Si fratrem vestrum amatis, cur ejus misericordiam non flagitatis, de cujus potentia dubitare, pietate diffidere non potestis? Respondent: sic melius tanquam non orantes oramus.* Se amais a vosso irmão, e não podeis duvidar do poder nem desconfiar do amor de Cristo, por que não pedis por ele? Mas a isto respondem – diz o santo – que assim pedem, e pelo melhor modo porque pedir não pedindo é o melhor modo de pedir: *Sic melius tanquam non orantes oramus.* – Assim oraram então as duas mais bem ensinadas discípulas de Cristo, e assim oramos nós também no Rosário, que a escola de sua Mãe é a mesma. Repetindo tantas vezes a Ave-Maria, nenhuma coisa representamos à Virgem Santíssima, nem de necessidade, nem de remédio, nem de favor, ou que nós peçamos, ou que a mesma Senhora haja de pedir por nós; mas, quando assim oramos sem pedir, então oramos melhor, por que não pedimos: *Sic melius tanquam non orantes oramus.*

A razão é porque, orando assim, oramos à Mãe de Deus pelo mesmo modo com que devemos orar a Deus. A Deus – dizia o oráculo da filosofia, Sócrates – não se há de pedir coisa alguma determinadamente, porque ele sabe melhor o que há de dar do que nós o que devemos pedir: *Te totum caelestium arbitrio permittite, quia qui tribuere bona ex facili solent, etiam eligere aptissime possunt.* – Não só há de ser de Deus o dar, senão também o eger. Em esperar dele a mercê supomos a sua liberalidade; em a deixar na sua eleição honramos a sua sabedoria. E assim fazemos quando oramos à Mãe de Deus. Pedimos que peça, mas não dizemos o que há de pedir, para que, assim como a intercessão há de ser sua, seja também sua a eleição. Desejava entrar na ordem de S. Domingos Reginaldo, deão da catedral de Orleães e famoso catedrático da Universidade de Paris, quando caiu mortalmente enfermo. Não cessava, porém, o santo patriarca, e toda a ordem, de rezar o Rosário por esta tenção, quando, na última desconfiança da enfermidade, apareceu a soberana Rainha dos Anjos no mesmo aposento do enfermo, e disse a Reginaldo que pedisse o que quisesse, porque ali estava em pessoa, e tudo lhe seria concedido. Suspenso, tanto da visão como da promessa, ficou atalhado o grande doutor, não se sabendo resolver no que pediria; porém, Santa Cecília e Santa Catarina, que de um e outro lado acompanhavam a Senhora, aconselharam ao enfermo que nenhuma coisa pedisse, e que todo se pusesse em suas mãos. Fê-lo assim Reginaldo, dizendo: – Soberana Rainha do céu, o que Vossa Majestade for servida de mim isso é o que só quero, e nas mãos de vossa bondade e clemência, com toda a reverência e humildade me ponho todo. Então as duas virgens, que não só como as prudentes do Evangelho deram o conselho, senão também o óleo, presentaram de joelhos à Senhora duas redomas em que o traziam, e a piedosíssima Mãe de Deus, ungiendo o enfermo com as mesmas mãos em que ele se, tinha posto, não só o livrou da morte que aguardava por instantes, mas, no mesmo momento o restituiu à inteira saúde e forças, que é o que naquele estado pudera desejar e pedir, mas não pedira. Não foi excelente modo este de pedir não pedindo? Pois, isto é o que tantas vezes – fazemos no Rosário em cada Ave-Maria que rezamos.

Pedir por este primoroso modo, não só é pedir sem pedir, mas é pedir e juntamente dar. E pedir, porque pedimos a intercessão, e é dar, porque damos a eleição. Na intercessão que pedimos, reconhecemos na Mãe de Deus a sua dignidade; na eleição que demitimos de nós, renunciemos na mesma Senhora a nossa vontade. No Padre-nosso pedimos a Deus o que ele quer que peçamos; na Ave-Maria pedimos à Mãe de Deus o que ela quiser pedir. E este é o maior primor, a maior cortesia, e a maior delicadeza e perfeição de orar. E por que? Ensinou-o maravilhosamente meu santo patriarca Inácio naquela sua famosa Epístola aos Portugueses, que, em género de espírito, é uma das maiores coisas que se tem escrito na Igreja. A razão é – diz o santo – porque quem pede o que quer prefere-se por uma parte, ainda que se sujeita por outra. Em pedir, sujeita-se, porque o pedir é acto de sujeição; mas, em declarar o que quer,

prefere-se, porque o próprio querer é acto de liberdade e de preferência. – Tanto assim – diz profundamente S. Bernardo, alegado pelo mesmo santo – que, quando o súdito consegue do prelado o que quer, não é o súdito o que obedece ao prelado, senão o prelado o que obedece ao súdito: *Nec enim in ea re ipse praelato, sed magis ei praelatus obedit*. – Em pedir, sujeita-se ele ao prelado, mas em pedir o que quer, quer que o prelado se sujeite a ele, e assim o consegue. De sorte que o mesmo pedir por tal modo é pedir e mandar juntamente. Daqui se entenderá a propriedade com que fala a Escritura, quando diz que obedeceu Deus à voz de Josué: *Obediente Domino voci hominis*. – Obediência supõe mandado de uma parte e sujeição da outra; pois, como podia ser que Deus obedecesse a um homem? Porque Josué, como consta do texto, pediu e mandou juntamente: *Locutus est Josue Domino, dixitque: Sol contra Gabaon ne movearis*. E como Josué pediu mandando, enquanto pediu, concedeu-lhe Deus o que pedia, enquanto mandou, obedeceu ao que mandava. Isto é o que faz quem não só pede, mas pede o que quer. Logo, para pedir com a maior cortesia, com o maior primor e com a maior perfeição, não se há de declarar em nada a própria vontade, mas sujeitar-se em tudo e por tudo a quem pede, e à sua disposição e arbítrio, como nós fazemos ao da Mãe de Deus.

Excelente lugar de David: *Subditus esto Domino, et ora eum* (Sl. 36, 7): Fazei-vos súdito de Deus, e então orai. – Pois, quem ora e pede a Deus, não se sujeita a ele? Distingo. Se pede o que quer, sujeita-se em parte, e no tal caso não é perfeito súdito, porque usa da sua liberdade; porém, se pede, e não diz o que quer, então se sujeita inteiramente, e se faz perfeito súdito de Deus, porque renuncia nele à sua vontade. O mesmo texto o declara, com bem advertido reparo de Hugo Victorino: *Propterea non dixit tibi, ora eum hoc, vel illud, sed tantum ora eum*. Notai o que diz e o que não diz o profeta. Não diz que oremos e peçamos a Deus isto ou aquilo, mas só diz que oremos e que peçamos, porque este é só o modo de orar e pedir como súdito: *Subditus esto Domino, et ora eum*. – E que mais? A consequência é digna de tão grande autor, e em próprios termos a nossa: *Cum ergo oras, quem petas potius quam quid petas cogitare tibi dulce sit*: Logo, todo o nosso cuidado quando oramos há de ser pôr os olhos em a quem pedimos, e não no que pedimos: *Quem petas potius quam quid petas*. – E isto é o que faz a nossa oração todas às vezes que repete no Rosário: *Mater Dei, ora pro nobis*. – Olha só para a soberana intercessora, a quem pede, mas não tem olhos para ver o que há de pedir, porque seria grande desprimor nosso, e menos reverência da suprema majestade da Mãe de Deus, não deixar tudo à sua providência, e ao seu arbítrio. Por isso pedimos que peça por nós, e não o que há de pedir.

Mas, em dizermos que peça, parece que também trocamos um modo por outro, e deixamos o de maior dignidade pelo menos digno. A dignidade da Mãe de Deus é tão soberana que, ainda em respeito do mesmo Deus, como Mãe a Filho, não só pode alcançar quanto pedir, senão mandar o que quiser. Assim o pronunciam expressamente muitos dos Santos Padres, e é já tão vulgar esta grande suposição entre os doutores, que não necessita de autoridades a prova dela. Pois, se a soberania da Mãe de Deus é tão poderosa que pode mandar, por que lhe não pedimos que mande, senão que peça e rogue: roga por nós? Também esta circunstância de orar é novo modo de primor com que mais nos empenhamos a estimar toda a mercê e favor que, por intercessão da mesma Senhora, alcançarmos. Toda a mercê pedida por quem a pode dar, ainda que tenha igual preço dada, merece maior estimação por pedida. Já vimos o primeiro primor de Marta e Maria, em não quererem pedir a ressurreição de Lázaro. Acrescentou, porém, Marta que ela sabia muito bem que tudo o que Cristo pedisse a Deus lho havia de conceder: *Et nunc scio quia quaecumque poposceris a Deo, dabit tibi Deus*. E como o Senhor replicasse que ele era a vida e a ressurreição, e lhe perguntasse se o cria assim: *Credis hoc?* – respondeu Marta que tempo havia que tinha crido que o mesmo Cristo era Filho de Deus: *Utique, Domine, ego credidi, quia tu es Christus, Filius Dei vivi*: Pois, se Marta sabia que Cristo era Deus, e como Deus podia dar a vida a seu irmão, por que não alega que lha podia dar como Deus, senão que a podia pedir a Deus como homem?

Porque era muito maior favor neste caso o pedir que o dar, e ficava muito mais autorizada a mesma ressurreição como pedida que como dada. Assim o fez o Senhor. Primeiro orou publicamente – o que não tinha feito nas outras ressurreições – e depois ressuscitou a Lázaro, porque, como o amavas tanto que lhe tinham custado lágrimas, quis que fosse dobradamente autorizada a sua ressurreição, não só como dada por ele, mas como pedida: *In speciem precantis compositus rebus ipsis autoritate manifestat* – diz S. Basílio de Selêucia.

Esta é a primeira razão por que no Rosário pedimos à Mãe de Deus, não que dê, senão que peça, e não que mande, senão que rogue, para lhe devermos mais a estimação desta circunstância. A segunda ainda é muito mais alta, e de maior fundo. Pedimos à Senhora que rogue quando lhe chamamos Mãe de Deus: Santa Maria Mãe de Deus, roga por nós – porque, se Maria, gerando a Cristo, deu a Deus o ser humano, rogando-o, dá-lhe o divino, quanto pode dar a criatura. Ora, notai. Se há coisa que de algum modo possa dar divindade, não é outra senão o rogar. Quis Nabucodonosor ser Deus de todo o mundo, e que não houvesse outro Deus senão ele; e o meio que tomou para estabelecer a sua divindade foi mandar, por um decreto universal, que só a ele pudessem rogar os homens, e a nenhum outro: *Numquid non constituisti ut omnis homo qui rogaret quemquam de diis et hominibus, nisi te, rex mitteretur in lacum leonum?* Assim o mandou aquele potente rei, e assim lho aconselharam os maiores sábios de sua monarquia, entendendo uns e outros que só o ser rogado lhe podia conciliar o ser Deus. Queria ser Deus e só: para ser Deus, roguem-no todos; para ser só, ninguém rogue a outro: *Ut non rogare quemquam, nisi te, rex.* – Este foi o pensamento – e pode ser que tomado daqui – com que disse discretamente o poeta que os deuses não os faz quem lhes fabrica as imagens ou lhes levanta os altares, senão quem os roga: *Non facit ille deos, qui rogat ille facit.* – Os deuses dos gentios eram de pau, ou de pedra, ou de metal, obras das mãos dos homens, como diz o profeta; e quem os fazia deuses? Não os faziam deuses os escultores, senão os rogadores. Quando esculpidos, quando lavrados, quando formados, ainda eram paus e pedras; mas quando rogados, então começavam a ser deuses: *Deos qui rogat ille facit.*

Grande lugar de Minúcio Feliz, naquela famosa apologia sua em nome de Otávio: *Ecce funditur, fabricatur, sculpsitur: nondum deus est. Ecce plumbatur, construitur, erigitur: nec adhuc deus est. Ecce ornatur, consecratur, oratur: tunc postremo deus est:* Toma o escultor o metal nas mãos, derrete-o, funde-o, lança-o nos moldes, dá-lhe forma: é já deus? Ainda não: *Nondum deus est.* – Tira-o fora já formado, compõe-lhe os membros, distingue-lhe as feições com toda a arte, e limado, e polido, e chumbado, para que se tenha em pé, erguido, e direito; é já deus? Nem ainda agora: *Nec adhuc deus est.* – Orna-o, consagra-o, faz-lhe oração: é já deus? Agora sim. *Oratur: tunc postremo deus est.* – Quando é orado e rogado, então é Deus. Dai-me licença, Virgem Santíssima do Rosário, para que destas estátuas sem ser vos forme e levante uma. Posto que vosso benditíssimo Filho sempre foi Deus verdadeiro, em todos os mistérios do Rosário pode parecer só homem; mas quando vós chegais a lhe rogar por nós, ninguém pode negar que é Deus. Humanado Cristo, nascido, presentado, perdido e achado no Templo, poderá dizer quem o não conhece: *Nondum deus est.* – Suando sangue, atado à coluna, coroadado de espinhos, carregado com a sua cruz e pregado nela, e também ressuscitado e subido ao céu, ainda poderá persistir no mesmo: *Nec adhuc deus est.* – Porém, vendo que vós, Senhora, sendo quem sois, o rogais, assim como até agora lhe confessava o ser humano, já lhe não pode negar o divino. Fá-lo com toda a corte do céu.

Aclamava a Cristo toda a corte do céu, anjos e santos, em figura de Cordeiro e ouviu S. João no seu Apocalipse, que todos a uma voz diziam assim: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem et divinitatem* (Apc. 5, 12): Digno é o Cordeiro que se sacrificou pelo género humano, de receber o poder e a divindade. – Parece que não concorda esta Teologia do céu com a nossa. Cristo, que é o Cordeiro desde o instante de sua Encarnação, recebeu a divindade, porque sempre foi Deus: nem então se pode dizer que foi digno de receber a mesma divindade, porque a união da humanidade ao Verbo nem a mereceu, nem a pôde

merecer. Pois se já tinha e sempre teve a divindade, e sem merecimento próprio, por que diz agora a uma voz todo o céu que é digno de a receber: *Dignus est Agnus accipere divinitatem?* – E se a recebeu outra vez depois de já recebida, que novo modo de receber a divindade foi este? Respondem todos os teólogos e expositores que o modo de a receber outra vez foi o reconhecimento, o conceito e a voz universal de todos os homens e anjos, que com aqueles aplausos o confessavam. Logo, muito mais e muito melhor recebe Cristo a divindade sendo rogado só de sua Mãe que sendo reconhecido e aclamado de toda a corte do céu. É consequência manifesta, porque a maior majestade e a maior soberania que há no céu e na terra, abaixo de Deus é a pessoa de Maria. Logo, aquele a quem Maria roga não pode ser senão Deus. E se o ser Cristo reconhecido e aclamado como Deus, pelos obséquios e aplausos de toda a corte do céu, é novo modo de receber a divindade: *Accipere divinitatem* – muito mais alta e majestosamente recebe Cristo a mesma divindade quando é rogado por Maria, porque Maria, e a sua autoridade, excede muito a de toda a corte do céu. E daqui se fica concluindo com a mesma evidência o que eu dizia: que se gerado Cristo por Maria recebeu dela, enquanto Mãe sua, a humanidade, também rogado por Maria recebe dela, enquanto intercessora nossa, a divindade. Enquanto Mãe, porque o gerou; enquanto intercessora, porque o roga. Vede agora, e julguem todos, se é alto e mais que altíssimo este modo de pedir, e quanto se levanta neste ponto sobre si mesma a voz altíssima do Rosário: *Extollens vocem*.

IIX

Última recomendação aos devotos da Senhora do Rosário.

Tenho acabado o meu discurso, e por última recomendação do que fica dito, só peço aos devotos da Senhora do Rosário não deixem de advertir nele quão necessária nos é a todos a intercessão da mesma Senhora. Basta que nos seja tão necessário como o pão para a boca? Pois advertam que ainda é maior a necessidade que dela temos, e nós mesmos o confessamos em uma e outra oração do Rosário, porventura sem o advertir. No Padre-nosso pedimos o pão para cada dia: *Panem nostrum quotidianum*; na Ave-Maria pedimos a intercessão da Senhora para cada hora e para cada instante: *Nunc, et in hora mortis nostrae*. – O *nunc* significa instante; a hora da morte é e pode ser cada hora. E se o pão o pedimos para cada dia, e a intercessão da Senhora para cada hora e para cada instante, não haja hora nem instante no dia em que não digamos de todo o coração à poderosíssima Mãe de Deus e nossa: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc, et in hora mortis nostrae. Amen*.

SERMÃO III

Quinimmo, beati qui audiunt verbum Dei.

II

Vantagens da oração mental sobre a vocal. Os dois altares do Templo de Salomão A oração mental e vocal nas figuras do Testamento Velho. Já ouvimos quão alta é a oração vocal do Rosário; hoje veremos quão profunda é a mental.

Quanta é a diferença que tem – posto que estejam tão juntos – na rosa o cheiro e a virtude, na árvore a folha e o fruto, no mar a concha e a pérola, no céu a aurora e o dia, no homem o corpo e a alma, e, para que o digamos por seus próprios termos, quanta é a vantagem que faz o entendimento à voz, tanta é a que tem – posto que irmãs entre si – a oração mental sobre a vocal. A vocal é o exterior da oração, a mental o interior; a vocal é a parte sensível, a mental a que não se sente; a vocal é um corpo formado no ar, a mental o espírito que a informa e lhe dá vida. A vocal recita preces, a mental contempla mistérios; a vocal fala, a mental medita; a vocal lê, a mental imprime; a vocal pede, a mental convence. A vocal pode ser forçada, a mental sempre é voluntária; a vocal pode não sair do coração, a mental entra nele e o penetra, e, se é duro, o abranda. A vocal exercita a memória, a mental discorre com o entendimento e move a vontade, a vocal caminha pela estrada aberta, a mental cava no campo, e não só cultiva a terra, mas descobre tesouros.

No Templo de Salomão havia dois altares um interior junto ao *Sancta Sanctorum*, em que se queimavam timiamas, outro exterior, no átrio, em que se matavam reses. Os que oram mentalmente, diz Orígenes, sacrificam no altar de dentro; os que oram com vozes, no de fora: *Cum corde oravero, ad altare interius ingredior; cum autem quis clara voce et verbis cum sono prolatis offerre videtur hostiam in altari quod foris est.* – Apenas há figura no Testamento Velho em que se não veja retratada esta grande diferença. A oração vocal é a voz do Precursor no deserto, a mental é o conceito da mesma voz, que reconhece o Messias e lhe manda seguir os passos; a vocal é a boca do leão de Sansão, a mental são as abelhas que nela fabricam os favos, mais doces pelo mistério que pelo mel; a vocal é o estalo da funda de David, a mental é a pedra que rompe a testa ao gigante, e, porque lhe penetrou o cérebro, o deitou em terra; a vocal são as trombetas de Jericó, que batem os muros, a mental é a espada de Josué, que degola os inimigos e sacrifica os despojos; a vocal é o pregão de Saul, a mental é a guerra apregoada, a que debela os amonitas, que liberta Jabes e descativa os cercados. Enfim, da vocal sobem ao céu vapores, da mental se acendem lá relâmpagos e descem raios, que alumiam os olhos, que ferem os peitos, que amortecem as paixões e desfazem em cinza os vícios.

Estes são os efeitos da oração do Rosário, que não só devemos celebrar, mas distinguir enquanto vocal e mental. Enquanto vocal, é maior no número; enquanto mental, no peso; enquanto vocal, reza muitas vezes duas orações; enquanto mental, contempla e medita quinze mistérios; enquanto vocal, fala e solicita o cuidado de Cristo com Marta; enquanto mental está sem nenhum outro cuidado aos pés de Cristo, e ouve com Maria. Uma orava com a boca, e outra orava com os ouvidos. E isto é o que determino dizer e declarar hoje. Já vimos quão alta é a oração vocal do Rosário; hoje veremos quão profunda é a mental. Marcela disse: *Beatus venter*: Cristo respondeu: *Beati qui audiunt*. Marcela levantou a voz para que Cristo a ouvisse, e o Senhor abriu-lhe os ouvidos para que ela aprendesse. Aquele notável *quinimmo* bem mostrou que a lição era nova e mais subida; e assim o será também a do nosso discurso. No

passado vimos como se reza o Rosário com a boca: *Extollens vocem* – neste veremos como se há de rezar o mesmo Rosário pelos ouvidos: *Beati qui audiunt*. – Para que nos ouça a Virgem Santíssima – cuja é a obra e o invento – e nos assista com sua graça, digamos: *Ave Maria*.

III

Assunto do sermão: rezar o Rosário pelos ouvidos. Quanta importância tiveram os ouvidos na concepção do Verbo. Assim como pelos ouvidos de Eva entrou no mundo o veneno e a morte, assim pelos ouvidos da Virgem veio ao mundo o remédio e a vida. De que modo sai da boca do Padre o Verbo Divino. Por que pede David a Deus que ouça a sua misericórdia pela manhã?

Beati qui audiunt verbum Dei.

Rezar o Rosário pelos ouvidos, como prometi, é o assunto deste sermão, mais novo pelo desuso ou abuso, que pela novidade da matéria. Este foi o fim principal para que se instituiu a devoção do Rosário, de poucos bem rezado, e de quase todos mal entendido. Não foi instituído só para nós falarmos com Deus, e Deus nos ouvir a nós, senão para que Deus fale conosco, e nós ouçamos o que nos diz Deus: *Qui audiunt verbum Dei*. – Para restituir, pois, o Rosário à sua primitiva perfeição, ou para persuadir esta novidade aos que a tiverem por tal e para falar em matéria de si não muito clara com toda a clareza, dividirei o discurso em três partes. Na primeira, mostrarei que o Rosário se pode rezar pelos ouvidos; na segunda, que se deve rezar pelos ouvidos: na terceira, como se há de rezar pelos ouvidos: *Beati que audiunt*.

Começando pela possibilidade, no primeiro mistério do mesmo Rosário, e na soberana Instituidora dele, temos o maior e mais perfeito exemplar da grande parte que nesta altíssima obra têm os ouvidos. De dois modos concebeu a Virgem Maria o Verbo Divino, que também de dois modos é palavra de Deus: *Verbum Dei*. Concebeu-o no ventre e concebeu-o na mente. Concebeu-o no ventre sacratíssimo, com privilégio singular a nenhuma outra criatura concedido: *Beatus venter qui te portavit* – e concebeu-o na mente, com aquela eminentíssima perfeição a que nenhuma outra alma pode chegar nem aspirar, posto que todas sejam capazes de conceber o mesmo Verbo mentalmente. E para que vejamos quanta parte tiveram os ouvidos em uma e outra conceição, ouçamos a S. Bernardo: *Missus est coluber tortuosus a diabulo ut venenum per aures mulieris in ejus mentem transfunderet*: No princípio do mundo foi mandada a serpente pelo demônio, para que, pelos ouvidos da mulher, lhe infundisse na mente o veneno. – E depois? – Vede a elegância da contraposição. – *Missus est Gabriel angelus a Deo, ut Verbum Patris per aurem Virginis in ventrem et mentem ipsius eructare*: E depois foi mandado o Anjo Gabriel por Deus, para que, pelos ouvidos da Virgem, assim no ventre como na mente se introduzisse o Verbo do Padre. – E a razão, proporção e correspondência por que a divina sabedoria o traçou e dispôs assim foi: *Ut eadem via et antidotum intrare, qua venenum intraverat*: para que pelo mesmo sentido do ouvir, por onde entrara a peçonha, entrasse também a triaga. – Eva ouviu, Maria ouviu: Eva ao demônio, Maria ao anjo; Eva recebeu na mente o engano, e no ventre o fruto maldito; Maria concebeu na mente a verdade, e no ventre o fruto bendito: *Benedictus fructus ventris tui*. – E com esta admirável contraposição de demônio o anjo, de mulher a virgem, de fruto a fruto, de corpo a corpo, e de mente a mente, assim como pelos ouvidos da primeira mulher entrou no mundo o veneno e a morte, assim pelos ouvidos da segunda – e sem segunda – veio ao mesmo mundo o remédio e a vida.

E se além da proporção e correspondência quisermos especular e apurar mais com que propriedade e energia ordenou Deus que os ouvidos da Senhora tivessem tanta parte neste primeiro mistério, donde manaram todos os outros do Rosário, da natureza e ofício do mesmo

sentido de ouvir tirou a resposta S. Bruno, filosofando excelentemente, e falando com a Virgem desta maneira: *Suscipe Verbum in corde et in utero, o Virgo, quia per aurem ingreditur in te quod nascetur ex te: Verbum enim est, et via verbi auris est*: Ouvi, ó Virgem, o anjo; recebi o que vos diz e anuncia na mente e nas entranhas, e não duvideis que o Filho, que há de nascer de vós, haja de entrar pelos ouvidos em vós. – Por quê? Porque esse Filho, que há de ser vosso, é a Palavra do Padre e a porta e o caminho por onde entra a palavra, são os ouvidos: *Verbum enim est, et via verbi auris est*.

Deste modo rezam o Rosário pelos ouvidos aqueles que o exercitam todo, e não de meias; isto é, aqueles que não se contentam só com repetir de boca as orações vocais, mas consideram e meditam atentamente os mistérios, e ouvem com a mesma atenção o que neles inspira e fala Deus. A Senhora primeiro considerou o mistério: *Cogitabat qualis esset ista salutatio* – e depois, pelos ouvidos, concebeu o Verbo: *Fiat mihi secundum verbum tuum*. E nós, da mesma maneira, considerando primeiro mentalmente aquele mistério, e os outros do Rosário, concebemos pelos ouvidos o mesmo, e não outro Verbo, porque ouvimos o que por meio da meditação dos mesmos mistérios fala Deus connosco.

Sucede na nossa meditação, em admirável prova do que dizemos, o mesmo que ao Eterno Padre na produção do Verbo Divino. O Verbo Divino, que é a eterna palavra de Deus, de que modo vos parece que sai da boca do Padre. *Ego ex ore Altissimi prodivi?* Não pode haver semelhança nem propriedade mais própria. Contempla o Eterno Padre dentro em si mesmo a essência, os atributos, as perfeições e todos os outros mistérios da divindade, que só ele compreende, e desta contemplação compreensiva, com que Deus cuida em si, e se conhece e vê a si, nasce o Verbo Divino, que é a Palavra de Deus e todo o seu dizer: *Dicere Deo est cogitando intueri, in quantum, scilicet, intuitu cogitationis divinae concipitur Verbum Dei* – diz Santo Tomás. Pois, assim como da compreensão, com que Deus contempla intuitivamente os mistérios da divindade, se produz e nasce o Verbo, assim da meditação com que nós, na parte mental do Rosário, contemplamos os mistérios da Humanidade, unida à mesma Divindade, nasce o Verbo e Palavra de Deus, com que interiormente nos fala, e nós interiormente concebemos e mentalmente ouvimos: *Qui audiunt verbum Dei*.

Altamente está dito. Mas, quem nos confirmará esta tão sublime verdade? Seja o maior e mais experimentado espírito em uma e outra oração: *Auditam fac mihi mane misericordiam tuam* (Sl. 142, 8): Fazei, Senhor – diz David – que eu de manhã ouça a vossa misericórdia. – Dois grandes reparos encerram estas quatro palavras. Todos, quando oram, pedem a Deus que, por sua misericórdia, os ouça; porém, David não diz que a misericórdia de Deus o ouça a ele, senão que ele ouça a misericórdia de Deus: *Auditam fac mihi misericordiam tuam*: Fazei que a vossa misericórdia seja ouvida de mim. – De sorte que a misericórdia de Deus é a que há de falar, e David o que há de ouvir. A razão deste extraordinário modo de pedir, ou dizer, depende do segundo reparo: *Auditam fac mihi mane*: Fazei que eu ouça a vossa misericórdia pela manhã. – E que mais tem para este requerimento a hora da manhã que as outras? David orava pela manhã, ao meio-dia e à tarde. *Vespere, et mane, et meridie, narrabo*. – David orava sete vezes no dia: *Septies in die laudem dixi tibi*. – Pois, se David orava tantas vezes, e em tão diferentes horas do dia, por que não pode nem requer, ou por que não presume nem espera que Deus lhe fale a ele, e ele ouça a Deus, senão na hora de pela manhã: *Auditam fac mihi mane misericordiam tuam?* O mesmo David o disse, e com tanta razão como nós o temos dito. Este santo rei orava de vários modos, já vocalmente, rezando salmos, já mentalmente, meditando, e a hora que particularmente tinha dedicado à meditação era a hora da manhã: *In matutinis meditabor in te* – e como pela manhã é que meditava, pela manhã é que esperava que Deus lhe havia de falar a ele, e ele havia de ouvir a Deus: *Auditam fac mihi mane misericordiam tuam*. – Tão certo é que com os que meditam fala Deus, e porque meditam, e quando meditam, o ouvem.

III

O que diz David e o que não diz em sua meditação. Ao que medita não lhe fala Deus de outra parte, nem de fora, senão dentro nele. O que tanto desejaram e não alcançaram os profetas, é o que gozam os professores da devoção do Rosário, se se aplicam a ela tão inteiramente como devem. Os que dizem que meditam e não ouvem. Sendo o Verbo de Deus, a palavra de Deus, ninguém pode considerar suas obras nem meditar seus mistérios que o não ouça. As duas portas da palavra.

Beati qui audiunt verbum Dei.

Daqui se segue que, quanto forem mais altos os mistérios que meditarem, tanto mais altas serão também as ilustrações com que Deus lhes falará aos ouvidos. Qual era a matéria das meditações de David naquele tempo: *Meditatus sum in omnibus operibus tuis, in factis manuum tuarum meditabor*. Meditava nas obras universais da onipotência, com que Deus criara e sustentava o mundo, e nas particulares da providência, com que escolhera, defendia e conservava o seu povo, que era o que Deus até então mais maravilhosamente tinha obrado. E se a meditação destas obras, posto que grandes, tão inferiores, merecia que o mesmo Deus respondesse a ela e fosse ouvido de quem as meditava, que juízo se deve fazer das inspirações, dos impulsos e das falas interiores, com que Deus penetrará os corações, e baterá suavemente os ouvidos dos que atentamente meditarem os altíssimos mistérios da Encarnação, do nascimento, da vida, da morte, da ressurreição do Filho de Deus, que são os de que se compõe o Rosário? Se as obras da criação, que só custaram a Deus uma palavra, falavam e eram com tanta admiração ouvidas de quem as meditava, as obras da Redenção, que custaram à mesma Palavra de Deus o sangue, do qual sangue, diz S. Paulo que fala melhor que o de Abel: *Melius loquentem quam Abel* (Hebr. 12, 24) – que vozes serão as suas na atenta e profunda meditação delas, e quanto mais se farão ouvir? O mesmo profeta, que antevia os futuros que não chegou a ver, o disse: *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam, et salutare tuum da nobis. Audiam quid loquatur in me Dominus Deus*: Acabai, Senhor, de mostrar aos homens até onde chegam os extremos de vossa misericórdia; acabai de nos dar e mandar ao mundo o nosso ou o vosso Salvador, pois é vosso Filho: *Salutare tuum da nobis*. – E então quando ele vier – se vier, David, em vossos dias – e nascer e morrer, e obrar todos os outros mistérios da Redenção, que é o que esperais da sua vinda, e da vista e consideração desses mesmos mistérios? – O que principalmente espero, e sobretudo desejo, é o que hei de ouvir interiormente quando ele dentro em mim me falar: *Audiam quid loquatur in me Dominus Deus*. – Notai o que diz David e o que não diz. Não diz que suspirava com tantas ânsias pela vinda do Messias, para ouvir o que ele havia de pregar exteriormente ouvido, senão para lhe ouvir o que lhe havia de falar interiormente meditado: *Audiam quid loquatur in me*. – Como se dissera não me alvoroça o que há de dizer a todos, senão o que me há de dizer a mim; nem tanto o que me há de dizer a mim, quanto o que me há de dizer em mim: *in me*. A Moisés falou-lhe Deus da sarça, a Job falou-lhe de uma nuvem, ao Sumo Sacerdote falava-lhe do Propiciatório, ao que medita não lhe fala Deus de outra parte, nem de fora, senão dentro nele; *in me* – porque dentro dele está a meditação, por meio da qual lhe fala. Combinai o *loquatur in me* com o *meditabor in te*: eu meditarei nele, e ele falará em mim: eu com o silêncio e ele com a voz, eu calando e ele falando, ele dizendo e eu ouvindo: *Audiam quid loquatur in me*.

Isto é o que considerava aquele tão grande rei como profeta, o qual, porém, não chegou a ter a ventura de ver e ouvir o por que tanto suspirava. Por isso aos apóstolos, que a tiveram, disse o Senhor: *Dico vobis quod multi prophetae et reges voluerunt videre quae vos videtis, et non viderunt, et audire quae auditis, et non audierunt* (Lc. 10, 24): Para que conheçais e

estimeis o bem de que gozais, vos digo que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes, e não o viram, e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram. – Um destes reis e um destes profetas, e o principal de todos eles, foi David, de quem o mesmo Cristo era e se chamou filho; e esta ventura que tanto desejou e não alcançou o rei mais mimoso e o profeta mais alumiado de Deus é a que gozam os professores da devoção do Rosário, se se aplicam a ela tão inteiramente como devem. David desejava ver os mistérios de Cristo, e ouvir o que interiormente lhe dizia: *Audiam quid loquatur in me*; e todos os que atentamente meditam os mistérios do Rosário, por meio da mesma meditação, vêem a Cristo e ouvem a Cristo. Vêem a Cristo porque, meditando seus mistérios, o fazem presente; e ouvem a Cristo porque os mesmos mistérios meditados falam: e se alguém não ouve o que o Senhor lhe diz por eles, é que os não medita.

Dirá, porém, algum dos que se têm por exercitados nesta meditação, que ele medita, mas não ouve. E para escusar este silêncio ou falta de ouvir, dirá também que os mistérios do Rosário todos são obras de Cristo, e não palavras, e que a meditação pode representar e ver o que ele fez, mas não pode representar nem ouvir o que ele não disse. A este argumento que não parece totalmente sofisticado, responde Santo Agostinho, e com tanta agudeza como sua. Quem é Cristo? É o Verbo de Deus, e a palavra do Padre: logo, ninguém pode considerar suas obras nem meditar seus mistérios que o não ouça. E por quê? Porque a palavra não pode obrar senão falando; e como todas as obras da palavra falam, todas se ouvem: *Quia ipse Christus Verbum Dei est, etiam factum verbi verbum nobis est*. Porque Cristo é palavra de Deus, também as obras dessa palavra são palavras, porque a palavra não pode obrar senão falando. E se essas obras, que são palavras, alguém as não ouve, é porque lhes não entende a língua: *Habent enim si intelligantur linguam suam*. – Reparai na exceção de Agostinho, com que ficam excluídos os que dizem que meditam e não ouvem. Essas obras e esses mistérios de Cristo, *si intelligantur*: se se entendem, falam, se se não entendem, são mudos. As palavras que somente são palavras podem-se ouvir, ainda que se não entendam; as obras que são palavras, se não se entendem, não se ouvem. Por isso vós não ouvis, porque não entendeis; e a causa por que não entendeis, é porque não meditais. Meditai e observai bem o que se vos representa em cada mistério, e logo ouvireis. A mesma Palavra divina o diz assim: *Beatus homo qui audit me* (Prov. 8, 34): Bem-aventurado o homem que me ouve. – E que há de fazer o homem, Palavra divina, para vos ouvir? – Duas coisas: Vigiar e observar às minhas portas: *Qui vigilat ad fores meas, et observat ad postes ostii mei*. – A palavra tem duas portas, uma por onde sai e outra por onde entra: a porta por onde sai, é a boca, e, no nosso caso, o mistério, a porta por onde entra, é o ouvido, e, no nosso caso, a meditação. Se vós não meditais, como quereis ouvir? Meditai e observai vigilante e atentamente o mistério, e logo entenderéis e ouvireis o que Deus vos diz nele: *Qui vigilat, qui observat, qui audit*. – E, ouvindo desta maneira, sereis dobradamente bem-aventurados, por testemunho de ambas as Escrituras: *Beatus homo qui audit me, beati qui audiunt verbum Dei*.

IIV

Deve-se rezar o Rosário pelos ouvidos, não só por ser conveniente e mais útil, mas por ser totalmente necessário. Distinção entre o falar e ouvir nas palavras do filósofo Sofar, amigo de Job. Para Deus é mais apazível a conversação dos simples, porque falam pouco e ouvem muito. Abraão, o homem que mais cortesmente soube falar com Deus. O justo não é justo porque fala muito, senão porque medita muito. O rezar sem meditar, não é oração, é verbosidade. Deus, aos que concedeu o ouvir, tira-lhes o falar, como a Moisés na sarça ardente. Os sussurros de Deus, frutos da oração vocal à mental.

Temos declarado a teórica do Rosário rezado pelos ouvidos. Mas antes que passemos à praxe, para que a recebamos e aceitemos melhor, será bem que vejamos as razões por que deve ser praticado por este modo, não só vocal, senão mentalmente, não só rezando, senão meditando, nem só falando, senão ouvindo. Digo, pois, que se deve rezar o Rosário pelos ouvidos, não só por ser mais conveniente e mais útil, mas por ser totalmente necessário. Mais conveniente da parte de Deus, porque assim lhe é mais agradável; mais útil da parte nossa, porque assim nos é mais proveitoso; e totalmente necessário, da parte do Rosário, porque, falando só, e não ouvindo, não será Rosário.

Prova esta última proposição – pela qual é bem começemos, como fundamento das demais – aquele antiquíssimo filósofo Sofar, um dos três amigos de Job, e distingue e aperta o ponto com tal energia, que ninguém em toda a Escritura o fez melhor: *Numquid qui multa loquitur, non audiet? Aut vir verbosus justificabitur? Utinam Deus loqueretur tecum, et aperiret labia sua tibi* (Job 11, 2. 5)! É possível que tu, que falas muito, não queres ouvir? E cuidas que o teu muito falar te há de fazer justo? Oh! se Deus abrisse a boca e falara contigo! – Cada palavra desta sentença é uma declarada censura contra o abuso geral com que se reza o Rosário. O instituto santíssimo e prudentíssimo desta soberana devoção dividiu-a em orações e mistérios, para que nós, como compostos de corpo e alma, ora falássemos vocalmente com Deus, ora o ouvíssemos mentalmente. E seria bem falarmos nós tudo e não ouvirmos nada: *Numquid qui multa loquitur, non audiet?* Pois isto é o que fazem ou desfazem os que só falam, e não meditam; os que só rezam com a boca, e não pelos ouvidos. Toda a oração, como já a definimos com S. Gregório Niceno, é um colóquio e conversação do homem com Deus; e a lei da boa e cortês conversação é falar e ouvir. E se a personagem que nos admite à prática for muito superior, que ensina a cortesia e a reverência? Falar pouco e ouvir muito. Notável coisa é que goste Deus de conversar com os simples: *Cum simplicibus sermocinatio ejus!* Não é muito mais aprazível a conversação dos doutos, dos eruditos, dos discretos? Para Deus, não. Esses falam muito e ouvem pouco; os simples falam pouco e ouvem muito. Esses ouvem-se a si, e Deus quer quem o ouça a ele. Por isso gosta da conversação dos simples.

O homem que mais cortesmente sou falar com Deus foi Abraão: *Loquar ad Dominum, cum sim pulvis et cinis* – e vede como falava e como ouvia. A primeira vez que Deus apareceu a Abraão foi em Harã, e diz o texto: *Dixit autem Dominus ad Abram* (Gén. 12, 1): Disse o Senhor a Abraão. – A segunda vez apareceu-lhe em Siquém, e diz o texto: *Apparuit autem Dominus Abram, et dixit ei* (Ibid. 7): Apareceu o Senhor a Abraão, disse-lhe. – A terceira vez apareceu-lhe em Canaã, e diz o texto: *Dixitque Dominus ad Abram* (Gén. 13, 14): E disse o Senhor a Abraão. – A quarta vez apareceu-lhe na mesma terra, e diz o texto: *Factus est sermo Domini ad Abram dicens; dixitque Abram: Domine Deus* (Gén. 15, 16): Disse Deus a Abraão, e Abraão disse a Deus. – Não sei se reparais nestas quatro aparições, e se achais nelas alguma diferença. Eu confesso que tenho lido estes textos algumas vezes, e nunca adverti o que advertiu Caetano e pede a todos que advirtam: *Considera, prudens lector, quod in praeteritis tribus visionibus semper Abraham fuit auditor tantum; in hac autem quarta et audit et respondet*: Considere o prudente leitor – diz Caetano – que Abraão nas primeiras três aparições Deus, ouviu e não falou palavra, e só nesta quarta – ouviu e falou. Pois se falou nesta, por que falou também nas outras? Porque falava com Deus Quem fala com Deus há de ouvir muito e falar pouco para falar uma vez há de ouvir quatro. Quem tanto ouve, e tão pouco fala merece que Deus lhe apareça muitas vezes. Ide agora, e falai o Rosário inteiro sem pausa, sem aguardar compasso, sem dar lugar a Deus a que também ele nos diga alguma coisa; e se vós falais tudo, e Deus não fala, como o haveis de ouvir?

Vai por diante Sofar: *Aut vir verbosus justificabitur?* Porventura cuidais que essa verbosidade e esse muito falar vos há de fazer justo? – Não. O justo não o faz o muito que fala, senão o falar o muito que medita: *Os justi meditabitur sapientiam, et lingua ejus loquetur judicium*. Encontrada coisa parece atribuir a meditação à boca, e o juízo à língua: o juízo é o

que medita; a boca e a língua a que fala. Mas o justo de tal maneira ajunta a meditação com a oração, e o mental do juízo com o vocal das palavras, que ainda com boca e com a língua medita, e não porque fala muito, senão porque medita muito, é justo. Não justo porque fala muito: *Numquid vir verbosus justificabitur?* – mas justo porque medita muito: *Os justi meditabitur sapientiam.* – Mas, para que é ir buscar a prova nas Escrituras, se a temos mais perto na experiência? Contai os que rezam o Rosário, e contai os justos. São tantos os justos como os que rezam o Rosário? É certo – ainda mal – que por cada cento que rezam o Rosário me não dareis um justo. E donde vem esta desigualdade tão grande, tão enorme e tão indigna? É porque *Vir verbosus non justificabitur.* Rezam e não meditam, e o rezar sem meditar, não é orar, é falar: em vez de ser oração é verbosidade. O que se reza sem meditação, sai da boca; o que primeiro se medita, sai do coração; e, ainda que seja uma só palavra, é oferta que se pode dedicar a Deus: *Eructavit cor meum verbum bonum; dico opera mea regi.* Então, cuidam os que isto fazem que a devoção do Rosário está em o rezar ou falar todo inteiro. Os que assim o rezam, sem meditar, falsamente se arrogam o nome de devotos da Senhora e do seu Rosário. O Rosário que a Senhora instituiu não é esse: logo, não são devotos do Rosário. Pois, que são? Quando muito são rezadores, e por isso, ou cegos ou mercieiros; mas justos não. Lembrem-se daquela sentença: *Cum oratis, nolite multum loqui* (Mt. 6, 7): Quando orais não faleis muito. – E de quem é esta sentença? É do mesmo Cristo, que diz: *Oportet semper orare* (Lc. 18, 1): Importa orar sempre. – E o mesmo Senhor, que nos manda orar sempre, manda que quando oramos não falemos muito, porque o falar não é orar. Por isso nem ele nos ouve nem nós o ouvimos.

Oh! se ouvíramos alguma vez a Deus! Isto é o que desejava e exclamava Sofar: *Utinam Deus loqueretur tecum, et aperiret labia sua tibi* (Job 11, 5)! Oh! se Deus abrisse uma vez a boca, e falasse contigo! – E qual era a razão deste seu desejo? Porque falava com os que falam muito e não querem ouvir; e sabia que, tanto que ouvissem a Deus, mais haviam de querer ouvir que falar. Com ser Deus autor da natureza, no falar e no ouvir tem mui diferentes efeitos. Todo o mudo naturalmente é surdo, e todo o que ouve a Deus naturalmente emudece. A natureza aos que privou do falar tira-lhes o ouvir, e Deus aos que concedeu o ouvir tira-lhes o falar. Quando Deus apareceu a Moisés na sarça, e o mandou com a embaixada a Faraó, escusou-se Moisés com que não sabia falar: *Non sum eloquens ab heri et nudiustertius.* Mas contra isto está o que se refere nos Actos dos Apóstolos, que Moisés tinha estudado todas as ciências dos egípcios, e era nelas e na sua língua poderosamente eloquente: *Et eruditus est Moyses omni sapientia Aegyptiacum, et erat potens in verbis* (Act. 7, 22). – Pois, se Moisés era tão sabiamente eloquente, e tão eloquentemente sábio, como diz agora que não sabe falar? Ele mesmo deu a razão: *Ex quo locutus es ad servum tuum, impeditioris et tardioris linguae sum* (Êx. 4, 10): É verdade, Senhor, que eu antes deste dia falava expeditamente; mas depois que vós vos dignastes de me falar, e eu vos ouvi, no mesmo ponto se me tolheu a fala e atou a língua. – E porque Sofar sabia os segredos desta filosofia, por isso desejava que falasse Deus uma vez aos que só falam e não ouvem: *Nunquid qui multa loquitur non audit? Utinam Deus loqueretur tecum!* – A Virgem Senhora nossa não instituiu o seu Rosário só para falarmos rezando, senão para ouvirmos meditando; e o Rosário que é só de boca, e não de ouvidos, é tão diminuto e imperfeito que não merece o nome de Rosário, porque, não meditando os mistérios, falta a parte principal e essencial dele. Antes quero a terça parte do teu Rosário meditado, disse a Senhora a um seu devoto, e ainda menos da terceira parte, que todo ele inteiro sem meditação. E este conselho não só devem tomar todos, mas é necessário que o tomem, sob pena de o seu Rosário não ser Rosário.

Podem-me dizer, contudo, alguns dos que rezam e não meditam, que rezando o Rosário, sem meditar os mistérios, sentem, contudo, grandes affectos em seu espírito, assim de compunção para com Deus como de piedade e confiança para com sua Santíssima Mãe. Oh! como vos enganais convosco mesmos, mas venturosamente! Pergunto: e esse cuidar em Deus

e na Virgem Maria, não é parte de meditação, posto que breve? Assim o prova e convence a Santa Madre Teresa contra os mesmos que em seu tempo rezavam vocalmente, e tinham medo da oração mental. Os afectos de devoção e piedade que sentem, quando assim rezam, também são efeitos da meditação, posto que imperfeita, e vozes ou sonidos breves e subtilíssimos com que Deus então lhes fala ou passa pelos ouvidos. Por isso no Livro de Job se chamam estas falas de Deus, não vozes, senão sussurros, e esses que se ouvem furtivamente: *Et quasi furtive suscepit auris mea venas susurri ejus*. – Assim que, quando sentis esses afectos, já, sem o entender, começais a rezar pelos ouvidos, que por isso diz: *Suscepit auris mea*; e são uns como furtos, que faz a oração vocal à mental, saindo-se da sua esfera, que por isso diz: *Quasi furtive*; e são as veias do sonido, que ainda não chegam a ser voz dearticulada, que por isso diz: *Venas susurri ejus*. Mas daí mesmo se colhe que, se tão doce é o que se chupa nas veias, que será o beber na fonte? E se tanto obram na alma só os sussurros, as vozes declaradas que farão? Necessário é, logo, à essência do Rosário que perfeita e inteiramente se reze pelos ouvidos, para ser verdadeiro Rosário.

IV

Conveniência do Rosário rezado pelos ouvidos. O que diz Cristo por boca de Job. Os ouvidos, colocados de uma e outra parte da cabeça, são as balanças em que havemos de pesar o muito que fez Deus por nós. O devoto do Rosário comparado à rola dos Cantares. Por que promete o Esposo à Esposa, não outras jóias, senão arrecadas de ouro sobreprateado? Por que alega Cristo à Esposa os títulos de irmã, amiga e pomba imaculada? As lágrimas do presépio e as gotas de sangue figuradas pelo orvalho da noite.

E se da parte do Rosário é totalmente necessário rezar-se pelos ouvidos, da parte de Deus não é menos conveniente, porque só rezado assim lhe agrada e é aceito. Nenhuma coisa Cristo, Senhor nosso, mais deseja de nós que a justa estimação e ponderação do muito que fez e padeceu por nós: *Utinam appenderentur peccata mea, quibus iram merui, et calamitas quam patior in statera! Quasi arena maris haec gravior appareret*: Oh! quem me dera que as penas que padeço e os pecados por que padeço se puseram em fiel balança! E se veria claramente que excede tanto o peso das penas ao dos pecados quantas são as areias do mar! – Isto disse Job em nome de Cristo, ou Cristo por boca de Job, porque só em Cristo se verifica, e em Job de nenhum modo. Em Job não, porque qualquer mal de culpa, ainda que seja venial, excede sem comparação a todo o mal de pena, quanto é possível. E em Cristo sim, porque a mínima acção de Cristo, por ser de preço infinito, excede infinitamente a todos os pecados do mundo, pelos quais padeceu e pagou. E como, bastando a mínima acção de Cristo para remir mil mundos, foi tal o seu amor para com os homens que quis nascer, morrer, e obrar todos os outros mistérios de humildade, paciência e caridade que no Rosário se representam e consideram, a meditação atenta e a justa ponderação de todos eles é o que mais deseja de nós o soberano Redentor, e para isso nos pede os pesemos em fiel balança: *Utinam appenderentur in statera!*

Mas que parte tem ou podem ter nesta balança os ouvidos? Muito grande. Assim o declaram as mesmas palavras na língua em que falou Job e é uma filosofia tão admirável como natural. Onde a nossa versão lê: *in statera*, o texto original tem: *in bilancibus, in auribus*. *Bilances*, são os dois escudos da balança em que as coisas se pesam; *aures* são as orelhas, instrumentos dos ouvidos. E por que se comparam ou declaram os dois ouvidos pelos dois escudos da balança? Porque este é o ofício que lhes deu a natureza, e a forma e o lugar em que os colocou. Como a natureza pôs a razão e o juízo, que é o fiel da balança, na cabeça, pôs-lhe também de uma e da outra parte os ouvidos, como dois escudos da mesma balança e como dois assessores do mesmo juízo. Mas, antes que fechemos o passo, ouçamos o grande

comentador de Job, o doutíssimo Pineda: *Cum trutinam requirit, certe aequum auditorem et incorruptum aurium iudicium requirit: est enim inter aures veluti inter duas lances media trutina rationis, et iudicii, quod in capite residet. Ergo duae aures, ut quae audiuntur diligenti mentis trutina expendenda sint, homini concessae sunt.* – Quer dizer: deu o autor da natureza ao homem dois ouvidos, e pô-los de uma e outra parte da cabeça, porque na cabeça tem seu assento a razão e o juízo; e assim o juízo, posto no meio, e os ouvidos, de uma e outra parte, vem a fazer uma balança natural, em que as coisas se pesam fielmente. – Esta é pois a razão por que o benigníssimo Redentor, que tomou sobre si a satisfação de nossos pecados, e pagou tanto mais do que devia, e padeceu tanto mais do que era necessário, e obrou em todos os mistérios de nossa Redenção tantos excessos quantos só podia inventar o seu amor, para mais obrigar o nosso, esta é a razão por que tanto deseja que na atenta meditação os pesemos, e por que, com o nome de balanças nos pede os ouvidos, para que, como em justas balanças, ponderemos os mesmos mistérios, e como por atentos ouvidos ouçamos o que eles nos dizem: *Utinam appenderentur in bilancibus, in auribus.*

E para que vejamos em próprios termos quanto Cristo, Senhor nosso, mais deseja e estima no Rosário esta ponderação dos ouvidos que a reza somente vocal do mesmo Rosário, assim como já ouvimos por boca de Job o seu desejo, ouçamo-lo agora por boca de Salomão. Trata altamente Salomão esta diferença no primeiro capítulo dos Cantares, e como as suas comparações ali são tão extraordinárias, a que vos parece que compararia uma alma devota do Rosário, das que só o rezam vocalmente? Comparou-a a uma rola com o Rosário ao pescoço: *Genae tuae sicut turturis* – eis aí a rola; *Collum tuum sicut monilia* – eis aí o Rosário. E por que não pareça que dar nome de Rosário ao que ali se chama colar é interpretação alheia do texto, o original hebreu, em que escreveu Salomão, diz que era feito de pérolas furadas e enfiadas: *Margaritas perforatas, et filo copulatas* – treslada Sanctes Pagnino, doutíssimo naquela língua. Assim que, nem o Rosário podia ser mais próprio nem mais precioso. Era também rezado com grande piedade e devoção, que por isso, quem o trazia ao pescoço é comparado à rola, cujos arrulhos são piedosos, e mais gemidos que vozes: *Sicut turturis.*

Isto é o que disse o Esposo, que é Cristo, à Esposa que é a alma; mas o que logo se segue, e acrescentou o mesmo Esposo, é digno de grande consideração e reparo: *Murenulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento* (Cânt. 1, 10): O que agora vos hei de fazer, Esposa minha, são umas arrecadas para as orelhas, e essas hão de ser de ouro, esmaltadas de prata. – Não reparo em Cristo sobrepratear o ouro, como nós sobredouramos a prata, posto que isto tenha o mistério que logo veremos. Mas o que primeiro faz ao nosso caso é a consequência destas palavras sobre as que acabamos de referir. Se o Esposo acaba de louvar as pérolas do colar e os gemidos da rola, se o colar é o Rosário, e os gemidos a oração vocal, piedosa e devota – como explicam S. Gregório, S. Basílio, Teodoreto, e todos os padres comumente – por que se não dá por satisfeito disto o Esposo, e, querendo ornar e enriquecer a Esposa com novas jóias, as que trata de lhe fazer não são outras, senão as arrecadas? Porque as arrecadas, diz S. Bernardo, são jóias e ornato dos ouvidos. E como pelos ouvidos entram à alma as falas interiores de Deus na meditação, ainda que o Rosário que a Esposa traz ao pescoço seja de pérolas, e a voz com que o reza de rola piedosa e enternecida, não se satisfaz o Senhor inteiramente de que o reze só de boca, senão também pelos ouvidos. De boca sim, repetindo devotamente as orações vocais, em que a alma fala com Deus; mas muito mais pelos ouvidos, meditando atentamente os mistérios, em que Deus fala com a alma e ela ouve o que lhe diz.

E para que se veja que estes mistérios não são outros senão os do Rosário, todos de Deus enquanto homem, por isso as arrecadas eram de ouro sobreprateado: *Aureas vermiculatas argento.* – O ouro é a divindade, a prata a humanidade; e está o ouro debaixo da prata, porque debaixo da humanidade de Cristo está encoberta a divindade. Mas porque a mesma divindade, enquanto o Senhor viveu neste mundo, de tal maneira andava encoberta debaixo da humanidade que não deixava de reluzir nas obras da onnipotência, essa é também

a propriedade e elegância com que o prateado não era todo contínuo, senão aberto a partes, a modo só de esmalte ou filigrana, que isto quer dizer *vermiculatas*. Maior advertência ainda, e maior propriedade. Onde a Vulgata lê *vermiculatas*, diz a versão chamada Quinta Editio: *cum distinctionibus argenti*: com distinções de prata. De sorte que nas jóias, com que de novo se ornaram os ouvidos da Esposa, havia distinções, e essas distinções estavam na prata, e não no ouro. Por quê? Excelentemente. Porque na divindade, que é substância simplicíssima, não há distinção, e na humanidade e seus mistérios sim; e mais nos do Rosário, de que propriamente falava: uns gozosos, outros dolorosos, outros gloriosos, e em cada uma destas distinções outros cinco mistérios também distintos: *Cum distinctionibus argenti*. Em suma: que assim como em todos estes mistérios, por meio da meditação, fala Deus distintamente à alma, assim para todos e cada um deles lhes quer ter bem dispostos e preparados os ouvidos, e não só ornados, mas sobreornados: *Murenulas aureas faciemus tibi*. Até aqui o Esposo.

Agora fala a Esposa, e diga ela também o que o Esposo lhe diz quando lhe fala aos ouvidos: *Vox dilecti mei pulsantis: Aperi mihi, soror mea, amica mea, columba mea, immaculata mea*. Fala a voz de Cristo, e bate às portas da alma, que são os ouvidos: *Vox dilecti mei pulsantis*: o que lhe pede é que abra: *Aperi mihi* – e os motivos ou títulos que lhe alega para a persuadir é chamar-lhe irmã: *soror mea*; amiga: *amica mea*; pomba e imaculada: *columba mea, immaculata mea*. E por que alega Cristo estes títulos, e não outros, quando bate com a voz aos ouvidos da alma? É coisa verdadeiramente maravilhosa. Alega-lhe estes títulos, e não outros, porque neles se contêm distinta e nomeadamente todos os mistérios do Rosário: no primeiro título os Gozosos, no segundo dos Dolorosos, no terceiro os Gloriosos. Assim o notou, muito antes de haver Rosário, Justo Orgelitano, e o declarou tão sucinta como elegantemente: *Soror, quia de sanguine ejus; amica, quia per mortem ejus reconciliata; columba, quia de Spiritu Sancto immaculata*: Chama-lhe irmã porque na Encarnação unindo a si o Verbo a nossa humanidade, se fez irmão nosso: *Soror, quia de sanguine ejus*. – E estes são os primeiros mistérios do Rosário. Chama-lhe amiga, porque por meio da morte e Paixão de Cristo se reconciliou a natureza humana com Deus: *Amica, quia per mortem ejus reconciliata*. – E estes são os segundos mistérios. Chama-lhe, finalmente, pomba e imaculada, porque por meio da vinda e graça do Espírito Santo se lhe tiraram as manchas do pecado: *Columba, quia de Spiritu Sancto immaculata*. – E estes são os terceiros mistérios. Com estes títulos e motivos de seu amor bateu o Esposo às portas da alma para que lhas abrisse, e com estes somente, e nenhuns outros, porque não tem Cristo outra máquina nem outra bateria mais forte para render nossas almas que os mistérios do Rosário. Os nossos ouvidos são os batidos, e a sua voz é a que bate: *Vox dilecti mei pulsantis*.

Mas porque a Esposa nesta ocasião se mostrou menos diligente em acudir à voz do Esposo e lhe abrir as portas, que faria o Amante divino para prosseguir e conseguir a empresa em que tão empenhado estava o seu amor? Caso sobre todo o encarecimento notável, e no mesmo Deus estupendo! Torna o Senhor a instar no mesmo requerimento, e os motivos que de novo alega não são outros, senão os mesmos mistérios do Rosário mais vivamente representados: *Quia caput meum plenum est rore, et cincinni mei guttis noctium* (Cânt. 5, 2): Compadecei-vos de mim – diz – Esposa minha, porque trago a cabeça coberta de orvalho, e me estão correndo pelos cabelos em fio as gotas das noites. – E que orvalho e que gotas, não da noite, senão das noites são estas? O orvalho – diz Filo Carpácio – é o da madrugada gloriosa em que Cristo ressuscitou: *Caput Christi plenum est rore in resurrectione, quae mane facta est, cum ros in terram descendit*. As gotas das noites não hão mister comentador, porque bem se está vendo que são as gotas das lágrimas da noite do nascimento, e as gotas do sangue na noite do Horto: *Et factus est sudor ejus, sicut guttae sanguinis decurrentis in terram*. De maneira que nas lágrimas do Presépio, acompanhadas de músicas de anjos, lhe alegou os mistérios Gozosos; nas gotas do sangue, espremidas da dor, da aflição e da agonia no Horto, os mistérios Dolorosos; e no orvalho da madrugada da Ressurreição alegre e

triumfante, os Gloriosos. E não alegou nem disse mais o Esposo, porque para penetrar os nossos ouvidos e render os nossos corações, em chegando a nos representar e repetir uma e outra vez os mistérios do Rosário, não tem Cristo mais que alegar nem mais que dizer. Ainda desta segunda vez se escusou contudo a Esposa, e não abriu; mas, tanto que considerou e meditou o que tinha ouvido, não só abriu a porta, mas, saindo de casa, e como fora de si, pelas ruas, sendo de noite, e pelas portas da cidade, estando cercadas de guardas, roubada e, sobrerroubada, ferida, assim foi buscar o Esposo, até que o achou. E se tanto caso faz Deus, e tanto consegue de nós pelos mistérios do Rosário ouvidos e meditados, que muito é que estime mais e lhe seja mais aceito o Rosário por este modo, que rezado só vocalmente.

IVI

Benefícios da meditação dos mistérios do Rosário. Diz David que o seu coração meditava dentro nele, porque muitos não têm o seu coração dentro em si, senão fora de si. Cristo mais quer ser ouvido que comungado. Razões do lastimoso milagre dos que comungam e não se sentem abrasados. Por que dizem os discípulos de Emaús que lhes ardia o coração quando o Senhor lhes falava, e não quando comungavam seu corpo? O salmo das vozes de Deus. O aperfeiçoamento dos ouvidos. Se Cristo, no Sacramento, antes quer ser ouvido que comungado, como não estimará mais no Rosário o ser ouvido que ouvi-lo rezar?

Finalmente, que da nossa parte nos seja mais útil esta mesma meditação dos mistérios, e ouvir o que Deus nos diz por ela, só o poderá duvidar quem ignore o que todos sabem, que por falta de consideração se perde o mundo. Já dissemos ou já nos disse David que na sua meditação lhe falava Deus. E se lhe perguntamos quais eram os efeitos que experimentava neste meditar e neste ouvir, ele mesmo no-lo dirá, e não sem grande confusão dos que rezam o Rosário e o perdem, porque o não meditam: *Concaluit cor meum intra me, et in meditatione mea exardescet ignis* (Sl. 38, 4): Meditei – diz David – e por meio da meditação se me acendeu no peito tal fogo, que o meu coração dentro em mim ardia. – Nota aqui advertidamente o Cardeal Hugo, e repara muito em dizer David que o seu coração ardia dentro nele: *Cor meum intra me*: O meu coração dentro em mim. – Pois, onde havia de estar o vosso coração, David, senão dentro em vós? – Podia estar lá por onde ele andou noutro tempo, quando eu não meditava; podia estar lá por onde andam também os corações de muitos que rezam o Rosário, sem meditação no mesmo tempo em que o rezam: *Multi enim sunt qui non habent cor intra se, sed extra, ad temporalia et mundana quaecumque, nec possunt calefieri*: Diz David que o seu coração, quando meditava, ardia dentro nele, porque muitos não têm o seu coração dentro em si, senão fora de si, e muito longe. Fora de si, porque não cuidam em si, e muito longe de si, porque todos seus cuidados andam só atentos e aplicados às coisas temporais e mundanas, que amam. – Donde vem que, assim divertidos e esquecidos do que só importa, não podem conceber o fogo divino, que de frios os aquece, de duros os abrande e de cegos os alumie, que são os dois efeitos da meditação. O primeiro, tirar e trazer o coração de lá por onde anda distraído e perdido, e metê-lo dentro em nós: *Cor meum intra me* – o segundo, de frio, duro e cego, pegar nele o fogo do amor divino, alumia-lo, acendê-lo e abrasá-lo: *Et in meditatione mea exardescet ignis*.

Isto é o que faz a meditação, e nenhuma mais própria e eficazmente que a dos mistérios do Rosário. Nos primeiros, e gozosos, da infância de Cristo, como não se acenderá o fogo nas palhas do presépio? Nos segundos, e dolorosos, da Paixão, como não se ateará com muito mais força nos espinhos e lenhos da cruz? Nos terceiros, e gloriosos, da Ressurreição e Ascensão, como não subirão as chamas até o céu, donde desçam por reflexão, como desceram, em línguas de fogo? Coisa digna de grande reparo é que, descendo o Espírito Santo, viesse em forma de fogo e em figura de línguas. Mas assim havia de ser para obrar o a

que vinha. Em fogo, porque vinha acender os nossos corações, e em línguas, porque, para acender os corações, há de entrar pelos ouvidos. Onde, porém, acharei eu algum meio que convença a verdade desta conclusão, e a persuada eficazmente a todos os que rezam o Rosário?

Muito há, Senhor, que, parece, me esqueço de que estais presente, pois não recorro aos auxílios de vossa divina sabedoria, para dar a maior autoridade a quanto tem dito o meu discurso. Mas advertidamente me fui dilatando até este ponto, que é mais particularmente vosso. Encarnado e sacramentado, sempre sois Verbo, e, posto que no silêncio desse *Sancta Sanctorum* parece que não falais, também aí quereis ser ouvido. E como o intento de vosso amor nessa esfera de fogo, posto que coberta de neve, é acender nossos corações, dai-me licença para que pregue a este auditório que mais quereis ser ouvido que comungado. Se mais vos agrada o Rosário dos ouvidos que o da boca, por que não direi eu o mesmo desse Sacramento? Assim o digo, fiéis, e assim o provo, ou assim vos explico e declaro o que tão provado está em nós quanto não devera: *Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendantur* (Lc. 12, 49): Diz Cristo que veio lançar fogo à terra, e que nenhuma outra coisa quer senão que se acenda. – Pois, se este fogo divino está todo naquela sarça, e multiplicado em todas as partes da terra, como se não acende a terra? *Numquid potest homo abscondere ignem in sinu, ut vestimenta illius non ardeant* (Prov. 6, 27)? Porventura – diz o Espírito Santo – pode um homem esconder o fogo no seio, sem que se lhe abrasem as vestiduras? – Pois, como recebemos nós tantas vezes, e metemos dentro no peito aquele fogo, sem que o mesmo peito se abraze? A razão deste lastimoso milagre é porque não ouvimos a quem comungamos. Comungamos a Cristo, mas não ouvimos a Cristo; e Cristo, para acender corações, mais eficácia tem ouvido que comungado. Vede claramente.

Caminhava Cristo para Emaús, também disfarçado como ali está, até que os dois discípulos fizeram alto para passar a noite. Deixou-se o Senhor convidar, assentou-se à mesa, consagrou o pão, partiu-o entre ambos, e, conhecido, desapareceu. Tudo isto encerra grandes mistérios, mas o que eu considero ainda espera pela segunda parte da história. Voltam os dois discípulos para Jerusalém, já não tristes, mas cheios de alegria e alvoroço, já não fracos na esperança, mas confirmados na fé, e, conferindo o que lhes tinha sucedido, diziam entre si: *Nonne cor nostrum ardens erat in nobis dum loqueretur in via* (Lc. 24, 32)? Não vistes como nos ardia o coração quando nos falava pelo caminho? – Tende mão: aqui reparo e argúo os mesmos discípulos. Duas coisas tinha Cristo feito, uma no caminho, outra na mesa, e esta ainda maior, porque no caminho praticava com eles; na mesa, deu-lhes seu próprio corpo sacramentado. Pois, se dizem que lhes ardia o coração quando o Senhor lhes falava, por que não dizem que lhes ardia quando comungaram seu corpo? Quando comungaram estava Cristo mais perto do seu coração, quando lhes falava estava mais longe; quando comungaram estava dentro neles, quando lhes falava ia somente com eles: *Ibat cum illis* (Lc. 24, 15). – Pois, se lhes não ardia o coração quando comungaram, por que lhes ardia quando somente o ouviam? Por isso mesmo: porque o ouviam. E para acender e abrasar corações, parece, tem mais eficácia Cristo ouvido que Cristo comungado. Comungado desce ao peito, ouvido acende o coração. E se ouvido em um só mistério do Rosário, que era o da sua Ressurreição, causa tão prodigiosos efeitos, que será em todos os mistérios? Ouçamos a Cristo no Rosário e ouçamo-lo no Sacramento; e para ouvirmos o que nos diz, meditemos aqueles mistérios, e meditemos este, que, ainda que parece mudo, todo é vozes.

Ouvi agora o que muitas vezes ouvistes e reparai no que nunca reparastes. É o salmo vinte e oito: *Afferte Domino, filli Dei, afferte Domino filios arietum. Afferte Domino gloriam et honorem; afferte Domino gloriam nomini ejus; adorete Dominum in atrio sancto ejus* (Sl. 28, 1): Oferecei ao Senhor, filhos de Deus, oferecei ao Senhor cordeiros, oferecei-lhe honra e glória, e adorai-o no seu santo templo. – Dizem comumente os expositores que exortava aqui o profeta à frequência dos sacrifícios do seu tempo. Mas eu digo que nem falava com os

homens do seu tempo, nem dos sacrifícios do seu tempo, senão do nosso; e provo uma e outra coisa. Não falava com os homens do seu tempo, porque lhes chama filhos de Deus: *Afferte Domino, filii Dei* – e o ser filhos de Deus é próprio dos cristãos e da lei da graça, como diz S. João: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri* (Jo. 1, 12). Nem falava dos sacrifícios da lei velha, porque faz menção de um só sacrifício, e esse de cordeiro, que é o de que também disse o outro S. João: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi*. – E não encontra a propriedade desta significação o falar em plural, porque essa é uma das maravilhas deste sacrifício, e deste Cordeiro: ser um só, e estar multiplicado em toda a parte, como se foram muitos. Isto posto, lede agora o resto de todo o salmo, e vereis que em todo ele não faz outra coisa o mesmo profeta que encarecer-nos a voz e as muitas vozes do Senhor: *Vox Domini super aquas; vox domini in virtute; vox Domini in magnificentia; vox Domini confringentis cedros; vox Domini intercidentis flammam ignis; vox Domini concutientis desertum; vox Domini praeeparantis cervos*. Pois, se o tema e o assunto do profeta é o sacrifício e Sacramento do altar, como todo o seu discurso nem é da verdade e realidade do mistério, nem do amor, nem da fineza, nem das maravilhas e infinitos milagres que nele se encerram, senão das suas vozes e mais vozes, sete vezes repetidas? Que tem que ver o Sacramento com as vozes, ou as vozes com o Sacramento? Esta mesma admiração mostra bem o mal que entendemos no Diviníssimo Sacramento o que primeiro que tudo e mais que tudo devêramos entender. Cuidamos que Cristo no Sacramento está mudo, e sua presença ali toda é vozes. Cuidamos que satisfazemos à nossa obrigação com sacrificar, com adorar, com comungar, sem tratarmos de ouvir, e isto é o que o Senhor mais deseja e espera de nós. Por isso o profeta, deixando tudo o mais que pudera dizer de suas excelências, só nos prega e apregoa as suas vozes, como eu também faço agora, porque esta é a doutrina e o aviso mais importante à nossa desatenção, e o espartador mais necessário aos nossos ouvidos. Muito estima Cristo no Sacramento o ser adorado, o ser venerado, o ser servido e festejado, e, sobretudo, o ser comungado; mas o ser ouvido, muito mais.

Mais que isto parece que dizem outras palavras do mesmo David; mas não dizem mais que isto, e o provam admiravelmente: *Sacrificium et oblationem noluiti; aures autem perfecisti mihi* (Sl 39,7): Vós, Senhor – diz David – não quisestes oblações nem sacrifícios, mas aperfeiçoastes-me os ouvidos. – Quando Deus, em frase da Escritura, diz que quer uma coisa e não quer outra, não quer dizer que não quer totalmente esta segunda, senão que antes quer e mais quer a primeira. Assim diz: *Misericordiam volo, et non sacrificium* – não porque Deus não queira o sacrifício, mas porque quer, mais que o sacrifício, a misericórdia. E do mesmo modo se há de entender a sentença proposta de David: *Sacrificium et oblationem noluiti; aures autem perfecisti mihi*. – Quer dizer: – Vós, Senhor, mais quisestes a perfeição dos meus ouvidos que a oblação dos vossos sacrifícios. – De sorte que, sendo o Sacrifício e Sacramento do Altar a maior coisa que Deus pode receber de nós enquanto Sacrifício, e a maior que nós podemos receber de Deus enquanto Sacramento, diz contudo Deus que mais quer os nossos ouvidos, e que por isso no-los aperfeiçoa: *Aures autem perfecisti mihi*. – Vede se tive eu fundamento para dizer que mais quer Cristo de nós o ser ouvido que o ser comungado. Mas qual é ou pode ser a razão? Comungar a Cristo é receber o que Cristo é; ouvir a Cristo é perceber o que Cristo diz. Como pode logo ser melhor ouvir o que diz que perceber o que é? A instância é forte, mas a solução fácil e verdadeira está nas mesmas palavras: *Aures autem perfecisti mihi*. – Há ouvir com ouvidos perfeitos e ouvir com ouvidos imperfeitos: ouvir com ouvidos imperfeitos, é ouvir somente, sem obrar; ouvir com ouvidos perfeitos, é ouvir e efectuar o que se ouve. E quando se ouve desta maneira, melhor é ouvir a Cristo que comungar e receber a Cristo. O mesmo Cristo o disse. A mulher do Evangelho louvou a Senhora por trazer dentro em si a Cristo: *Beatus venter qui te portavit* – e o Senhor replicou, dizendo: *Quinimmo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*: que melhor era

ouvir a palavra de Deus, e guardá-la. – Logo, melhor é ouvir a Cristo, guardando o que diz, que comungar a Cristo, recebendo em si o que ele é.

E daqui ficam convencidos todos os que rezam o Rosário quanto mais útil e importante lhes é rezá-lo pelos ouvidos. Que comparação tem o Rosário somente rezado com a boca, com o mesmo Cristo, e todo Cristo, não só tomado na boca, mas passado ao peito, e recebido e entranhado dentro em nós? Pois, se Cristo no Sacramento antes quer ser ouvido que comungado, como não quererá e estimará mais no Rosário o ser ouvido que ouvi-lo rezar? E se a razão desta diferença é ter mais eficácia Cristo ouvido para penetrar e acender nossos corações, que coração haverá tão frio, tão duro, tão cego, que não queira receber pelos ouvidos este divino incêndio? O que importa logo a todos os que rezam o Rosário, é aplicar os ouvidos meditando, e aperfeiçoá-los executando o que ouvirem: *Aures autem perfecisti mihi* – porque deste modo se farão dignos de ouvir da boca de Cristo: *Beati qui audiunt verbum Dei*.

IVII

O profeta Habacuc, o que melhor e mais claramente praticou a oração mental. De que nos argúi Deus nos mistérios do Rosário? De que mistérios falou o profeta quando diz que ficou mudo de pavor e de pasmo?

Parece-me que, suposta a evidência destes três motivos: da parte nossa, cujo proveito devemos procurar, tão útil; da parte de Deus, a quem queremos agradar, tão conveniente; e da parte do mesmo Rosário, cuja devoção professamos, tão necessário, nenhum entendimento haverá que se não deixe convencer, e nenhuma vontade que não esteja afeiçoada ao inteiro e perfeito exercício do mesmo Rosário, não só rezando as orações, mas meditando os mistérios, nem só falando vocalmente com Deus, mas ouvindo mentalmente o que ele nos diz.

Vindo, pois, à praxe desta grande obra – grande, mas nem por isso dificultosa – quem melhor e mais claramente a praticou foi o profeta Habacuc, o qual no capítulo segundo, e no texto original, diz desta maneira: *Super speculam meam stabo, et figam gradum super gyrum, et contemplabor ut videam quid dicatur mihi, et quid respondeam ad arguentem me*: Subirei – diz o profeta – à minha atalaia – assim chama ao lugar de oração, porque ela é alta, e esta vida milícia; e como da vigilância da sentinela depende a segurança da cidade, sem oração, e vigilante oração, não está a alma segura: *Super speculam meam stabo*. A palavra *speculam*, donde tomou o nome a especulação, declara o género da oração de que fala; e que não fala da oração vocal, senão da mental, cujo ofício é especular, considerar, meditar. Supõe que esta atalaia da oração a que sobe, é formada em um círculo – como se tratara propriamente do Rosário – e diz que não há de rodear e correr o círculo, senão parar e fixar o pé nele: *Figam gradum super gyrum* – porque os que rezam só vocalmente vão dando volta ao círculo do Rosário sem parar; porém, os que meditam e especulam, param, com a consideração, a cada mistério. Assim parado, pois, diz que há de contemplar: *contemplabor* – e que o fim de toda a sua contemplação será ouvir o que Deus lhe fala: *Ut videam quid loquatur mihi* – e saber o que há de responder quando o mesmo Deus o arguir: *Et quid respondeam ad arguentem me*.

Isto é o que diz, e o que fazia o profeta, e isto o que, sem dizer nem falar, há de fazer quem meditar os mistérios do Rosário. Parar a cada um meditando-o, e ouvir o que Deus lhe diz e o que lhe argúe: *Quid loquatur mihi, et arguentem me*. – Ponhamos o exemplo desta praxe nos primeiros mistérios. No mistério da Encarnação diz-me Deus que se fez homem por amor de mim, e para me fazer filho de Deus. E de que me argúi? De que, fazendo por mim o que não fez pelos anjos, e devendo eu, como filho de Deus, viver uma vida divina, nem vivo como filho de Deus, nem vivo como anjo, nem vivo como homem, senão talvez como bruto. No mistério da Visitação o que me diz é que no mesmo instante em que se viu feito homem, partiu logo às montanhas a santificar o Baptista e livrá-lo do pecado original. E de que me

argúi? De que indo ele antes de nascer a tirar do pecado um homem que ainda não era nascido, eu tenha tão pouco horror ao pecado, não alheio, senão próprio, não original, senão actual, e, o que é pior ainda, habitual, que me deixe estar e continuar nele, sem temor, sem cuidado, sem pena, antes alegre e contente, como se alegrou o Baptista. No mistério do Nascimento o que me diz é que nasceu em um portal por não ter casa, e esteve reclinado em uma manjedoura por não ter berço. E de que me argúi? De que eu me não contente com a comodidade natural e com o necessário para a vida, senão com a superfluidade, com o luxo, com os excessos, esquecido de que nasci para a alma morar no céu, e o corpo na sepultura, não falando na ambição dos que edificam palácios soberbos, nem na inveja dos que os não podem edificar. No mistério da Apresentação no Templo diz-me que obedeceu à lei sem ser obrigado a ela, e que aos quarenta dias de nascido se consagrou todo a Deus. E de que me argúi? De que, comparados aqueles quarenta dias com os meus quarenta anos, e com os meus cinquenta, e ainda mais, eu me lembre tão pouco do que prometi quando me disseram: *Ingrederere in Sanctam Ecclesiam* – e que, havendo renunciado a Satanás, e a todas suas pompas, essas são as que mais professo, não se sabendo em que lei vivo, ou se tenho alguma lei, e se o templo e altar que adoro é o de Deus ou do ídolo. No mistério, enfim, do Menino bem perdido e melhor achado, o que me diz é que deixou sua própria Mãe – e tal Mãe – por tratar só de Deus e defender sua causa. E de que me argúi? De que quem o perdeu sem culpa o buscasse com tanta dor, e que não tenha eu dor de o ter perdido tantas vezes, e por tão graves culpas, e tão repetidas; que o perca por muito meu gosto, e, podendo-o achar tão facilmente, o não busque, e sobretudo, que ame tanto minha própria perdição que, buscando-me ele por tantas vias, eu me não deixe achar.

E se tão sentidamente fala, e tão penetrantemente argúi a infância de um Deus Menino, que só nesse último mistério falou, e nos primeiros ainda não tinha língua para falar, que será nos outros mistérios, em que bradam as prisões, os açoites, os espinhos, os cravos, a cruz, o sangue! E que vozes levantarão até o céu as chagas conservadas no corpo glorioso e levadas ao empíreo, para de lá tornarem a aparecer no dia do Juízo? O pasmo que todas estas coisas causam em quem profundamente as medita, e o horror com que estes espantosos brados se sentem tinir nos ouvidos: *Ut tinniant ambae aures ejus* – só o mesmo profeta o soube declarar dignamente, e o faz no capítulo seguinte.

A este capítulo, que é singularmente notável – e para que todos o notassem – com estilo nunca usado, nem do mesmo, nem de outro profeta, pôs ele por título: *Oratio* – oração, e diz assim: *Domine, audivi auditionem tuam, et timui; consideravi opera tua, et expavi* (Hab. 3, 1 LXX): Senhor, eu ouvi a vossa audição – digamo-lo assim, pois a nossa língua não tem outra palavra com que explicar a do profeta – Senhor, eu ouvi a vossa audição, e temi; considere as vossas obras, e fiquei mudo de pavor e de pasmo. – Ele pasmou, e o texto de todo o capítulo é muito para nós pasmarmos. Primeiramente, se o profeta lhe tinha posto por título oração, por que não diz que Deus o ouviu a ele, senão que ele ouviu a Deus? Por que não diz: Senhor, vós ouvistes a minha oração – senão: Senhor, eu ouvi a vossa audição: *Audivi auditionem tuam?* – Aqui vereis como o mesmo profeta, que pouco antes disse que contemplava, o seu modo de orar era pelos ouvidos. Orava sim, mas não falava. Deus era o que falava, e ele somente ouvia; e por isso a sua oração era audição: *Audivi auditionem tuam, et timui*.

Mas, se o seu temor e o seu horror era causado do que ouvia a Deus, e o que Deus lhe dizia era tirado do que ele meditava, e o que meditava eram as obras de Deus: *Consideravi opera tua, et expavi* – que obras eram estas tão temerosas e espantosas, que o assombravam e enchiam de horror? Porventura criar o céu e a terra, e tudo quanto nela vemos, com uma palavra, e lançar do paraíso ao primeiro homem e todos seus descendentes pelo fruto só de uma maçã? Porventura alagar o mesmo mundo com o dilúvio universal, matando tudo quanto nele vivia, e salvá-lo todo dentro em uma arca? Porventura abrir o Mar Vermelho com o golpe de uma vara, para que o seu povo o passasse a pé enxuto, e afogar nele todo o poder dos

exércitos de Faraó e seus carros? Nenhuma destas coisas, nem infinitas coisas que Deus obrou do mesmo género, eram as que assombravam o profeta. Pois, quais eram? Se ele o não dissera, ninguém o pudera entender nem ainda imaginar. Eram somente as obras de Deus, de que se compõe o Rosário e meditamos nos seus mistérios.

Eram os mistérios da Encarnação, em que Deus, para reparar o homem, não só se fez homem, mas menino e criança, que foi infinitamente mais que criar com uma palavra o mundo: *In medio annorum notum facies; in medio duorum animalium cognosceris*. Deus, nascido e reclinado nas palhas em meio de dois animais, e aí reconhecido de anjos, de pastores, de reis. Eram os mistérios da Paixão e da Cruz, em que destruiu o pecado, a morte e o demónio, e salvou o género humano, que foi mais que afogar o mundo com o dilúvio, e salvá-lo em uma arca: *Cornua in manibus ejus; ibi abscondita est fortitudo ejus. Ante faciem ejus ibit mors; et egredietur diabolus ante pedes ejus*. Deus, com os braços pregados em um madeiro, mas ali com a morte e o demónio maniatados e prostrados a seus pés. Eram os mistérios da Ressurreição, em que, como Deus, saiu da sepultura vivo, imortal e glorioso, e, como triunfador do inferno, rico de despojos, que foi muito mais que abrir o Mar Vermelho, sepultar nele os carros de Faraó e levar tantos milhares de cativos libertados no seu triunfo: *Suscitans suscitabis arcum tuum, juramenta tribubus quae locutus es: ascendens super equos tuos, et quadrigae tuae salvatio*. – Deus, ressuscitando a sua humanidade, que foi o arco com que pelejou, e ressuscitando-a, como tinha prometido às mesmas tribos que o crucificaram, e trazendo após si em carroças triunfais os que tinha libertado dos cárceres do limbo.

Estas eram as obras mais maravilhosas de Deus, estes os mistérios do mesmo Deus feito homem, gozosos, dolorosos e gloriosos, que o profeta contemplava e meditava, pasmado e mudo; estas eram as vozes que ouvia, nascidas da consideração dos mesmos mistérios – que são todos os do Rosário – e a este modo de meditar e ouvir chamou ele por excelência oração – *oratio* – porque o mais excelente modo de orar não é vocalmente e com a boca, senão mentalmente e pelos ouvidos: *Audivi auditionem tuam*.

IVIII

Duas dificuldades, que são as que só se podem oferecer para impedir tão santo e tão importante exercício: a ignorância e as ocupações. O engano dos que não meditam porque não sabem. Não só é engano dizer que não sabemos meditar, como muitas vezes meditamos sem o saber. A escusa das ocupações. Resposta do duque de Alba ao rei da Franca na batalha de Viterberga. As orações da Igreja nas solenidades do Rosário.

Agora parece que se seguia exortar a esta mesma praxe de rezar o Rosário, não só rezando, senão meditando e ouvindo. Mas, porque eu não quero desacreditar nem a devoção nem o juízo dos que até agora o não exercitaram assim, os quais suponho persuadidos, somente satisfarei a duas dificuldades – quando não sejam tentações do demónio – que são as que só se podem oferecer para impedir tão santo e tão importante exercício. Quem as aponta não é menos que o Espírito Santo, por boca do mesmo profeta que acabamos de alegar, e no mesmo capítulo. Já disse que este capítulo tinha por título *oratio*, oração. E diz mais alguma coisa? Duas, e ambas notáveis. Uma no texto latino: *Oratio pro ignorantibus: oração para as ignorâncias e outra do texto hebreu: Oratio pro occupationibus: oração para as ocupações*. – Pois esta oração em que se reza o Rosário pelos ouvidos, e este título extraordinário que lhe pôs em cima o profeta, só traz o sobrescrito para as ignorâncias e para as ocupações, e só para elas foi particularmente composto? Sim. Porque estas são as duas escusas por que os mistérios do Rosário se não meditam. Uns dizem que não meditam porque não sabem meditar: *pro ignorantibus* – outros dizem que não meditam, porque têm muitas ocupações, e não podem: *pro*

occupationibus – e eu não quero outra peroração, senão mostrar a estes ignorantes e a estes ocupados, que uns e outros se enganam e se mentem a si mesmos.

Enganam-se os que dizem que não meditam porque não sabem: *pro ignorantibus* – e é engano ou ilusão manifesta. Meditar não é outra coisa que cuidar um homem no que lhe importa ou deseja, e nenhum há que não medite. O pleiteante medita na sua demanda; o requerente medita no seu despacho; o mercador medita nos seus comércios; o estudante medita nos seus estudos; o pai de famílias medita no sustento de sua casa; o oficial, o marinheiro, o lavrador, o soldado, todos meditam. De sorte que para meditar não é necessário ser anacoreta nem santo. Os muito viciosos também meditam nos seus mesmos vícios: os vãos meditam na vaidade: *Meditati sunt inania*; os falsos meditam nos enganamentos: *Dolos tota die meditabantur*; o inimigo medita nos ódios: *Meditatur discordias*; o ladrão medita nos roubos: *Rapinas meditatur*; e todo o mau, de qualquer género, medita na sua maldade: *Iniquitatem meditatus est in cubili suo*. – Tão fácil como isto é meditar os mistérios do Rosário. Cuidai e considerai neles, e meditastes. Nem importa ou faz diferença que aqueles mistérios sejam obras e acções de Cristo, e não vossas; porque todas as fez nossa o seu amor; e quando fossem alheias, nem por isso dificultariam a meditação. Não discordeis vós e ajuzais sobre as acções do rei, do general, do prelado, do ministro, do pregador, e sobre todas quantas vedes no vosso vizinho? Pois, olhai do mesmo modo para as acções de Cristo, considerai com atenção quem é, o que faz, o que diz, o que padece, e por amor de quem, e os sentimentos e afectos que esta mesma consideração vos excitar no entendimento ou na vontade estas são as vozes interiores com que Deus vos fala, e, se vós os ouvís como deveis, fizestes uma perfeita meditação.

Assim que não só é engano dizerdes que não sabeis meditar, mas antes vos digo que muitas vezes meditais sem o saber. Dizei-me: quando pelo Natal visitais um presépio, não vos entenece aquela pobreza, aquela humildade, aquele desamparo? Quando pela quaresma vedes uma procissão dos passos, aquela temerosa e lastimosa figura de Cristo com a cruz às costas não vos move à piedade e compunção? E quando no dia da Ascensão assistis à Hora, a subida daquele Senhor ao céu não vos faz saudades e desejos de outra hora, em que vades também estar com ele? Pois tudo isto é meditar, e em todas as três diferenças dos mistérios do Rosário. Mas sucede-vos o mesmo que a Samuel nos seus princípios. Três vezes falou Deus a Samuel chamando-o por seu nome, e ele cuidou que era Heli, e não Deus, porque ainda lhe não conhecia a fala, diz o texto sagrado: *Porro Samuel necdum sciebat Dominum, neque revelatus fuerat ei sermo Domini*. – Assim vos fala Deus, e o ouvís, e meditando cuidais que não sabeis meditar, porque tendes metido no conceito que a meditação e a oração mental é uma coisa muito dificultosa. Fazei isto mesmo sempre e com mais vagar e maior atenção em todos os mistérios, e quando tomardes o Rosário na mão, dizei somente a Deus o que Heli ensinou a Samuel que dissesse: *Loquere, Domine, quia audit servus tuus* (1 Rs. 3, 10): Falai, Senhor, porque vosso servo ouve.

A escusa das ocupações: *pro occupationibus* – ainda tem menos fundamento, e de que se há de dar mais estreita conta a Deus. Lembra-me a este propósito que no dia da famosa batalha de Viterberga, em que perdeu a liberdade e o vão nome de imperador o eleitor de Saxónia, tendo durado o conflito nove horas, correu fama que o sol estivera parado por algum espaço; e, perguntando el-rei de França ao duque de Alba, que fora o general do exército cesáreo, se era verdade o que se dizia do sol, respondeu: – *Sir*, eu nesse dia tive tanto que fazer na terra que me não ficou lugar de olhar para o céu. – Assim o cuidam – posto que o não digam tão discretamente – os que se escusam de não meditar por muito ocupados. É certo que as ocupações que impedem o olhar para o céu não devem ser muito acomodadas para ir ao céu. A Josué, que governou maiores exércitos que quem isto disse, e que ganhou mais vitórias que seu amo Carlos, e de quem se não duvida que fez parar o sol, o que Deus lhe encomendou, sobretudo, foi que de dia e de noite meditasse na sua lei: *Non recedat volumen legis hujus ab ore tuo, sed meditaberis in eo diebus ac noctibus*. – E a razão que o mesmo

Deus lhe deu é muito para ser advertida dos que têm grandes ocupações: *Ut intelligas cuncta quae agis* (Jos. 1, 7): Para que entendas tudo o que houveres de fazer. – Por isso não é de maravilhar que se vejam tantas coisas feitas sem entendimento e contra todo o entendimento, pois os que se ocupam ou são ocupados nelas não meditam no que devem. E se Josué, que conquistou trinta e três reinos na Terra de Promissão, e a repartiu a seiscentas mil famílias das doze tribos, no meio de tantas e tão graves ocupações militares, políticas e económicas, tinha tempo de dia e tempo de noite para meditar, bem se deixa ver quão falso e quão afectado é o pretexto dos que se escusam da meditação com a ocupação.

Examinem-se as ocupações dos mais ocupados, e achar-se-á que deixam tempo para o jogo, e tempo para a comédia, e tempo para a conversação, e tempo para outros divertimentos que levam mais o cuidado, e só para a meditação dos mistérios, e da vida do Filho de Deus e de sua Mãe, com que reformar a nossa, não deixam tempo. Se no meio das maiores ocupações sobrevem a doença, não se trata da cura? Se no meio das maiores ocupações bate o inimigo às portas, não se tomam as armas? Sendo, pois, a meditação o remédio mais eficaz de todas as enfermidades do espírito, e a arma mais de prova contra todos os combates com que nos faz guerra o demónio, quem será tão inimigo de si mesmo que deixe a meditação pela ocupação? A hora de comer e as horas de dormir nenhuma ocupação as impede; e qual é o sustento e sono da alma, senão a meditação interior e quieta das coisas divinas? Nas mesmas ocupações temporais, se concorrem muitas juntas, não se deixam as que menos importam, para acudir à de maior importância? Por que não logo de impedir as ocupações do mundo a que não importa menos que a própria salvação? Será bem, diz Tertuliano, que viva só para os outros quem há de morrer para si? *Nemo aliis nascitur moriturus sibi*. A maior ocupação que há nem pode haver no mundo é a do pastor universal de toda a Igreja. E vede o que escreve S. Bernardo ao Papa Eugênio nos livros da Consideração: *In quo trahere te habent occupationes istae maledictae, si tamen pergis ita dare te totum illis, nihil tui tibi relinquens*. – Se Vossa Santidade continua a se dar todo às ocupações, sem deixar nada de si para si, essas malditas ocupações o levarão aonde vão os malditos. E se este nome merece as ocupações do governo eclesiástico, santo e santíssimo, quando por demasiada aplicação a elas chegam a impedir a meditação e consideração do que toca à alma própria, escusai-vos lá de meditar com as vossas ocupações, em tudo temporais e do mundo!

Suposto, pois, que nem a ocupação nem a ignorância podem servir de escusa para não meditar, importa que todos os devotos do Rosário se ocupem e empreguem na meditação e consideração de seus soberanos mistérios, e que em tudo sigam o exemplo e praxe do profeta, que dizia: *Contemplabor ut videam quid dicatur mihi* (Hab. 2, 1): Meditarei e contemplarei para ver e ouvir com evidência o que Deus me diz. – E para que ninguém cuide que só com rezar as orações satisfaz à obrigação do Rosário, ouçam todos os que na mesma Missa, agora instituída para a solenidade própria do Rosário, diz e pede a Deus a Igreja. Na primeira oração pública diz assim: *Ita ipsius Rosarii sacra mysteria contemplemur in terris, ut post hujus vitae cursum eorum fructus percipere mereamur*. E na última, também pública: *Concede per haec sancta Rosarii Genetricis tuae mysteria, ut continue eadem contemplantes, perpetuae nobis fiant causa laetitiae*. E na oração secreta: *Sanctissimae Matris tuae Rosarii solemnia recolentes, interiori Spiritus Sancti invocatione sanctifica*. De sorte que em toda a Missa do Rosário, não fazendo menção alguma a Igreja das orações vocais e exteriores, só pede graça e favor a Deus para a meditação interior e contemplação dos mistérios: *Mysteria contemplemur, mysteria contemplantes, interiori Spiritus Sancti invocatione sanctifica* – porque na meditação, consideração e contemplação dos mistérios do Rosário consiste a parte principal, substancial e essencial desta soberana devoção; e esta parte mental e interior é a que dá vigor e eficácia à parte exterior e vocal, como a alma ao corpo. A razão é porque Deus não costuma ouvir senão a quem o ouve. Assim o mostrou o milagroso crucifixo que, despregando as mãos, tapou os ouvidos, dizendo ao que lhe pedia perdão e não tinha perdoado: *Non audiam*

te, quia non audisti me. E como nós na parte mental meditando, ouvimos a Deus, também Deus nos ouve a nós na vocal. Tanto depende a impetração das orações do Rosário da meditação dos mistérios, ou tanto depende o Rosário rezado pela boca do Rosário rezado pelos ouvidos.

IIX

Abramos os ouvidos e os apliquemos com grande atenção ao que Cristo nos diz nos quinze mistérios do Rosário. O que ouviram os Reis Magos na meditação de um só mistério do Rosário. A voz dos passos de Deus.

O que só resta é que abramos os ouvidos, e os apliquemos com grande atenção e devoção ao que Cristo, Senhor nosso, nos diz em todos os quinze mistérios do Rosário, que são os principais passos de sua vida, morte e ressurreição gloriosa. E, posto que em alguns deles, assim antes como depois de nascido, parece que o Senhor está mudo e não fala, todos os mesmos passos falam, e todos têm voz, e nos dão vozes. Depois de pecarem os primeiros pais, diz o texto sagrado que ouviram a voz de Deus que passeava pelo paraíso: *Cum audissent vocem Dei deambulantis in paradiso* (Gén. 3, 8). – Qual fosse esta voz não o declara o texto; mas a exposição mais literal é que era o som dos mesmos passos com que o Senhor, em figura humana, vinha buscar o homem perdido. Esta foi a voz que eles ouviram, e os obrigou a se esconderem. Em nenhum passo esteve Cristo mais mudo que no do Nascimento, e por isso os anjos disseram aos pastores que achariam no presépio um menino que não falava: *Invenietis infantem* (Lc. 2, 12). Mas neste mesmo passo ou mistério do Rosário vede como o Infante que não falava falou, e de quanta importância foi o que disse.

Ofereceram os reis três diferentes dons, em que eram significados os mistérios do Rosário: no ouro, os Gozosos, na mirra, os Dolorosos, no incenso, os Gloriosos. E que é o que ouviram, e a quem? *Responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* A quem ouviram – como nota S. Jerónimo – foi ao mesmo Cristo, que, mudo no exterior, lhes falou interiormente aos ouvidos da alma, e por isso *in somnis*, na maior abstracção e silêncio de todos os sentidos do corpo. E o que ouviram foi que não tornassem a Herodes, de cuja tirania se podiam justamente temer, e que por outro caminho voltassem seguros para a sua pátria, como fizeram: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* – Isto é o que ouviram, na meditação de um só mistério do Rosário, aqueles três reis sábios. E digo na meditação, porque não lemos no Evangelho que falassem ali vocalmente uma só palavra, e só lemos as que ouviram. Ouviram o que lhes importava à vida, e ouviram o que lhes importava à alma. Vieram gentios, adoraram fiéis, e tornaram santos. Oh! quantas vezes tem obrado a meditação do Rosário esta mesma maravilha! Quantos que andavam muito desviados do caminho do céu, que é a nossa pátria, depois que meditaram aqueles sagrados mistérios, conheceram a diferença e erro de seus caminhos, e tomaram a verdadeira estrada da salvação! O fim para que o Filho de Deus veio ao mundo foi para nos ensinar o caminho do céu; e isto é o que nos ensinam todos os passos de sua vida. Não ouçamos as vozes destes passos de Deus para fugir e nos esconder, como fez Adão, que por isso perdeu o paraíso. Ouçamo-las para imitar e seguir os mesmos passos e emendar os nossos, como fazia David: *Cogitavi vias meas, et converti pedes meos in testimonia tua* – porque este é só o caminho certo e seguro por onde se consegue a bem-aventurança, que o mesmo Senhor só promete aos que ouvem e observam suas palavras: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.*

SERMÃO IV

Extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti.

II

Não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz é pequeno. O pouco caso que então se fez das admiráveis palavras de Marcela, muito pequena boca para palavras tão grandes. Razões por que veneram e reverenciam tanto este mesmo dito os evangelistas e a Igreja? Assunto do sermão: se as orações do Rosário são grandes pelo que dizem, ainda são maiores, e infinitamente maiores, por quem as disse.

Não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande. Por isso os ditos que alegamos se chamam autoridades, porque o autor é o que lhes dá o crédito e lhes concilia o respeito. As proposições filosóficas, para serem axiomas, hão de ser de Aristóteles; as médicas, para serem aforismos, hão de ser de Hipócrates: as geométricas, para serem teoremas, hão de ser de Euclides. Tanto depende o que se diz da autoridade de quem o diz. Dizer-se que a pintura é de Apeles, ou a estátua de Fídias, basta para que a estátua seja imortal e a pintura não tenha preço. Mas esse valor e essa imortalidade a quem se deve? Mais ao nome que ao pincel de Apeles, mais à fama que à lima de Fídias. E o mesmo que sucede ao pincel e à lima, é o que experimentam igualmente a voz e a pena. Se o que diz é Demóstenes, tudo é eloquência; se o que escreve é Tácito, tudo é política; se o que discorre é Séneca, tudo é sentença. Talvez acertou a dizer o rústico o que tinha dito Salomão; mas no rústico não merece ouvidos, em Salomão é oráculo. De sorte, como dizia, que não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz é pequeno. Elas hão de ser grandes, e o autor também grande. E isto é o que temos no Evangelho, com uma e outra diferença, ambas notáveis.

O mais alto pregão com que se publicaram jamais os louvores de Cristo e sua Mãe, foi aquela animosa sentença: *Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti*. – E é coisa digna de admiração o muito caso e o pouco caso que então e depois se fez destas mesmas palavras. Ouviram-nas os escribas e fariseus, de quem o Senhor estava cercado; e nem como émulos se indignaram, nem como inimigos as repreenderam, nem como zeladores da lei as castigaram. Pois, assim se sofre às portas de Jerusalém, e diante dos mesmos ministros eclesiásticos, que uma mulherzinha canonize publicamente um homem, e um homem, criminado naquela mesma acção de que tinha trato com o demónio? Sim, e por isso mesmo. Porque era uma mulherzinha sem nome a que isto disse: *mulier quaedam*. – Se fora Nicodemos ou Gamaliel o que dissesse o mesmo, ou muito menos, então se puxaria logo pela proposição, mas como a proferente era um sujeito tão humilde, nenhum caso se fez daquela voz. Quanto a voz se levantou no que disse, tanto se abateu na boca de quem o disse. Era muito pequena boca para palavras tão grandes.

Pelo contrário, fez tanto caso delas o evangelista S. Lucas, que não só as notou e escreveu com as cláusulas, mas, como parte gloriosa do seu Evangelho, as consagrou à eternidade nele. E a Igreja Católica as celebra com tanto aplauso, que com elas não uma só vez, senão repetidamente nas maiores solenidades da Mãe de Deus, nos ensina a levantar do mesmo modo a voz, e cantar ao mesmo compasso o inefável de seus louvores. Mais fez a Igreja, porque, comentando e declarando o mesmo texto, o torna a cantar e por inculcar comentado, e seguindo com o seu contraponto os assentos da mesma voz, entoa em outra mais alta: *Beata viscera Mariae Virginis quae portaverunt aeterni Patris Filium, et beata ubera quae lactaverunt Christum Dominum*. Pois, se estas palavras foram ditas por uma mulher sem nome, ou com o nome só de mulher, que ainda é menos – *mulier quaedam* – se o sujeito que

pronunciou tal sentença era tão humilde e rasteiro, e de tão pouca ou nenhuma autoridade, como a Igreja, mestra da fé e da doutrina cristã, como os Evangelhos, que são os livros sagrados por onde ela nos ensina a mesma doutrina, como fazem tanto caso e estimação, e veneram e reverenciam tanto este mesmo dito? Porque nem o evangelista nem a Igreja olharam nele para quem pronunciou as palavras, senão para quem as disse. Quem as pronunciou foi uma mulher sem nome: quem as ditou a essa mulher, e as disse por sua boca, foi o Espírito Santo. É o que tinha prometido Cristo aos defensores de sua fé, para semelhantes conflitos: *Non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis.* – De maneira que na boca da mesma mulher que levantou aquela voz, a voz era uma e as falas eram duas: uma que falava nela, que era a do Espírito Santo, e outra com que ela falava, que era a sua. A sua, de pouca ou nenhuma autoridade, e por isso desprezada dos ministros da sinagoga; a do Espírito Santo, de suma e infinita autoridade, e por isso tão estimada e venerada dos evangelistas e da Igreja. Assim que a grandeza das coisas que se dizem ou cresce ou diminui segundo a dignidade de quem as diz.

Isto suposto, qual vos parece, senhores, que será a dignidade do Rosário, do qual até agora falei sem o nomear? Muitas vezes, e por muitos modos tenho mostrado nas orações de que se compõe o Rosário, quão grandes são as coisas que nelas se dizem. Hoje veremos que, se são grandes pelo que dizem, ainda são maiores por quem as disse, e não maiores de qualquer modo, senão infinitamente maiores. Tão grande e tão alto como isto é o assunto: *Extollens vocem.* Para que a mesma Senhora do Rosário me ajude com sua graça a o saber declarar, digamos: Ave Maria.

III

A queixa de Salviano e a desatenção para com as orações de Deus.

Salviano, aquele forte e zelosíssimo espírito, tão grande defensor da cristandade como perseguidor dos abusos introduzidos nela, queixava-se em seu tempo de que tinham chegado a tal corrupção os juízos dos homens, ou que os homens de tal modo tinham perdido o juízo, que na lição dos livros importantes à salvação, em vez de considerarem o que liam, só consideravam cujo era o que liam: *Tam imbecilla sunt judicia hujus temporis, et pene jam nulla, ut hi, qui legunt, non tam considerent quid legant, sed cujus legant.* – E sendo a lição e oração duas irmãs e companheiras inseparáveis, a maior queixa, pelo contrário, que eu tenho dos juízos do nosso tempo, é que na eleição das orações com que se encomendam a Deus, não considerem nem atendam a cujas são, e, nas que ensinou e ditou o mesmo Deus, não lhes valha o serem suas, para que as não deixem por outras. Este é o abuso ou ignorância que no presente discurso determino convencer. E se Deus me ajudar em um ponto tão importante, espero que do verdadeiro conhecimento dele resulte hoje uma tal mudança nas devoções e orações que cada um costuma rezar – não por obrigação, mas por eleição própria – que todas se troquem e se convertam em Rosários.

III

O autor das orações de que se compõe o Rosário é Deus. Assim como toda a Trindade se tinha empenhado na parte mental do Rosário, assim se empenhou também toda na parte vocal. As duas visões de Santa Gertrudes. O carácter da Trindade na obra da criação.

Para inteligência desta verdade e fundamento de tudo o que hei de dizer, se deve supor como certo e de fé que o autor das orações de que se compõe o Rosário é Deus. Deus é o autor do Padre-nosso, e Deus o autor da Ave-Maria. E como a obra era tão grande – posto que

aos ignorantes o não pareça – de tal maneira se empenhou nela todo Deus, que todas as pessoas da Santíssima Trindade a repartiram entre si. A Pessoa do Filho fez inteiramente o Padre-nosso, pronunciado por sua própria boca; a Pessoa do Padre começou a Ave-Maria, pronunciada por boca do Anjo; e a Pessoa do Espírito Santo a continuou por boca de Santa Isabel, e a acabou por boca da Igreja. Assim foi, e assim havia de ser, para que não fossem menos privilegiadas nesta parte as orações que se rezam no Rosário que os mistérios que nele se meditam. Os mistérios que se meditam no Rosário, todos pertencem à vida, morte e ressurreição de Cristo; e contudo, os Gozosos particularmente se atribuem ao Padre, que pela Encarnação nos deu a seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret*; – os Dolorosos particularmente se atribuem ao Filho, que pela Paixão nos deu seu sangue, e com ele nos remiu: *Et tradidit semetipsum pro nobis*; – e os Gloriosos particularmente se atribuem ao Espírito Santo, que para nossa justificação se nos deu a si mesmo, descendo do céu: *Spiritu Sancto misso de caelo*. E como em todas as obras da providência e sabedoria divina, o que mais resplandece e manifesta a soberania de seu autor é a admirável proporção com que se correspondem, justo era, e não só conveniente mas ainda necessário, que assim como toda a Trindade se tinha empenhado na parte mental do Rosário, assim se empregasse também toda na parte vocal.

Daqui se entenderão duas notáveis revelações ou visões, uma da mesma Santíssima Trindade, outra de Cristo, ambas a Santa Gertrudes. Em dia da Assunção da Virgem, Senhora nossa, foi levada ao céu Santa Gertrudes, para ver como lá se celebrava aquela grande solenidade. E que viu? Viu que toda a corte do céu, os anjos e os santos, prostrados diante do trono da sua Rainha, cantavam aquele responsório tirado das palavras do nosso tema: *Beata es Virgo Maria, quae omnium portasti Creatorem* – e logo que toda a Santíssima Trindade, a três vozes unidas em uma, dizia à mesma Senhora: *Ave Maria gratia plena, Dominus tecum: Benedicta tu in mulieribus*. – Pode haver ou imaginar-se coisa mais digna de assombro e pasmo? Não pode. Mas assim se lê no livro quarto das revelações da mesma santa, capítulo quarenta e nove, para que ninguém duvide de tão irrefragável testemunho. De sorte que, assim como a Santíssima Trindade foi a autora das orações do Rosário, assim as repete no céu como obra sua, louvando Deus a sua Mãe uma e muitas vezes com elas. E, se me perguntais por que repetiu a Santíssima Trindade estas palavras somente, e não as demais, a razão é muito clara, porque as outras foram feitas somente para nós, e não têm lugar em Deus. Havia de dizer a Santíssima Trindade: *Ora pro nobis peccatoribus*? Havia de dizer: *Dimitte nobis debita nostra*? Havia de dizer: *Panem nostrum quotidianum da nobis, ou libera nos a malo*? As palavras em que pedimos são só para nós; as que louvam a Virgem, Senhora nossa, são para nós e também para Deus, que como Filho louva a sua Mãe com elas. E por isso deixou também as que pertencem ao mesmo Filho. Vede agora quanto se comprazera de que nós o acompanhemos nos mesmos louvores, e que responda o coro dos devotos do Rosário ao que canta no céu a mesma Trindade.

A visão de Cristo, foi que apareceu de gala com um colar de pedras de inestimável valor, dizendo que nunca jamais o apartaria do peito por ser prenda do amor de Gertrudes: *In signum amoris, quo sponsam meam Gertrudem prosequor, continuo hoc monile gestabo*. – E qual era o artifício deste colar? *Monile hoc erat triangulum instar trifolii*: era de forma triangular composto de rosas de três folhas. – Não se pudera melhor pintar ou entalhar o Rosário, nem escrever ou esculpir melhor o nome de seu autor. Era composto de rosas de três folhas engrazadas ou encadeadas entre si, porque o Rosário consta de três partes, como de três folhas, cada uma de diferentes pedras e diferentes cores, correspondentes aos três mistérios: os Gozosos de esmeraldas, os Dolorosos de rubis, os Gloriosos de diamantes. E toda a forma era triangular: *Monile hoc erat triangulum* – porque era obra, não de outro artífice, senão da mesma Trindade.

Notam todos os teólogos, com S. Dionísio Areopagita e Santo Agostinho, que assim como os famosos artífices em todas as suas obras escrevem o seu nome, assim Deus em todas as suas imprimiu o carácter da sua trindade. Da maior obra de Deus, que foi o composto inefável de Cristo, diz S. João que o mesmo Deus o sigilou com o seu carácter: *Hunc enim Pater signavit Deus*. – E este carácter, como altamente notou S. Bernardo, é o corpo, a alma e a divindade do mesmo composto, com que Deus o fez trino e uno: *Summa illa Trinitas hanc nobis exhibuit Trinitatem, opus singulare inter omnia, et super omnia opera sua: Verbum enim, anima, et caro in unam convenere personam, et haec tria unum, et hoc unum tria*. O mesmo carácter da trindade imprimiu Deus nos anjos, distinguindo-os em três jerarquias, e cada jerarquia em três coros. O mesmo na alma do homem, com as três potências de memória, entendimento e vontade, e, por isso, feito à sua imagem e semelhança. O mesmo em todos os viventes do mundo, uns vegetativos, outros sensitivos, outros racionais. Finalmente, a todas as criaturas, ou a todo os entes – sem excepção de algum – marcou Deus com a mesma divisa nas três propriedades universais de *unum, verum, bonum*: que são unidade, verdade e bondade, respondendo, como diz Santo Agostinho, a unidade ao Padre, a verdade ao Filho, e a bondade ao Espírito Santo. E até na mesma bondade ou no mesmo bem, que se divide em honesto, útil e deleitável, não faltou a expressão do mesmo carácter. E como a figura da trindade é a firma e selo real com que Deus assinala por suas todas as suas obras, para que ninguém pudesse pôr dúvida a ser obra sua, o colar do Rosário, com que Cristo apareceu, e prometeu trazer sempre sobre o peito, por isso estava formado em figura triangular: *Monile hoc erat triangulum*. – Em suma, que as rosas que o compunham eram de três folhas: *Instar trifolii* – para denotar o Rosário e seus mistérios, e a forma era triangular: *triangulum* – para declarar que o autor da obra, com o carácter particular de todas as suas, era a mesma Trindade.

IIV

A mais admirável coisa que disse Cristo: A minha doutrina não é minha, senão de quem me mandou. – Se o mesmo Deus, enquanto homem, e não conhecido por Deus, para crédito de sua doutrina, dizia que não era sua, senão do Padre, que orações pode haver que possam ouvir-se onde se pronunciam as do Rosário, compostas por toda a Trindade Divina?

Tendo, pois, o Rosário por autor a Deus e a todo Deus, em todas as pessoas divinas que o ditaram, que devoção, que fé ou que entendimento cristão haverá de tão errado juízo, que anteponha quaisquer outras orações às do Rosário, por mais aprovadas e qualificadas que pareçam debaixo de qualquer outro nome? Os autores de essoutras orações, todas e todos – que a nenhuma exceptuo – não nego que seriam e foram muito pios e muito santos; mas, que comparação tem ou pode ter o que eles ensinaram com o que ensinou o mesmo Deus? Ouvi a mais admirável coisa que disse Cristo: *Mea doctrina non est mea, sed ejus qui misit me* (Jo. 7, 16): A minha doutrina não é minha, senão do Eterno Padre que me mandou ao mundo. – Senhor, reparai no que dizeis – e perdoai-me – reparai no que dizeis, e a quem o dizeis. Aos homens, que tanto crêem, veneram e adoram a vossa doutrina, dizeis vós que não é vossa? A vossa doutrina não é a mais alta, a mais pura, a mais verdadeira, a mais santa? Não a tendes confirmado e confirmais cada dia com a saúde dos enfermos, com a fala dos mudos, com a vista dos cegos, com a ressurreição dos mortos, com o terror e obediência dos demónios, e infinitos outros milagres? Pois, por que dizeis que essa doutrina tão qualificada não é vossa, senão do Padre: *Sed ejus qui misit me?* – Porque Cristo – responde mais literalmente que todos S. Cirilo – naquele tempo ainda não estava conhecido por Deus, senão por homem santo somente; e por mais santos, por mais milagrosos, por mais canonizados que sejam os homens, vai tanto do que eles ensinam ao que ensina Deus, quanto vai de Deus aos mesmos homens. A

autoridade dos homens, por maior que seja, sempre é humana e limitada; a de Deus é divina, e de dignidade infinita, e porque esta, na opinião do mundo, ainda faltava à doutrina de Cristo, por isso o Senhor a nega de sua, e diz que é do Padre: *Non est mea, sed ejus qui misit me.* – Coisa maravilhosa é que, para Cristo acreditar a sua doutrina, diga que não é sua, sendo que bastava ser sua, ainda que não fora Deus, para exceder com dignidade incomparável a de todos os homens e de todos os anjos. Mas a diferença de ser ditada e ensinada por Deus levantava a tal excesso de autoridade infinita essa mesma doutrina, que, contanto que fosse de Deus, ganhava infinito crédito em não ser sua. Tanto importa à dignidade do que se diz ser Deus o que o diz!

E agora entenderéis quanto é mais o que hoje digo de quanto tenho dito até agora. Tenho dito que as orações do Rosário, pelos louvores que nelas damos a Deus e a sua Mãe, são as mais altas; tenho dito que, pela exaltação e glória que nelas desejamos ao mesmo Deus, são as mais santas; tenho dito que, pelos bens, ou temporais ou eternos, que nelas pedimos para nós, são as mais espirituais e mais puras; tenho dito que, pelas extraordinárias e portentosas mercês sobre todas as leis da natureza e da graça que por seu meio alcançamos, são as mais milagrosas. Mas toda esta alteza, toda esta santidade, toda esta pureza e perfeição, e todos estes efeitos tão prodigiosos e estupendos, comparados com o autor das mesmas orações, ou com as mesmas orações enquanto obra sua, são de tão inferior e desigual dignidade quanto vai do ser a não ser, como *doctrina mea non est mea*: e isto é o que hoje digo. Oh! se os homens nestas mesmas palavras sacrossantas, que tão indignamente trocam por outras, conhecessem o imenso da autoridade e o infinito do valor que lhes acresce só pela divina origem de seu nascimento! Como é certo que não só se arrependeriam da indignidade de tal eleição, mas infinitamente se envergonhariam de ter aparecido diante de Deus com outras petições e lhe ter falado com outra linguagem! Se todos os profetas em seus oráculos, para lhes conciliar autoridade, lhes cortam o fio e os interrompem a cada passo com repetir: *Dicit Dominus, dicit Dominus*: isto diz Deus, isto diz Deus – e se o mesmo Deus, enquanto homem e não conhecido por Deus, para crédito de sua doutrina, dizia que não era sua, senão do Padre: *Non mea, sed ejus qui misit me* – que orações pode haver ditadas de qualquer outro entendimento, e debaixo de qualquer outro nome, que possam, não digo antepor-se nem comparar-se, escrever-se nem ouvir-se onde estão e se pronunciam as do Rosário, feitas em cada uma de suas partes por alguma pessoa divina, e em todas por toda a Trindade?

IV

Se a oração do Baptista foi a que deu ocasião aos discípulos de Cristo a que a alegassem a seu Mestre e lhe pedissem outra semelhante postila, por que a passam os evangelistas totalmente em silêncio? Se à vista da oração de Cristo não tem lugar a do maior de todos os santos, como o terão as de outros em comparação das orações do Rosário, ditadas pela mesma Trindade Divina?

Digo que nem escrever-se nem ouvir-se, e vede se o provo. Conta o evangelista S. Lucas que, saindo Cristo um dia da oração, lhe pediram os discípulos que os ensinasse a orar, dizendo: – *Domine, doce nos orare, sicut docuit et Joannes discipulos suos* (Lc. 11, 1): Senhor, ensinaí-nos a orar, como também o Baptista ensinou a orar a seus discípulos. – Satisfaz o divino Mestre a este piedoso desejo, posto que parecia mais nascido da emulação das escolas que de verdadeiro espírito de devoção; e a oração que lhes ensinou foi o Padre-nosso, acrescentando que o haviam de rezar, não só uma, senão muitas vezes. Mas o que na relação deste caso fez reparar muito, e com muita razão, a Tertuliano, é que o mesmo S. Lucas, e também S. Mateus, escreveram muito por extenso a oração que ensinou Cristo, e nenhum deles, nem algum outro evangelista ou memória sagrada, dá notícia de qual fosse a

oração ou modo de orar que o Baptista ensinava. Pois, se a oração do Baptista foi a que deu ocasião dos discípulos de Cristo a que a alegassem a seu Mestre, e lhe pedissem outra semelhante postila, e a oração que Cristo ensinou a referem os evangelistas uma e outra vez tão acuradamente e com todas as suas cláusulas, a do Baptista, por que a calam e passam totalmente em silêncio? Para se conhecer a diferença de um e outro modo do orar era necessário que se escrevesse uma e outra oração. Pois, por que se escreve só a de Cristo, e a do Baptista não? Porque a oração de Cristo era feita e ensinada por Deus, e onde há oração feita por Deus, nenhuma outra é digna de se escrever, ainda que a fizesse um santo tão grande como S. João Baptista. Altamente como sempre o mesmo Tertuliano: *Ideo nec extat in quae verba docuerit Joannes orare, quod terrena caelestibus cesserint?* – Sabeis por que se cala e passa em silêncio a oração que ensinou o Baptista a seus discípulos, quando se escreve a que ensinou Cristo aos seus? A razão é porque a oração de Cristo era divina, a do Baptista humana; a de Cristo era do céu, a do Baptista da terra; e era justo que a oração da terra cedesse e não tivesse lugar onde se escrevia a do céu: *Quod terrena caelestibus cesserint.*

Isto é o que responde aquele grande autor, e o prova com um texto do mesmo Baptista: *Qui est de terra, de terra est, et de terra loquitur. Qui de caelo venit, super omnes est. Et quod vidit, et audivit, hoc testatur.* – Sentiam muito os discípulos do Baptista que a fama de Cristo crescesse e a de seu mestre diminuísse, e como lhe significassem este seu sentimento, que respondeu o grande Baptista? Não fora grande se não respondera ingenuamente o que era. Como mestre que estimava mais a verdade da doutrina que a opinião de quem ensinava, respondeu que ele era da terra, e falava como quem era da terra: *Qui est de terra, de terra est, et de terra loquitur* – porém, Cristo, que viera do céu, era sobre todos, e por isso falava do céu como quem de lá viera: *Qui de caelo venit, super omnes est. Et quod vidit et audivit, hoc testatur.* – Logo, justo é – conclui Tertuliano, com o testemunho da mesma parte – que quando se escreve a oração de Cristo, que é do céu, se cale e se sepulte em silêncio a oração do Baptista, que é da terra: *Nec extat in quae verba docuerit Joannes orare, quod terrena caelestibus cesserint.*

Eis aqui quanto excedem Padre-nossos, e Ave-Marias, e as orações do Rosário a quaisquer outras orações, e de quem quer que sejam: quanto vai do céu à terra, e do celestial ao terreno. Mas por que não cuide alguém que dissimulo a réplica que pode ter esta suposição, eu mesmo quero instar contra ela. A oração do Baptista era como de seu autor, e o seu autor, era mandado do céu por Deus: *Fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Joannes:* – logo, a oração do Baptista também era do céu, e tudo o que nela dizia era celestial? Assim é. Quanto dizia a oração que ensinava o Baptista, qualquer que ela fosse, não há dúvida que era celestial e santo. E, contudo, o mesmo Baptista não só diz que ele era da terra, senão que também era da terra quanto dizia: *Qui est de terra, de terra est, et de terra loquitur.* – Pois, se tudo o que ensinava o Baptista era celestial e do céu, como afirma e ensina ele mesmo que tudo era da terra? Porque falava de si em comparação de Cristo; e quanto dizem os filhos de Adão comparado com o que diz o Filho de Deus, por mais santo, e mais alto, e mais celestial que seja, tudo é terra e da terra: *Qui de terra est, de terra loquitur.*

Sendo, pois, nesta comparação, o que ensinava a orar o Baptista, oração da terra e de terra, bem fizeram os evangelistas em a sepultar e lhe lançar terra em cima, para que não aparecesse nem se lesse quando escreviam a que ensinou Cristo. E se não, levantemos ao mesmo Baptista da terra, e ponhamo-lo no céu. Assim como o Baptista na terra era o precursor de Cristo, assim no céu era o luzeiro do sol, que sai diante dele. E assim como o luzeiro é maior que todas as estrelas, assim o Baptista é maior que todos os nascidos. Mas, assim como a luz do luzeiro, em aparecendo a luz do sol, desaparece e se esconde, assim os evangelistas esconderam a oração do Baptista, e não quiseram que aparecesse, porque escreviam e saíam à luz com a oração de Cristo. E se à vista da oração de Cristo não tem lugar a do maior de todos os santos, como o terão as de outros, por pias e devotas que sejam, em

comparação das orações do Rosário, ditadas pelo mesmo Filho de Deus, e pelo Padre, e pelo Espírito Santo? Eu não condeno nem posso condenar os que isto fazem, mas não pode deixar de me parecer melhor cristandade a que segue o exemplo dos evangelistas.

IVI

A misteriosa pausa da música dos anjos na visão de S. João no Apocalipse. Por que cessam as vozes dos serafins por meia hora, tempo que comumente se gasta na oração do Rosário. As orações inventadas por Deus e as orações inventadas pelos homens.

Os evangelistas julgaram que se não deviam escrever outras orações: vejamos agora – como dizia – os que entenderam que se não devem ouvir. E de silêncio a silêncio, este segundo, por todas suas circunstâncias, é mais admirável. Os serafins, que entre todas as jerarquias e coros dos anjos excedem aos que mais sabem, e são os que mais amam e têm o supremo lugar junto ao trono da Majestade divina, o que fazem continuamente é estar louvando a Deus, cantando e repetindo sem jamais cessar: *Sanctus, Sanctus, Sanctus* (Is. 6, 3). – Assim os viu e ouviu Isaias, assim Ezequiel, e assim S. João no seu Apocalipse, onde conta uma coisa muito particular e de não fácil inteligência. Diz que esta única música dos serafins parou e fez pausa, ficando todo o céu em silêncio por espaço de meia hora: *Et factum est silentium in caelo, quasi media hora* (Apc. 8, 1) – e que neste tempo apareceu um anjo, o qual trazia nas mãos um turíbulo de ouro, e lhe foram dados muitos incensos, para que das orações dos santos oferecesse no altar que está diante do trono de Deus, e assim se fez. *Et alius angelus venit, habens thuribulum aureum: et data sunt illi incensa multa, ut daret de orationibus sanctorum omnium super altare aureum, quod est ante thronum Dei. Et ascendit fumus incensorum, etc.* – Até aqui a visão, em que há muito que reparar.

Primeiramente, por que cessam as músicas dos serafins quando se oferecem as orações dos homens? Não se podiam ouvir umas enquanto se ofereciam outras, principalmente oferecendo-se em turíbulo e em exalações de fumo e incenso? O que pede a Igreja por grande favor a Deus é que as nossas orações sejam admitidas entre as vozes dos anjos: *Cum quibus et nostras voces, ut admitti jubeas, deprecamur.* – Qual é logo a razão por que cessam as vozes dos anjos quando as nossas se oferecem a Deus? Respondem muitos expositores, principalmente modernos, que são tão agradáveis a Deus as orações que os homens lhe fazem na terra que, para as ouvir só a elas, manda calar a música do céu: boa resposta, e de grande consolação para os devotos, mas, por ser muito geral, não satisfaz a todas as circunstâncias do texto. O texto não fala geralmente de todas as orações, senão de algumas; isso quer dizer: *Ut daret de orationibus.* – E se este favor e privilégio se concede, não a todas as orações, senão a algumas somente, que orações são estas? Digo que são as orações do Rosário, e o provo do mesmo texto e de suas circunstâncias. Primeira, porque são orações multiplicadas, e da mesma espécie: *Incensa multa* – o que só nas do Rosário se acha. Segunda, porque o silêncio do céu foi de meia hora. *Silentium quasi media hora* – e esse é o tempo que comumente se gasta no Rosário: donde se segue que se não pode entender de outras orações mais dilatadas, nem das mais breves. Terceira, e maior de todas, porque um respeito e reverência tão notável só a podem guardar os serafins às orações do Rosário, por serem feitas pela Santíssima Trindade.

Tudo o que cantam os serafins no céu é em louvor unicamente da Santíssima Trindade, que por isso, sem mudar ou alterar a letra, repetem sempre, e três vezes: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. Assim o confessam concordemente ambas as Igrejas, a Latina, com Agostinho, e a Grega, com Nazianzeno. Mas como as orações do Rosário são obra e composição da mesma Trindade, com muita razão emudecem as vozes dos anjos quando no céu se ouvem as do Rosário, entendendo os espíritos seráficos que muito mais louvam a mesma Trindade

emudecendo, que cantando: por quê? Porque o que dizem cantando é seu, e o que ouvem emudecendo é de Deus, e com o mesmo humilde e reverente silêncio, assim como adoram a alteza infinita das palavras divinas, assim reconhecem a desigualdade das suas. E, se quando se escrevem ou se ouvem as vezes do Rosário, no céu emudecem as dos serafins, e na terra as do Baptista, a que outras orações não porão silêncio estes dois tão notáveis silêncios? Se as outras orações, de qualquer espírito e de qualquer santidade que sejam, querem agradar e louvar a Deus, louvem-no emudecendo e conveltendo-se em Rosários.

Eu bem sei que os que são afeiçoados a outras orações, ou cuidam que há nelas maior energia de palavras, ou maior expressão de affectos, ou maior empenho de ofrecimentos e finezas com Deus. Sendo mais ordinário e mais certo nestas eleições que o apetite da novidade, o fastio de repetir muitas vezes o mesmo, e a imaginação de que falando pouco não podem dizer muito, é o que desafeioa do Rosário aos que querem ser ou parecer mais devotos. Mas com que se convence e pode emendar este engano? Com o mesmo que temos dito, e nada mais. Considerem que o autor do Rosário é Deus, e logo conhecerão seu engano. Pergunto: sobre o que disse e ensinou Deus pode alguém acrescentar e dizer melhor? Claro está que não pode. E por que razão? Uma e outra coisa disse Tertuliano, forte e doutamente: *Porro non amplius invenire licet quam quod a Deo discitur: quod autem a Deo discitur totum est*: Onde o que ensina é Deus ninguém pode inventar ou dizer mais, porque quando Deus ensina diz tudo. Notai muito aquele *totum* e aquele *invenire*. Por mais que os homens queiram inventar sobre o que Deus ensinou não podem; e a razão é porque quando Deus ensina diz tudo, e sobre o tudo não há nada. Depois que Deus inventou o Padre-nosso e a Ave-Maria, inventem novas orações os Ambrósios, os Anselmos, os Boaventuras, as Brígidas, e quaisquer outros santos e santas, que, por mais pias e devotas que sejam, não podem os inventos ou invenções humanas ter semelhança com as divinas. Vede se aconselha David o que eu prego: *Confitemini Domino, et invocate nomen ejus: notas facite in populis adinventiones ejus* (1 Par 16, 8): Louvai a Deus e invocai seu nome na oração, e pregai ao povo as invenções de Deus. – Pois, quando David exorta a que oremos a Deus manda juntamente que preguemos as suas invenções? Sim, porque há orações que são inventadas pelos homens, e orações que são inventadas por Deus, e estas são as que se hão de pregar.

IVII

Conclusão: Nem os que rezam o Rosário podem errar no que pedem a Deus, nem Deus lhes pode negar o que pedem. Definição de S. João Damasceno: oração é petição feita a Deus de coisas decentes. O que dizem os filósofos pagãos. Respostas de el-rei Antígono a um filósofo cínico. A petição indecente dos filhos de Zebedeu. Como diz São Paulo que nem ele nem nós sabemos o que nos convém pedir a Deus. Quando caiu o Apóstolo nesta ignorância? A universidade da promessa de Cristo: Pedi e recebereis.

E para que a pregação não seja estéril e sem fruto, de tudo o que fica dito tiro duas consequências. Fica dito que as orações do Rosário, por serem inventadas e ensinadas por Deus, tem infinita dignidade sobre todas as dos homens e anjos. E daqui se seguem dois privilégios singulares e próprios das mesmas orações, os quais se não acham nem podem achar em alguma outra. E que privilégios são estes? O primeiro, que nem os que rezam o Rosário podem errar no que pedem a Deus; o segundo que nem Deus lhes pode negar o que pedem. Ora, reparai bem em uma e outra parte desta conclusão, e se qualquer delas for verdadeira, e muito mais ambas, ninguém haverá, se espera em Deus e espera dele, que se queira privar de uma graça que dois tão grandes bens encerra em si. Mas vamos à prova.

S. Paulo, cujas palavras são de Fé, diz absolutamente que nenhum homem quando ora sabe o que lhe convém pedir a Deus: *Quid oremus, sicut oportet, nescimus*. – É sentença

notável; mas como bem advertiu sobre ela Santo Agostinho, o que é útil ao doente melhor o sabe o médico que o enfermo. *Quid enim infirmo utile sit, magis novit medicus, quam aegrotus.* – E como os homens não sabem o que lhes convém pedir quando oram, daqui vem que oram e erram. Assim erraram os filhos de Israel no deserto quando pediram carne, e no povoado quando pediram rei, e Deus os castigou com lhes dar o que pediam. A razão fundamental deste erro é a essência da mesma oração, a qual define S. João Damasceno: *Est petitio decentium a Deo*: que é petição feita a Deus de coisas decentes. – Oh! se ouvíssemos as orações que assim homhomens como mulheres fazem a Deus em secreto, quantas indecências ouviríamos? Discorrei por todos os estados e por todos os desejos, e não é necessário que eu o diga, porque também seria indecência. Até os gentios, sendo tão falsas as suas orações como os seus deuses, conheceram este erro. Atenodoro dizia: *Tunc scito esse te omnibus cupiditatibus solutum, cum eo perveneris, ut nihil Deum roges, nisi quod rogare possis pallam*: Então entendi que tendes compostos e bem ordenados vossos desejos, quando chegardes a não pedir a Deus em secreto senão o que podereis pedir em público. – Na mesma seita do Epicuro, que era o menos espiritual ou o mais carnal de todos os filósofos, havia preceito que ninguém pudesse orar a Deus senão em voz alta. E por que, ou para que? Para que os professores dela, como refere Clemente Alexandrino, pedissem a Deus tais coisas que nenhum se envergonhasse de se saber o que pedia. E daqui tirou Séneca aquela sua famosa sentença: *Sic vive cum hominibus, tanquam Deus videat; sic loquere cum Deo, tanquam homines audiant*: De tal maneira vivei com os homens, como se vos vira Deus, e de tal maneira falai com Deus, como se vos ouvirem os homens. – Tão certo é, ainda sem lume da fé, e só por razão natural, que a oração que se faz a Deus só deve ser de coisas decentes: *petitio decentium*.

Mas porque esta decência ou se pode considerar da parte de Deus ou da nossa, digo que há de ser de ambas. Assim o resolve o doutíssimo Salmeirão, comentando a mesma definição de Damasceno: *Est autem orare, ut Damascenus ait, petere a Deo quae illum decet dare, et nos accipere*: Orar é pedir tais coisas a Deus, que a ele seja decente o dá-las e a nós o recebê-las. – Ouvi um exemplo que excelentemente declara estas duas decências. A el-rei Antígono pediu um filósofo cínico que lhe fizesse mercê de lhe mandar dar um talento, que da nossa moeda são dois mil cruzados; respondeu o rei que a um filósofo que professava pobreza não era decente ter tanto. – Pois, senhor, replicou o filósofo, mande-me Vossa Majestade dar um dinheiro – que são dois reales de prata. – E respondeu outra vez Antígono: A um rei não é decente dar tão pouco. – Assim refere todo o caso, ainda com mais breves palavras, Séneca: *Ab Antigono Cincicus petiit talentum. Respondit plus esse quam Cincicus petere deberet. Repulsus, petit denarium. Respondit minus esse quam regem deceret dare.* – De maneira que o filósofo uma vez pediu muito, e outra vez pediu pouco, e nem o muito nem o pouco alcançou do rei, porque nem ao filósofo era decente receber tanto, nem ao rei dar tão pouco. Uma vez perdeu o que pedia, porque pediu mais, outra vez porque pediu menos, e ambas indecentemente. O mesmo nos sucede com Deus no que lhe pedimos, e ainda mais na indecência das matérias que das quantidades. Erramos no que devemos pedir, e por isso não alcançamos o que pedimos.

Pediram os filhos de Zebedeu as duas cadeiras do reino a Cristo, e por que lhas não concedeu o Senhor, sendo os mais parentes e os mais validos? Porque de uma e de outra parte, assim da sua como da de Cristo, era a petição indecente. Que maior indecência da parte deles, que pedirem dois pescadores as primeiras cadeiras do reino? E que maior indecência da parte de Cristo, que haver de dar cadeiras temporais a dois Apóstolos, a quem tinha prometido as do reino eterno? Nem a Cristo era decente o dar, nem a eles era decente o receber o que pediam; e por isso a negativa da petição a fundou o Senhor neles e mais em si: neles: *Nescitis quid petatis* – em si: *Non est meum dare vobis.* – E por que erraram tanto estes dois discípulos no que pediram, sendo eles, de três que eram os mais sábios, os dois? Porque não pediram o que

o Mestre divino lhes tinha ensinado a pedir. Quando toda a escola de Cristo lhe pediu que os ensinasse a orar, respondeu o Senhor: *Sic ergo orabit: Pater noster qui es in caelis* (Mt. 6, 9): O modo com que haveis de orar é dizer a Deus: Padre-nosso que estais em o céu etc. – E nas sete petições do Padre-nosso há alguma em que se peçam cadeiras, em que se peçam dignidades e mandos, em que se peçam pompas, grandezas e ambições do mundo, ou alguma temporalidade mais que o sustento necessário à vida? Não. Pois, porque eles pediram fora do Padre-nosso erraram como néscios, e por isso nem souberam pedir nem alcançaram o que pediram. A prova que agora darei desta verdade nem pode ser mais natural nem mais fina, mas o pensamento não é meu, senão de Santo Agostinho.

Repara o doutíssimo e agudíssimo padre em dizer S. Paulo, como já referimos, que nenhum homem quando ora a Deus sabe pedir o que lhe convém, metendo-se o mesmo apóstolo nesta conta: *Qui oremus, sicut oportet, nescimus* – e argúi assim Agostinho: *Adhuc quaeras cur Apostolus dixerit: quid enim oremus, sicut oportet, nescimus: neque enim ullo modo credendum est, vel ipsum, vel quibus ista dicebat Dominicam nescisse orationem*. Nem de S. Paulo, nem daqueles a quem ele escrevia, que eram os cristãos de Roma, se pode crer ou imaginar que não soubessem a oração do Padre-nosso – pois, se na oração do Padre-nosso nos ensina o mesmo Deus o que nos convém e lhe devemos pedir, como diz S. Paulo que nem ele nem nós sabemos o que nos convém pedir a Deus? Responde o grande padre que falou S. Paulo de todos como de si, e que se meteu na conta dos que ignoram o que hão de pedir a Deus como convém, porque ele também caiu nesta ignorância: *Ab hac ignorantia nec se ipsum Apostolus ostendit alienum*. – E quando caiu nesta ignorância o apóstolo ou donde consta? Consta das três vezes que pediu a Cristo que o livrasse das moléstias do demónio, o que o Senhor lhe não quis conceder, porque era mais conveniente à sua perfeição que as padecesse, como ele mesmo lhe revelou. E porque então pediu o apóstolo o que cuidava que lhe convinha, sendo verdadeiramente o contrário, este foi o caso – conclui Agostinho – em que a sua oração errou, e ele não soube o que pedia: *Utique sicut oportet, nesciens quid oraret*. – É verdade que por outra via bem sabia S. Paulo na oração do Padre-nosso o que lhe convinha pedir; mas como esta vez orou fora dela, e pediu por seu parecer outra coisa, por isso, sendo S. Paulo, errou no que pediu, e sendo a S. Paulo, lhe negou Deus o que pedia.

E poderá suceder o mesmo aos que rezam o Rosário? De nenhum modo. Porque estes são os dois privilégios singulares concedidos unicamente às suas orações, e a nenhuma outra. Nem podem errar no que pedem, porque pedem o que lhes ensinou Deus, nem Deus lhes pode negar o que pedirem, porque pedem o que o mesmo Deus lhes prometeu. Pedi, e receberéis – diz Cristo – empenhando nesta promessa não só sua palavra, mas sua palavra e mais sua pessoa: *Et ego dico vobis: petite, et accipietis* (Jo 16, 24; Lc 11, 9). – E, estendendo a mesma promessa universalmente a todos, acrescenta o mesmo Senhor: *Omnis enim qui petit, accipit* (Ibid. 10): Porque todos os que pedem, recebem. – Mas com muita razão parece se pode aqui instar e dizer que as palavras são mais largas, e a promessa mais clara que a experiência, porque muitos pedem a Deus muitas coisas e muitas vezes, e experimentam que não recebem o que pediram. Pois, se pedem, e não recebem, como promete Cristo que, se pedirem, receberão: *Petite et accipietis?* – E como afirma – o que é mais – que todos os que pedem recebem: *Omnis enim qui petit, accipit?* – O reparo desta que parece contradição, não é totalmente novo; mas o que muito me admira é que ninguém a desfizesse até agora, com a limitação literal que traz consigo a universalidade do mesmo texto. Leia-se todo o texto – que é o capítulo onze de S. Lucas e ver-se-á claramente que Cristo, Senhor nosso, não fez esta promessa a toda a oração e petições que se lhe fizessem, senão àquela oração e àquelas petições de que actualmente falava. E quais eram estas? Tinha acabado o Senhor de ensinar a oração do Padre-nosso, e de exortar a frequência dela com vários exemplos e aos que pedissem o que se pede na oração do Padre-nosso, e o pedissem, não só uma vez, senão muitas, e como importunando a Deus – que é o que se faz no Rosário a esse prometeu

somente que receberiam o que pedissem. Tinha dito com particular advertência: *Sic autem orabitur*: Orareis assim – e aos que oram assim, e não de outra maneira, a esses prometeu somente que alcançariam sem dúvida o que pedissem, e não a outros. Que muito logo, que o que se pede em outras orações se não alcance, se à do Padre-nosso somente foi concedido este privilégio? Logo, assim como não pode errar quem pede, porque pede o que Deus ensinou, assim Deus lhe não pode negar o que pedir, porque pede o que Deus lhe prometeu. É consequência do mesmo Santo Agostinho em outro lugar: *Si enim id postulat quod Deus praecepit et promittit, fiet omnino quod poscit*: Quem pede o que Deus manda e o que Deus promete, impossível é que não alcance o que pede.

IVIII

Quando Deus não tivera empenhado a sua palavra, nós o obrigáramos a isso infalivelmente só com lhe fazermos as nossas petições pelas mesmas palavras que ele nos ditou. Palavras da Senhora do Rosário à devota matrona romana empenhada em outras orações e práticas piedosas.

Mas, quando Deus não tivera empenhado sua palavra, e não se tivera obrigado a nos conceder o que lhe pedíssemos, nós o obrigáramos a isso infalivelmente, só com lhe fazermos as nossas petições pelas mesmas palavras que ele nos ditou por sua própria boca, e com que ele nos fez o memorial. Pergunto: se requerendo diante de um rei, e pedindo-lhe mercês, ele mesmo nos ditasse e fizesse a petição, com tudo o que havíamos de alegar e pedir, podia deixar o rei de nos despachar? Claro está que de nenhum modo. Pois, isso é o que fez o Filho de Deus quando nos ensinou a oração do Padre-Nosso, e isso é o que fez o Padre e o Espírito Santo quando nos ensinaram a da Ave-Maria. Pelo contrário – voltai agora – e se esse que pede mercês ao rei, fosse tão ignorante e descomedido que, lendo a petição que o mesmo rei lhe tinha ditado, se não contentasse dela, e se fosse ter com um letrado, para que lhe fizesse outra mais larga, e ao seu mais elegante, com outras alegações, e outro pede, quando o rei a lesse, e visse que não era a sua parece-vos que a despacharia bem? Vós o julgai. Pois, isso é o que sucede e sucederá aos que deixam de fazer a Deus as orações que ele mesmo nos fez, e lhe falam e o querem persuadir com outras que fizeram os homens, por mais sábios, por mais pios, e por mais santos que sejam.

E se esta razão tão natural e tão evidente não basta para que todas as outras orações e devoções se convertam em Rosários, como eu prometi porque assim o esperava, ouçamos a resolução da mesma Senhora do Rosário sobre esta mesma questão e neste mesmo caso. Pregava em Roma o grande patriarca S. Domingos, sendo o principal assunto dos seus sermões, em qualquer dia que fosse – que assim pregam os santos – a devoção do Rosário. E, posto que não só no povo e nobreza, mas também nos príncipes eclesiásticos e seculares fosse recebida com igual piedade e aplauso, houve contudo uma matrona romana de vida exemplar, tão empenhada em outras, que nunca o santo a pôde persuadir a que se afeiçoasse a esta. Até nas matérias da virtude há espíritos teimosos, que não querem ir ao céu pelo seu caminho, nem fazer a vontade de Deus senão pelos ditames ou apetites da sua. E como esta Senhora era de tanta autoridade que podia fazer opinião entre as da sua esfera, desconsolado o santo de a não poder reduzir ao seu partido, a quem se iria queixar? Prostrou-se por terra diante de uma imagem da Virgem, e banhado em lágrimas lhe disse desta maneira: – Enfim, Virgem Santíssima, já o vosso Rosário é tido em pouca conta. A culpa é toda minha, pois não tenho talento nem eficácia para o saber persuadir; nem podia suceder menos, pois escolheste por ministro e pregador dele um sujeito de tão pouco espírito. Pesa-me muito de vos servir tão mal e tão inutilmente no que me mandastes: vós Senhora, o remediai, que só podeis. – Assim orou Domingos desconsolado, mas não tardou muito a consolação e o remédio. Saiu a dizer

Missa o santo, depois de ter pregado, e no mesmo tempo a matrona romana, que se achava presente, arrebatada e fora de si, foi levada a juízo ante o tribunal divino. Viu-a Deus com aspecto irado e tremendo, repreendeu-a severamente da sua indevoção e contumácia e mandou aos demónios que logo a castigassem como merecia .

Verdadeiramente que se não pudera rezear tão rigorosa sentença a uma mulher, não só de boa vida, mas tão exemplar como já disse, e agora veremos. As razões ou pretextos com que ela se escusava de rezar o Rosário, era dizer que jejuava muitos dias que vestia lã à raiz da carne, e andava cingida de cadeias de ferro, que visitava frequentemente as sete igrejas, e corria as Estações para ganhar as Indulgências, e que as orações muitas e largas que rezava posto que fossem outras, também eram pias, devotas e santas, com que lhe parecia que não agradava menos a Deus. Vejam agora lá, os que não rezam o Rosário, se terão semelhantes escusas com que se desculpar. Mas, se esta matrona sendo grande senhora, era tão alheia de todas as vaidades e regalos do mundo, tão penitente, tão austera e tão dada a todas as obras de piedade e devoção, como no juízo divino é repreendida tão asperamente, e entregue aos mesmos demónios para que a castiguem? Porque o demónio, não só tenta com os vícios, senão tal com as virtudes; e talvez não é menor tentação do bem pelo mal, que por não deixar o bom, desprezar o melhor. Por isso dizia S. Paulo: *Aemulamini charismata meliora*. – Boas eram todas aquelas penitências e todas aquelas devoções, mas era contumácia digna de grave repreensão e de grave castigo, antepô-las ao Rosário, e deixá-lo por elas.

Vendo-se em tão grande aperto a pobre mulher, e não menos que entregue aos demónios a castigarem, desenganada já e reconhecida de seu erro, deu um grande grito, dizendo: – Valei-me, Virgem do Rosário! – Suspenderam-se os demónios, ouvindo o soberano nome, e a Senhora como Mãe de misericórdia, que faria? Posto que tão ofendida, apareceu logo no mesmo juízo, com rosto, não de rigor, mas de benignidade e agrado, e não só lhe alcançou perdão do castigo, mas, para que acabasse de conhecer a diferença que faz o Rosário meditado e rezado como convém a todas as outras devoções, passando-a daquele lugar temeroso a outro cheio de luz, de alegria e de glória, que era o Paraíso, ali lhe mostrou dois coros de almas bem-aventuradas, coroadas de rosas, com alegres e suavíssimas vozes estavam cantando o Rosário. Pasmada, pois, a boa mulher do que via, e nunca imaginara, e muito mais mudada e arrependida que dantes, então lhe disse a Senhora estas palavras: – Vês, filha, todos estes que com coroas de tanta formosura e glória estão cantando louvores à Santíssima Trindade, a meu Filho e a mim? Pois, estes são os que na vida foram devotos do meu Rosário. E para que acabes de entender o merecimento que tiveram na terra, e o lugar que têm no céu, sabe que assim como eu na glória excedo a todos os santos, assim a devoção do meu Rosário excede a todas. – Disse a Senhora e eu também tenho dito. Levai nos ouvidos e no coração estas palavras da Rainha dos Anjos, pois nenhuma pode haver, nem de mais consolação para os devotos do Rosário, nem de melhor exortação para os que o não forem.

SERMÃO V

Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

II

Se Adão perdeu o Paraíso porque ouviu a serpente e não guardou o preceito de Deus, Cristo, promete-nos o Paraíso se ouvirmos as palavras de Deus e guardamos seus preceitos. Dificuldades que encontram em nós a observância dos preceitos divinos. Razões da diferença total entre Eva e Maria. A devoção do Rosário é o meio mais eficaz para guardarmos os preceitos de Deus.

Aquele supremo Senhor que, quando pôs o homem no Paraíso, pôs ao homem o preceito, esse mesmo nos diz hoje que, se guardarmos seus preceitos, nos dará a bem-aventurança do Paraíso. O fim para que Deus pôs a Adão no Paraíso foi para que o guardasse: *Ut operaretur, et custodiret illum.* – E por que o não guardou Adão? Não guardou o Paraíso porque não guardou o preceito. Essa foi a astúcia da serpente: *Cur praecepit vobis Deus?* Fez o tiro ao preceito para abrir a brecha no Paraíso. Se o preceito, que era o muro do Paraíso, se não rompera, nem o demônio entrara, nem Adão saía. Mas porque ele não guardou o preceito, nem se guardou de o quebrar, o mesmo foi quebrar o preceito que perder o Paraíso. Grande e lastimosa desgraça em um homem tão venturoso, e não sei se maior ainda em tantos homens que, antes de ter ser, tiveram parte na mesma desgraça e nela continuaram quatro mil anos. Hoje, porém, depois que a segunda Eva, com o bendito fruto de seu ventre, desfez a maldição daquele primeiro fruto: *Beatus venter qui te portavit* – as mesmas portas do Paraíso, que fechou a justiça à culpa, abriu a misericórdia à graça, mas debaixo das mesmas condições e da mesma lei. Se Adão perdeu o Paraíso da terra porque ouviu a serpente e não guardou o preceito de Deus, eu, diz Cristo, vos prometo o Paraíso e bem-aventurança do céu, se ouvirdes as palavras de Deus e guardardes seus preceitos: *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

Esta foi a segunda lei, e lei de graça, com que a benignidade e misericórdia divina reparou as desgraças daquela primeira, e as quebras dela. Mas não sei se é menos perigosa e dificultosa hoje, e tanto mais arriscada a se quebrar muitas vezes, quantos mais são os preceitos e mais os homens. Se o primeiro homem criado em justiça original, e com os apetites sujeitos ao império da razão, não guardou um só preceito, como guardaremos nós tantos e tão repugnantes à natureza corrupta que dele herdamos tão viciada? Se Adão caiu no Paraíso, em um mundo tão cheio de laços, de ocasiões, de tropeços, quem se sustentará em pé? Se ele não resistiu a uma tentação tão leve, como resistiremos nós a tantas e tão pesadas? Se o demônio, ainda bisonho, o venceu no primeiro combate, depois de tão exercitado na guerra quem escapará de suas astúcias? Se na maior abundância de tudo não pôde sofrer um homem que lhe fosse vedada uma fruta, quem haverá que respeite a proibição das leis na falta de tudo, contra a duríssima lei da necessidade? Se onde não havia meu e teu, e ambos eram meeiros nos mesmos bens, sem pleito, sem emulação, sem discórdia, ambos se privaram deles, quem se poderá conservar na sua fortuna contra a inveja, contra o poder, contra a injustiça? E se de todos estes males foi causa o amor, e lícito, que fará o ilícito, o profano, o cego: ou o ódio, a ira, a impaciência, a vingança? Se a companheira que Deus deu ao homem para o ajudar, o ajudou a perder, das que são maior incentivo da perdição, quem viverá seguro? Se ela o ensinou a quebrar o preceito, e não obedecer a Deus a quem viam e com quem falavam, nós, que não vemos a Deus, e só temos diante dos olhos os exemplos dos homens, tão perniciosos como infinitos, qual se não deixará levar do ímpeto da multidão,

correndo as demais ao precipício? Finalmente, no estado da natureza corrupta, de que nos não isentou a lei da graça, sendo fracos, miseráveis, inconstantes, e combatidos de dentro com a rebeldia das próprias paixões, como poderemos guardar tantos preceitos, e em toda a vida, quando Adão em tão poucas horas não teve forças nem valor para guardar um só?

Tais são as dificuldades muitas e grandes que poderosamente encontram em nós a observância dos preceitos divinos. E, posto que outros pregadores trabalham em vão, ou pelas dissimular, sendo tão manifestas, ou pelas enfraquecer, sendo tão fortes, eu, porém, as suponho, confesso e concedo facilmente, porque vos venho inculcar o pronto remédio delas. Tudo o que fez ou desfez Eva, restituiu e refez a sempre Virgem Maria, Mãe de Deus e Senhora nossa: *Mater generis nostri poenam intulit mundo, genetrix Domini nostri salutem attulit mundo. Autrix peccati Eva, autrix meriti Maria: Eva occidendo obfuit, Maria vivificando profuit: illa percussit, ista sanavit; pro inobedientia enim obedientia commutatur*: – A mãe do género humano meteu no mundo a pena e o pecado: a Mãe do Redentor do mundo trouxe a ele o merecimento e a graça. Eva feriu, Maria sarou, Eva foi causa da enfermidade, Maria da saúde; Eva da morte, Maria da vida. E a razão total desta diferença é – diz Santo Agostinho – porque Eva inventou a desobediência dos preceitos divinos, e Maria ensinou a obediência: *Pro inobedientia enim obedientia commutatur*. – Que fez Eva pela desobediência? Fez que a terra maldita produzisse espinhas. E que fez Maria pela obediência? Fez que dessas mesmas espinhas nascessem rosas. Tais são, e provados com muitos exemplos, os mistérios da Vida, Morte e Ressurreição do Filho de Deus, que, se essas espinhas não foram, não seria Filho de Maria. Destas rosas, pois, como flor sempre medicinal, inventou a Senhora uma composição de tal virtude para fortalecer a nossa que, assim como Adão sem este remédio, ou não pôde ou não soube guardar um só preceito de Deus, assim os filhos de Adão, por meio dele, cobram tais forças, que podem sustentar todo o peso de sua lei e guardar todos seus preceitos.

Este é – devotos e não devotos desta solenidade – o novo argumento que pretendo provar hoje, e não só um dos mais ilustres efeitos do Rosário, senão o mais importante de todos. Cristo, Senhor nosso, diz: – Será bem-aventurado quem guardar os preceitos de Deus. – E a Mãe do mesmo Cristo acrescenta: Guardará os preceitos de Deus quem rezar o meu Rosário. – De sorte que a devoção do Rosário é o meio mais eficaz para guardarmos os preceitos de Deus e para conseguirmos a bem-aventurança prometida aos que os guardam: *Beati qui andiunt verbum Dei et custodiunt illud*. – Só quem não desejar ser bem-aventurado não ouvirá com grande alvoroço e atenção os fundamentos desta proposta. À mesma Senhora, cuja é, peçamos a graça: Ave Maria.

III

Por que David dá por causa da sua frequente oração o desejo que tinha de guardar os mandamentos de Deus? Viver e orar. A oração é a respiração. Adão, homem totalmente sem oração, comparado aos brutos sem razão nem entendimento.

Bene novit vivere, qui bene novit orare. – É provérbio nascido na língua de S. Crisóstomo, e confirmado na pena de Santo Agostinho, a língua e a pena ambas de ouro. Quer dizer: Quem sabe bem orar, sabe bem viver. – Nem poderá viver bem quem não orar bem. E qual é a razão de uma sentença tão universal e tão absoluta? A razão, e a razão da razão, tudo deu David, a quem com maior propriedade podemos chamar o profeta orador que o profeta rei. Fala, pois, David da oração, como comumente o entendem os santos padres, e diz assim: *Os meum aperui, et attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam* (Sl. 118, 131): Abri a boca para tomar respiração, porque desejei guardar os mandamentos de Deus. – Notável consequência! Primeiramente compara a oração à respiração. E por quê? Porque assim como

ninguém pode viver sem respirar, assim não pode viver bem sem orar. A vida e a boa vida ambas dependem do espírito que se atrai pela boca: a vida respirando, a boa vida orando. Esta é a razão. E a razão da razão, qual é? *Quia mandata tua desiderabam*: Porque desejei guardar os mandamentos de Deus. – Pois, por que David deseja guardar os mandamentos de Deus, por isso julga que lhe é tão necessária a oração como a respiração? Sim. Porque o viver bem consiste em guardar os mandamentos de Deus. Logo, se para viver bem é tão necessário o orar, como para viver o respirar, ninguém pode guardar os mandamentos de Deus, em que consiste o viver bem, senão por meio da oração. A oração é a respiração do viver bem. Logo, tão impossível será guardar os mandamentos de Deus sem orar, como viver sem respirar. E esta é a consequência formalíssima com que David dá por causa da sua frequente oração o desejo que tinha de guardar os mandamentos de Deus: *Os meum aperui, et attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam*.

A fonte donde David bebeu profeticamente esta doutrina foi a divindade de Cristo, como o mesmo Senhor declarou depois, por boca de sua sagrada humanidade: *Oportet semper orare et non deficere* (Lc. 18, 1): É necessário orar sempre, e não faltar – Sempre, e não faltar? Parece apertado preceito. Mas não é muito que pareça apertado um preceito do qual depende a observância de todos. É necessário orar sempre: *Oportet semper orare* – porque assim como para viver sempre é necessário respirar sempre, assim para viver bem sempre é necessário orar sempre. E é necessário não faltar: *Et non deficere* – porque, assim como, faltando a respiração, não pode continuar a vida assim, faltando a oração, não pode perseverar a boa vida. Não quero o comento de S. Crisóstomo nem de Santo Agostinho, porque tenho o de S. Paulo: *Sine intermissione orate* (Tes. 5, 17): Orai sem intermissão. – Declara o apóstolo, e chama ao orar sempre orar sem intermissão, porque o orar com intermissão ou a oração intermitente é como a respiração intermitente. Vede em Lázaro. Enquanto Lázaro respirava, vivia; quando tornou a respirar, tornou a viver, porque ressuscitou. E enquanto a respiração esteve intermitente, como esteve Lázaro? Esteve morto. Pois, assim como a vida não admite intermissão no respirar, assim a boa vida não consente intermissão no orar. E este é o porquê da doutrina de Cristo em nos mandar que oremos sempre. E o porquê deste porquê, qual é? É porque a boa vida, ou o viver bem, como dizíamos, consiste em guardar os mandamentos de Deus; e como os mandamentos de Deus obrigam sempre, para guardar os mandamentos de Deus sempre é necessário orar sempre: *Oportet semper orare*. Tanta é a conexão que têm entre si a oração e os mandamentos, e tanta é a dependência que tem a guarda dos mandamentos do exercício da oração.

E se quem houver de guardar os mandamentos de Deus há de orar e orar sempre, quem não orar sempre, ou nunca orar, que lhe acontecerá com os mandamentos? O que lhe aconteceu a Adão, para que o vejamos, não em outro, senão no mesmo exemplo. Estupendo caso é que um homem, criado no Paraíso, tão entendido, tão sábio e tão obrigado não guardasse um só preceito que Deus lhe pôs! E qual foi naquele entendimento e naquela vontade o defeito original de uma desgraça tão cega? Não sei se o tendes já advertido; mas verdadeiramente é notável, e tão digno de admiração como de temor. Nenhum homem houve que mais ocasiões tivesse, nem mais apertadas e urgentes de orar a Deus que Adão. E, contudo, em toda a sua história, em tantos casos tão notáveis dela, nem uma só vez se lê que fizesse algum modo de oração. Criou-o Deus, e formou-o com suas próprias mãos, deu-lhe o domínio dos animais e o império do mundo, deu-lhe a companhia de Eva, que era o que só lhe faltava, e o que ele estimou sobretudo; mas, por tantos, e tão repetidos, e tão portentosos benefícios, nunca lhe ocorreu a Adão dar graças a Deus. Pecou, e não se compungiu nem bateu nos peitos; estranhou-lhe Deus pessoalmente o pecado, e não se lançou a seus pés nem lhe pediu perdão; sentenciou-o, executou-o, lançou-o do Paraíso, e em tantos actos lastimosos, em que se pudera valer como réu e como infeliz, da sua própria miséria não soube interpor uma súplica nem apelar da divina justiça para sua misericórdia. E homem tão alheio de todos

os modos de orar a Deus, como havia de guardar o preceito de Deus? Em o não guardar fez como que era, e em não orar, nem antes, nem depois, nem em um, nem em outro estado, mostrou o que era. Era um homem totalmente sem oração, e por isso já então semelhante aos brutos, sem uso de razão nem entendimento: *Homo, cum in honore esset – eis aqui o já então – non intellexit. Comparatus est jumentis, et similis factus est illis.* – E um bruto que não sabia orar, como havia de saber viver? Por isso ouviu a palavra de Deus, e não a guardou: e porque a ouviu, e a não guardou, por isso perdeu a felicidade, de que só gozam os que a ouvem e a guardam: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.*

III

A virtude universal da oração aperfeiçoada pela Virgem no Rosário. A graça de Deus e o alvedrio humano. Visão de S. Filipe Benisi em Roma. O Rosário, freio para domar o alvedrio, e roda para atrair a graça.

Esta foi sempre a virtude universal da oração, provada com todas as Escrituras, inculcada por todos os santos, e confirmada com infinitos exemplos. Porém, depois que a Virgem Santíssima, no instituto e forma do seu Rosário, lhe ajuntou todas as outras propriedades especiais de que se compõe a oração perfeitíssima, então foi muito maior a eficácia, energia e proporção conatural que tem a mesma oração para influir e conservar nos corações e acções humanas o respeito, o temor, a obediência e a perfeita e inviolável guarda dos preceitos divinos. Este é o nosso ponto, e esta a mais gloriosa excelência do Rosário. Para inteiro e radical entendimento dela havemos de supor não só como teologia certa, mas como princípio de fé, definido em muitos concílios, que, para guardar qualquer preceito divino grave – e muito mais todos – são necessários dois concursos, um da parte de Deus, outro da parte do homem: da parte de Deus, o concurso e influxo da sua graça, e da parte do homem o concurso e consenso do nosso livre alvedrio. De sorte que nem a graça de Deus em nós sem o nosso alvedrio, nem o nosso alvedrio sem a graça de Deus é poderoso, ainda que quiséssemos, para guardar os seus preceitos. Ouvi o David, falando com Deus: *Justificationes tuas custodiam; non me derelinquas usquequaque* (Sl. 118, 8): Eu, Senhor, quero guardar os vossos mandamentos, e o que vos peço para o poder fazer é que vós me não deixeis por nenhum modo. – Falou como mestre de Santo Agostinho e de Santo Tomás. Porque, se Deus de qualquer modo nos deixar e nos não assistir com sua graça, ainda que nós quiséssemos seus mandamentos, de nenhum modo os poderemos guardar. E a razão é porque a guarda dos mandamentos de Deus, e meritória da vida eterna, é obra sobrenatural. E, ainda que o alvedrio concorra com todas as forças da natureza, é necessário que a sobrenaturalidade venha de cima, e lha dê a graça.

Agora entenderéis a propriedade com que Cristo, Senhor nosso, chamou à sua lei jugo: *Jugum meum suave est* – diz que é suave, mas jugo. Porém, se esta lei a há de tomar cada um de nós sobre si, e cada um há de guardar os preceitos e mandamentos dela, como pode ser jugo? O jugo chama-se assim porque o levam dois juntamente; pois, se eu só levo a lei, como pode ser jugo para comigo? Porque ajunta Deus em mim a sua graça com o meu alvedrio, e o alvedrio e a graça juntos são os que levar da lei. O melhor exemplo, que nenhum teólogo jamais achou para declarar esta teologia, foi uma famosa representação com que a Virgem, Senhora nossa, não só a ensinou mas a fez visível. Cantava-se em Roma aquela epístola, em que se contém a história do apóstolo S. Filipe quando converteu o eunuco da rainha Candaces, e assistia à missa outro Filipe, que depois foi também apostólico, e hoje se chama S. Filipe Benisi. Chegando, pois, a história àquelas palavras que o anjo disse ao apóstolo: *Accede, et adjuge te ad currum istum* (Act. 8, 29): Filipe chega e ajunta-te a esta carroça – que era a em que caminhava o eunuco – arrebatado em espírito o segundo Filipe, viu a Virgem, Senhora

nossa, como triunfante, em uma carroça dourada, pela qual tiravam uma ovelha e um leão: *In aureo curru, quem ovis et leo trahebant, sanctissimam Dei Genitricem insidentem vidit.* – O intento e significado da visão era que Filipe se fizesse servo da Senhora na religião daquela mesma Igreja, que se intitula dos Servos da Virgem Maria.

Mas a circunstância, que faz mais admirável e misterioso o aparato da representação, são os tiradores da carroça triunfante da Mãe de Deus. Admirável por serem só dois, admirável por serem de diferente espécie, e mais admirável por ser uma ovelha e um leão: *ovis et leo.* – Ao menos não seria a ovelha cordeiro, ou o leão leoa, para que a semelhança do sexo os sujeitasse mais facilmente, e os unisse ao jugo? Não. A carroça em que Deus e a Mãe de Deus triunfam dos homens, e os sujeitam a ser servos seus – como naquele caso – é a obediência de seus preceitos; e os que tiram por esta carroça e a levam não são mais que dois, e esses de diferente espécie: a ovelha, que é a graça, e o leão que é o alvedrio humano. O leão, mais soberbo, mais fero, mais indômito e mais imperioso, criado e coroado entre os monstros da Líbia, é o alvedrio do homem: tão soberbo e tão senhor, que até ao mesmo Deus como Faraó, pôde dizer não quero, mas esta soberba quem a humilha, esta fereza, quem a domestica, este senhorio, quem o sujeita? A companhia da graça. A graça, como ovelha mansa, lhe tempera a fúria a graça, como ovelha humilde, lhe modera os brios; a graça, como ovelha sujeita, lhe abate os espíritos; a graça, como ovelha obediente, o faz obedecer e tomar o jugo. Que era Saulo, senão um leão desatado colérico, furioso, que só com o seu bramido metia terror a todo o rebanho de Cristo: *Saulus adhuc spirans minarum in discipulos Domini?* E este soberbíssimo leão, quem o rendeu, quem o sujeitou quem lhe quebrantou a fúria, quem o trocou e fez tão outro, e o atou ao jugo, quando tanto resistia e recalcitrava? Ele mesmo o diz: *Non ego, sed gratia Dei mecum* (1 Cor. 15, 10): Não eu só, senão, graça de Deus comigo. – E, tanto que a eficácia da graça se ajuntou com a liberdade do alvedrio, logo se domou o indômito, logo se sujeitou o rebelde, e da ovelha e do leão se fez uma parelha tão igual, qual a podia escolher a Mãe de Deus, para ela e seu Filho triunfarem dos homens.

Tomai agora o Rosário na mão, ou olhai para ele, e dizei-me a que se vos afigura? David dizia a Deus: *In camo et freno maxillas eorum constringe, qui non approximant ad te:* Aqueles, Senhor, que se afastam de vós, e não querem tomar o jugo de vossa lei, metei-lhes um freio na boca, e apertai-lhes as rédeas, que, por mais que sejam rebeldes e de dura cerviz, logo a dobrarão. – E quem faz este efeito, senão o Rosário? O mesmo Deus o diz por boca de Isaías: *Laude mea infrenabo te, ne intereas:* Vejo que o teu alvedrio livre, rebelde e furioso, mais como leão, que como cavalo desbocado, te vai precipitando à perdição; mas eu te meterei um freio na boca, para que te não despenhes nem pereças, e este não será outro, senão o de meus louvores: *Laude mea infrenabo te.* – Verás o que fiz por ti, conhecerás as obrigações que me deves, louvar-me-ás uma e muitas vezes por tão soberanos e divinos benefícios, e como trouxeres na boca estes meus louvores – que é o que fazemos no Rosário – eles te refrearão, para que me não ofendas, e para que encaminhes todos teus passos pela carreira de meus mandamentos: *Frenum legis et religionis meae tibi injiciam, cogamque te ad mei cultum, ut more solito me laudes* – comenta Santo Tomás. Assim que os louvores divinos entoados no Rosário são os que suave e fortemente dominam a liberdade e domam a fereza do alvedrio, e a sujeitam à Lei de Deus.

E a graça, sem a qual ele não pode caminhar direito nem sofrer o jugo, donde lhe há de vir? Do mesmo Rosário. Chama-se a Virgem, Senhora nossa, nos Cantares: *Puteus aquarum viventium* (Cant 4, 15): Poço das águas vivas – que são as da graça. Mas este poço é muito alto e muito profundo, e nós – dirá alguém – que não temos com que tirar a água, como dizia a Samaritana a Cristo: *Neque in quo haurias habes, et puteus altus est.* Assim disse ela enquanto não conhecia com quem falava, e em parte disse bem, porque o Rosário até então ainda era curto, e não tinha mais que o primeiro terço; porém, depois que o mesmo Cristo obrou todos os outros mistérios, e a Senhora compôs e aperfeiçoou de todos o seu Rosário –

vede se é muito própria a figura – o mesmo Rosário, assim como ides dando volta às contas, e dizendo *Ave gratia plena*, elas são os alcatruzes com que do poço altíssimo se vai tirando acima a água da graça. No Egito se conserva ainda hoje uma fonte, a qual se chama a fonte de Jesus, porque dela bebiam, quando lá estiveram desterrados, o Menino Jesus, a Senhora e S. José; e diz Andricômio, com outros autores desta tradição, que, por estar a água muito funda, se tira com uma roda: *Aquam extrahunt per rotam*. – O mesmos fazemos nós por meio do Rosário, com que ele vem a ser um instrumento artificiosíssimo de dois usos os mais importantes: para domar o alvedrio, freio; e para atrair a graça, roda.

IIV

A oração vocal e mental, dois meios efficacíssimos que a Virgem, Senhora nossa, uniu no seu Rosário para a observância dos mandamentos de Deus. Por que razão são quinze, e não mais nem menos, os mistérios do Rosário? O Rosário, Saltério da Virgem, composto à semelhança do Saltério de David, com as dez cordas do Decálogo e mais as cinco do Quincálogo. Proposta de David a Deus: Levantai-vos, Senhor, de vosso trono, e resolvi-vos a fazer por vossa própria pessoa os preceitos que impondes aos homens. – O Rosário, espelho dos exemplos e mandamentos de Deus.

Tornando, pois, ao fundamento do que significam ou declaram estas duas semelhanças exteriores, como para os homens se sujeitarem a Deus, e a seu serviço, e à observância de seus mandamentos são precisamente necessários aqueles dois concursos que dizíamos – da parte de Deus, o da graça divina e da parte do homem, o do alvedrio humano – este foi o altíssimo e sapientíssimo conselho com que a Virgem, Senhora nossa, ordenou que a oração do seu Rosário fosse vocal e mental, e não só oração de qualquer modo, senão oração e meditação juntamente, para que, orando e pedindo, impetrássemos de Deus a graça, e, meditando e considerando, nos persuadísemos e convencêssemos a nós, e conseguíssemos de nós mesmos a sujeição do nosso próprio alvedrio. Os hereges, como em nossos tempos o ímpio Calvino, porque não querem guardar os mandamentos de Deus dizem que são impossíveis. Mas já antigamente os convenceu Santo Agostinho, com as mesmas palavras com que depois os anatematizou o Concílio Tridentino: *Deus impossibilia non jubet, sed jubendo monet et facere quod possis et petere quod non possis*: Deus, em seus preceitos, não manda coisas impossíveis; mas, quando manda as que são ou parecem dificultosas, também nos ensina os meios com que as havemos de facilitar e guardar. – E quais são: *Et facere quod possis, et petere quod non possis*: Fazer o que podeis e pedir o que não podeis. – Fazer o que podeis, obrando com as forças naturais, que são as do alvedrio; e pedindo o que não podeis, solicitando as forças sobrenaturais, que são as da graça. E estes são os dois meios efficacíssimos que a Virgem, Senhora nossa, uniu no seu Rosário, ajuntando às preces da oração vocal as meditações da mental.

A matéria das meditações do Rosário compõe-se de quinze mistérios. E por que razão de quinze, nem mais nem menos? Porque os mediu a Senhora pelo número dos mandamentos, a cuja observância se ordenam. David, falando com os justos, que são os que guardam os mandamentos, exorta-os a que louvem a Deus, e que o modo de o louvar seja cantando seus louvores ao som do saltério de dez cordas: *Exultate, justi, in Domino; rectos decet collaudatio. In psalterio decem chordarum psallite illi*. – Já dissemos que o Rosário, chamado desde seu princípio Saltério da Virgem, foi composto à semelhança do Saltério de David. Pois, se David fez o seu saltério de dez cordas, a Senhora por que acrescentou ao seu mais cinco, e fez o seu saltério de quinze? Porque, assim o de David como o da Senhora, foram ordenados à guarda dos mandamentos e os mandamentos no tempo de David eram só dez, no tempo em que a Virgem instituiu o Rosário já eram quinze. Eram dez do Decálogo, que são os

dez mandamentos da Lei de Deus, e eram cinco do Quincálogo, que são os cinco mandamentos da Santa Madre Igreja. E como os mandamentos hoje são quinze, por isso a Senhora, proporcionando o número com o número e os mistérios com os mandamentos compôs o seu Rosário em tal forma que a cada mandamento correspondesse um mistério. E para que? Para que em cada um dos mesmos mistérios, como em um espelho claríssimo, se visse o homem, a si, e visse as suas obrigações, e nenhum houvesse tão cego, tão ingrato, tão atrevido, que ousasse quebrantar os mandamentos contrários.

Não é o pensamento meu, senão do mesmo David, falando do seu tempo como santo, e do futuro como profeta: *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis* (Sl. 118, 4): Vós, Senhor, mandastes que os vossos mandamentos sejam guardados com grande pontualidade, e tão grande e tão exacta, que pareça nímia: *Utinam dirigantur viae meae ad custodiendas justificationes tuas* (Ibid. 5)! – Oh! que ditoso seria eu, e quão singular mercê receberia de vossa divina mão, se todas as minhas intenções e acções fossem dirigidas à perfeita guarda de todos vossos mandamentos. – Porém, o meio eficaz com que isto se há de conseguir não é para agora: está reservado para outro tempo: *Tunc non confundar, cum perspexero in omnibus mandatis tuis* (Ibid. 6): Eu agora – diz David – desejo guardar vossos mandamentos, mas muitas vezes tenho ocasião de me confundir, porque os não guardo. Porém quando vier aquele ditoso tempo – *tunc* – em que todos os vossos mandamentos tenham diante e defronte de si outros tantos espelhos, em que se veja quem os houver guardar: *Cum perspexero in omnibus mandatis tuis* – então cessará essa confusão: *Tunc non confundar* – porque ninguém haverá tão descomedido, tão precipitado, tão cego, que, olhando para aqueles espelhos, vendo-se em cada um a si, e em todos vossos mandamentos, se atreva a quebrar o menor deles. E em que fundou David a esperança desta grande promessa, não menos dificultosa de executar que de entender? Fundou-a na eficácia de uma proposta que ele mesmo tinha feito a Deus, não sei se bem advertida, mas muito digna de se notar: *Exurge, Domine, in praecepto quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te* (Sl. 7, 8): Levantai-vos, Senhor, do trono de vossa majestade, onde estais assentado desde o princípio do mundo, e resolvi-vos a fazer e executar por vossa própria pessoa os preceitos que impondes aos homens: *Exurge in praecepto quod mandasti* – e logo os mesmos homens, à vista deste exemplo, não terão que replicar à pronta obediência de todos vossos mandamentos; antes, todos de tropel, e à porfia, vos seguirão e acompanharão neles: *Et synagoga populorum circumdabit te*.

Isto é o que David, profetizando, representava a Deus, isto é o que Deus executou fazendo-se homem e obedecendo a todos os preceitos divinos e isto é o que a Mãe do mesmo Deus reduziu à prática na forma e disposição com que ordenou o seu Rosário. Antes de Deus se fazer homem, mandando somente, e não obedecendo, quase dava ocasião aos homens de murmurarem dentro em si e dizerem: – Deus manda tudo o que lhe parece, e, posto que tudo seja justo e muito bem mandado, mandar lá do céu onde ele está, é muito fácil. Ele está em perpétuo descanso, e manda que nós trabalhemos; ele é impossível, e quer que nós padeçamos; ele sobeja-lhe tudo, e quer que nos abstenhamos na falta do que havemos mister; ele está ouvindo músicas de anjos, e quer que nós soframos as injúrias que nos dizem e fazem os homens; ele, enfim, escreve preceitos com o dedo, è quer que nós os executemos com todo o corpo e com toda a alma. E porque isto é tão dificultoso quanto vai de mandar a ser mandado, e de não fazer a fazer, por isso tem tão poucos que guardem seus mandamentos. – Assim diziam ou podiam dizer os homens antigamente; porém, depois que Deus se fez homem e se sujeitou a padecer trabalhos, pobreza, injúrias, e nenhuma coisa das que tinha mandado antes ou das que mandou depois deixou ele de obedecer e executar por sua própria pessoa, nem a razão, nem a sem-razão humana tem pretexto algum de se não sujeitar a todos os mandamentos de Deus. E isto é o que a Mãe do mesmo Deus nos põe diante dos olhos em tantos mistérios quantos são os mandamentos, e em tantos espelhos quantos são os mistérios: *Cum perspexero in omnibus mandatis tuis*.

No Monte Sinai escreveu Deus as tábuas da lei, e no mesmo monte delineou o modelo e exemplar do tabernáculo: *Fac secundum exemplar quod tibi in monte monstratum est.* – Mas que sucesso teve uma e outra obra? O exemplar delineado no monte executou-se: as leis escritas no monte quebraram-se. Para lavar e acomodar madeiros, que não têm sentimento nem alvedrio, bastam exemplares mortos pintados no monte; mas para amoldar e compor homens que têm entendimento e liberdade, não basta que as leis se pintem e se escrevam no monte: é necessário que o legislador desça do monte, e que os exemplares do que manda fazer sejam vivos e animados com as suas próprias ações. Assim o fez Deus. E porque experimentou que têm pouca força as leis para a obediência, onde faltam os exemplos para a imitação, por isso desceu do céu à terra, com em socorro dos seus mandamentos, para que, obrando o mesmo que tinha mandado, assim como nos exemplos fosse imitado, fosse também nos mandamentos obedecido. Pondo, pois, o Rosário os exemplos de Deus à vista dos mandamentos do mesmo Deus, não já como Senhor que os manda, senão como súdito e companheiro que os obedece, que alvedrio haverá tão livre, tão irracional e tão rebelde que, meditando neles, em Deus e em si, se não sujeite voluntário e agradecido à obediência dos mesmos mandamentos?

IV

É próprio da liberalidade de Deus, sendo liberalíssimo, querer-se importunado. A parábola do amigo importunado e o Rosário. O que para os homens é importunação para Deus é oportunidade. São as contas do Rosário como as cifras as que vão adiante acrescentam o valor das que ficam atrás. S. Gregório Papa e a perseverança na oração.

Mas, porque não basta que o alvedrio convencido pela meditação, esteja rendido, se a graça sobrenaturalmente o não elevar aonde ele com as forças naturais não pode subir, aqui entra o *petere quod non possis.* – E para pedir e impetrar de Deus a mesma graça, se ordenam as orações tão repetidas e multiplicadas, de que igualmente se compõe o Rosário. Digo tão repetidas e multiplicadas, porque assim como a Senhora a cada mandamento contrapôs um mistério, assim parece que bastava ajuntar a cada mistério uma oração. Mas a cada mistério e a cada mandamento um Padre-nosso, e sobre ele uma década ou um decálogo de Ave-Marias? Reparo é este em que já no tempo de Lactâncio, há mais de mil e quatrocentos anos, toparam os gentios, chamando-lhe superstição dos cristãos, porque ou o seu Deus os ouve ou não: se os ouve, basta que digam uma vez o que pedem; e se os não ouve, supérflua e ociosa coisa é repetirem tantas vezes o mesmo. Quem isto cuida não sabe que o vigor da oração é a perseverança, e que gosta Deus de que peçam muitas vezes, porque quer dar muito. Pedir e tornar a pedir uma vez e muitas chama-se entre os homens importunação, mas é próprio da liberalidade de Deus, sendo liberalíssimo, querer-se importunado.

Pediram os discípulos a Cristo que os ensinasse a orar, e fê-lo o Senhor com uma notável parábola. Veio, diz, um homem à meia noite bater à porta de um seu amigo, e pediu-lhe que lhe emprestasse três pães, porque àquela hora lhe tinha chegado a casa um hóspede, e não tinha com que o agasalhar. O amigo parece que era mais amigo do seu descanso e da sua comodidade, e respondeu que estava já recolhido com toda sua família, que não eram aquilo horas de a inquietar, que se fosse embora. Bastante ocasião era esta, para que o que pedia os pães desconfiasse e se fosse, e se acabasse também a amizade; mas não o fez assim, sinal de que eram verdadeiramente amigos. Tornou a bater e instar uma e outra vez, até que o de dentro, diz Cristo, não tanto por amigo, quanto por importunado, lhe deu o que pedia: e assim haveis de fazer vós quando orardes e pedirdes o que vos for necessário a Deus: *Et ego dico vobis: Petite, et dabitur vobis: quaerite, et invenietis: pulsate, et aperietur vobis.* – Se esta parábola não fora da Sabedoria divina, havíamos de dizer que não era acomodada. Para Deus

não há noite: *Sicut tenebrae ejus, ita et lumen ejus*; – Deus não dorme: *Non dormitabit neque dormiet qui custodit Israel*; as portas de Deus sempre estão abertas: *Aperientur portae tuae jugiter: die ac nocte non claudentur*; na casa de Deus não pode haver inquietação: *Factus est in pace locus ejus et habitatio ejus*. – Pois, se todas as dificuldades que se supõem nesta parábola não têm lugar em Deus, e Deus é o amigo que nela se introduz, a quem se pediu o socorro como diz o mesmo Cristo que, finalmente, o veio a dar depois de tanto bater, depois de tanto pedir, depois de tanto instar, e que ainda então o não fez tanto por amigo, quanto por importunado: *Si non dabit illi surgens, eo quod amicus ejus sit, propter improbitatem tamen ejus surget, et dabit?* – Aqui vereis como Deus gosta de ser importunado, e quão bem lhe sabia a condição quem instituiu o Rosário, como quem o tinha criado a seus peitos. Pode haver maior importunação que pedir a mesma coisa e pelas mesmas palavras todos os dias, e cento e cinquenta vezes no dia? Pois, isso é o que fazemos no Rosário, isso é o que nos mandou fazer a Mãe de Deus, e isso é o de que sobretudo gosta seu Filho, não por pouco liberal, senão por muito desejoso de não dar pouco.

Este é o sentido literal da parábola, como a entendem todos os padres: fale por todos S. Jerónimo: *Hujus amici ostium incessanter pulsare debemus, et horis eum inquietare nocturnis, et usque adeo molesti esse, ut importuni etiam videamur*: A este amigo – que é Deus – devemos-lhe bater às portas sem cessar, e inquietá-lo a todas as horas, não de dia só, senão também de noite, e ser-lhe por este modo tão molestos, que cheguemos a ser julgados por importunos: *Sed non hujus importunitatis vereamur offensam, quia haec apud Dominum importunitas opportuna est*: – Não receemos, porém, que nesta nossa importunação Deus se haja de ofender, porque o que entre os homens se chama importunação para com Deus é oportunidade. – Oportunidade de pedir, oportunidade de alcançar, oportunidade de ser melhor e mais gratamente ouvido. E a razão por que Deus se agrada tanto de ser assim importunado, é porque a importunação no pedir é perseverança no orar; e na oração, como em todas as outras virtudes, nenhuma coisa mais agrada a Deus que a perseverança. E se não vede – diz Jerónimo – nesta mesma parábola, em que a perseverança mais amiga que o amigo, porque o que a amizade não alcançou a perseverança o conseguiu, e o que o amigo não deu por amigo, deu por importunado: *Magna perseverantia, quae quamdiu importuna est, plus amica est quam amicus. Ecce enim quod amico negatur, perseverantia promeretur*. – E daqui se segue – infere o santo – que se deve continuar e repetir muitas vezes a mesma oração, como nós fazemos no Rosário. Por que? Porque a oração que vai diante tem a sua perseverança na oração que se segue atrás; e se esta se não seguir nem se fizer, perde todo o seu preço e valor a que já está feita: *Semper igitur petendum est, ne precatio ante acta nihil prosit, si non ad finem eodem, quo coepit, tenore pervenerit*.

Altíssimo pensamento! De maneira que a segunda Ave-Maria é a que dá o valor à primeira, e a terceira à segunda, e assim as demais sucessivamente, porque ainda que qualquer delas por si mesma seja oração, não por si só, senão pela que se segue depois, é oração perseverante. São as contas do Rosário como as cifras, que as que vão adiante acrescentam o valor das que ficam atrás; ou são as Ave-Marias que por elas se rezam como as ondas do mar, que o peso das que vêm atrás acrescenta maior impulso às que vão adiante. E este foi o divino conselho com que a Senhora ordenou que às mesmas orações se repetissem tantas vezes no seu Rosário, e que, sendo quinze os mistérios, o número das orações fosse dez e onze vezes quinze. Para que na multiplicação das mesmas orações umas sobre outras se segurasse a perseverança delas, e Deus, tantas vezes importunado, nos não pudesse negar o concurso e assistência de sua graça, tão necessária à guarda dos seus mandamentos.

Também isto disse David, e o comentou com os mesmos termos S. Gregório Papa: *Clamavi ad te: salvum me fac, ut custodiam mandata tua* (Sl. 118, 146): Eu, Senhor, clamei a vós – diz David – e pedi-vos que me deis vossa graça, para guardar vossos mandamentos. – *Notandum quod non ait clamo, sed clamavi*: Notai – diz S. Gregório – que não diz o profeta

eu clamo, senão eu clamei; nem diz, eu peço, senão, eu pedi. – Pois se David actualmente estava clamando e pedindo, porque não alega o clamor e oração presente, senão os clamores e orações passadas? Porque sabia que a oração, para ser eficaz, há de ser perseverante, e que Deus, para conceder o que se lhe pede, quer ser importunado, e como a perseverança e a importunação não consiste em um só clamor e uma só oração, senão em muitas, umas sobre outras, por isso quando pede alega que tem pedido, e quando clama alega que tem clamado: *Clamavi ad te*. – Em próprios termos o grande pontífice: *Habes in hoc perseverantiae documentum, ut ab oratione non deficias, sed precibus et clamori insistas. Vult enim Deus rogari, vult quadam importunitate vinci*. – Consistindo, pois, a perseverança da oração em se repetirem muitas vezes as mesmas preces, e consistindo o importunar a Deus em se lhe tornar a pedir muitas vezes o que já se lhe tem pedido, bem se segue que, sendo as orações que fazemos no Rosário tão perseverantes por multiplicadas, e tão importunas por repetidas, não poderá Deus negar aos que o rezam o que David lhe pedia e eles lhe pedem, que é a graça necessária para guardar seus mandamentos: *Clamavi ad te, ut custodiam mandata tua. Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*.

IVI

Provas universais e particulares da virtude e eficácia do Rosário. Visão de S. Domingos na igreja de S. Pedro em Roma. Frei Alano de Rupe, restaurador da devoção do Rosário. A milagrosa reforma de uma comunidade de religiosos. O perigo da tibieza na religião. S. Domingos e a pacificação de duas famílias inimigas. Os três terços em que foram divididas as gentes de Jacob contra Esaú, e os três terços do Rosário. A conversão de Dom Pedro de Saragoça.

Parece-me que tenho mostrado, com o testemunho das Escrituras, com a doutrina dos santos e com a evidência das razões, quão própria e singular virtude é a da devoção do Rosário para conseguirmos nesta vida a guarda e observância dos preceitos divinos, da qual precisamente depende a bem-aventurança da outra, para que fomos criados todos, e tantos perdem por sua culpa. Mas a prova mais legal e demonstrativa deste glorioso argumento não quis a Virgem Santíssima que ficasse ao discurso dos pregadores, nem à piedade dos seus devotos, nem à cortesia ou fé dos que o não fossem, senão que a mesma Senhora, como autora e fundadora de um instituto tão propriamente seu, a tomou por sua conta. E em quem mostrou a providência soberana da Mãe de Deus a verdade e eficácia destes poderosos efeitos do seu Rosário? É a prova tão universal e tão particular, que só poderá ser sua. Mostrou esta virtude do seu Rosário nas pessoas que o rezam, mostrou-a nas famílias, mostrou-a nas comunidades, e mostrou-a, finalmente, no mundo todo reformado, emendado e sujeito à obediência e observância das leis divinas por esta maligníssima devoção. Começemos pelo mundo, para que acabemos por nós.

Fazendo oração S. Domingos na igreja de S. Pedro em Roma, viu a Cristo em trono de estranha e temerosa majestade, que com semblante severo e irado, e com três lanças de fogo, que tinha na mão direita, queria fulminar o mundo e abrasá-lo. Também entendeu o santo quais eram as causas, e claro está que haviam de ser aqueles três vícios entre os capitais capitalíssimos, soberba, cobiça, sensualidade: *Ut uno eorum superbos, avaros altero, tertio libidinosos deleteret*. – Já antigamente parece que tinha Deus ensaiado este castigo em Absalão, tão soberbo que tirou a coroa da cabeça a seu pai, tão cobiçoso que lhe roubou o reino, e tão sensual, que lhe não perdoou ao tálamo, e por isso morto por mão de Joab, e traspassado pelo coração com três lanças. Mas quem acudiria e intercederia pelo mundo, e quem poria embargos a uma tão terrível sentença, senão aquela poderosíssima Senhora, por cujo respeito o mesmo mundo foi criado, e por cujas orações se conserva e se sustenta? Não quero alegar

para isto santos ou autores católicos, que assim o dizem, senão a tradição dos rabinos, antes do Messias vir ao mundo. Ouvi a rabi Onkelos: *Non solum amore Virginis conditus est mundus, sed etiam sustentatur. Ob scelera enim innumera, quae mundani committunt, nullo pacto consistere posset, nisi ipsum gloriosa Virgo cum sua misericordia et clementia pro nobis orando sustineret.*

Prostrada, pois, a Mãe de misericórdia diante da majestade justissimamente irada de seu bendito Filho para que revogasse a sentença, lhe representou somente dois motivos: o primeiro e, mais enternecido, foi o do sangue que de suas entranhas tinha recebido, como se dissesse: *Projice tela manu sanguis meus.* – O segundo, que, se as causas de tão merecido castigo eram os pecados e maldades do mundo e a ofensa e desprezo das leis divinas, que a mesma Senhora tomava por sua conta a reforma e emenda do mesmo mundo, porque tinha um servo fidelíssimo – apontando para S. Domingos – o qual com uma nova devoção que lhe ensinaria do seu Rosário, de tão vicioso e depravado como estava o mundo o faria cristão e religioso, de soberbo humilde, de cobiçoso esmoler, de libidinoso casto, e de rebelde e desobediente aos preceitos e mandamentos de Deus temeroso, sujeito e muito observante de todos. Acabou a Senhora de dizer. E não é necessário que nós digamos qual foi a resposta do benigníssimo Filho, sendo aquele bom Senhor que, ainda quando mais irado e ofendido, *non vult mortem peccatoris, sed ut magis convertatur et vivat.* – Diz S. Paulo que Cristo, Senhor nosso, assentado à destra do Padre, está purgando o mundo de seus pecados: *Purgationem peccatorum faciens, sedet ad dexteram majestatis in excelsis* (Hebr 1, 3). – Quando, pois, Cristo purga o mundo com castigos, purga-o como a prata com fogo: *Argentum igne examinatum, purgatum septuplum* – e assim o queria agora purgar com os raios daquelas três lanças. Mas como a sua inclinação é de perdoar, quando ele queria purgar o mundo com fogo, vede se gostaria muito de que sua Mãe o purgasse com rosas? Aceitou de muito boa vontade o partido, e o efeito foi tão conforme e tão igual à promessa, como a mesma Virgem Maria o referiu.

Foi descaindo com o tempo, como acontece a todas as coisas boas, a devoção do Rosário, e, tomando a Senhora por restaurador e reformador dela ao santo frei Alano de Rupe, depois de lhe lançar ao pescoço um Rosário de pedras preciosas, e lhe fazer outros maiores favores, disse-lhe desta maneira: – Quando meu servo Domingos começou a pregar o meu Rosário em Itália, França, Espanha, e outras partes, foi tal a mudança do mundo que parecia haverem-se trocado os homens de carne em espíritos angélicos, ou que os anjos tinham descido do céu a morar na terra. Os hereges se convertiam a milhares, os católicos desejavam ardentissimamente o martírio em defesa da fé, os grandes pecadores confessavam com pública detestação suas culpas, e com entranhável dor e infinitas lágrimas se reduziam à vida reformada e santa; até os meninos e donzelas de tenra idade faziam rigorosíssimas penitências. Desprezava-se a riqueza, o regalo, a liberdade e povoavam-se as religiões; faziam-se muitas esmolos, levantavam-se templos, edificavam-se hospitais. A guarda da lei de Deus, a autoridade do pontífice, a justiça dos príncipes, a paz dos povos, o honesto trato das famílias, tudo florescia com tais exemplos de virtude e cristandade, que se não pode encarecer o ponto em que esteve, não se tendo por cristão quem em reverência minha e culto de meu sagrado Filho não rezasse devotamente o Rosário, nem havendo lavrador que pegasse no arado, nem oficial que pusesse a mão no trabalho, de que sustentavam a vida antes de me oferecer este tributo e a Deus este sacrifício, a sua divina majestade tão agradável.

Isto, e muito mais, é o que referiu a mesma Virgem Maria ao novo e grande restaurador de seu Rosário, Alano, como o mesmo santo deixou escrito e firmado de sua mão. Mas ainda o mesmo autor e outros muitos contam outra maravilha, que eu reputo por maior, e creio que também a terão por tal todos os que souberem o que são comunidades. Uma comunidade de religiosas – das quais só se diz que eram claustrais, sem se nomear a religião – estava tão relaxada e esquecida de seus institutos, que por nenhum meio, nem suave, nem violento

pueram acabar os prelados que admitissem reformação. Viu, porém, um deles que de uma das celas do mesmo convento saiam grandes resplendores, dos quais fugiam muitos demónios, e sem resistência entravam pelas outras. Morava nesta cela uma freira de poucos anos, a quem as demais chamavam hipócrita, e como tal a desprezavam e perseguiram; e as suas hipocrisias eram rezar todos os dias o Rosário da Virgem Santíssima com muita devoção, e conservar, quanto lhe era possível, a observância do instituto. Informado, pois, o prelado da causa dos resplendores que vira, mandou vir grande quantidade de rosários curiosamente guarnecidos, meteu-os na manga, e, estando junta a Comunidade, disse a todas as religiosas que ele, com consulta e conselho dos padres da província, tinha resoluto de não tratar mais da reforma daquele convento, pois elas tanto a repugnavam; e que somente em lugar dos antigos institutos da ordem, a que se não queriam sujeitar, lhes rogava quisessem aceitar, como por concerto, uma pensão tão leve como rezar todos os dias o Rosário da Senhora. Aceitaram elas facilmente a condição, muito satisfeitas de se verem aliviadas para sempre das instâncias ou perseguição da reforma; e então tirou o prelado os rosários, que, pela curiosidade do asseio, mais que pela devoção, foram muito bem vistos, e, repartidos entre todas, se despediu. Mas, ó potência, ó virtude, ó graça do Santíssimo Rosário, mais admirável no que aqui sucedeu que na conversão de todo o mundo! Poucos meses havia que se rezava o Rosário no convento, quando todas as freiras, já verdadeiramente religiosas, de comum consentimento, sem haver alguma que discrepasse, com grande submissão e humildade mandaram pedir ao prelado que logo quisesse vir fazer a reforma porque todas estavam, não só dispostas, senão muito desejosas de se conformar com o primitivo espírito da ordem, e observar pontualmente todas suas regras e institutos.

Assim se fez, com grande edificação e aplauso. E eu torno a dizer que foi maior maravilha do Rosário a reforma desta comunidade que a do mundo tão perdido, porque da perdição à conversão, como afirma S. Gregório, não é muito dificultosa a passagem; porém, da relaxação à perfeição é totalmente desesperada, e quase impossível: *Frigis ante tepores Sibi spe est: tepor autem post frigis in desperatione.* – Alude o grande pontífice ao recado que Cristo, Senhor nosso, no Apocalipse mandou ao bispo de Laodicéia, dizendo-lhe que, porque não era frio nem quente, senão túbio, o lançaria ou vomitaria de si: *Utinam frigidus esses, aut calidus: sed quia tepidus es, incipiam te evomere.* – Nesta sentença da suma verdade é mais fácil topar com a experiência que achar a razão. Porque, estando o túbio mais perto do quente, e o frio mais longe, parece que passar do túbio ao quente há de ser mais fácil que o frio. E, contudo, na virtude mostra a experiência o contrário, porque mais facilmente se passa de um extremo ao outro, que do meio ao extremo. É o meio nas matérias da perfeição, como nas da política, em que as resoluções meias são as piores, porque não atam nem desatam. Também a neutralidade é meio: e pior é a profissão de neutral que a de inimigo declarado, como disse o mesmo Cristo: *Qui non est mecum, contra me est.* – Tal vem a ser o estado da religião relaxada, que nem totalmente é mundo nem totalmente religião, e, professando o serviço de Deus e o desprezo do mundo, mais é do mundo que de Deus. Ouçamos a Cassiano, o maior e mais experimentado mestre dos bens e males das religiões: *Frequenter videmus de saecularibus ac paganis ad spirituales pervenire fervorem: de tepidis atque animalibus omnino non videmus:* Frequentemente vemos que homens seculares, e ainda gentios, passam a ser perfeitos religiosos, mas que religiosos túbios e imperfeitos passem a ser perfeitos, nunca tal vimos. – Logo, maior milagre foi do Rosário reformar uma comunidade relaxada, que converter e emendar o mundo quando estava tão perdido.

Na reformação das famílias, reduzindo a economia delas à observância da lei de Deus, não mostra menos nos seus grandes poderes a devoção do Rosário. Em França, onde os ânimos são tão orgulhosos e bravos – e por isso parece que quis a Senhora que nascesse o seu Rosário naquela terra – havia duas famílias das mais principais, cujas cabeças se perseguiram e infestavam com imortais ódios, sendo gravíssimos os danos que se tinham feito, e maior ainda

o perigo dos que se temiam. Por esta causa trabalhou muito a caridade de S. Domingos por reconciliar estes dois inimigos; mas como eram ilustres, poderosos e ofendidos, nunca houve remédio. Finalmente, determinou-se o santo a os render por força, recorrendo às suas armas, e sem falar a um no outro, nem trazer à memória a questão, afeiçãoou e persuadiu a cada um em particular que fossem devotos do Rosário.

Nos ódios de Esaú com Jacob, como Esaú era mais poderoso, diz o texto sagrado que Jacob dividiu o seu poder e a sua gente em três terços. Porém, S. Domingos, como os dois inimigos que queria sujeitar com as suas armas eram igualmente fortes, e ambos resistiam tão obstinadamente que nenhum se queria render, contra ambos ordenou também e dispôs os seus terços, que eram os do Rosário, e não pouco parecidos aos de Jacob. No primeiro ia Bala e Zelfa, uma e outra escrava, e representava o primeiro terço do Rosário, que é o dos mistérios da Encarnação, em que a Senhora concebeu o Verbo Eterno, dizendo: *Ecce ancilla Domini*. – No segundo seguia-se Lia, singular na fecundidade, e representava o segundo terço do Rosário, que é o dos mistérios da Paixão, em que a Senhora ao pé da cruz, debaixo do nome de João foi constituída Mãe de todo o género humano: *Mulier ecce filius tuus*. – O terceiro, por fim, rematava-se na formosa e sobre todas amada Raquel, e representava o terceiro terço do Rosário, que é o dos mistérios da Ressurreição e da glória, em que a Senhora foi preferida na graça e no amor com excesso infinito a todas as criaturas, e como tal colocada junto a pessoa do mesmo Cristo, como Raquel à de Jacob. *Astitit regina a dextris tuis*: – Estes eram os terços com que de uma e outra parte invisivelmente e sem entender o que faziam nem o pretender fazer se combatiam com armas iguais os dois inimigos observando o fim da batalha só quem os tinha metido em tão nova e oculta guerra. E qual foi o sucesso? A batalha era oculta, mas o sucesso foi muito público e caso verdadeiramente prodigioso.

Depois que um e outro inimigo continuaram em rezar o Rosário, sucedeu que, vindo de partes opostas, se encontraram ambos em uma rua, e quando os que os viram e conheceram tiveram por certo que naquele encontro se acabavam de destruir e matar, eis que ambos, levados do mesmo impulso interior, não com as espadas nas mãos, senão com os braços abertos, se foram um para o outro, e se abraçaram estreitissimamente, mais como irmãos que como amigos, e se deram e imprimiram no rosto os mais amorosos sinais da paz, bem assim como Esaú a Jacob, de quem diz a Escritura: *Currens itaque Esau obviam fratri suo, amplexatus est eum: stringensque collum ejus, et osculans, flevit*. – As palavras formais com que S. Domingos os tinha exortado a rezar o Rosário foram que aquela tão fácil devoção, e que tão pouco tempo ocupava, lhes aproveitaria grandemente para cumprir com as leis de Deus e de cavaleiros cristãos. E esta foi a razão que eles mesmos se deram, dizendo que era bem se acabassem entre ambos os ódios, pois a lei de Cristo mandava que se amassem os inimigos. Logo, não só se perdoaram de parte a parte os agravos, mas sem pleito nem controvérsia se restituíram os danos de uma e outra família, nas quais se perpetuou igualmente a amizade e a devoção a que a deviam.

Nas pessoas particulares, assim como são mais frequentes as quebras dos preceitos divinos, assim o são também os efeitos maravilhosos do Rosário na emenda e mudança das vidas. Um só exemplo referirei, sucedido não muito longe da nossa terra. Havia na cidade de Saragoça um fidalgo poderoso, chamado Dom Pedro, de costumes tão escandalosamente depravados, como o costumam ser aqueles em que o vício se ajunta com o poder. Ainda não tinha perdido a fé, porque cria que havia inferno, nem tinha perdido o entendimento, porque conhecia o estado de sua vida, mas totalmente tinha perdido a esperança, porque estava resoluto e tinha assentado consigo que sem dúvida se havia de condenar, e por isso, enquanto não vinha a morte, era daqueles que dizem a seus apetites: *Coronemus nos rosis antequam marcescant*. – Mas contra estas rosas, que verdadeiramente são espinhas, tem Deus outras espinhas que produzem rosas. Entrou Dom Pedro em uma igreja, levado, não da devoção, mas da curiosidade, pela fama com que ali pregava S. Domingos. Tratava o santo actualmente, e

ponderava com grande energia e força de espírito aquele texto do Evangelho: *Qui facit peccatum servus est peccati* (Jo 8, 34): Quem comete o pecado é escravo do pecado – e como eram tantos os pecados deste novo ouvinte, outras tantas foram as cadeias com que o Santo em feíssima figura o viu atado, tiradas todas por demónios, que em grande multidão o cercavam. Sucedeu isto duas vezes; e para que o miserável homem se conhecesse, e os demais cobrassem horror ao pecado, pediu o zelosíssimo pregador a Deus que vissem todos o que ele via.

Oh! se sucedesse o mesmo neste auditório quantos escravos e escravas do pecado, quantas cadeias forjadas no inferno, e quantos demónios se veriam? Foi tal o assombro, a confusão, o tumulto, com a vista daquele horrendo espectáculo, que todos, não cabendo pelas portas, fugiam da igreja dando gritos. Fugiam do miserável os estranhos, fugiam os amigos, fugiam os criados, e até a triste mulher, que também se achava presente, fugiu. Só ele, que não se via, atónito e pasmado, quisera também fugir de si mesmo, mas queria Deus que entrasse em si, e para isso lhe mandou S. Domingos, por seu companheiro, um Rosário, com o qual lançado ao pescoço se foi lançar aos pés do santo, chorando e confessando seus pecados com a dor, contrição e lágrimas que pedia o caso. Consultada a Virgem, Senhora nossa, sobre a penitência que se lhe havia de dar, ordenou que rezasse o Rosário por toda a sua vida, e que para satisfazer ao escândalo público, fizesse na mesma igreja outras penitências também públicas, as quais ele aceitou e executou com grande submissão e humildade, pedindo perdão a toda a cidade do mau exemplo que lhe tinha dado. Continuou a rezar e meditar todos os dias o Rosário, com grande atenção e devoção, e foi tal a mudança de sua vida com esta nova cadeia, a que se atou, e tal o fervor de espírito e perfeição de santidade que a Senhora lhe comunicou por meio dela, que aquele mesmo Dom Pedro, que tão grande pecador tinha sido, obrava depois coisas milagrosas. E em testemunho da graça a que Deus o tinha sublimado naquela mesma igreja em que o tinham visto preso pelos demónios, estando em oração um dia solene, viu todo o mesmo povo que desciam anjos do céu, e lhe punham uma coroa de rosas sobre a cabeça. Tais são, Virgem Santíssima, as mudanças que faz, ainda nos maiores desprezadores das leis divinas, a devoção e virtude do vosso santíssimo Rosário.

IVII

Razões da promessa do profeta Samuel a Saul: – Serás mudado em outro homem. Por que razão se deteve Moisés quarenta dias no Monte Sinai sendo o decálogo tão breve? Razões da ineficácia do Rosário nos que o não rezam com a atenção que devem.

A mesma mudança, cristãos – se queremos acabar de o ser – obrará em nós este soberano remédio, tão poderoso, e tão provado. Prometeu o profeta Samuel a Saul, que o espírito de Deus entraria nele, e ele seria mudado em outro homem: *Insiliet in te Spiritus Domini, et mutaberis in virum alium* (1 Rs. 10, 6). – Não pode haver maior mudança que aquela em que o mesmo homem é mudado e trocado em outro. E quando, ou por que meios havia de suceder a Saul e em Saul esta tão prodigiosa mudança? O mesmo profeta o diz, e não são menos prodigiosas para o nosso caso as circunstâncias com que ele o refere e os sinais que lhe dá para isso: *Venies in collem Dei, obvium habebis gregem prophetarum descendentium de excelso, et ante eos psalterium, et tympanum, et tibiam, et citharam, ipsosque prophetantes. Et insiliet in te Spiritus Domini, et mutaberis in virum alium* (1 Rs. 10, 5): Ireis ao monte de Deus, encontrareis os profetas que vêm de fazer oração no mesmo monte, cantando ao som do saltério, que trarão diante de si, acompanhado de uma cítara; de um tambor, e de uma flauta, e então entrará em vós o Espírito do Senhor, e sereis trocado em outro homem. – Que monte de Deus, que oração, que profetas, que saltério e que três instrumentos são estes de que se compõe a sua harmonia, e com que se há de seguir em Saul

uma tão notável mudança? Caso raro! O monte de Deus, como declara o Caldeu, era naquele tempo o lugar onde estava e era venerada a Arca do Testamento, bem conhecida imagem da Virgem, Senhora nossa: *In collem, in quo erat Arca Domini*. – Os profetas eram os religiosos do mesmo tempo, em que foram significados os da lei da graça, e particularmente os do espírito dominicano, que este é o que se prometeu a Saul: *Insiliet in te spiritus Domini*. – A oração que tinham feito, e vinham continuando, bem se segue que era o Rosário da Senhora, que desde o seu princípio se chamou Saltério da Virgem: *Et ante eos psalterium*. – Os três instrumentos que acompanhavam e compunham a harmonia, eram as três diferenças dos mistérios do Rosário: os Gozosos significados na suavidade da cítara, os Dolorosos nos golpes e bater do tímpano, os Gloriosos na tábua, que é uma trombeta flautada, dizendo David: *Ascendit Deus in jubilatione, et Dominus in voce tubae*. – E, finalmente, a razão por que se seguiu em Saul uma tão notável mudança, o mesmo texto o diz expressamente, e não foi outra a razão ou a causa, senão porque Saul se ajuntou a rezar ou cantar com os demais a mesma devoção e orações que eles vinham cantando: *Insiluit super eum Spiritus Domini, et prophetavit in medio eorum*.

Sabeis, senhores, por que se experimenta tão pouca mudança nas vidas, e se vê entre os católicos tão pouca observância da lei e mandamentos de Deus? É porque falta a devoção do Rosário. A mesma Senhora – para que ninguém duvide desta conclusão – se dignou de o manifestar assim, acudindo pelo crédito de um instituto tão propriamente seu. Quando o Rosário se começou a propagar pelo mundo, com tanta fama e honra de seus milagrosos efeitos como vimos, houve, contudo, uma mulher – que sempre as Evas foram instrumentos do demônio – a qual, sendo afeiçoada a outras devoções, não só não recebia nem estimava esta, antes lhe fazia pública guerra, persuadindo, como dogmatista, o mesmo erro a outras de tão leve juízo como o seu. Castigou-a a Virgem Santíssima com uma larga e perigosa enfermidade; mas, como este açoite não bastasse para desistir ou sarar de tamanha loucura, a Senhora, como Mãe de misericórdia, depois de lhe mostrar em uma visão a glória que gozam no céu os devotos do Rosário, e os males que incorrem nesta vida os que o não são, para mais a desenganar e confundir com a própria experiência, discorrendo pelos mandamentos, lhe foi mostrando particularmente todos os pecados que tinha cometido por não rezar o Rosário. Tão certa é a virtude desta soberana devoção, e tão própria a eficácia que Deus lhe deu para a guarda de sua divina lei e observância de seus mandamentos?

Quando Moisés recebeu a lei de Deus no Monte Sinai, deteve-se ali quarenta dias. E por que razão tão longo tempo, sendo a lei tão breve? S. Metódio supõe como coisa certa, recebida ou por tradição ou por revelação, que a causa de tão longa detença foi porque naqueles dias esteve Deus declarando a Moisés as figuras dificultosas de entender, que pertenciam à Virgem Maria: *Nonne Moyses ille magnus propter figuras intellectu difficiles quae te, Virgo, tangebant, diutius in monte commoratus?* – A principal figura, pois, que consta da Escritura foi revelada a Moisés naquele monte, é a Arca do Testamento, chamada assim, porque nela se guardavam as tábuas da lei. E como nesta Arca se encerravam todos os mistérios, e nesta figura todas as figuras da vida da Mãe de Deus e de seu Filho feito homem, por isso Deus se deteve tantos dias em declarar as mesmas figuras a Moisés. E chamam-se estas figuras que pertenciam à Virgem dificultosas de entender: Figuras *intellectu difficiles* – porque tais eram em comum e em particular. Em comum, porque aquelas figuras representavam os mistérios da Encarnação, Vida, Morte, Ressurreição e Ascensão do Filho de Deus, que, feito homem, havia de vir remir o mundo, e de uma Virgem, que havia de ser sua Mãe – que são os mesmos mistérios do Rosário – todos altíssimos, profundíssimos, e nunca até aquele tempo imaginados dos homens. E em particular, porque o que Deus particularmente fazia no Monte Sinai era dar leis aos homens, e desenhar a traça da Arca, em que as mesmas leis se haviam de guardar com suma veneração. E posto que facilmente se entendia como as leis materiais se podiam guardar em uma Arca, era porém, muito dificultoso de entender que as figuras dos

mistérios representados na mesma Arca houvessem de ter virtude para que moralmente se guardassem as mesmas leis. Isto foi, pois, o que Deus declarou a Moisés no monte, e não só com palavras senão com a experiência e com o sucesso das mesmas leis e da mesma Arca. As leis fê-las Deus e escreveu-as duas vezes por sua própria mão naquele mesmo lugar; e que sucesso tiveram umas e outras também em figura? As primeiras quebrou-as Moisés, as segundas conservou-as a Arca. E então se acabou de entender a virtude que tinha a Arca e os mistérios nela figurados, para por meio dela e deles se guardarem as leis de Deus e seus mandamentos.

Só resta contra tudo o que fica dito uma dúvida, e não pequena. A experiência mostra que muitos rezam o Rosário, e nem por isso guardam as leis de Deus; antes, vemos que assim como todos os dias o rezam, assim todos os dias as quebram, e muito gravemente; logo, não tem o Rosário a virtude que dele pregamos? Sim, tem. E quem nos há de responder a este argumento não é menos autor que a mesma Virgem Santíssima, que melhor que todos conhece a virtude do seu Rosário e os defeitos dos que o rezam. Quando a Senhora referiu ao santo frei Alano a grande reformação que tinha feito no mundo a devoção do Rosário, acrescentou que eram tão reformados na vida e costumes todos os que o rezavam que, se acaso se via algum católico menos observante das obrigações de Cristo, e distraído em vícios, logo se dizia como em provérbio: Aquele ou não reza o Rosário, ou o não reza com a atenção que deve. – Rezar o Rosário não é passar contas: é orar com atenção aos mistérios que nele se consideram, e com advertência ao que se diz, e com afecto ao que se pede a Deus e à sua Mãe. Um religioso cartuxo rezava o Rosário muito apressadamente e muito divertido, porque tinha um ofício de grande ocupação, e ouviu uma voz do céu que dizia: – Essas rosas são muito secas e murchas: não se aceitam cá. – E se a pouca advertência de um monge, ocupado por obediência, impedia o fruto do Rosário, que serão os divertimentos vãos, os pensamentos ociosos, e os cuidados, afectos e intenções, não só diferentes e alheios da graça de Deus, que se pede, senão totalmente contrários?

Não mostramos no primeiro fundamento deste discurso que os mistérios do Rosário foram instituídos para nos vermos neles como em espelhos, e, com a consideração de tão altos e poderosos exemplos, moderarmos nossas paixões e refrearmos a rebeldia do alvedrio livre e depravado? Não mostramos que as orações vocais, com que se acompanha a meditação dos mistérios, tão multiplicadas e repetidas, são para pedir, rogar e importunar a Deus, que por intercessão de sua Santíssima Mãe nos conceda a graça, sem a qual não podemos guardar seus mandamentos? Pois, se os mistérios se não meditam, e nas orações não oramos, nem ainda falamos, porque o pensamento e o afecto está noutra parte; se a chamada devoção da Senhora não é devoção, nem o Rosário Rosário; e se os mandamentos de Deus, que por meio dele havemos de guardar, nós mesmos – e muitas vezes no mesmo tempo em que passamos as contas – estamos cuidando o modo com que os havemos de quebrar, como queremos que faça o Rosário em nós os efeitos que nós mesmos estamos encontrando e não querendo? Reze-se o Rosário como a Virgem Santíssima ordenou que se rezasse, e se somos pecadores, seja com desejo de o não ser, pedindo com verdadeira confusão de nossa miséria e detestação dos mesmos pecados, que Deus nos livre deles como de todo o mal, e nos dê forças e espírito para resistir às tentações; e deste modo, sendo o Rosário Rosário, os seus efeitos serão também os seus, e se verá em nós tal mudança de vida que, por meio da observância dos preceitos de Deus, gozemos a bem-aventurança prometida aos que os guardam: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.*

SERMÃO VI

Beatus venter qui te portavit. Quinimmo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

II

O que se infere da proposição de David, em que diz que há de acrescentar sobre todo o louvor de Deus? Cuidava o autor que tinha pregado a maior de todas as excelências do Rosário, dizendo ser o Rosário o meio mais eficaz para guardar os mandamentos de Deus e alcançar a bem-aventurança; porém, neste sermão retrata-se do que disse, encontrando ainda maior excelência no Rosário: a salvação dos que não guardam os mandamentos.

Uma das coisas mais notáveis, antes a mais notável de quantas disse David, são aquelas palavras do salmo setenta. *Adjiciam super omnem laudem tuam* (Sl. 70, 14). Quer dizer: – Eu, Senhor, vos louvarei de tal maneira, que sobre todo o vosso louvor ainda hei de acrescentar mais. – Chamai a esta proposição notável, e devera-lhe chamar contraditória e impossível. Deus é todo poderoso e perguntam os filósofos se pode Deus fazer tudo quanto pode. Uns negam, outros afirmam, e uns e outros se implicam, porque, depois de Deus fazer tudo o que pode, ou pode fazer mais alguma coisa ou não: se não pode, deixou de ser Deus, porque não há Deus sem onnipotência; e se pode, segue-se que aquilo que fez não era tudo. O mesmo se infere desta proposição de David, em que diz que há de acrescentar sobre todo o louvor de Deus, porque, ou David há de acrescentar, ou não: se não acrescenta, é falsa a sua proposição; e se acrescenta, segue-se que o louvor de Deus, sobre o qual acrescentou, não era todo, porque sobre o que é tudo não pode haver mais.

Assim é com evidência. E se me perguntais a que fim começo hoje com um tal exórdio, digo senhores, que para me retratar do que disse no sermão passado, e para confessar que o que lhe aconteceu a David, com os louvores de Deus, me sucedeu também a mim com os do Rosário. No sermão passado cuidei que tinha pregado a maior de todas as excelências desta soberana devoção da Virgem, Senhora nossa. Porém, estudando mais em seus milagres, e examinando melhor as maravilhas sobre todo o excesso grandes e estupendas, que por meio do seu Rosário tem obrado a mesma Senhora, por cima da que julguei que era a maior das maiores achei ainda outra maior. E esta é a que hei de pregar hoje. Aos que louvam o Santíssimo Sacramento diz Santo Tomás que não tenham medo de dizer muito, e que se atrevam quanto puderem, porque aquele Senhor Sacramentado é maior que todo o louvor: *Quia major omni laude, nec laudare sufficis*. – E quem prega de um assunto que é maior que todo o louvor, quando cuida que tem dito tudo, ainda acha, como David, que pode dizer mais. *Adjiciam super omnem laudem tuam*.

O que disse e provei ultimamente, se bem vos lembra, foi que o meio mais eficaz para guardar os mandamentos de Deus é a devoção do Rosário. E, como a guarda dos mandamentos de Deus é o meio necessário e único para alcançar a bem-aventurança, e não há nem pode haver maior bem que a mesma bem-aventurança, pareceu-me que esta excelência do Rosário era também a maior que dele se pode dizer. Mas se o não é, como supõe a minha retratação, que excelência pode haver nem imaginar-se que seja maior que esta? Se vos ocorre alguma, folgaria eu muito de a ouvir. Mas, porque vos não quero cansar o discurso, nem suspender a admiração, pergunto se ser o Rosário o meio mais eficaz para guardar os mandamentos de Deus é fazer bem-aventurados os que os guardam: não seria maior a sua eficácia e mais admirável a sua virtude se não só fizesse bem-aventurados os que guardam os mandamentos, senão também os que os não guardam? Claro está que sim. Pois, isto é o que

de novo digo, e o que, se Deus me ajuda, hei de provar. A regra geral de Cristo é que os que guardarem os mandamentos de Deus alcançarão a bem-aventurança, porém, esta regra geral tem uma exceção que diz: Se a Virgem do Rosário não ordenar o contrário – porque no tal caso até os que não guardaram os mandamentos serão bem-aventurados. Isto posto, com licença do benditíssimo Filho da mesma Virgem, assim como o Senhor replicou ao *beatus venter* dizendo: *quinimmo beati*, assim eu me atreverei a replicar também por parte da Senhora, e a trocar o lugar ao mesmo *quinimmo*. Cristo disse com regra geral por parte de Deus: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*. E eu digo com exceção particular por parte da Mãe de Deus: *Quinimmo beatus venter qui te portavit*. Para declarar este altíssimo privilégio, que todo é graça, peçamos a da mesma Senhora: Ave Maria.

III

Quando a misericórdia mais se parece com a injustiça tanto tem mais de misericórdia. Por que só aos misericordiosos e esmoleres prometeu Deus a bem-aventurança com nome de misericórdia? Toda a sentença do Juízo se vem a resolver em porque destes e porque não destes: se destes, absoltos, se não destes, condenados. O suborno da esmola. A injustiça de Pilatos e a injustiça do Eterno Padre. A misericórdia que não excede e encontra as leis da justiça é misericórdia vulgar. Em que fundou o Bom Ladrão a esperança de que havia de ser Cristo tão misericordioso com ele que lhe desse o seu reino?

Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud. Quinimmo beatus venter qui te portavit.

Então é maior a misericórdia, quando? Quando as acções da misericórdia se parecem com as da injustiça. A misericórdia e a justiça não são virtudes encontradas. Deus infinitamente justo e infinitamente misericordioso, tão misericordioso é como justo. Mas quanto a misericórdia tem menos de justiça, e quanto se parece mais com a injustiça, tanto tem mais de misericórdia.

Quando Cristo, Senhor e legislador supremo, promulgou a sua lei – que foi em outro monte, como Moisés – a todas as virtudes prometeu por prémio a bem-aventurança, como aquele que só a podia dar e fazer bem-aventurados: *Beati pauperes, beati mites, beati qui lugent* – e assim das demais. É, porém, muito digno de reparo que só aos misericordiosos e esmoleres prometeu a bem-aventurança com nome de misericórdia. Aos pobres de espírito prometeu a bem-aventurança com nome de reino; aos que choram seus pecados, com nome de consolação; aos que têm fome e sede, com nome de fartura; aos limpos de coração, com nome de vista de Deus; e só aos misericordiosos com nome de misericórdia: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur*. – Pois, se a bem-aventurança, que a nenhum homem é devida, em todos é misericórdia, por que só se chama misericórdia quando se dá aos misericordiosos e esmoleres? Porque só neles é misericórdia de tal género que totalmente parece injustiça. Ouçamos a sentença do dia do Juízo: *Venite, benedicti Patris mei, possidete regnum: esurivi enim, et dedistis mihi manducare: sitivi, et dedistis mihi bibere* (Mt. 25, 34 s). Vinde, benditos de meu Padre, para o reino do céu, porque tive fome e me destes de comer, tive sede, e me destes de beber. – Assim há de dizer o supremo Juiz aos da mão direita; e, voltando-se para os da esquerda, dirá também do mesmo modo: *Discedite a me maledicti in ignem aeternum: esurivi enim, et non dedistis mihi manducare: sitivi, et non dedistis mihi potum* (Mt. 25, 41 s): Ide, malditos, para o fogo do inferno, porque tive fome, e não me destes de comer, tive sede, e não me destes de beber. – De sorte que toda a sentença do dia do Juízo, assim de uma como de outra parte, se vem a resolver em *dedistis mihi ou non dedistis mihi*. Se destes, absoltos, se não destes, condenados. E não é isto o que costumam fazer juizes injustos e subornados? Assim é, e tanto assim que não duvidou dizer S. João Crisóstomo: *Judex noster*

per pauperes corrumpitur: que o nosso juiz, Cristo, se deixa subornar e corromper, e que os canos por onde recebe os subornos são os pobres a quem se dá a esmola. – E porque a misericórdia com que Deus dá a bem-aventurança aos esmoleres se parece tanto com a injustiça, por isso esta misericórdia, como singular, e não só grande, mas superior a todas, se chama por excelência misericórdia: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur*.

Mas ainda este exemplo, sendo tão grande e tão universal, é curto. Vamos ao maior de todos, e que só podia caber na imensidade do coração de Deus. A maior acção da misericórdia divina – e que ainda depois de obrada, só a pode crer a fé, e a razão não pode provar que era possível – foi a da Redenção do género humano por meio da Encarnação e Morte de seu próprio Filho. E que circunstâncias concorreram nesta prodigiosa resolução da misericórdia, que não pareçam manifestas injustiças? Vender o Filho, para resgatar o escravo? Condenar o inocente, para absolver o culpado? Matar o justo, para que vivesse o pecador? Se esta acção não fora de Deus, e a fizera o pai ou o rei mais santo, quem haveria que a não julgasse por injustíssima? Sem sair do mesmo caso: por que foi injusto Caifás? Por que foi injusto Herodes? Por que foi injusto mais que todos Pilatos, senão porque executou como sua esta mesma sentença? Se Pilatos em condenar a Cristo e absolver a Barrabás, cometeu a maior injustiça, que menos fez o Eterno Padre, condenando a seu Filho, para libertar os filhos de Adão do pecado de seu pai e dos seus? Mais digo. Pilatos lavou as mãos, mas o Eterno Padre não as pôde lavar. Porque Pilatos obrou forçado, e o Eterno Padre muito por sua vontade: Pilatos confessou a inocência de Cristo: *Innocens ego sum a sanguine justii hujus* – e o Eterno Padre pôs em Cristo e sobre Cristo os pecados e maldades de todos os homens: *Posuit in eo iniquitatem omnium nostrum*. – Pois isto quer, isto resolve, isto manda, isto executa um Deus que é a mesma justiça, com tantas circunstancias ou aparências de injustiças? Sim, porque assim era necessário para sublimar e exaltar Deus a soberania da sua misericórdia sobre a mesma justiça. A misericórdia que não excede e encontra as leis da justiça, é misericórdia vulgar e quase indigna da piedade infinita de Deus. Qual é, logo, a misericórdia digna do seu coração, ou, como lhe chama Zacarias, das suas entranhas: *Per viscera misericordia Dei nostri*? – É uma misericórdia que verdadeiramente pareça injustiça, e quanto mais semelhança tiver de injustiça, tanto mais terá de divina.

Assim o entendeu altamente Drogo Hostiense, e o declarou por boca do Bom Ladrão, como testemunha de vista. Em que fundou o Bom Ladrão esperança de que, sendo ladrão e malfeitor, havia de ser Cristo tão misericordioso com ele que lhe desse o seu reino? Fundou-a não só na misericórdia de Cristo, mas no género de injustiça com que considerou que a sua mesma misericórdia o condenara: *Video in te magnam et tuam, hoc est, competentem tibi misericordiam, quae te mihi ad mei consimilem condescendere fecit miseriam. Ego digna factis recipio, tu autem quid fecisti? Video te mihi in poena similem, quem actu video tam dissimilem*: Vejo em vós, Senhor – diz o ladrão – vejo em vós, a quem já reconheço por Deus, uma misericórdia tão grande, tão divina, tão vossa, que só ela pode ser digna de quem vós sois, pois vos fez meu companheiro na mesma miséria. A mim pôs-me a justiça em uma cruz, e justamente, porque sou culpado: a vós pôs-vos a misericórdia em outra cruz, mas injustamente, porque sois a mesma inocência: e quando eu vejo que a vossa misericórdia foi tão injusta convosco que, sendo inocente, vos fez semelhante a mim na pena, por isso espero também que será tão injusta comigo que, sendo eu culpado, me faça semelhante a vós na glória. – Assim o considerou sutilmente o ladrão, e assim lhe sucedeu. De maneira que a semelhança de injustiça que o ladrão considerou na misericórdia que condenou a Cristo, essa foi a que lhe deu esperança de que a mesma misericórdia o salvaria a ele: *Video te mihi in poena similem, quem actu video tam dissimilem*. – E esta misericórdia, que tantas circunstancias teve, ou tantas aparências de injusta, esta mesma, e por isso mesmo, foi a maior misericórdia, a mais alta, a mais divina e a mais digna de quem Deus é, que todas as suas:

Video in te magnam et tuam, hoc est, competentem tibi misericordiam. – E se aquela misericórdia, que tanto se parece com a injustiça, é a misericórdia própria das entranhas de Deus: *Per viscera misericordiae Dei nostri* – não será muito que pareça também hoje injusta a misericórdia da que trouxe a Deus em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit.*

III

As injustiças da Virgem, Senhora nossa, nas misericórdias do seu Rosário. O prodigioso caso da ressurreição de um rei condenado, como refere o Beato Alano. Propriedade e sentido das palavras de São Tiago: A misericórdia exalta e levanta a justiça. – O caso do eclesiástico Baslo, referido por S. Pedro Damiano.

Para que vejamos estas que parecem injustiças da Virgem, Senhora nossa, nas misericórdias do seu Rosário, infinitos são os exemplos que me ofereciam as Histórias Eclesiásticas, assim nas crônicas gerais e particulares da sagrada religião de S. Domingos, como em muitos outros autores, de que só os da nossa são mais de vinte. Deixados, pois, outros casos do mesmo género, só referirei um que, por real, deve preferir aos demais. Houve um grande rei, diz o Beato Alano, e cala o nome da pessoa e do reino por reverência da dignidade, a que o mesmo que se coroava com ela nenhum respeito nem decoro guardava. – Era mau e vicioso de todos os quatro costados, que são as quatro obrigações de que se compõe a dignidade real ou o rei digno. A primeira para com Deus, a segunda para com os estranhos, a terceira para com os vassallos, a quarta para consigo. Mas todos estes quatro elementos estavam corruptos naquele indigno príncipe, com que vinha a ser a peste da sua república. Para com Deus era ímpio e blasfemo; para com os estranhos ambicioso e soberbo; para com os vassallos avarento e cruel; e para consigo todo entregue às demasias da gula, e às outras intemperanças que desta se seguem. Assim viveu este monstro coroado alguns anos, e assim – que assim havia de ser – veio a morrer sem emenda. Enquanto se celebravam as exéquias do corpo presente, foi apresentada a infeliz alma ante o tribunal divino, chorando os dois anjos de sua guarda, e triunfando com tão grande presa a caterva dos demónios que a cercavam. Assistia ao pé do trono S. Miguel com a balança, e foi coisa maravilhosa, ou lastimosa, que pondo-se de uma parte infinitas más obras, da outra não houve uma só boa com que se contrapesassem. Condenado, pois, o miserável rei pelos pecados de rei, que eram os maiores, e pelos de homem, que eram gravíssimos, quando já os ministros infernais lhe iam arrebatando a alma para a levar e sepultar no inferno, eis que aparece cercada de resplendores a gloriosíssima Mãe de Deus com um Rosário na mão. E que Rosário era este? Coisa estranha, e não imaginada e de que no juízo se não tinha feito caso. Se algum sinal de cristandade havia dado o rei em sua vida, era trazer sempre pendente ao cinto um Rosário de contas grossas, as quais, porém, nunca rezava. Assim o nota e pondera o santo historiador, advertindo juntamente que, à imitação do rei, todos usavam também publicamente o Rosário, e não só por gala, ou cerimónia, como ele, porque todos o rezavam e ofereciam à Senhora. Este Rosário, pois, não rezado, mas ocasião somente de que outros o rezassem, pôs a Mãe de misericórdia por sua própria mão na outra parte da balança, e foi tal o peso que da mesma mão soberana tinha recebido, que logo a inclinou e levou abaixo, subindo a das más obras, como se foram mui leves. Aqui se acabou de entender então a verdade e propriedade com que tinha dito o apóstolo S. Tiago: *Misericordia superexaltat iudicium.*

O sentido deste texto todos os padres e expositores entenderam sempre que queria dizer que a misericórdia prevalece e é superior à justiça, mas as palavras do mesmo texto parece que se não acomodam a este sentido, porque elas dizem que a misericórdia exalta e levanta a justiça: *Misericordia superexaltat iudicium.* – Logo, se a justiça é a exaltada e levantada, ela é a que fica superior, e não a misericórdia. Por esta dificuldade são infinitas as disposições e

ainda versões que se têm inventado para declarar o mesmo texto, mas todas violentas e impróprias. A própria e verdadeira é a que se mostra na balança, porque na balança a parte que sobe é a vencida e que fica debaixo, e a que desce a que prevalece e fica de cima. E este é o modo com que a misericórdia levanta a justiça: *Misericordia superexaltat iudicium. Sicut in statera una lanx pondere aliquo depressa elevat alteram et adversam, ita misericordia elevat iudicium* – diz o Cardeal Caetano. E não é maravilha que entre os expositores ele desse unicamente neste pensamento, como doutor da família do Rosário, o qual Rosário no nosso caso o mostrou e confirmou com tão milagrosa experiência.

Mas que fariam os demónios à vista desta súbita mudança, tão contrária à vitória e ao despojo com que já triunfavam? Duas coisas refere a história, ambas notáveis: uma é que furiosos arremeteram à balança que tinham carregado com as más obras do rei, trabalhando com toda a força pela fazer descer, e que pesasse mais que o Rosário; a outra que, não aproveitando nada com todas as suas forças, atrevidos e blasfemos, clamaram contra a Senhora, dizendo a grandes vozes: *Maria injuste fecisti, fecisti inaequalitatem*: Maria, fizestes uma grande injustiça: isto não é razão nem igualdade. – Mas assim como Deus permite aos demónios que o blasfemem, sem por isso lhes dar novo castigo, assim a Mãe de Deus, não fazendo caso daquelas blasfêmias, e voltando-se para a alma do rei já livre da condenação, lhe disse que se tornasse a unir ao corpo, e que a vida que dali por diante se lhe concedia a empregasse em tais obras que satisfizessem a culpa e escândalo das primeiras. Assim se fez, e com assombro de toda a nobreza do reino, que assistia aos ofícios funerais, se levantou do túmulo o rei defunto vivo, dizendo em alta voz, e com as mãos levantadas ao céu: *O benedictum sit Rosarium Virginis Mariae, per quod sum liberatus a damanatione gehennae!* Ó bendito seja o Rosário da Virgem, pelo qual fui livrado da condenação do inferno!

Este foi o prodigioso caso, de cujas circunstâncias só pede o nosso assunto que examinemos e ponderemos a alegação dos demónios, a qual, posto que atrevida e blasfema, parece que foi posta em razão, e justificada. E a justiça, e a razão nem ao demónio se há de negar. Em outro caso semelhante de um eclesiástico, por nome Baslo, cuja alma patrocinava a Virgem depois de morto, alegaram os demónios à mesma Senhora que, sendo Mãe da verdade e da eterna justiça, lhes não podia tirar as mãos aquele homem, que era seu. E, como em prova de que era seu, o acusassem de um pecado grave que nunca tinha confessado, diz S. Pedro Damiano – que é o autor da história – que, reconhecendo a Senhora ser assim, parara um pouco, e não replicara, como em reverência da verdade, posto que afirmada pelos pais da mentira: *Quod peccatum cum Beata Virgo licet ab authoribus mendacii veraciter recognovisset, modeste paulisper obticuit, et quadammodo veritati reverentiam praeibit.* – Assim que, sem ofensa da Mãe de Deus, posto que os demónios foram os que disseram: *Maria injuste fecisti* – nem por isso havemos de deixar sem exame as aparências da razão que tiveram; antes, será não só lícito, mas conveniente argumentar e instar pela mesma parte, para que as misericórdias da Senhora e do Rosário, quanto mais parecer que envolvem de injustiça, tanto mais gloriosamente nos manifestem quanto têm de excelente misericórdia.

IIV

Injustiça na salvação do rei por parte das leis. Se aquele rei não guardou as leis de Deus, como se não executou nele a pena das mesmas leis? A parábola da vinha e as pagas de justiça e de graça que ocasionaram a murmuração. A Virgem Santíssima, procuradora das dispensações e graças extraordinárias, segundo as palavras de S. Germano, Arcebispo de Constantinopla. O que fez o pai de famílias e o que fez a Mãe de Misericórdia, excedendo o que o mesmo Senhor manda.

Consideradas, pois, todas as circunstâncias da misericordiosa salvação, que referimos, do rei morto, condenado, absolto, ressuscitado, e finalmente salvos, por todas elas parece que foi a sentença injusta. Injusta por parte das leis, injusta por parte do réu, injusta por parte do Juiz, e mais injusta por parte da Advogada e do motivo, que foi a Senhora e o seu Rosário.

Começando pelas leis, basta por todas as do nosso Evangelho: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*. – A lei universal de Cristo é que se salvem só os que guardarem os mandamentos de Deus, e que sejam condenados para sempre, e vão penar eternamente no inferno os que os não guardarem. Isto mesmo repetem a cada regra todas as Escrituras, e é artigo de fé. Pois, se aquele rei em toda a vida não guardou as leis de Deus, desprezando tão ímpia, tão insolente e tão escandalosamente, não só uma – que bastava – senão todas, e assim perseverou obstinado até à hora da morte, sem emenda nem arrependimento, como se não executou nele a pena das mesmas leis? Isto é que os demónios chamaram injustiça: *Maria injuste fecisti!* – e o mesmo parece que tinham razão de dizer e clamar todos os condenados do inferno. Que Deus nos condenasse porque vivemos e morremos desobedientes a seus mandamentos, é muito justo: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum* – porém, que não haja de padecer a mesma pena quem cometeu as mesmas e maiores culpas, que justiça é esta? Até os bem-aventurados do céu podem fazer a mesma queixa. Naqueles operários da parábola de Cristo, chamados à vinha a diferentes horas, são significados todos os que se salvam e não de salvar, porque todos receberam o denário, o qual se chama assim porque é a satisfação e prémio com que Deus paga a observância dos dez mandamentos. E, contudo, diz o texto que depois de receberem esta paga alguns deles murmuravam contra o pai de famílias, *que é Deus: Accipientes murmurabant adversus patrem familias* (Mt. 20, 11). – Mas se estes, que já tinham recebido a paga – como replica S. João Crisóstomo – se estes, que já tinham recebido a paga, já estavam no céu e já eram bem-aventurados, e o pai de famílias é Deus, como murmuraram contra o pai de famílias? No céu há murmuração, ou podem os bem-aventurados murmurar contra Deus? É certo que nem murmuram nem podem; mas declara a parábola, com a sem-razão deste nome a razão verdadeiramente aparente com que parece se podiam queixar da diferença e desigualdade que Deus usou entre uns e outros: *Hi novissimi una hora fecerunt, et pares illos nobis fecisti, qui portavimus pondus diei, et aestus* (Mt. 20, 1 2)? – Estes vieram na última hora: nós suportamos todo o peso do dia e da calma, e no cabo fazei-los iguais connosco? – Que diriam se falassem do nosso caso estes mesmos bem-aventurados? Se chamam desigualdade a levarem o mesmo prémio os que trabalharam todo o dia na vinha e os que vieram a ela na última hora, que haviam de dizer comparados com o mau rei, que nem na última hora veio, antes todos os dias da sua vida tinha empregado todo o seu poder em arrancar, decepar e destruir a vinha? Vede se tinham aparente e mais que aparente ocasião para se queixar e murmurar da Mãe como do Pai, e dizer pelos mesmos termos à Senhora: *Fecisti inaequalitatem*.

Mas tais como estas são as que parecem injustiças da misericórdia de Deus e da Virgem do Rosário. O que respondeu o pai de famílias a um dos murmuradores em nome de todos foi: *Amice, non facio tibi injuriam: nonne ex denario convenisti mecum? Tolle quod tuum est, et vade: volo autem et huic novissimo dare sicut et tibi. Aut non licet mihi quod volo facere* (Mt. 20, 13 ss)? Amigo, eu não te faço injúria, pois te paguei o que prometi, e ajustei contigo. E se pago igualmente a este que não trabalhou tanto, o que lhe dou demais a ele não o tiro a ti. Contenta-te com o que é teu, e do meu deixa-me fazer o que quero, pois me é lícito. – Esta foi a resposta do senhor da vinha, tão senhoril como justificada, e vem a dizer, em suma, que a liberalidade não é dívida, e que quando Deus usa de maior graça e de maior misericórdia com uns, nem por isso faz agravo ou injúria aos outros, porque a graça não é injúria nem a misericórdia injustiça. Mas, se assim é, como é, por que razão Cristo, Senhor nosso – que foi o sapientíssimo artífice da parábola, e a podia formar como quisesse – por que razão onde não havia injúria introduziu a queixa, e onde não havia injustiça, a murmuração? Por isso mesmo,

dizem S. Jerónimo e S. Gregório. Porque queria o Senhor encarecer a mesma graça e a mesma misericórdia sua, que era o fim de toda a parábola, e a graça que pode parecer injúria, é maior graça; a misericórdia que pode parecer injustiça, é maior misericórdia. Tais são, como dizia, as graças e misericórdias de Deus, e principalmente quando o Senhor as concede por mão de sua Santíssima Mãe, e procuradas – como no nosso caso – pela mesma Senhora. É novo e não menor reparo na mesma parábola.

Quem saiu a chamar e conduzir os operários para a vinha, e quem fez o concerto com eles foi o mesmo pai de família: *Qui exiit primo mane conducere operarios in vineam suam* – porém, as pagas que ocasionaram a murmuração mandou-as fazer pelo seu procurador. *Dixit procuratori suo* (Mt. 20, 8). – Pois, se o pai de famílias fez os pactos por sua própria pessoa, as pagas porque as não fez também ele por sua mão? Porque eram pagas desiguais, umas de justiça, outras de graça, e de tão excessiva graça, que deram ocasião à queixa. E posto que o fazer os pactos e as leis pertença primitivamente a Deus, que é o pai de famílias, quando essas leis se hão de exceder em parte, ou dispensar em todo, estas dispensações e graças extraordinárias não as costuma Deus fazer imediatamente por si mesmo, senão por mão do seu procurador, ou da nossa Procuradora, que é a Virgem Santíssima. Assim o dizem e apregoam expressa e encarecidamente S. Bernardo, S. Anselmo, S. Epifanio, S. Boaventura, e todos os santos em todos seus escritos. Bastem pelo testemunho de todas as palavras de S. Germano, Arcebispo de Constantinopla, que verdadeiramente são germaníssimas, falando com a mesma Senhora: *Quis post Filium tuum, ita humani generis curam gerit, sicut tu? Nullus enim est qui salvus fiat, o Sanctissima, nisi per te; nemo est qui liberetur a malis, nisi per te; nemo est, cujus misereatur gratia, nisi per te.* Quem há depois de vosso Filho, ó Virgem Santíssima, que assim procure o bem do género humano, como vós? Porque ninguém se salva, senão por vós; ninguém alcança misericórdia ou graça, senão por vós. – De sorte que todas as graças e misericórdias que excedem as leis da justiça, e ainda parece que a encontram, não as faz Deus imediatamente por si mesmo, senão por mão de sua Santíssima Mãe, Mãe também e Procuradora nossa, como o fez o pai de famílias por mão do seu *Dixit procuratori suo*.

Isto quer dizer e encarecer aquele *nisi per te, nisi per te, nisi per te*, tantas vezes repetido. Mas, porque neste curar de nós e procurar de nós dá o santo o segundo lugar à Senhora e o primeiro a seu Filho: *Quis post Filium tuum, ita humani generis curam gerit, sicut tu* – parecia-me a mim que no nosso caso se devem trocar estes lugares. No caso da parábola o procurador só fez o que lhe mandou o senhor da vinha; porém, no nosso caso a nossa soberana procuradora não só excedeu o que o mesmo Senhor manda, mas procurou que se fizesse e conseguisse tudo o contrário. Comparemos em um e outro caso o que fez o Pai das misericórdias, que é o pai das famílias, com o que fez a Mãe de misericórdia, que é a Mãe do mesmo Pai. O pai de famílias, no caso da parábola, excedeu o justo: a Virgem Maria, no nosso caso, excedeu o injusto. Ora, notai. O pai de famílias aos que chamou em segundo lugar, e daí por diante, não lhes prometeu o jornal de todo o dia por inteiro, senão o que fosse justo: *Quod justum fuerit dabo vobis*. – E como aos que só serviram poucas horas ou uma só hora deu inteiramente o jornal de todo o dia, bem se vê que excedeu o justo. Porém, a Senhora, no nosso caso, indo por fora de todos os exemplos da parábola, e fazendo que o mesmo jornal e a mesma paga – que é o denário da bem-aventurança – se desse, não só a quem não tinha servido, mas a quem tanto tinha desservido e ofendido a Deus, como aquele mau rei, manifestamente excedeu o injusto. O dar a quem não serviu é liberalidade, mas o pagar a quem não serviu, é injustiça, porque a paga supõe serviço, assim como o prémio supõe merecimento. E, se pagar a quem não serviu é uma injustiça, pagar a quem desserviu e ofendeu são duas, e não só é fazer, senão exceder o injusto. Isto, pois, que não mandou o pai de famílias nem fez o seu procurador, procurou a Senhora do Rosário, e fez que se executasse contra todas as leis gerais do que Deus manda. E quem haverá à vista deste excesso de

misericórdia que, trocando a blasfémia dos demónios em louvor digno de o cantarem os anjos, se não atreva a dizer confiadamente à sua Rainha e nossa: *Maria injuste fecisti*.

IV

Injusta a sentença da Virgem pela quebra da lei universal da morte. A ressurreição de Lázaro, ensaio particular das que Cristo depois havia de obrar em graça da Virgem Santíssima. Excelências da ressurreição do rei sobre a ressurreição de Lázaro.

O que só se pode responder é que a Senhora mandou ao rei que depois de ressuscitado emendasse na segunda vida os erros da primeira. Mas isto mesmo foi quebrar outra lei. A lei universal de Deus é que os homens não tenham mais que uma vida e uma morte: *Statutum est hominibus semel mori*. – Tanto assim que até o mesmo Rosário se não atreve a pedir à mesma Mãe de Deus outra coisa: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc et in hora mortis nostrae*. – Pedimos à Mãe de Deus que rogue por nós pecadores, agora, que é esta vida, e mais na hora da morte; porém, depois da morte não pede tal coisa o Rosário. Mas não fora a Senhora do mesmo Rosário tão misericordiosa e tão poderosa como é, se nos não concedera o que pedimos e o que não pedimos também. Porventura Marta e Maria pediram a Cristo que ressuscitasse seu irmão? Nem tal pediram nem tal lhes passou pelo pensamento. O que só desejaram – e não pediram – foi que o Senhor lhe acudisse antes e morrer, e o sarasse da enfermidade. Assim o significava o recado: *Ecce quem amas infirmatur* – e assim o disseram depois uma e outra: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus*. – Contudo, sem as irmãs se atreverem a pedir, nem ainda a esperar a ressurreição de seu irmão, o Senhor, movido de sua própria misericórdia, o ressuscitou. Por quê? Bem creio que nem a vós vos vem ao pensamento a razão. Mas a razão foi porque nesta ressurreição quis fazer um ensaio particular, e dar um testemunho público das que depois havia de obrar em graças de sua Santíssima Mãe.

Antes de Cristo nesta hora entrar em Betânia, parou e mandou por Marta, que ali o foi receber, que fosse chamar sua irmã Maria: *Magister adest, et vocat te*. – Mas, se as duas irmãs tinham repartido entre si as duas cerimónias daquele acto, Marta, a da cortesia, saindo a receber o Senhor e Maria, a do nojo e sentimento, ficando encerrada em casa, por que a mandou o Senhor chamar, e quis que viesse primeiro? Excelentemente S. Pedro Crisólogo: *Mittitur Martha ad Mariam, quia sine Maria, nec fugari mors poterat, nec vita poterat reparari. Veniat Maria, veniat materni nominis bajula, ut videat homo Christum virginalis uteri habitasse secretum: quatenus prodeant ab inferis mortui, mortui exeant de sepulchris*. – Excelentemente outra vez. – Mandou o Senhor chamar a Maria, porque como Lázaro estava morto, e se lhe havia de restituir a vida, nem sem Maria se podia lançar fora a morte, nem a vida se podia restaurar sem Maria: *Quia sine Maria nec fugari mors poterat, nec vita poterat reparari*. – Notai muito aquele *nec poterat* duas vezes repetido. Não porque Cristo, soberano senhor da morte e da vida, não pudesse absolutamente dar agora a vida a este morto, como no fim do mundo a há de dar a todos, mas porque estes mesmos poderes os tem comunicado a sua Mãe com tão irrevogável delegação que, assim como a Senhora não pode dispor da morte e da vida sem o concurso superior de seu Filho, assim o Senhor o não faz jamais sem companhia de sua Mãe. De sorte que esta ressurreição – diz Crisólogo – não se fez em graça de Maria, irmã de Lázaro, senão por graça e privilégio de Maria, Mãe de Deus: *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula*. E para quê? Que o porquê já está dito: *Ut videat homo Christum virginalis uteri habitasse secretum, quatenus ab inferis prodeant mortui, mortui exeant de sepulchris*. – Agora acabou de dizer o santo o que só faltava para a inteira propriedade do nosso caso: Para que entendam os homens que o fim por que Deus se fez homem no sacrário virginal do ventre de Maria foi para que as almas dos mortos subam do

inferno, e os corpos saíam vivos das sepulturas: *Quatenus ab inferis prodeant mortui, mortui exeant, de sepulchris.*

Isto é o que a Senhora do Rosário obrou no nosso caso, com maior privilégio e maior milagre que o da ressurreição de Lázaro. Porque, sendo Lázaro morto e o rei, também morto, iguais na ressurreição, o inferno de que o Senhor livrou a alma de Lázaro era o limbo, porém, o de que a Senhora livrou a alma do rei era propriamente o inferno dos condenados, a que já estava também condenado por sentença do supremo Juiz: *Quatenus ab inferis prodeant mortui.* – Duas vidas deveu Lázaro a Cristo: a primeira de que morreu enfermo; a segunda de que morreu mártir, em ambas santo. Mas as duas vidas que o rei deveu à Senhora têm muito mais de misericórdia, porque não tiveram nada de justiça. A um homem que viveu e morreu justo, justamente se lhe torna a dar vida; mas a um rei, o qual tem maiores obrigações que as de homem, depois de viver e morrer em tantas e tão enormes maldades, sem nenhum arrependimento delas, com que justiça se lhe pode perdoar uma vida, e conceder outra? Mas estes são os excessos de misericórdia com que a Senhora qualifica as do seu Rosário. Vede com quanta razão podia dizer este rei com o rei David: *Melior est misericordia tua super vitas: labia mea laudabunt te.* – Eu, Virgem do Rosário ainda que o trazia comigo, a minha boca não o rezava; mas ela daqui por diante o fará: *Labia mea laudabunt te* – confessando que à vossa misericórdia não só devo a vida, senão as vidas: *Melior est misericordia tua super vitas.* – As vidas que deveu Lázaro a vosso Filho foram grande misericórdia; mas as vidas que eu vos devo, uma tão boa sobre outra tão má, uma tão pouco merecida, sobre outra de tanto desmerecimento, ainda são maior misericórdia em vós, como melhor em mim: *Melior est misericordia tua super vitas.* – Assim o conta e canta el-rei David, como se falara literalmente do nosso, e por isso conclui milagrosamente o mesmo salmo com a alegria e triunfo do rei, e com a tristeza e confusão dos demónios, que lhe queriam levar a alma, e tornaram sem ela para o inferno: *Ipsi vero in vanum quaesierunt animam meam: introibunt in inferiora terrae; partes vulpium erunt. Rex vero laetabitur in Deo?*

IVI

Injusta a sentença da Virgem por parte do réu. O Rosário trazido e rezado é devoção; mas não rezado e trazido é hipocrisia. A condenação daquela má mulher do Apocalipse, chamada por S. João a mãe de todas as torpezas. A diferente aceitação dos sacrifícios da lei antiga. Bons exteriores com mau interior são hipocrisias. A condenação da hipocrisia, pecado que Deus mais aborrece.

A segunda circunstância que, parece, faz injusta esta misericórdia, é a consideração do réu. Já vimos quão escandalosa era a vida daquele mau rei, e quão estragada em todo o género de vícios, sem outra aparência de piedade cristã mais que trazer o Rosário no cinto. Mas esta mesma aparência de piedade o fazia mais ímpio e mais réu: *Reatus impii est pium nomen* – disse sentenciosamente S. Salviano. E dá a razão muito própria do nosso caso: *Magis damnabilis est malitia quam titulus bonitatis accusat.* – Os pecados que cometia o rei não se acusavam uns aos outros; mas aquela espécie de bondade estava sempre acusando as suas maldades, e as mesmas contas do Rosário, com que as queria dissimular, eram cento e cinquenta testemunhas contestes que o condenavam. Pois, se por isto mesmo era mais digno de condenação – *magis damnabilis* – como foi essa mesma a causa de não ser condenado? Absolver pela mesma razão de condenar, como pode ser justiça? Apertemos bem este ponto, e passemos-lhe o Rosário do cinto ao pescoço, que o cinto e o Rosário ambos podem ser laço.

O Rosário trazido e rezado é devoção, mas não rezado e trazido é hipocrisia: *Omnis hypocrita palliat sanctitatem in veste, quam non habet in mente:* O hipócrita – diz S. Bernardo – traz a santidade no vestido, porque a não tem no espírito. – E tal era a hipocrisia deste rei.

Vestia o Rosário, mas não o rezava. Que importa trazer os mistérios nas contas, se as contas não se rezam nem os mistérios se meditam? Eram os quinze mistérios deste Rosário como o mistério que trazia escrito na testa aquela má mulher do Apocalipse, vestida de púrpura, chamada por S. João a mãe de todas as torpezas e maldades, com quem pudera ser bem casado este rei. E se ela foi condenada justissimamente, como pôde ele ser absolto com justiça? Chamou um anjo a S. João para que fosse ver a condenação daquela má mulher: *Veni, ostendam tibi damnationem meretricis magnae*. – E do mesmo modo nos chama a nós a Rainha dos Anjos, para que venhamos ver a absolvição deste mau homem. Posto, pois, o absolto à vista da condenada, e sendo as culpas de ambos tão semelhantes, que juízo se pode fazer de uma e outra sentença? Se a condenação executada em um dos réus foi tão justificada, a absolvição concedida a outro, como pode ser justa, não havendo de diferença mais que um Rosário não rezado?

Acrescento que, ainda que fora rezado, e bem rezado, sendo o rei tão mau como era, aquele acto de religião somente exterior não podia ser grato a Deus. A história só diz que o Rosário era grande, mas não diz de que matéria fosse: *Portabat illud, et quidem magnum in zona sua, quod tamen non recitabat*. – e eu digo que, ainda que o rezasse, e o Rosário fosse de calambuco ou de âmbar, não podia cheirar bem a Deus. Do sacrifício que ofereceu Noé depois do dilúvio diz a Escritura que subiu a Deus- um cheiro muito suave: *Odoratus est Dominus odorem suavitatis*. – E, pelo contrário, dos sacrifícios que se ofereciam a Deus no Templo em tempo de Isaías diz o mesmo Isaías que o incenso era abominável a Deus: *Ne offeratis ultra sacrificium frustra: incensum abominatio est mihi*. Os sacrifícios antigos, ou na lei da natureza, como o de Noé, ou na lei escrita, como os do Templo, não eram outra coisa que umas reses lançadas no fogo e queimadas. Pois, o cheiro das reses queimadas era suave a Deus, e o cheiro do incenso abominável? Sim. Porque o olfato de Deus é muito diverso do nosso. Noé era santo, os sacerdotes do Templo eram sacrílegos, e tudo o que oferecem os bons, ainda que seja carne queimada, cheira bem a Deus; pelo contrário, tudo o que oferecem os maus, ainda que sejam incensos e timiamas, cheira-lhe muito mal. O mesmo passa no Rosário. Ainda que as contas sejam calambuco, e o que se reza por elas sejam rosas, se o que o reza é mau, não podem cheirar bem, nem ser gratas a Deus.

A razão não é outra senão a que dizíamos. Bons exteriores com mau interior são hipocrisias; e este é o pecado que Deus mais aborrece, mais abomina, menos perdoa e mais condena. Seis vezes repete Cristo no Evangelho: *Vae vobis hypocritae, vae vobis hypocritae* – o que não diz de algum outro vício, nem de todos juntos. E por que razão? Porque aquele vai na boca do supremo Juiz é sentença de condenação abreviada em um ai, que depois será estendido por toda a eternidade, e os hipócritas, como os que não têm fé, antes da condenação já estão condenados: *Qui non credit, jam judicatus est*. – Tanto assim que no foro judicial do tribunal divino hipócrita quer dizer condenado, e condenado quer dizer hipócrita. Segundo este formulário falou Isaías, que é o mais curial de todos os profetas: *Possedit tremor hypocritas. Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante? Quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis?* – E o que mais é, o mesmo juiz, Cristo, falando da condenação do mau servo: *Dividet eum, partemque ejus ponet cum hypocritis: illic erit fletus et stridor dentium*. – Pois, se esta é a justiça do Filho, por tantos e tão temerosos modos ratificada, como pode fazer o contrário justamente a misericórdia da Mãe? Aquele Rosário, que foi todo o fundamento ou motivo da absolvição do réu, não só era hipocrisia, senão dobrada hipocrisia. Uma vez hipócrita dos outros vícios, porque, sendo o rei ímpio e blasfemo, o ostentava devoto; e hipócrita de si mesmo, porque, sendo somente ostentado, e não rezado, fingia-se Rosário sem ser Rosário. E sendo aquela falsa ostentação dobrada hipocrisia, e por isso dobrada causa de justa condenação, com que justiça podia ser absolto o réu, e absolto depois de já condenado? Assim o diz declaradamente a história: *Cum contra eum daretur sententia condemnationis*. – Eu não nego que a Virgem, Senhora nossa, é a única esperança de todos os

pecadores, mas também é certo que se tira por exceção a esperança dos hipócritas, como está escrito no livro de Job: *Spes hypocritae peribit.*

IVII

Justificação da injustiça. O grande peso que tem diante de Deus os bons exteriores dos reis. A humildade exterior de el-rei Acab. O Rosário que o rei trazia no cinto, e a sarça ardente do deserto. A espada de dois fios do Apocalipse. Como podia ser que um Rosário não rezado produzisse Rosários rezados? Razões de justiça e igualdade que teve da parte da Senhora aquele excesso de misericórdia, que os demónios acusavam de injusta.

Todas estas aparências de injusta teve no nosso caso a misericórdia da Senhora do Rosário, considerada da parte do réu. E se por isso foi maior misericórdia, sendo o réu tão digno de condenação, nem por isso foi menos justificada. Por quê? Porque, ainda que era réu, era rei. Bem vejo que vos admira a resposta; mas a razão dela é porque têm grande peso diante de Deus os bens exteriores dos reis, ainda quando lhes falta o interior da virtude. Mandou Deus pelo profeta Elias notificar a el-rei Acab a pena de talião em castigo da injusta morte que tinha dado ao inocente Nabot, com tantas circuns-tâncias de tirania; e como Acab rasgasse a púrpura, e se vestisse de saco, e cobrisse a cabeça de cinza, bastou esta demonstração para Deus suspender a sentença. Agora pergunto: esta demonstração de penitência em Acab foi verdadeira penitência? Não, que assim o mostraram logo os efeitos. E a verdadeira penitência não consiste em rasgar e mudar os vestidos, senão em mudar e rasgar o coração: *Scindite corda vestra, et non vestimenta vestra.* – Pois, se não foi verdadeira penitência, por que suspendeu Deus o castigo? Porque Acab era rei, e ainda que no interior não estava penitente, os exteriores eram de penitência. Assim o disse Deus ao mesmo Elias: *Nonne vidisti humiliatum Achab* (3 Rs. 21, 29)? Não viste humilhado a Acab? – Humilhado disse, e não humilde, porque a humildade é o interior da humilhação, assim como a humilhação é o exterior da humildade. E bastou que o rei se mostrasse penitente neste exterior, ainda que o interior lhe faltasse, para que Deus suspendesse a sentença.

E, se nos é lícito entrar nos arcanos dos conselhos divinos, e inquirir que motivos tenha Deus para usar desta razão de estado com os reis, o mesmo Deus a declarou naquela palavra vidisti: – *Nonne vidisti humiliatum Achab? Não viste humilhado a Acab?* – Do que os súditos vêem no rei tira Deus grandes consequências, e tem grandes utilidades. E tais foram as que a Senhora considerou e estimou no Rosário do nosso rei. Porque, ainda que não era Rosário rezado, era Rosário visto. Tão poderosos são os bons exteriores dos reis, e tão eficaz é nos vassallos a vista só dos mesmos exteriores! São os reis como a serpente de Moisés levantada no meio do povo, que bastava porem os olhos nela, e ser vista, para dar saúde a quantos a viam: *Pone eum pro signo: qui percussus aspexerit eum.* – São os reis como os protótipos e exemplares, que somente vistos, e sem obrar, dirigem as acções do artífice, e aperfeiçoam as obras: *Inspice, et fac secundum exemplar quod tibi in monte monstratum est.* – Por isso os hebreus, sendo governados por Deus, pediram rei que fosse diante deles: *Da nobis regem, et egredietur ante nos* – porque Deus era rei invisível, e queriam rei que pudessem ver. E por isso el-rei David, pedindo a Deus mercês extraordinárias, o que alegava era que o veriam: *Videbunt me, et laetabuntur, quia in verba tua supersperavi.* – Donde infere elegantemente S. Ambrósio: *Quam pulchrum ergo: si videaris, ut prosis?* – Porque não pode haver coisa mais gloriosa que aproveitar a muitos só com ser visto. Isto era o que fazia aquele rei com o Rosário que trazia publicamente à vista de todos, bastando só que fosse visto, posto que não rezado, para que os demais o rezassem, como não só refere, mas pondera o mesmo historiador: *Videntes universi regem suum Rosarium portare, fecerunt et ipsi similiter, et quod magis est, illud orabant.*

Notai muito estas últimas palavras. Porque o rei trazia o Rosário, todos o traziam; e, posto que ele o não rezava, todos o rezavam. Quando Moisés viu o fogo na sarça, e que a sarça não se queimava, disse: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam* (Êx. 3, 3): Quero ir ver esta grande visão. – Ide embora, Moisés, e vede bem que essa visão ainda tem mais que ver. Dizeis que é grande visão, mas ainda é maior. E por que era aquela visão maior que grande? Era grande, porque estando o fogo na sarça não queimava a sarça, e era maior, porque onde estava não queimava, e onde não estava santificava. Não queimava a sarça, e santificava a terra: *Locus enim, in quo stas, terra sancta est.* – Tal era o Rosário que o rei trazia no cinto: a ele que o não rezava, não fazia devoto, mas fazia devotos aos vassallos que o viam e o rezavam: a ele não fazia santo, porque continuava nos vícios, e à sua terra e ao seu reino santificava, porque, rezando o Rosário, viviam cristãmente: *Locus, in quo stas, terra sancta est.* – Vede o que faz um Rosário trazido no cinto do rei e visto nele, posto que não rezado.

Falando o profeta Rei com outro Rei maior que ele, disse-lhe que cingisse a espada, porque só a vista de lha verem cingida seria tão poderosa que renderia tudo: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime. Specie tua et pulchritudine tua intende, prospere procede, et regna.* – Porém, S. João, no seu Apocalipse, vendo este mesmo rei – que era o Rei dos reis – viu que trazia a espada na boca, e que era espada de dois fios: *Et de ore ejus gladius utraque parte acutus exibat.* – E que espada é esta, que não se traz na mão, senão na boca, ou na cinta? Outros lhe dão vários sentidos, todos alegóricos, mas nas circunstâncias do nosso discurso nenhum lhe quadra melhor que ser o Rosário. É o Rosário espada de dois fios, porque, como muitas vezes dissemos, por uma parte é oração vocal, e por outra oração mental; e porque por ambas as partes é oração, por ambas é espada. Se esta espada se traz na boca, é o Rosário rezado; se se traz cingida, é o Rosário no cinto, como o trazia este rei. Mas basta que se traga no cinto, para ser, não só poderoso, mas poderosíssimo: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime* – basta que se traga no cinto, para que só com a sua vista consiga o rei felizmente todos seus intentos: *Specie tua et pulchritudine tua intende, prospere procede, et regna.*

Os intentos, pois, do nosso rei, em tudo o mais nada pio, eram, como diz a sua lenda, de promover e cultivar a devoção do Rosário: *Volens familiam suam inducere ad orandum Beatae Mariae Virginis Rosarium.* – O meio que tomou para esta pia cultura e lavoura do céu na terra, foi semear o mesmo Rosário nos olhos dos seus vassallos. Lá diz a Escritura que o semear nas lágrimas tem muito certa e abundante a colheita: *Qui seminant in lachrymis, in exultatione metent.* – Mas o rei; com invento novo, semeava o Rosário nos olhos, que por isso o trazia sempre à vista, e de contas muito grandes, para que todos as vissem. E com esta vista só – *specie tua* – conseguiu tão felizmente o seu intento – *intende prospere* – que primeiro no seu mesmo palácio – que é a terra mais estéril – e depois em toda a corte e, ultimamente, em todo o reino, nasceu, cresceu e se dilatou a devoção do Rosário, não só visto, mas rezado, porém, rezado nos vassallos porque visto no rei.

Mas, como podia ser que um Rosário não rezado produzisse Rosários rezados? A dúvida é vossa e minha; a resposta é de Cristo. Ponderou Cristo, Senhor nosso, que o grão de trigo morto dá muito fruto: *Si mortuum fuerit, multum frutum affert* – e neste caso imitou a graça a natureza. O Rosário que trazia o rei era morto, porque o não rezava; semeado, porém, nos olhos dos vassallos, produziu frutos vivos e muitos. Nem podia deixar de ser, sendo o lavrador soberano. Quando os antigos cônsules de Roma, depois de levarem diante de si as varas e as segues, tornavam a cultivar o seu campo diz Plínio que, vendo-se a terra lavrar com arados laureados, respondia com mais copiosas novidades. O mesmo acontecia ao nosso lavrador corado na cultura das suas terras. Com cada conta – que na língua latina se chama grana – ia semeando Rosários; e assim como no ano de mil e quinhentos e setenta e cinco nasceu em Hibérnia uma árvore que dava Rosários inteiros e enfiados por fruto, assim foram

infinitos os que daquele Rosário do rei nasceram e se multiplicaram em todo o seu reino. De cada conta nascia uma árvore, de cada Rosário rosários sem conto.

E daqui se fica bem entendendo a razão de justiça e igualdade, ou, quando menos de equidade, que teve da parte da Senhora aquele excesso de misericórdia que os demónios acusavam de injusta e iníqua: *Fecisti injuste, fecisti inaequitatem*. – Verdadeiramente parecia grande desigualdade que, posto um só Rosário na balança, e esse não rezado, pesasse tanto como todas as maldades do rei. Mas não era assim, porque aquele Rosário não era um só Rosário, senão um número grandíssimo de Rosários, quantos eram os vassallos do rei que à sua imitação o traziam. E não era um só Rosário não rezado, senão muitos, e rezados, porque todos supondo, pelo que viam no exterior, que o rei o rezava, eles também o rezavam. E, finalmente, não era um só Rosário junto com más obras, senão uma grande multidão de Rosários juntos nos que devotamente o rezavam, com muito boas obras a que a virtude do mesmo Rosário os excitava. E como estes efeitos de piedade e religião eram consequências do Rosário que o rei trazia publicamente a fim de promover em todo o seu reino a devoção da Senhora, sendo o mesmo exemplo do rei um pregão mais poderoso que qualquer outro preceito ou lei com que eficazmente obrigava os vassallos, e o mesmo Rosário um pregador mudo, mais eficaz que toda a eloquência, com que todos os dias os excitava, ensinava e persuadia a ser o que ele não era, não há dúvida que esta demonstração tão continuada em um rei, posto que não chegasse a ser merecimento, era, contudo, uma disposição muito relevante diante de Deus e de sua Mãe, para vir a conseguir ultimamente a grande misericórdia que alcançou.

Não rezava o Rosário, é verdade, mas considero eu, que por este modo rezava o Miserere; se bem com a ordem trocada. Para David alcançar perdão de seus pecados, não só pedia a Deus a sua misericórdia grande, senão a multidão de suas misericórdias: *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam; et secundum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam*. – E que é o que oferecia e prometia a Deus este rei pecador quando tanto lhe pedia? Oferecia e prometia a Deus que, em agradecimento ou recompensa de tamanhas misericórdias, ensinaria os maus a ser bons e os ímpios a ser pios: *Docebo iniquos vias tuas, et impii ad te convertentur*. – Por aqui acabou David aquela sua petição, e por aqui começou o nosso rei a sua. Com o exemplo do seu Rosário pregava todos os dias a devoção do Rosário a seus vassallos; e por meio do mesmo Rosário ensinava-os a conhecer os erros dos caminhos de suas vidas: *Docebo iniquos vias tuas* – e que, tendo sido ímpios, se convertessem a Deus: *Et impii ad te convertentur*. – E como este rei fazia o que o rei David prometia a Deus, injustamente é acusada a Senhora de que por aquele grande Rosário lhe alcançasse a misericórdia grande: *Miserere mei secundum magnam misericordiam tuam* – e que por aquela multidão de Rosários lhe alcançasse a multidão de misericórdias: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam*.

IVIII

Terceira circunstância que, parece, faz injusta a misericórdia da Virgem para com o rei condenado: a injustiça por parte do juiz. Perdoar o réu depois de condenado foi condenar a condenação, e não cai esta segunda condenação sobre o julgado, senão sobre o juiz. A maior injustiça que Pilatos usou com Cristo foi julgar que pelos mesmos autos podia condená-lo ou absolvê-lo, como aconteceu com este rei, pelos mesmos autos condenado e absolto.

A terceira circunstância, que será também a última – porque as outras duas que propus, vão insertas nestas três – é da parte do juiz. E nesta parte tanto mais aparências tem de injustiça a sentença e absolvição do rei quanto o juiz que primeiro o condenou, e depois o absolveu, não só é justo, senão a mesma justiça. Ameaçando David aos reis, e avisando-os

que vejam como vivem e como satisfazem as suas obrigações: *Et nunc, reges, intelligite; erudimini, qui judicatis terram* – o que principalmente lhes põe diante dos olhos é que a vara do juiz que os há de julgar é de ferro: *Reges eos in virga ferrea*. – De ferro, porque é vara que se não dobra, e de ferro, porque eles são vasos de barro, e os pode quebrar facilmente: *Et tanquam vas figuli confriges eos*. – Pois, se a vara do supremo Juiz é tão recta que se não dobra, e tão forte que ninguém a pode dobrar, como se dobrou tão de repente no nosso caso? E se os reis, como mais poderosos, são aqueles a quem principalmente ameaça a justiça desta vara, como essa mesma justiça se trocou de tal sorte em tudo, que, tendo condenado um rei morto segundo o merecimento de seus delitos, condenado, o absolveu do inferno, morto, o restituiu à vida. A primeira sentença não há dúvida que foi justa e justíssima. E se foi justa e justíssima a primeira, como pode não ser injusta a segunda? Perdoar-lhe depois de condenado, não foi absolver o réu, foi condenar a condenação; e já não cai a segunda condenação sobre o julgado, senão sobre o juiz e sobre a sentença.

O tempo e lugar em que foi revogada, ainda se opõe mais às leis da justiça, porque foi em tempo em que já não tem lugar a misericórdia. Pede misericórdia a Igreja ao justo Juiz, mas quando ou para quando lha pede? *Iuste iudex ultionis, donum fac remissionis ante diem rationis*: Antes do dia da conta se pode alcançar perdão do justo Juiz; mas depois e tomada a conta, examinada a causa e pronunciada a sentença em juízo, donde não há apelação, instando e clamando a parte, e pedindo justiça, como se lhe pode negar justamente? O Rosário, que apareceu depois, nenhum merecimento acrescentou à causa, nem fez variedade nela, porque ainda que foi novo para os acusadores, não foi novo para o juiz, de quem nada se esconde. Pois, se o processo e os autos na primeira e na segunda sentença eram os mesmos, como podiam ser ambas justas, sendo tão contrárias?

E se não, consideremos ao mesmo juiz como juiz e como julgado. Assim o considera Santo Agostinho elegantemente: *Sedebit iudex qui stetit sub iudice, et damnabit reos qui falso damnatus est reus*: No juízo universal, em que Cristo há de julgar a todos, e no particular, em que julga a cada um estará assentado como juiz o que já esteve em pé diante do juiz, e condenará justamente os réus o que injustamente foi condenado por réu. – Mas em que consistiu esta injustiça que Pilatos usou com Cristo? Todos dizem que em condenar o inocente conhecido por tal; e assim foi na execução. Porém, no ditame do juízo, em que propriamente consiste a justiça ou injustiça, ainda foi mais injusto juiz Pilatos. E por quê? Porque julgou que pelos mesmos autos podia condenar ou absolver a Cristo: *Nescis* – lhe disse – *quia potestatem habeo crucifigere te, et potestatem habeo dimittere te* (Jo. 19, 10)? Não sabes que tenho poder para te crucificar, e que tenho poder para te absolver? – Não, Pilatos: não sabe isso Cristo, ainda que sabe tanto como Deus. O juiz só pode condenar o culpado sendo culpado, e absolver o inocente sendo inocente; mas condenar ou absolver o mesmo homem pelos mesmos autos, isso não pode ser em nenhum juízo. E isto que não pode ser é que o temos no nosso caso. O mesmo rei, e pelos mesmos autos condenado, e o mesmo rei e pelos mesmos autos absolto? E que isto fizesse, não outro, senão aquele mesmo juiz de quem cantam as Escrituras: *Cum sancto sanctus eris, et cum viro innocente innocens eris, et cum electo electus eris, et cum perverso perverteris!* – Se cada um na sua boa ou má vida leva consigo a sua boa ou má sentença ao juízo de Deus, como no mesmo juízo de Deus um rei de tão má vida levou primeiro a má sentença, e logo a boa?

IIX

Como se há de entender o texto de David: Cum sancto sanctus eris, cum perverso perverteris? Quando perverte o juiz no juízo? A aparente perversão da autoridade e patrocínio da Mãe de Deus. A vara de Cristo juiz e a vara de Moisés. O povo e reino de Judá

comparado ao barro que está na mão do oleiro e que ainda não foi ao fogo. Os vasos de ira e os vasos de misericórdia.

Tudo o que até aqui arguimos contra a justiça do Filho foram encarecimentos da misericórdia da Mãe e dos poderes do seu Rosário. E tudo no mesmo Rosário, na mesma Mãe, e no mesmo Filho tão justificado, como agora veremos, por mais que as vozes do inferno clamem blasfemamente: *Injuste fecisti*. – Respondendo, pois, e começando pelo último texto, que ainda nos atroa aos ouvidos como tão famoso, confesso que, no sentido em que o aleguei, tem por si todos os doutores. Mas para que eu o interprete diferentemente, basta-me o mesmo exemplo em que estamos, como acção do próprio legislador, que é o melhor intérprete das suas leis. Que quer dizer: *Cum sancto sanctus eris, etc. et cum perverso perverteris*? Quer dizer – dizem todos – que como cada um se houver com Deus assim o experimentará consigo: se for bom, será Deus para com ele bom: *Cum sancto sanctus eris* – e se for mau, será Deus para com ele mau, isto é, rigoroso: *Cum perverso perverteris*. – Eu não digo assim. Digo que quer dizer o profeta que é Deus tão justo e tão misericordioso com todos que, para os bons, será bom, que isso é ser justo, e para os maus também será bom que isso é ser misericordioso. Não diz Cristo, alegando-nos o exemplo de seu Padre: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos*? – Pois o mesmo digo eu no nosso exemplo, e o provo com as mesmas palavras do texto: *Cum perverso perverteris* – diz que Deus no juízo com o perverso perverterá; e quando perverte o juiz no juízo? Quando julga conforme a lei? Não. Quando julga contra ela então é que perverte, porque perverte a lei, perverte a ordem, perverte a regra com que se devera conformar. Isto é, pois, o que diz o texto, e isto é o que fez Cristo no nosso caso, dispensando como juiz e legislador supremo na sua mesma lei. O rei era mau, e Cristo foi para com ele bom; o rei era perverso, e Cristo também perverteu: *Cum perverso perverteris*.

Mas notai que o texto não diz somente que perverterá, senão própria e nomeadamente que será pervertido. Isso é perverteris. E assim sucedeu no nosso caso. Porque, se Cristo perverteu a lei, sua Mãe o perverteu a ele, ou o obrigou a que a pervertesse. Mas nem por isso injustamente. Antes, daqui se segue que, entrando nesta mudança a autoridade e patrocínio da Mãe de Deus, o que parece perversão não foi perversão, mas razão: *Perversio, quam putas, ratio est* – disse em outro pleito Tertuliano. E a razão de ser razão uma e outra sentença, sendo tão diversas, qual é? Porque na primeira julgou Cristo como justo; na segunda como misericordioso. Chama-se Deus nas Escrituras Deus dos castigos e Pai das misericórdias: *Deus ultionum, Pater misericordiarum* (Sl. 93, 1; 2 Cor 1, 3). – E por que dos castigos Deus, e das misericórdias Pai? Porque as misericórdias nascem dele; os castigos não nascem dele, nascem de nós. É o que também disse o mesmo Tertuliano profundamente: *Deus de suo optimus, de nostro justus*: O ser bom e o fazer bem tem-no Deus de si; o ser justo ou o fazer justiça vem-lhe de nós. – E essas foram as duas razões, ambas justificadas, de uma e de outra sentença. Na primeira condenou o rei, como Deus justo, por suas culpas; na segunda absolveu-o sem merecimentos seus, como Pai das misericórdias. Mas de tal modo como Pai, que a misericórdia neste caso foi filha de Pai e Mãe: de Mãe, porque a Mãe das misericórdias a pediu; de Pai, porque o Pai das misericórdias a concedeu.

Contudo, parece que ainda está em pé aquele primeiro texto da vara de ferro: *Reges eos in virga ferrea*. – Se a vara de Cristo juiz se chama de ferro, porque se não dobra, nem há quem a possa dobrar, como se dobrou tão facilmente? Não dobrou. A misericórdia não é contrária à justiça, nem a justiça à misericórdia. Foram dois golpes da mesma vara, mas ambos retos. Moisés com a sua vara bateu duas vezes a pederneira, e do segundo golpe saíram fontes: *Percutiens virga bis silicem, egressae sunt aquae largissimae*. – Se do segundo golpe, que foi o milagroso, saíram fontes, do primeiro, que foi natural, sendo pederneira, por que não saíram faíscas? Porque a vara de Moisés não era de ferro; porém, a de Cristo, que era de ferro: *In virga ferrea* – obrou conforme a natureza da vara, e conforme a da mão que a movia. No

primeiro golpe, que foi natural, tirou faíscas, e condenou o rei ao fogo do inferno; e no segundo, que foi o milagroso, tirou fontes com que apagou o mesmo fogo, de que o absolveu e livrou. Nem faz em contrário o que acrescenta o mesmo texto. *Et tanquam vas figuli confringes eos* – antes acrescenta maior primor e nova propriedade à comparação. Diz que desfará com a vara de ferro os maus reis, não como quaisquer vasos de barro, senão como aqueles que ainda estão nas mãos ou na oficina do oleiro: *Tanquam vas figuli*. – E que diferença há de um barro a outro barro, e de uns vasos a outros? Muito grande. O barro que está na mão do oficial, ou na oficina, e ainda não foi ao fogo, pode-se reformar; porém, depois que foi ao fogo, já não tem remédio. Não é a semelhança e a diferença menos que do mesmo Deus.

Mandou Deus ao profeta Jeremias que fosse à oficina de um oleiro, porque ali lhe queria falar. Foi o profeta, e como visse que um vaso que o oleiro estava lavrando se lhe descompôs e quebrou entre as mãos, e ele, amassando outra vez o barro, o tornara a reformar, então lhe falou Deus, e lhe disse desta maneira: Assim como viste o barro nas mãos daquele oficial, assim está o povo e reino de Judá nas minhas: já descomposto, já quebrado, e sem a forma que eu lhe dei, mas capaz ainda de emenda e reforma, se a quiser aceitar; e assim lhe pregarás de minha parte. Porém, se ele perseverar na obstinação com que me ofende, para isso pedirás aos sacerdotes outro vaso de barro já cozido: *Lagunculam figuli testeam* – e, quebrando-o às portas de Jerusalém, dirás em alta voz a todos, também em meu nome: – Assim como este vaso, depois de endurecido no fogo e quebrado, se não pode restaurar nem tem remédio, assim o não terá este povo: *Sic conte-ram populum istum, sicut conteritur vas figuli, quod non potest ultra instaurari*. – Se o rei condenado por suas culpas estivera já no fogo do inferno, nenhum remédio tinha, porque *in inferno nulla est redemptio*; mas por isso a Senhora do Rosário chegou ao mesmo ponto em que os demónios lhe queriam arrebatam a alma, para que, tornando à vida, a reformasse e emendasse como emendou, e por este modo, de vaso que era de ira, se trocasse, como trocou, em vaso de misericórdia. Falo por boca de S. Paulo, o qual diz que do mesmo barro de Adão fez Deus uns homens para vasos de ira, que são os que se condenam: *In vasa irae, apta in interitum* – e outros para vasos de misericórdia, que são os que se salvam: *In vasa misericordiae, quae praeparavit in gloriam*. – E com que poder, e com que justiça faz isto Deus? Com aquele poder e com aquela justiça – responde o mesmo S. Paulo – com que o oficial que tem o barro nas mãos pode fazer dele uns vasos para o fogo e outros para o altar! *Aliud quidem vas in honorem, aliud vero in contumeliam*. – Oh! força da previsão e predestinação divina! Oh! poderes da Mãe de Deus e do seu Rosário! O rei, cometendo tantas maldades, se descompôs e dispôs para o fogo como vaso de ira; e a Mãe de Deus, pondo nele as rosas do seu Rosário, o compôs e dispôs para o altar como vaso de misericórdia! Por isso ressuscitou exclamando: *O benedictum Rosarium Virginis Mariae, per quem sum liberatus a damnatione gehennae!*

IX

A soberana autoridade da Virgem Maria figurada em Ester, redentora de seu povo. Deus dos mesmos motivos pode tirar resoluções contrárias, como no maior castigo que executou neste mundo, a inundação universal do dilúvio. A iris de três cores, alegoria da Senhora do Rosário.

Temos respondido e justificado a causa com a declaração dos textos. Resta por fim satisfazer às razões ou aparências em contrário, que se o juízo não fora de tal juiz, puderam ser mais que aparências. Era a primeira que, depois de dada a sentença, condenado o réu e decretado o castigo, já não havia tempo nem lugar para ser revogado. Mas quem isto diz, nem conhece a soberana autoridade da Virgem Maria, nem quão superiores são a toda a outra

razão as que Deus tem de não negar coisa alguma a sua intercessão e aos merecimentos do seu Rosário. Tinha el-rei Assuero sentenciado à morte todos os hebreus de seus reinos, estavam já passados os decretos, e firmados com o anel ou selo real, e publicado o dia da execução de que aos mesmos con-denados não era lícito apelar – como também não apelou o nosso réu – mas aparecendo a rainha Ester diante do rei, só com a declaração da sua vontade – se revogaram os decretos, e ficaram absoltos os condenados. Isto é o que refere a história sagrada: mas não é esta mudança com ser tão notável, o que mais se deve notar e ponderar nela. Era lei inviolável dos persas e medos que, depois de o rei passar algum decreto, nem ele mesmo o podia revogar. Assim se lê no livro de Daniel, e essa foi a causa por que o mesmo rei o não pôde livrar do lago dos leões: *Scito, rex, quia lex Medorum atque Persarum est, ut omne decretum quod constituerit rex, non liceat immutari.* – Pois, se os decretos do rei, uma vez passados e firmados por ele, eram tão severamente irrevogáveis naquele império, como os fez revogar Ester, e tão facilmente?

Razão que justifique a Assuero, e o livre de pouco observante das leis que tinha jurado, ninguém há que a dê cabal na história; mas na alegoria e no que a mesma história representava, todos. Santo Tomás, S. Gregório Nicomediense, S. João Damasceno, Santo Anselmo, S. Bernardino, e todos comumente dizem que Assuero, o maior monarca do mundo naquele tempo, representava a Deus, e a rainha Ester a Rainha dos Anjos, não por uma, senão por muitas prerrogativas. *Ester quer dizer: Pulchra ut luna* – e esse é o título de Maria, só inferior ao sol. De Ester diz o texto: *Invenit gratiam in conspectu illius*; a Maria disse o Anjo: *Invenisti gratiam apud Deus.* De Ester o texto: *Adamavit eam rex plusquam omnes mulieres*; a Maria o Anjo: *Benedicta tu in mulieribus.* – Ester coroada por rainha dos persas e medos, Maria com a coroa do universo; Ester, redentora do seu povo, Maria, corredentora do género humano; enfim, a Ester disse o rei que aquela lei, feita para todos, não se entendia nela: *Non pro te, sed pro omnibus haec lex constituta est* – e sendo Maria a excepção sobre-humana das leis gerais de Deus, não é muito que o mesmo Deus quebre decretos, revogue sentenças e absolva condenados por sua intercessão, e a seu respeito. Só se podia desejar que entrassem nos motivos de tão extraordinária dispensação os merecimentos do seu Rosário; mas também nesta circunstância não faltou a história. Nota o mesmo texto que Ester, para mais agradar ao rei em negócio tão dificultoso, entrou à sua presença com a formosura, de que tão singularmente era dotada, revestida de cor de rosas: *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa, et gratis ac nitentibus oculis.* – E a que fim faz este reparo o texto, sendo que em toda a Escritura só esta única vez se acha tal palavra? Sem dúvida para que a propriedade da história não faltasse nesta parte a uma tão particular circunstância da alegoria. E para que entendêssemos que aquela cor de rosas, em tão manifesta significação do Rosário, fora um novo e não coroado título, senão legítimo, de se revogar o decreto e absolver o condenado, e com que mais agradou e obrigou ao soberano Juiz a soberana intercessora: *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa, et gratis ac nitentibus oculis.* – Assim que, aquela tão extraordinária graça não só a alcançou a Virgem Maria como Rainha, como Esposa e como Mãe, senão como Senhora do Rosário: *Roseo colore perfusa.*

Mas que diremos àquela fortíssima instância da condenação e absolvição pelos mesmos autos? Digo que não é novo em Deus dos mesmos motivos tirar contrárias resoluções, primeiro enquanto justo, para castigar, depois enquanto misericordioso, para absolver. Mas no tal caso – de que só temos um nas Escrituras – também tem a sua parte a Virgem do Rosário. O maior castigo que Deus executou neste mundo foi aquele em que afogou o mesmo mundo na inundação universal do dilúvio. E que motivo teve Deus para um tão notável castigo? O mesmo Deus o disse, e mandou escrever por Moisés: – *Videns Deus quod cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum: Delebo, inquit, hominem a facie ter-rae* (Gén. 6, 5. 7): Vendo Deus que todos os pensamentos do coração humano eram inclinados e aplicados ao mal, resolveu de acabar com o homem – e tirá-lo da face da terra. – Esta foi a primeira resolução

de Deus. E depois dela executada, resolveu mais alguma coisa? Resolveu, mas tudo contrário, porque decretou que não houvesse mais outro dilúvio. E por que motivos? Aqui está o ponto da admiração. Pelos mesmos motivos, sem diferença alguma, por que tinha resoluto o primeiro dilúvio. Ouvi as palavras, que totalmente são as mesmas: *Nequaquam ultra maledicam terrae propter homines: sensus enim et cogitatio humani cordis in malum prona sunt* (Gén. 8, 21): Não quero – diz Deus – que haja outro dilúvio, que inunde a terra e afogue os homens, porque todos os pensamentos do coração humano são inclinados e aplicados ao mal. – Pois, se este foi o motivo por que Deus destruiu o mundo com o dilúvio, como toma agora o mesmo motivo para resolver firmemente que não haverá outro dilúvio? Se o motivo fora outro para uma resolução tão encontrada, isso pode fazer a razão e a conveniência; mas duas resoluções totalmente opostas, ambas pelo mesmo motivo? Sim, porque as mesmas causas, que são justo motivo à justiça de Deus para castigar, podem ser motivo também justo à sua misericórdia para absolver. No tempo de Noé, condenados os homens ao dilúvio, porque os seus corações eram inclinados ao mal: *Quod cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum* – e depois, livres para sem-pre os mesmos homens do dilúvio, porque os seus corações são inclinados ao mal: *Sensus enim et cogitatio humani cordis in malum prona sunt*.

Deste modo, persistindo os mesmos motivos, assim naquele caso, como no nosso, usou Deus primeiro de sua justiça, e depois de sua misericórdia. E para que vejamos a parte que nela teve a Senhora do Rosário, ouçamos ao mesmo Deus: *Arcum meum ponam in nubibus, et erit signum foederis inter me et inter terram* (Gén. 9, 13). Porei – diz Deus – o meu arco nas nuvens, e este será o sinal entre mim e o mundo, da promessa e mercê que lhe fiz de o livrar para sempre de outro dilúvio. – E que arco é este de que Deus fala e chama seu? Historicamente é o Íris de três cores que por reflexão dos raios do sol aparece nas nuvens. Alegoricamente é a Virgem Maria que concebeu em si o sol Divino, e de quem recebeu toda a graça. Assim o dizem S. Efrém, Santo Antônio, S. Bernardino de Sena. E mais especialmente é a mesma Virgem enquanto Senhora do Rosário, cujos mistérios se representam nas três cores da íris: na verde os gozosos, na vermelha os dolorosos, na azul os gloriosos. Esta imagem, pois, da Senhora do Rosário pinta Deus nas nuvens todas as vezes que elas se orvalham para começar a chover, em sinal daquela grande misericórdia que usou com o mundo, quando, tendo somente motivos para o castigo, e os mesmos motivos por que já uma vez o tinha castigado, lhe perdoou contudo o mesmo castigo, e mudou a sua sentença. Quando os homens vissem toldar o céu de nuvens, podiam temer que perseverando neles os mesmos motivos por que Deus tinha alagado o mundo, assim como se tinha arrependido da primeira execução, assim se arrependesse outra vez de não executar a segunda. E para os livrar deste justo temor, deu-lhes por fiadora a Virgem do Rosário, dizendo que no tal caso poria os olhos nela, com que estariam seguros: *Cumque obduxero nubibus caelum, apparebit arcus meus in nubibus: et videbo illum, et recordabor foederis mei vobiscum*. – Tais são os poderes da Virgem Maria, e tal a valia para com Deus do seu Rosário que neles se podem segurar os homens de que as mesmas más obras, por que uma vez foram condenados, não sejam outra vez impedimento para serem absoltos. Assim sucedeu no caso do dilúvio, e assim no nosso. A primeira vez condenado o réu, e excluído da bem-aventurança por não guardar os preceitos divinos, conforme a lei universal de Cristo: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud* – a segunda vez absolto, e admitido à mesma bem-aventurança, conforme o privilégio particular da Mãe do mesmo Cristo: *Quinimmo beatus venter qui te portavit*.

IXI

Que utilidade podem tirar de um caso tão estupendo os devotos da Virgem? A razão divinamente política por que a Senhora quis propagar o seu Rosário por meio daquele rei ímpio. Excelências de Maria, soberana advogada dos devotos do Rosário

Parece-me que tenho provado o que prometi; mas com que utilidade? Que se pode colher de tal vida, de tal morte e de tal salvação? Nem a vida é boa para o exemplo, nem a morte, para o desengano, nem a salvação para a esperança. Que utilidade podem logo tirar de um caso tão estupendo os devotos da Virgem Santíssima? Porventura que se descuidem de a imitar em ser santos, e se deixem viver, e ainda morrer em pecado, fiados na virtude o seu Rosário? Nem da fé, nem do entendimento dos que me ouviram, nem ainda da má consciência de algum presumo tal erro. Semelhantes prodígios da misericórdia mais são para a admiração, e ainda para o temor, que para a imitação e confiança. São para dar o parabém à Mãe de Deus de tão soberano poder, e para dar as graças a seu bendito Filho de tão imensa bondade. Mas por que não fique este panegírico de ambos sem alguma doutrina própria do mesmo discurso, havendo sido o venturoso sujeito de todo ele um rei devoto do Rosário e nem bem devoto, nem bom rei, concluamos com dois documentos, uns para os reis, outro para os devotos.

O que considero por parte dos reis, e se nem bom rei, concluamos com dois documentos, um perde Deus e o mundo por falta de bons intentos nos que tudo podem. Se não sabem ser bons reis, saibam ao menos ser bons vassalos. Santifiquem as vontades e vidas alheias, se não se atrevem nem têm valor para mortificar os apetites próprios. É circunstância digna de toda admiração e reparo que, querendo a Senhora introduzir e estender em todo aquele reino a devoção do seu Rosário, não escolhesse por instrumento para esta obra nem algum santo que fizesse milagres, nem algum bispo ou prelado de grande zelo, nem algum pregador famoso de grande eloquência e espírito, senão um rei, e de não boa vida. Mas a razão conhecida e experimentada, e digna de tão soberana Rainha, foi porque para promover o serviço de Deus e culto divino, posto que os reis sejam seculares, são mais aptos e mais proporcionados instrumentos que os eclesiásticos. A fábrica do tabernáculo não a encomendou Deus a Aarão, que era o sumo sacerdote, senão a Moisés que era o supremo governador do povo. O templo não o edificou o sumo sacerdote Sadoc, senão el-rei Salomão. Os ofícios divinos, o canto eclesiástico, o ministério levítico, pertencente ao altar e aos sacrifícios, não o ordenou o sumo sacerdote Abiatar, senão el-rei David. E não obram isto melhor e mais eficazmente os reis por mais zelosos ou mais pios, senão por mais poderosos, por mais obedecidos, e também por mais adulados, que tanto importam até a Deus as dependências humanas. Esta foi, pois, a razão divinamente política por que a Senhora quis fundar e propagar naquele reino o seu Rosário por meio do rei, sem fazer caso de que nele não concorressem outros exemplos de piedade, fiando que bastaria só o respeito e agrado real para plantar em todos a devoção a que ele se mostrava tão inclinado. Oh! como é certo com experiências lastimosas de cada dia que, por falta de semelhantes demonstrações, se perdem infinitos aumentos da religião e cristandade, os quais puderam conseguir e promover os príncipes, com mais leves diligências ainda que a de trazer um Rosário pendente do cinto!

E para que os devotos do Rosário se confirmem mais na sua devoção, e os que o não forem, de hoje por diante a anteponham a todas as outras, considerem que, se por um Rosário público, somente exterior e não rezado, a piedosíssima Virgem ressuscita mortos, revoga sentenças, absolve condenados, confunde o inferno, e reduziu ao caminho certo da salvação uma alma tão desesperada dela, e lhe alcançou o perdão de tantos e tão enormes delitos diante do tribunal severíssimo da divina justiça, que fará a mesma Senhora por qualquer outro pecador, que, rezando e meditando o mesmo Rosário com dor e detestação de ter ofendido a Deus, invocar seu poderosíssimo patrocínio? Diz S. Boaventura, que no patrocínio das causas se vê a excelência do advogado, em três circunstâncias: se o juiz é justo e sábio, o adversário sagaz e astuto, e a causa desesperada: *Sapientia et eloquentia advocati manifestatur in tribus: primo, scilicet, quod obtineat apud justum et sapientem judicem; secundo, contra adversarium astutum et sagacem; tertio, quod in causa desperata.* – E todas estas circunstâncias foram as mesmas do nosso caso. O juiz, tão justo e sábio como o mesmo

Cristo, o adversário tão sagaz e astuto , como o demônio, e a causa tão desesperada como aquela que já estava sentenciada a final castigo: *Sed Maria* – continua o mesmo santo, como se concluía comigo este sermão – *obtinuit apud sapientissimum et justum judicem Deum, contra astutissimum adversarium diabolum, et in causa desperatissima inter Deum et hominem.* – E se a sabedoria, a eloquência e o poder da soberana Advogada dos devotos do Rosário, com o Rosário refuta o demônio, com o Rosário convence a Deus, e com o Rosário, na causa mais desesperada, a pecadores já sentenciados e condenados livra do inferno, nenhum haja tão desconfiado de sua salvação que a não espere firmemente do patrocínio e intercessão da mesma Senhora, e dos poderes do seu Rosário, porque na falta da observância dos divinos preceitos, a que o Filho promete a bem-aventurança: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud* – suprirá, com a dor de os não termos guardado, o merecimento e graça da Mãe, até nos levar, como tantas vezes lhe pedimos, onde com as vozes de todos os bem-aventurados lhe cantemos eternamente: *Beatus venter qui te portavit.*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, Agosto de 1996

<http://www.ipn.pt/literatura>
